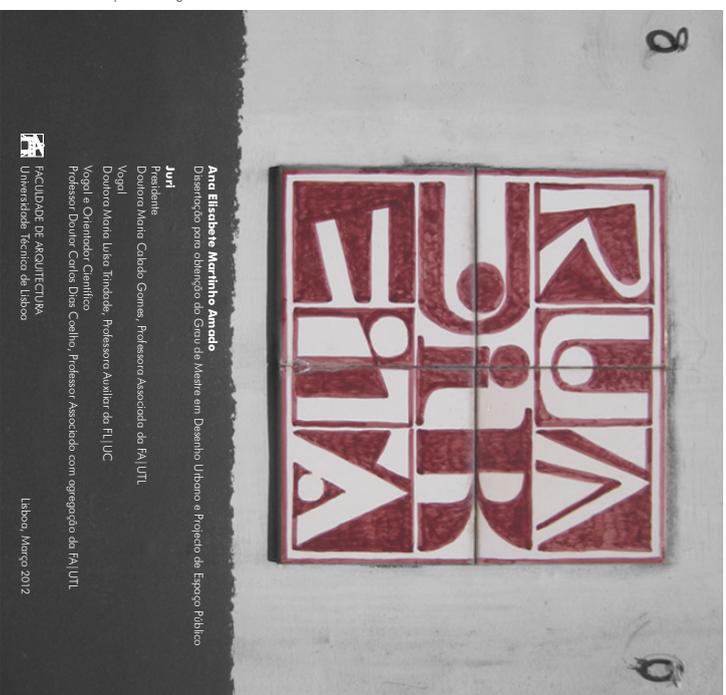


**A “Rua Direita” nas Cidades Portuguesas**  
Leitura Tipo-Morfológica do Elemento Urbano

Ana Elisabete Martinho Amado

A “Rua Direita” nas Cidades Portuguesas  
Leitura Tipo-Morfológica do Elemento Urbano



A **"Rua Direita"** nas Cidades Portuguesas  
Leitura Tipo-Morfológica do Elemento Urbano







## Resumo

A “Rua Direita” é um elemento urbano presente em número bastante significativo nas cidades, vilas e aldeias Portuguesas. O reconhecimento da diversidade morfológica da Rua Direita como elemento que imprime uma hierarquia e possui a capacidade de estruturar e gerar tecido urbano justifica o aprofundamento do seu estudo. O objectivo deste trabalho é apresentar, através de um número de casos distintos, que as Ruas Direitas, independentemente do contexto onde se encontrem inseridas, demonstram continuamente ser detentoras de um papel fundamental na génese e produção de tecido urbano. Neste exercício conceptual de análise comparativa de distintas Ruas Direitas, pretende-se definir o seu tipo, com o intuito de identificar os componentes essenciais da sua concepção, a sua influência na produção de tecidos urbanos com inteligibilidade e identidade.

O topónimo “Direita” refere-se à noção abstracta de direcção, especificando o principal papel urbano que desempenha na sua origem. Assim, esta será sempre entendida como uma rua “directa”, isto é com o significado de direcção imediata para um ponto específico. Do mesmo topónimo extrai-se a sua natureza conceptual e as suas qualidades como elemento urbano direcional, articulador, gerador, agregador, estruturador, preponderante e legível.

Em território nacional, particularmente no Continente, as Ruas Direitas identificam-se em contextos urbanos consolidados mas também em contextos rurais, podendo existir situações singulares ou com ocorrências múltiplas numa mesma cidade. Esta constatação revela um elemento urbano com capacidade de ser multiplicado, admitindo diferentes formas de agregação, tanto em contextos urbanos primordiais como de expansão.

O presente estudo, ao pretender evidenciar as qualidades intrínsecas ao conceito de Rua Direita, destaca as características comuns e dissemelhantes presentes em cada caso particular como elemento estruturador do ‘modelo linear simples’, o que evidencia o sentido de axialidade do espaço como base da organização e composição da cidade de tradição portuguesa.

**Palavras-chave:** Rua; Cidade Portuguesa; Morfologia Urbana; Rua Direita; Tipologia.

## Abstract

The “Rua Direita” is an urban element present in a significant number of Portuguese cities, towns and villages. The acknowledgement of the morphological diversity of the “Rua Direita” as an element capable of imprinting a hierarchy, and possesses the ability of both generate and structure urban fabrics, justify the deepening of its study. The purpose of this paper is to present, through a number of distinct cases of “Ruas Direitas” that, regardless of the context in which they are inserted, these urban elements continually hold a key role in the genesis and production of the urban fabric. This conceptual exercise of comparative analysis of different “Ruas Direitas” seeks to define its type, in order to identify the essential components of their design and its influence in the production of urban fabrics with intelligibility and identity.

The toponym “Direita” refers to the abstract notion of direction, specifying the main urban role these elements play in their origin. Thus, this will always be understood as a “direct” street, i.e. with the meaning of immediate direction towards a specific point. Of the same toponym is extracted its conceptual nature and its qualities as a direccional, articulador, generator, agregador, structurador, prominent and legible urban element.

In Portugal, namely in the Portuguese Mainland, the “Ruas Direitas” are identified in consolidated urban contexts but also in rural settings, and there may be single or multiple situations in a same urban structure. This findings show an urban element capable of being multiplied and with different forms of aggregation possible, both in primordial urban contexts as in urban expansion contexts.

This study, which is intended to highlight the intrinsic qualities of the concept of “Rua Direita”, highlights common and dissimilar features present in each particular case as the structural element of the ‘simple linear urban model’, which stresses the sense of axiality of the space as a base of the organization and composition the city with Portuguese tradition.

**Keywords:** Street; Portuguese City; Urban Morphology; Rua Direita; Typology





## Agradecimentos

Agradeço ao Professor Carlos Dias Coelho pela orientação e pelo apoio prestado ao longo do meu percurso de investigação;

Ao Sérgio Fernandes e ao Sérgio Proença pela ajuda inestimável e atenção incansável, através das suas sugestões, dúvidas e críticas que apoiaram e tornaram mais completa a minha investigação;

Aos colegas de mestrado que como companheiros estiveram presentes para partilhar incertezas e hesitações. Um agradecimento especial à Sofia Pimenta e ao João Silva Leite, presente nas muitas pesquisas de campo;

Aos elementos do Grupo de Investigação FormaUrbis\_Lab, no enquadramento do qual foi desenvolvida a minha dissertação no âmbito do Projecto de Investigação “A Rua em Portugal – Inventário Morfológico”.

Aos meus colegas de licenciatura em especial à Diana Cruz, Margarida e João Santos que se revelaram sempre disponíveis no desenvolvimento desta investigação. Um agradecimento particular ao Pedro Vasco Martins que, mais presente em todo o decurso da investigação teve um papel fundamental na colaboração de peças desenhadas suporte gráfico deste estudo;

Aos Amigos Ana Filipe, Helena Fernandes, Sílvia Rala, Teresa Van Stein e Rui Rebelo, que de algum modo também estiveram presentes e me encorajaram nos momentos mais críticos.

Um agradecimento extraordinário para a família, Pais, Irmãos e Padrinhos, tal como para Maria Augusta Fernandes, Maria de Lurdes e Ana Ricardina Martinho pela perseverança que evidenciaram ter ao longo deste percurso que exige impreterivelmente muito tempo de recolhimento.



Nota:

O material utilizado na elaboração desta dissertação enquadra-se no trabalho de Investigação do Projecto de Investigação *A Rua em Portugal – Inventário Morfológico*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de referência PTDC/AUR/65532/2006, desenvolvido no centro de investigação FormaUrbis Lab da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, sob a coordenação do Professor Doutor Carlos Dias Coelho.



## Índice

Resumo .....	3
Abstract .....	4
Introdução .....	15
<b>Parte I</b> .....	<b>23</b>
<b>Caracterização da Rua Direita</b> .....	<b>23</b>
<b>1. A Importância do Elemento Urbano</b> .....	<b>25</b>
<b>2. Denominação</b> .....	<b>29</b>
<i>Estado de Reconhecimento</i> .....	30
<b>2.1. Elementar</b> .....	33
O “Centro” .....	37
<i>Designação do elemento urbano</i> .....	39
<b>2.2. Conceptual</b> .....	41
<i>Qualidades Urbanas</i> .....	45
<b>2.3. Composta</b> .....	61
<i>Uma infinidade de designativos</i> .....	65
<b>2.4. Alterada</b> .....	69
<i>A Queda do Termo e Novas Denominações</i> .....	72
O <i>Desaparecimento do Elemento Urbano</i> .....	74
<b>3. Contextos</b> .....	<b>77</b>
<b>3.1. Contexto Primordial</b> .....	81
<b>3.2. Contexto de Expansão</b> .....	83
<b>3.3. Contexto Rural</b> .....	85
<b>4. Gênese. Morfologia. Modelo</b> .....	<b>87</b>
<b>4.1. Acção Fundacional</b> .....	87
<b>4.2. Forma</b> .....	89
<b>4.3. Modelo</b> .....	99
<b>5. Ocorrência</b> .....	<b>103</b>
<b>5.1. Ocorrência Única</b> .....	105
<b>5.2. Ocorrência Múltipla</b> .....	109
<i>Leitura de Conjunto</i> .....	114
<i>Direcção e Sentido</i> .....	121
<b>6. Formas de Agregação</b> .....	<b>127</b>
<b>6.1. Agregação sequencial. Eixos Contínuos</b> .....	129
<b>6.2. Agregação Convergente - Eixos Radiais</b> .....	133
<b>6.3. Agregações Compostas - Eixos Ramificados</b> .....	137

<b>Parte I I</b> .....	<b>153</b>
<b>Classificação Tipológica</b> .....	<b>153</b>
<b>7. Ensaio de Classificação</b> .....	<b>155</b>
7.1. Classificação de Casos .....	155
Contexto Urbanos Consolidados – uma única ocorrência .....	155
Contexto Urbanos Distintos – ocorrência múltipla: Eixo Interurbano .....	159
7.2. Variantes Tipológicas .....	161
7.3. Quadro Tipológico .....	165
7.4. Descrições de Casos de Estudo .....	167
Aguiar da Beira .....	167
Barcelos .....	170
Chaves .....	175
Estremoz .....	179
Monsaraz .....	184
Óbidos .....	187
Vila Real .....	190
7.5. Comparação de Casos segundo as Variantes Tipológicas .....	193
Monsaraz – Óbidos. Eixo Primordial Nuclear Fechado .....	193
Barcelos – Chaves – Viseu. Eixo Primordial Nuclear Aberto .....	195
Aguiar da Beira – Bragança – Coruche – Estremoz – Lapa (Lisboa) – Leiria – Troino (Setúbal) – Vila Real. Eixo Expansão Nuclear Aberto/Fechado .....	198
Braga – Lamego – Lisboa – Porto - Eixo de Expansão Linear Aberto .....	200
Districto de Aveiro – Concelho de Lisboa – Vilas Ribatejanas - Eixo Interurbano. ....	202
<b>8. Conclusão</b> .....	<b>205</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>209</b>
Obras Gerais .....	209
Obras Específicas de Cidades - bases de estudo .....	210
Obras de Referência Disciplinar .....	213
Obras de referência metodológica e temática .....	214
<b>Apêndice</b> .....	<b>217</b>
Inventário Geral .....	233





## Introdução

“Perante este panorama é ingrato — é - o sempre — tentar impor padrões, tentar sistematizar, criar modelos. Ainda assim não erramos muito se dissermos que a rua medieval das cidades mediterrâneas em geral e das portuguesas em particular, é uma rua de contornos irregulares, geralmente estreita (elemento que se acentua com a herança muçulmana), rua que conduz habitualmente a espaços abertos (espaços de maior pendor cristão), onde se desenvolvia a actividade religiosa (na Igreja) e a económica (no mercado). Ainda hoje, percorrendo as mais antigas ruas das mais antigas cidades e vilas nacionais, é possível observar tal modelo. Isto não quer dizer, claro, que a rua que percorrámos seja necessariamente a medieval, mas significa, pelo menos, que a rua actual segue o plano estabelecido pelas ruas que sucedeu, mediante a regra arquitectónica da «permanência do plano». Esta norma afirma que, independente de demolições que as casas possam sofrer, o plano das ruas mantém-se relativamente estável, oferecendo a cada artéria, de um modo geral, o traçado da anterior. (...) Vejamos um pouco mais de perto a rua medieval. Começemos pelas famosas «ruas direitas».”<sup>1</sup>

Nos pensamentos e práticas do urbanismo actual surgem cada vez mais manifestações de interesse, expostas em debates pela necessidade de uma produção de espaços públicos de reconhecida qualidade urbana.

A cidade considerada “tradicional, sedimentada e compacta”<sup>2</sup>, é tida como objecto de referência por ser uma cidade onde os espaços urbanos possuem uma ordem e uma hierarquia que lhe confere legibilidade. O elemento urbano Rua Direita encontra-se presente como um espaço público de referência nesta cidade e é tido como objecto de estudo nesta dissertação.

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Sérgio Luís - Cidades Medievais: Uma introdução ao seu estudo. Lisboa: Livros Horizonte, 1989. p.34

<sup>2</sup> Referem-se a estes conceitos os autores: José M. Lamas - cidade tradicional; Carlos Dias Coelho - cidade sedimentada; Oriol Bohigas - cidade compacta;

Pretende-se através de algumas simples questões de partida, tais como: “O que é uma Rua Direita?”<sup>3</sup>, “Porque tem este nome?”<sup>4</sup>, “Qual a razão de existência da Rua Direita?”<sup>5</sup>, “Que acontece na Rua Direita?”<sup>6</sup>, “Porque é que a Rua Direita raramente é Direita?”<sup>7</sup>, compreender o elemento urbano, esclarecendo o conceito inerente ao termo Rua Direita e a sua aplicação, interpretando quais os componentes essenciais da sua concepção no processo de produção de tecidos urbanos com legibilidade, identidade e coerência.

A abordagem que se pretende realizar sobre o estudo da Rua Direita considera um método de análise tipológica, incidindo sobre a dimensão morfológica do objecto de estudo, a Rua Direita e sobre a possibilidade de o ler comparativamente.

A partir dos anos sessenta surgem trabalhos e reflexões sobre morfologia urbana como uma crítica à prática urbanística do Movimento Moderno, sugerindo a necessidade da reutilização dos conceitos de tipo e tipologia. “Manfredo Tafuri definiu esta corrente como «crítica tipológica»”<sup>8</sup>. Esta «crítica tipológica», que insiste nos fenómenos da permanência morfológica e que se estabelece tanto num momento teórico como num momento de projecto, surge assim como instrumento que serve tanto para a análise urbana como para o projecto arquitectónico<sup>9</sup>.

Para tal recuperaram-se os conceitos e métodos de Durand e Quatremère de Quincy, de tipo<sup>10</sup> e de tipologia<sup>11</sup>, já conhecidos e aplicados à arquitectura, relacionando-os com a formulação de conceitos de tecido e de forma urbana.

---

<sup>3</sup> Conceito

<sup>4</sup> Toponímia

<sup>5</sup> Origem

<sup>6</sup> Função

<sup>7</sup> Forma

<sup>8</sup> MONTANER, Josep Maria - A Modernidade Superada: Arquitectura, Arte e Pensamento do Século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. p.120

<sup>9</sup> “ ... «Crítica tipológica» que insiste nos fenómenos de invariabilidade formal – que tendia a fazer coincidir a reflexão e operação – determina tanto o um momento teórico como de projecto” MONTANER, Josep Maria - Depois do Movimento Moderno: A Arquitectura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. p.151

<sup>10</sup> Jeans-Nicolas-Louis Durand. “Para Durand, tipo era tanto uma estrutura interna como um processo metodológico, porém necessitava de historicidade e relação com o contexto.” MONTANER, Josep Maria - Depois do Movimento Moderno: A Arquitectura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. p.151

<sup>11</sup> Giulio Carlo Argan. “Argan demonstrava que a tipologia não é só um mero sistema de classificação senão um processo criativo”. MONTANER, Josep Maria - Depois do Movimento Moderno: A Arquitectura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. p.151

Para defender a estrutura da cidade tradicional como espaço de referência a recuperar na sua dimensão cultural, colectiva e arquitectónica, estas práticas de análise basearam-se na interpretação histórica da cidade e da sua arquitectura, insistindo na interpretação dos fenómenos e na procura das permanências inerentes à cidade Histórica, sendo esta entendida como objecto de estudo resultante de um processo de formação ao longo do tempo<sup>12</sup>.

A produção da cidade na segunda metade do séc. XX permite a constatação da perda de identidade e legibilidade, de ordem e estrutura nos tecidos espaços urbanos de expansão. Encontramo-nos numa época em que as periferias se assumem como a actual produção de cidade, entendidas como *“cidades novas ... construídas durante o século vinte... na tentativa de descentralizar a população de áreas urbanas congestionadas ou de promover territórios pouco desenvolvidos”*<sup>13</sup>. No entanto, estas acabam por não ser mais que tentativas de *“expressar a própria ideia de cidade”*<sup>14</sup>, consolidada.

A cidade consolidada entende-se em sentido lato como um conjunto homogéneo<sup>15</sup>, apesar de se compreender como uma reunião composta de partes de naturezas diferentes, ou seja, partes distintas. Percebe-se como uma unidade agregada, em oposição às novas áreas urbanas edificadas na contemporaneidade que se caracterizam pela carência de elementos distintos desagregadas e se uniformidade.

Esta cidade que, Bernardo Secchi<sup>16</sup> designa *“A cidade do século vinte”* como um *“conjunto estratificado e heterogéneo”*. No passado e ainda com maior ênfase na actualidade, a cidade é tida como o objecto de estudo principal de diversas disciplinas, que relativamente a ela reproduzem uma literatura muito variada para além de extensos debates e discursos. *“O século dos intelectuais - submersos por muitos andaimes mas poucas obras”*, é assim definido, por alguns autores<sup>17</sup> o presente século, acabando por considerar que estes mesmos estudos possam ser impeditivos de

<sup>12</sup> MONTANER, Josep Maria -Depois do Movimento Moderno: A Arquitectura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. p.120

<sup>13</sup> SECCHI, Bernardo - A Cidade do Século Vinte (1º ed. 2005). São Paulo: Perspectiva, 2009. p.263

<sup>14</sup> SECCHI, Bernardo - A Cidade do Século Vinte (1º ed. 2005). São Paulo: Perspectiva, 2009. p.264

<sup>15</sup> *“Homogéneo: composto de partes da mesma natureza; uniforme; análogo; idêntico. – da mesma natureza que outro”* in: Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2004; *“Homogéneo: Análogo, Idêntico; que tem uma só substância na sua constituição ou é formado por elementos semelhantes ligados entre si.”* in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, consultado em 2012-01-15, <http://www.priberam.pt/>

<sup>16</sup> SECCHI, Bernardo - A Cidade do Século Vinte (1º ed. 2005). São Paulo: Perspectiva, 2009. p.264

<sup>17</sup> WINOCK, M. - Le Siècle des intellectuels. citado in: SECCHI, Bernardo - A Cidade do Século Vinte (1º ed. 2005). São Paulo: Perspectiva, 2009. p.266

“uma observação com olho crítico”<sup>18</sup> sobre uma cidade que precisa mais que tudo de uma intervenção real no seu território, ou seja, estudos aplicados que permitam realmente a possibilidade de acções transformadoras e reais no terreno.

Uma investigação de um caso de estudo tão singular como a Rua Direita entende-se pertinente não somente por possuir uma ocorrência tão particular nas cidades portuguesas, como por ser um elemento urbano que se encontra inserido em núcleos urbanos consolidados onde a identidade, a legibilidade, a ordem e a ideia de estrutura se reconhecem.

Assumem-se as Ruas Direitas como elementos urbanos sedimentados, onde é possível avaliar o factor tempo no processo de produção das mesmas, por permanecerem desde a sua origem até ao presente com características passíveis de identificação. Para além disso, reconhecem-se neste elemento urbano valores intrínsecos à sua concepção que permitem delinear uma descodificação dos atributos morfológicos nos distintos contextos onde se insere.

Considera-se assim que os estudos baseados num método de análise tipológica são de importância e relevância no contexto actual, quando se procura encontrar nas realidades consolidadas os valores que poderemos transportar como referência para a construção da nova cidade.

A constituição do corpus de análise do objecto de estudo toma como critério fundamental de selecção o topónimo Rua Direita. Para a selecção dos casos de estudo serão considerados critérios tais como a representatividade geográfica, a origem, o estado de evolução e a diversidade tipológica. A definição dos objectos de estudo tem como pretensão eleger um conjunto de casos, que se revelem paradigmáticos no contexto do problema colocado e dos quais serão extraídos tipos que permitam uma abordagem comparativa das Ruas Direitas, dos seus princípios de concepção e das suas variantes. Após identificados, procede-se à leitura morfológica, apoiada numa caracterização mais detalhada de cada caso de estudo seleccionado.

Estes procedimentos são suportados por uma observação directa do objecto de estudo no território, e organizados através de uma componente escrita e também de uma componente gráfica, pela utilização do desenho como ferramenta imprescindível de análise.

---

<sup>18</sup> SECCHI, Bernardo - A Cidade do Século Vinte (1ª ed. 2005). São Paulo: Perspectiva, 2009. p.265

O processo analítico comparativo pressupõe a construção de um quadro tipológico, que considera os vários casos de estudo seleccionados, tidos como exemplos tipo de Rua Direita, que virá a servir para evidenciar de forma organizada um conjunto de parâmetros caracterizadores de Rua Direita, evidenciando as suas características semelhantes e diferenciadoras. Através da construção do quadro tipológico será experimentada uma representação abstracta do tipo, assim como possíveis variações do mesmo.

A existência de um elevado número de elementos urbanos com esta designação, presente e com legibilidade<sup>19</sup> no espaço urbano actual nas cidades Portuguesas, justifica uma reflexão sobre a ideia subjacente à sua concepção, de modo a permitir a compreensão da sua importância no contexto espacial urbano onde se insere.

Apesar de estudado em abordagens singulares no âmbito da história urbana, ou incluído em trabalhos monográficos particulares de núcleos urbanos aos quais pertence, não encontramos um estudo aprofundado deste elemento urbano. Segundo Walter Rossa, *"...a Rua Direita que corresponde ao arquétipo tido como original do urbanismo português..."*, que se assumia *"...como um verdadeiro eixo estruturador, sempre gerador e fundacional da malha urbana"*, sendo um facto ter sido esta *"...durante séculos o instrumento preferencial para o desenvolvimento urbanístico"*, mas que no entanto *"...contrariamente ao que se tem tentado dar como provado, o conceito de Rua Direita não é uno"* nem se encontra estabilizado<sup>20</sup>.

Assim, através de uma análise comparativa de casos pretende-se desenvolver um estudo morfológico, com vista a estabilizar o conceito de Rua Direita, questionando as implicações do seu significado e importância da sua existência no espaço urbano. Perceber como a Rua Direita se assume como eixo articulador de outros elementos urbanos e eixo estruturador do contexto onde se insere, definidor de uma hierarquia e um sentido de referência.

A importância do estudo sobre a Rua Direita residirá no conhecimento que advém da conceptualização morfológica do elemento urbano, da transmissão dos seus componentes essenciais e elementos inerentes ao seu conceito e da sua aplicação na e para a produção de tecidos urbanos.

---

<sup>19</sup> "Uma cidade legível será aquela onde o utente consiga orientar as suas procuras, um tecido urbano legível significa ser compreensível e possível de interpretação". BOHIGAS, Oriol - *Contra la incontinenca urbana: Reconsideración moral de la arquitectura y la ciudad*. Barcelona: Electa, 2004. P.127-131

<sup>20</sup> ROSSA, Walter - *A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o Urbanismo*. Coimbra: Almedina, 2002. p.222-223

A presente dissertação surge na consequência da participação como bolsista de investigação do Projecto de Investigação *A Rua em Portugal – Inventário Morfológico*<sup>21</sup>, este estudo teve como principal objectivo, durante um período de 3 anos (deste 2007 a 2010), a caracterização morfológica das várias realidades urbanas do elemento rua no contexto português e que sucede a outros dois trabalhos anteriormente realizados e desenvolvidos pela Equipa FormaUrbis Lab na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, com o objectivo da construção de um Atlas Morfológico da Cidade Portuguesa. O desenvolvimento deste Projecto de Investigação é motivado pela vontade em utilizar a diversidade e a especificidade características da cidade portuguesa, num estudo que pretende contribuir para o conhecimento dos processos de formação e organização da sua forma na contemporaneidade, possuindo como base de trabalho informação actualizada sobre os vários casos de estudo. O envolvimento no Projecto de Investigação, *A Rua em Portugal – Inventário Morfológico*, permitiu não somente a aquisição de um vasto conjunto de informação sobre as cidades portuguesas, como a possibilidade de um contacto directo e um conhecimento mais aproximado com as realidades urbanas onde se encontram exemplos a abordar: de elementos urbanos “Rua Direita”.

Assim, a dissertação beneficiou de um vasto universo de informação correspondente a uma amostra actual e fidedigna do tecido urbano das cidades portuguesas. A consequência deste estudo reverte para a clarificação do conceito subjacente à ideia de Rua Direita no contexto do urbanismo português, com o objectivo de deduzir quais os processos de produção que lhes estão subjacentes. Demonstrar como este elemento urbano é estruturante e gerador do próprio tecido urbano, obtendo referências a partir de um quadro tipológico que permita produzir novos elementos, distintos dos existentes, mas igualmente portadores das qualidades de composição morfológicas que neles identificamos.

A consolidação do elemento urbano é acompanhada da edificação progressiva dos seus limites e de um significado cultural da sociedade que a suporta, assim, o limite temporal é o presente, entendendo-se a Rua Direita como resultado de um processo evolutivo. Interessa-nos o entendimento na actualidade do elemento urbano, dos seus significados formal e funcional no contexto urbano onde se insere, assim como a sua importância social para o Homem que habita a cidade no séc. XXI.

---

<sup>21</sup> Projecto de Investigação “A Rua em Portugal – Inventário Morfológico”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de referência PTDC/AUR/65532/2006, desenvolvido no centro de investigação FormaUrbis Lab da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, sob a coordenação do Professor Doutor Carlos Dias Coelho





**Parte I**

# Caracterização da Rua Direita





## 1. A Importância do Elemento Urbano

“(...) Nas vilas e povoações de planta regular, sempre uma das ruas constitui o seu principal eixo de circulação, como por aí passa o maior número de pessoas, nele se localiza grande parte do comércio, multiplicam-se os escaparates, por aí se circula e aí se pára para fazer compras ou abastecer as lojas: trânsito e comércio organizam-se, assim, segundo um eixo mais importante. Nas cidades e vilas de planta irregular tendem a formar-se ou por um plano que orientou a construção ou por demolições sucessivas, um eixo do mesmo tipo. Nas cidades portuguesas por todo o mundo ela tem o mesmo nome: Rua Direita. Conserva-se umas vezes, persiste, pela força da tradição, quando lhe foi imposto outro nome.”<sup>22</sup>

“(...) Quase sempre dali saía uma rua comercial que o ligava aos elementos urbanos mais importantes da cidade, a matriz, o paço ou o castelo, etc., terminando no terreiro de um destes ou ligando a outra porta da muralha. Desempenhava, de forma mais evidente no último dos casos, o papel de um *Cardus* ou *Decumanus* do urbanismo romano, pois assumia-se como um verdadeiro eixo estruturador, sempre gerador e fundacional da malha urbana. (...) Podendo adquirir outros nomes de circunstância, por vezes, era (é) esta a Rua Direita.”<sup>23</sup>

A formação da cidade na tradição da cultura portuguesa baseia-se maioritariamente em processos de produção assentes em ruas principais que têm origem em trajecto de ligação entre polos geradores que se implantam no território segundo uma determinada ordem<sup>24</sup>. Esta apresenta-se como o elemento urbano mais banal na composição e geração dos tecidos urbanos e através dela constituem-se muitos dos traçados das cidades portuguesas. É a partir deste elemento urbano “rua” que se define também a hierarquia e o sistema de referências ao longo da história do

<sup>22</sup> RIBEIRO, Orlando - A Rua Direita de Viseu. in: *Geographica*, ano IV, nº 16 Outubro, 1968.

<sup>23</sup> ROSSA, Walter - A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o Urbanismo. Coimbra: Almedina, 2002. p.222-223

<sup>24</sup> “ (...) A maior parte das vilas e cidades desenvolveu-se de modo espontâneo e insensível e os arruamentos adaptam-se às irregularidades do assentamento, reproduzem, por dentro ou por fora, o contorno das muralhas, aproveitando o traçado de antigos caminhos rurais o que guia o desenvolvimento da povoação por arrabaldes sucessivos, mas procuram também manter, de porta a porta ou de praça a praça, ou de uma porta ou de uma praça a núcleos que tardiamente se incorporam no corpo urbano, certo número de acessos quanto possível fáceis e directos (...)” RIBEIRO, Orlando - A Rua Direita de Viseu. in: *Geographica*, ano IV, nº 16 Outubro, 1968.

Urbanismo Português, presente e visível nas cidades do território continental, tal como nas cidades da expansão.

Desenvolve-se a leitura deste processo urbano que ao longo do tempo se expressa como exemplo paradigmático de produção de tecido urbano a partir de um eixo que surge com um papel gerador e estruturador, frequentemente denominado Rua Direita, presente em número significativo nas cidades de origem portuguesa, com a permanência de muitas das suas características, facto que permite a sua identificação.

As cidades Portuguesas consideram-se assim como uma vasta amostra, na medida em que possuem um número significativo de exemplos do caso de estudo que nos possibilitam a constituição de uma base de análise, apoiada na selecção de casos emblemáticos. O aprofundamento do seu estudo evidencia o reconhecimento da sua diversidade como elemento urbano possuidor de características muito específicas, nomeadamente de diversas características morfológicas, do seu carácter funcional e inclusivamente da sua toponímia particular.

A Rua Direita surge como objecto de estudo a partir do reconhecimento da toponímia actualmente existente ou conhecida através de bases escritas ou cartografia das cidades portuguesas existentes no território continental de Portugal.

O trabalho incide sobre a leitura de casos considerados representativos, considerando a sua distribuição geográfica, a sua diversidade tipológica relativamente à sua origem e ao seu estado de evolução, para além da existência imprescindível do topónimo "Rua Direita" associado ao elemento urbano, os critérios fundamentais para se proceder a uma análise comparativa.

Pretende-se assim comparar o elemento Rua Direita existente em contextos dissemelhantes onde a sua presença acontece inserida em áreas bastante distintas do tecido urbano, permitindo evidenciar as qualidades intrínsecas e permanentes do conceito em cada caso particular, destacando tanto as suas características comuns como as dissemelhantes, que permitam demonstrar continuamente ser este um elemento estruturador e fundamental na génese e formação de tecido urbano da cidade em Portugal.

O objectivo deste estudo é apresentar uma leitura de casos distintos de Ruas Direitas que, inseridos em contextos urbanos muito variáveis, demonstram continuamente ser um elemento urbano estruturador. Pretende-se decodificar os componentes essenciais da concepção para a produção de

tecidos urbanos inteligíveis a partir da caracterização destes elementos estruturadores do “modelo linear simples” .

O topónimo Direita refere-se ao conceito abstracto de direcção, especificando o papel urbano primordial que lhe é inerente, podendo extrair-se do mesmo a sua natureza conceptual, e as suas qualidades como elemento urbano direccional, ao mesmo tempo gerador e estruturador, articulador, agregador, preponderante e legível.

A Rua Direita será sempre entendida como uma rua directa, isto é, com o significado de direcção imediata. As qualidades subjacentes ao próprio processo de concepção do elemento urbano expressam o objectivo claro de determinar uma direcção específica, de articular outros elementos urbanos e de hierarquizar o tecido onde se insere.

A Rua Direita, como consequência das suas qualidades morfológicas, catalisa em si um conjunto de funções urbanas destacadas, convertendo-se num suporte favorável a usos muito diferenciados, evidenciando-se como elemento urbano acessível de carácter multifuncional onde se destaca em particular como espaço comercial. Esta característica funcional acresce a sua importância sobrevalorizando e afirmando a Rua Direita predominantemente sobre toda a área urbana confinante.

Preservando as qualidades intrínsecas o conceito de Rua Direita baseia-se numa ideia de direcção objectiva que no seu percurso directo, tomado com um sentido único e referencial, se revela articulador, agregador e estruturador dos restantes elementos constituintes do tecido urbano, destacando-se hierarquicamente sobre a área que afecta, ou seja, na acção geradora na sua envolvência imediata.

A diversidade de Ruas Direitas identificadas em território nacional encontram-se tanto em contextos urbanos consolidados como em contextos rurais, e a sua identidade revela-se e associada a dinâmicas próprias e evolutivas de cada núcleo urbano onde estas se inserem.

No abundante número de cidades portuguesas onde a Rua Direita é identificada, esta revela-se normalmente apenas com uma única ocorrência, como acontece por exemplo nas cidades de Monsaraz, Óbidos, Meda ou Sortelha. No entanto, são também constatadas casos particulares onde se verifica uma ocorrência múltipla, como acontece nas cidades de Évora, Lisboa, Santarém ou Tomar.

A existência da Rua Direita como elemento singular acontece em aglomerados urbanos que possuem dimensões reduzidas ou médias, com uma dinâmica de evolução pouco significativa ou estabelecida através de uma sedimentação consistente, estando a sua presença estreitamente associada, nestes casos, ao seu núcleo originário.

Em aglomerados urbanos que durante a sua formação e consolidação foram submetidos a necessidades de ampliação, é frequente constatar que a Rua Direita ocorre em continuidade com um eixo primordial existente no seu núcleo primitivo, desenvolvendo-se numa área de expansão e assumindo-se como elemento urbano essencial na constituição de novo tecido urbano. Outros casos têm origem numa ocorrência múltipla, ou seja, na sua duplicação em paralelo e ou em continuidade com uma Rua Direita precedente, partilhando com esta uma filiação de semelhanças.

A cidade de Lisboa apresenta-se como caso particular e excepcional no panorama nacional devido à da ocorrência de elementos urbanos possuidores desta designação. Entende-se, pelo número bastante elevado de ocorrências, como um fenómeno de reprodução de ordens variadas. Esta situação revela um elemento urbano duplicado e multiplicado e com diferentes formas de agregação, ou seja, apesar de inserido no mesmo aglomerado, surge em contextos urbanos particulares, tanto primordiais como de expansão, associado permanentemente à constituição de novo tecido urbano.

Nos casos de estudo em que a ocorrência é múltipla, uma leitura feita apenas ao elemento urbano individualizado, sem compreender o seu conjunto, revela-se redutora. Assim, numa situação atípica, como o caso de Lisboa, o estudo e caracterização das Ruas Direitas não podem ser realizados apenas enquanto elementos singulares, mas à totalidade dos casos identificados, ou seja, numa leitura integrada.

Nesta leitura abrangente, a Rua Direita não possui uma interpretação exclusiva como elemento estruturador de um contexto particular, ou seja, relativo a uma área envolvente, mas o seu papel como elemento urbano de suporte à expansão da cidade é amplificado à lógica do conjunto urbano.

## 2. Denominação

“ Vejamos um pouco mais de perto a rua medieval. Começemos pelas famosas «ruas direitas». Eram vulgares em quase todas as povoações portuguesas na Idade Média, e ainda hoje a podemos encontrar, aqui e ali, na toponímia urbana”<sup>25</sup>



| fig.1 | Fotografias da Placas Toponímicas das cidades de: Estremoz; Chaves; Aguiar da Beira; São João da Pesqueira; Castelo de Vide e Sortelha.

<sup>25</sup> CARVALHO, Sérgio Luís - Cidades Medievais: Uma introdução ao seu estudo. Lisboa: Livros Horizonte, 1989. p.34

## Estado de Reconhecimento

Numa identificação, ainda que sumária, constata-se que, muitos dos elementos urbanos em estudo na actualidade já não possuem a designação de “Rua Direita”. Por inúmeros e diferentes motivos estes terão ao longo dos tempos vindo a perder aquela designação, e o termo de Rua Direita caiu em desuso.

Entende-se que esta designação é atribuída pela qualificação do seu papel primordial, ou seja, do significado do adjectivo qualificativo “Direita”<sup>26</sup>, não sendo como tantas outras designações o resultado de um simples acto de nomear. Quanto muito, poderíamos entender a terminologia como uma denominação conceptual, ou seja, uma denominação subjugada a um conceito prévio de rua<sup>27</sup>.

Assim, entendemos que esta designação é feita por meio de uma atribuição, ou seja, uma acção que confere uma qualidade própria ao mesmo elemento urbano: um atributo. Evidentemente que este atributo, qualidade própria e inerente ao elemento urbano, corresponderia ao sentido do adjectivo qualificativo.

Actualmente são quase tantos os casos de estudo que aparecem com a sua denominação num estado evidente, ou seja, de identificação imediata devido à toponímia Rua Direita ser ainda presente, como aquelas que se nos apresentam num estado não reconhecível, onde só através de uma pesquisa à existência da rua no tempo se poderá identificar como uma antiga Rua Direita.

A constatação de uma ocorrência múltipla de elementos urbanos aos quais se atribuiu esta designação, num aglomerado urbano específico e limitado e num período temporal preciso, revela-se ter constituído uma prática corrente na produção de tecido urbano.

Não sendo, no entanto, possível estabelecer uma data precisa a partir da qual se iniciou a utilização desta designação, ou seja, do início da sua produção como elemento urbano subjugado

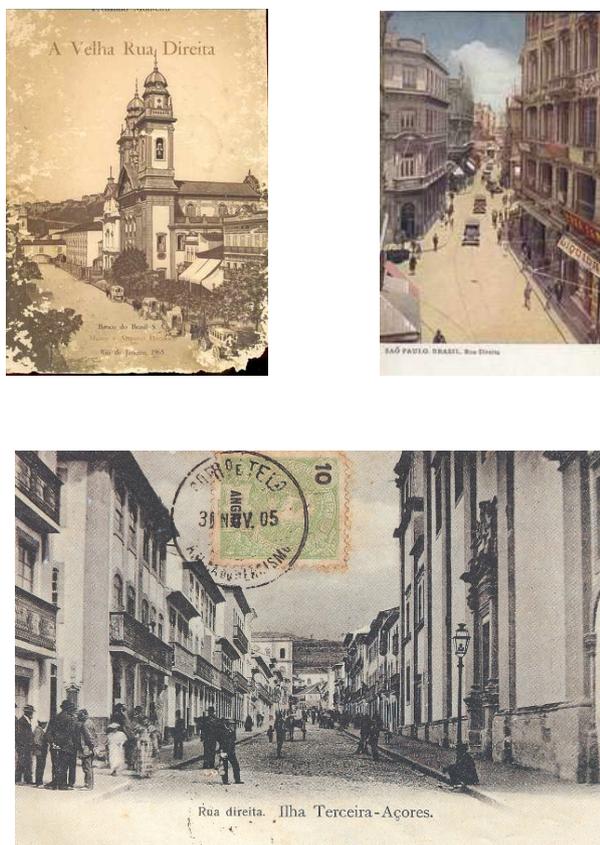
---

<sup>26</sup> Direita (feminino de Direito); “Direito: que segue ou se estende na mesma direcção; recto; directo; que não é torto ou curvo; liso; plano; apumado; vertical; que está no lado oposto ao coração” in: Dicionário da Língua Portuguesa Porto: Porto Editora 2004; “Direito: que corresponde à distância mais curta entre dois pontos; Recto; Sem curvas nem irregularidades.” in: Dicionário Priberam da língua Portuguesa, consultado em 2012-01-15, [http://www.priberam.pt/];

<sup>27</sup> “Ruas – (...) servem a circulação e o acesso aos edifícios.” LAMAS, José M. – Morfologia Urbana da Cidade. (2ª ed) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia 2000.

ao seu conceito, mesmo reconhecendo-se em cidades de fundação desde os séculos XIII, é contudo possível aceitar que a sua estabilização e a consequente aplicação de um modelo formal a si associado acontece somente na expansão portuguesa, iniciada no século XV.

Sabemos da sua existência em quadros tão distintos como nas cidades do Funchal (Madeira); Ponta Delgada; Angra dos Heroísmo; Horta (Açores); Ribeira Grande (Cabo Verde); São Tomé (São Tomé e Príncipe); Luanda (Angola); Rio de Janeiro; São Paulo; Ouro Preto; Olinda (Brasil), Goa (Estado da Índia); Taipa (Macau); entre outras.



| fig.2 | Imagens que ilustram a existência do elemento urbano em cidades de fundação portuguesa, fora do espaço continental. Rio de Janeiro; São Paulo – Brasil; Ilha da Terceira – Açores, Portugal.



## 2.1. Elementar

A denominação “Rua Direita” ou “Antiga Rua Direita” é ainda hoje presente em inúmeras placas Toponímicas existentes nas ruas das nossas cidades. O modo de nomear as ruas das cidades foi especialmente até aos séculos XIV e XV muito precário e redutor visto que termos como o de “rua pública” eram os mais comuns de se encontrar a par de outras denominações<sup>28</sup> associadas às funções e aos usos predominantes existentes nas mesmas<sup>29</sup> ruas.

A denominação de Rua Direita, deriva do termo “Direito” - “recto” correspondendo à distância mais curta entre dois pontos, com um sentido de “directo”<sup>30</sup> e não de recto geometricamente, em que “recto” ou em “linha recta” nos sugere que a direcção que se efectua prontamente, acontecendo sem obstáculos entre dois pontos de início e de fim, sem desvios, rodeios ou intermediários.

Em conformidade com o significado da sua denominação, o desenho formal que nos ocorre de uma Rua Direita é de uma rua sem curvatura ou sinuosidade, com um desenho rectilíneo.

No entanto, as características físicas do lugar onde a sua implementação se efectua nem sempre se apresentam favorável a este resultado.

Assim, a denominação de Rua Direita encontra-se associada à matriz conceptual do elemento urbano, independente da sua tradução formal que admite distintas materializações. No final da Idade Média, era habitual que as denominações fossem associadas a um mester ou função, ou seja, associada a um uso específico, ao qual o edificado serviria de suporte<sup>31</sup> a essas mesmas utilidades administrativas religiosas ou comerciais.

<sup>28</sup> Na actual cidade de Lisboa encontramos alguns exemplos de casos em que a denominação das ruas ainda se encontra associada a uma actividade profissional (mesmo que actualmente esta já não se verifique) como exemplo: Rua dos Fanqueiros; Rua dos Sapateiros; Rua dos Remolares; Rua dos Arameiros; Rua dos Bacalhoeiros (dividida antigamente em dois troços para além desta designação tinha ainda a designação de Rua dos Confeiteiros).

<sup>29</sup> “A Rua Direita era um nome entre muitos. Na realidade os nomes das ruas medievais tendiam a representar as actividades que nela se praticavam... Tal associação entre o nome da rua e a actividade que nela era exercida reflecte exemplarmente a tendência medieval de ordenar os vários mesteres em ruas determinadas.” CARVALHO, Sérgio Luís - Cidades Medievais: Uma introdução ao seu estudo, Lisboa: Livros Horizonte, 1989. p.35

<sup>30</sup> “Directo: que está ou vai em linha recta; direito; recto; que se faz sem intermediários ou se diz sem rodeios; Imediato” in: Dicionário da Língua Portuguesa Porto: Porto Editora 2004.

<sup>31</sup> “Num percurso de conceptualização espacial, os locais e as actividades principais que aí tinham lugar vão progressivamente cedendo o seu nome à rua que se constituía como nova identidade espacial”. CARITA, Hélder - Lisboa Manuelina: e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495 -1521), Lisboa: Livros Horizonte 1999. p.26-27

No entanto, a “Rua Direita” como elemento urbano “rua” possui a sua denominação associada ao seu papel urbano basilar, de circulação e de acessibilidade<sup>32</sup>.



| fig.3 | Esquema de localização de Rua Direita sobre topografia adversa. Viseu. Rua Direita

<sup>32</sup> Sobre as Ruas na forma urbana medieval “São concebidas para se andar a pé ou com animais de carga. Servem a circulação e o acesso aos edifícios ...” LAMAS, José M. – Morfologia Urbana da Cidade. (2ª ed) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia 2000. p.152



| fig.4 | Esquema de localização de eixo contínuo composto por várias Ruas Direitas sobre topografia adversa. Lisboa. Rua Direita de Santo António; Rua Direita da Porta Travessa da Sé; Rua Direita do Limoeiro



| fig.5 | Fotografia Sequenciais do eixo composto pela Antigas Rua Direita de Santo António e Rua Direita de São João da Praça (Fotografia do Autor, 2010)

## O “Centro”

Da designação Direita, proveniente do termo “*direito*”, ou seja, de “*sentido directo*”, entende-se o elemento urbano como uma rua “*directa*”- “*em alinhamento com...*” e que dá “*acesso d*”, um destino exacto, ou seja, de direcção<sup>33</sup> directa, para local específico, ou seja, “*directa d*”<sup>34</sup>.

Este local de destino revelar-se-á distinto, relacionado com situações específicas. No entanto, existirá constantemente como um marco de referência, considerado geralmente como sendo o mais importante no seu contexto. Por esta razão, a Rua Direita é interpretada habitualmente como uma rua com um sentido “central”, porque efectivamente constitui ou nos encaminha para determinado espaço considerado “o centro”. Concluindo, a designação de Rua Direita deriva da sua função principal como elemento urbano de circulação e acessibilidade, acrescida determinadamente de uma direcção específica, com sentido único para um único sentido.

Os elementos urbanos de Lisboa, a Rua Direita de São João da Praça na freguesia da Sé, actual Rua de São João da Praça, que toma como referência a Igreja de S. João da Praça ou a Rua Direita de S. Paulo na freguesia de mesmo nome, que toma como referência a Igreja de S. Paulo, são dois casos que comprovam marcos de referência para os quais determinada artéria é conduzida e que por consequência lhes é atribuída a designação de Rua Direita. Estas duas Igrejas tiveram de ser reconstruídas sobre destroços de anteriores templos após o terramoto de Lisboa, mas a artéria concorrente persistiu ao longo dos anos com a mesma designação de referência. Aqui se entende o sentido único do elemento urbano em direcção exclusiva para determinada referência objectiva.

Casos exemplificativos da Rua Direita tida como rua Central, são dos elementos os elementos urbanos com esta designação existentes em Óbidos e Monsaraz. Duas Ruas Direitas que nos encaminham ao centro do seu núcleo, onde se localiza a praça central que definida em espaço lateral à rua, com uma concentração de funções civis e religiosas, sociais e inclusivé comerciais, que em conjunto justificam esta atributo de “Central”.

<sup>33</sup> “Direcção: lado para onde alguém ou alguma coisa de volta ou aponta; orientação; rumo.” in: Dicionário da Língua Portuguesa, Porto: porto Editora 2004.

<sup>34</sup> “Quando, a partir dos séculos XIV e XV, se começa a consolidar a noção de rua com uma entidade específica, e a noção de espaço começa a despontar, ela é ainda claramente atravessada por um carácter subjectivo e temporal de «direcção para» ou em «direcção de». Em grande parte das ruas das portas de..., da rua da Igreja de..., das ruas direitas de..., é subentendido sempre um sentido de percurso para, com ligações a uma sensação visual de antes e depois, atrás e à frente. Sem o moderno conceito de espaço indiferenciado, o homem da Idade Média organiza as suas relações com a realidade através de pontos experencialmente vividos e daí descontínuos entre si.” CARITA, Hélder - Lisboa Manuelina: e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495 -1521). Lisboa: Livros Horizonte 1999. p.25

Contrariamente aos casos das Ruas Direitas enunciadas anteriormente, Viseu é um aglomerado urbano de maior dimensões, que já permite o reconhecimento de áreas distintas de evolução. No entanto, a sua Rua Direita é ainda hoje considerada como artéria principal e central do núcleo mais antigo da cidade.

“A Rua Direita de Viseu, em tempo também conhecido por Rua das Tendas, localiza-se no interior do núcleo anteriormente amuralhado, correndo no sentido nordeste/sudeste. Apesar da nomenclatura de Rua Direita, apresenta-se como uma variante desta tipologia de elemento urbano característico da cidade portuguesa pelo facto de ligar duas portas e apenas permitir um acesso indirecto ao conjunto edificado e funcional principal da cidade, constituído pela Sé Catedral e funções conexas.”<sup>35</sup>

Neste caso concreto, a Rua Direita não se considera central por fazer uma ligação directa e franca à sua Praça Principal, onde se localizavam as funções representativas do poder, mas pela concentração de actividades comerciais bastante intensas ao longo do seu percurso, que se mantiveram ao longo do tempo e que lhe conferem uma persistência inigualável

---

<sup>35</sup> DIAS COELHO, Carlos – texto descritivo da “Rua Direita de Viseu” in: Projecto de Investigação “A Rua em Portugal – Inventário Morfológico”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de referência PTDC/AUR/65532/2006, desenvolvido no centro de investigação FormaUrbis Lab da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, sob a coordenação do Professor Doutor Carlos Dias Coelho.

## Designação do elemento urbano

Entendemos que Rua Direita é uma denominação atribuída ao elemento urbano, quando este possui as propriedades próprias provenientes do termo “Direita”.

Quando encontramos um número elevado de ocorrências de elementos urbanos assim designados num mesmo contexto urbano, alguns autores sugerem estas denominações como incoerentes ou fortuitas, como quando, por exemplo, determinada artéria toma a designação de Rua Direita para se sobrevalorizar e destacar sobre outro elemento urbano existente detentor de maior relevância na cidade. Exemplo: Almeida: Rua do Touro – Rua Direita da Época Medieval; e actual Rua dos Combatentes Mortos pela Pátria – Rua Direita da Época Renascentista.

Designar um qualquer elemento urbano de Rua Direita revela-se, nestes casos específicos, como uma vontade declarada de dotar a rua de um significado de maior importância, que se sabe contida conceptualmente na essência efectiva de Rua Direita. Nestes casos, entende-se que determinado elemento urbano é assim designado simplesmente por um acto de nomeação. Encontram-se casos análogos onde através deste acto de denominação se pretende valorizar inclusivé determinada artéria por nela residir personagem de consideração para a sociedade contemporânea.

Consequentemente, como resultado destas proveniências, o período temporal da existência desta designação de Direita em determinado elemento urbano, acaba por ser muito reduzido. Exemplo: Rua Direita da Trindade, século XVI – Lisboa

Em relação ainda aos imensos casos de estudo que em determinada época, num tempo fugaz, ganham ou adquirem o nome de Rua Direita veja-se como exemplo dado da descrição da Travessa do Secretário de Guerra por A. Vieira da Silva.

“Travessa do Secretário de Guerra – “Quando no século XV, principiou a urbanização deste local, intramuros, começou a designar a via pública mais ocidental ali rasgada à falta de um nome qualificativo, pela: Primeira Travessa ao longo do Muro, por seguir paralelamente à muralha da cerca, desde as Portas de Santa Catarina até ao fundo do beco onde se abriu o Postigo da Trindade. Também no século seguinte, se chamou **Rua Direita da Trindade** (Sumário, etc., por C.R. de Oliveira, ed. 1755, pag.11) Passou depois no século XVII, a denominar-se: Travessa do Secretário de Guerra, quando nela comprou o prédio e

onde se domiciliou o Secretário da Guerra Francisco Pereira da Cunha. (...) A denominação conservou-se na via pública que no mesmo local substitui esta travessa, na reconstrução da cidade posteriormente ao terramoto de 1755 (Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta, 1801, pag.65), a qual durou até 1863, em que por edital do Governo Civil de 6 de Julho, foi mandada incorporar, com a mesma denominação de Rua Nova da Trindade, a Travessa do Secretário da Guerra e a rua, alguns anos antes aberta, desde a travessa até ao Largo de S. Roque, que ainda não tinha denominação oficial. O Padre Carvalho da Costa diz, em 1712, que se chamava: Travessa junto às Portas (de Santa Catarina) (Corografia Portuguesa tomo III, 1712, pag.459) ” <sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> VIEIRA DA SILVA, Augusto - A Cerca Fernandina de Lisboa, 2º ed., Lisboa: Publicações Culturais da Câmara de Lisboa 1987. (1º Vol.) p.174

## 2.2. Conceptual

“Uma Rua Direita é uma rua directa”

Reconhecendo-se explícita nos termos: “Direita – direcção recta – Directa”, a denominação atribuída ao elemento urbano surge como resultante de uma acção pré-concebida em caracterizar o mesmo como um percurso de circulação que se efectua de “direcção para ...”<sup>37</sup>, ou seja, com um sentido específico para determinado lugar tido como referência. Nesta designação está evidente o conceito inerente à Rua Direita, que se considera ser uma acção, ou seja, acto ou efeito de quem dirige e encaminha a circulação, revelando-se este acto de “direcção” como uma qualidade intrínseca deste elemento urbano.

Numa primeira aproximação ao elemento urbano são identificadas imediatamente determinadas qualidades, embora se destaquem umas mais do que outras, em função do contexto onde estes se inserem. No entanto, as que se evidenciam habitualmente são as qualidades Direccional, Estruturadora e Geradora.

Reconhecem-se particularmente as três qualidades enumeradas em contextos urbanos díspares. Sendo a qualidade Direccional, inerente ao elemento assim denominado.

Intuitivamente esta qualidade de Direccional é entendida nitidamente em extensas áreas parcialmente urbanizados de envolvente rural, onde a rua se apresenta inclusivé, por vezes como o único elemento urbano existente desta natureza e com a capacidade de nos conduzir para outro lugar específico, ou quando provido de uma designação composta, formada por mais um nome designativo que se apresenta como referencia. Exemplo em povoados em contextos de envolvente rural: Rua Direita na Vila de Sosa, Concelho de Vagos; Rua Direita da Póvoa do Valado. Distrito de Aveiro;

Exemplos de algumas designações compostas existentes em Lisboa século XV: Rua Direita da Pedreira – que se direcionava para o Bairro da Pedreira (actual zona envolvente ao Convento do Carmo) Rua Direita das Portas de Santa Catarina, que se direcionava para as mesmas Portas da

---

<sup>37</sup> “...o termo Rua Direita não evocava na época o sentido de rectilíneo, mas de direcção para. Um documento dos finais do século XV esclarece-nos ao afirmar [...Item a porta do mar que hora hi está queremos que se carre e se faça outra no muro direita com a rua...]” CARITA, Hélder - Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna: 1495 - 1521, Lisboa: Livros Horizonte, 1999. p.37

Cerca Fernandina, actual Rua Garret, ou Rua Direita da Trindade, como anteriormente já referida que nos direccionava para o então Convento da Trindade, actual Rua Nova da Trindade.

A qualidade de Estruturadora é claramente percebida em contextos primordiais de núcleos urbanos consolidados, particularmente em núcleos urbanos primordiais, já sedimentados e pertencentes a aglomerados urbanos de pequena e média dimensões. Já a qualidade Geradora é mais evidente em contextos de expansão urbana pertencentes a aglomerados urbanos de maiores dimensões e com um dinamismo constante de evolução urbana.

Para o entendimento do elemento com a qualidade de estruturadora servem de exemplo os casos de Rua Direita em Caminha; Rua Direita em Óbidos; já para o entendimento da sua qualidade de Geradora temos a Rua Direita de Bragança; Rua Direita de Estremoz; e a Rua Direita da Lapa em Lisboa.

Entenda-se que estes são apenas algumas das qualidades próprias da Rua Direita, naturalmente as que mais se destacam, e que inclusivé são cumulativas num único elemento urbano. Apesar disso não deixam de se constatar diferenças fundamentais entre elas.

A presença da qualidade de Direcional “directa para...” é inerente a qualquer objecto detentor desta designação. Quando um qualquer elemento urbano possuir todas as demais qualidades associadas à Rua Direita mas se estiver desprovido desta qualidade de direcional encontra-se desprovido do sentido de possuir ou ser provido desta designação.

Todas as demais qualidades que estejam associadas à Rua Direita remetem essencialmente para o papel que a rua exerce em relação aos demais elementos urbanos contíguos a ela, ou seja, a todo o tecido envolvente, e onde se insere, com o qual se relaciona ou estrutura.

As Ruas Direitas apresentam-se com um traçado mais(1) ou menos rectilíneo(2), sinuoso(3) ou curvo(4), sob uma configuração linear contínua(5) ou interrompida(6), evidenciando diferentes intensidades de relação com a sua área adjacente. Exemplos: Rectilíneo: (1) Rua Direita de Caminha; Rua Direita de Estremoz; Rua Direita de Barcelos (2) Rua Direita Chaves; Rua Direita de Rua Direita de Cascais;(3) Rua Direita de Viseu; Rua Direita da Guarda;(4) Rua Direita de Vila Real; Rua Direita de Braga; Rua Direita de Almeida;(5) Rua Direita do Marques e Abrantes Rua Direita da Junqueira – Lisboa ;(6) Rua Direita de Leiria; Rua Direita de Óbidos.

Assim numa configuração linear continua, a Rua Direita apresenta-se como um elemento “Canal”, com uma interação com o tecido envolvente, resumida aos seus extremos, expondo a sua qualidade de elemento urbano Direccional de modo mais evidente.

Em casos onde a configuração da Rua Direita se apresenta descontínua e interrompida, resultante de um maior número de interações com o espaço envolvente, ou seja, de ligações transversais pontuais adicionadas às ligações das suas extremidades, outras qualidades urbanas se evidenciam. Nestes casos específicos as demais qualidades relacionam-se com a própria acção que a Rua Direita irá exercer para com o seu espaço contíguo.

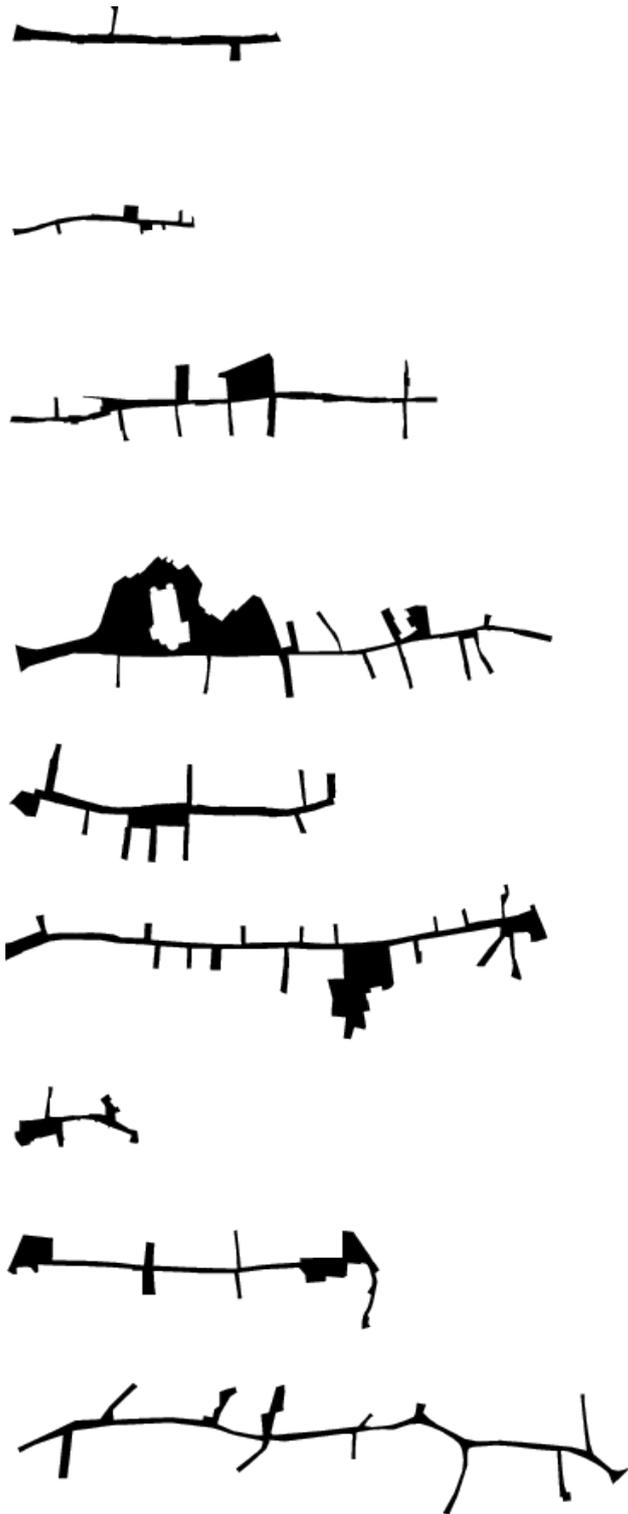
Estas configurações não se revelaram consequentes, ou seja, uma como precedente de uma outra, sucessora da primeira. No entanto, numa evolução natural seria previsível entendê-las como fases distintas da sua evolução.

Por vezes esta qualidade de Direccional parece oculta, apesar de sempre presente, secundarizada por outras qualidades urbanas que se evidenciam como resultado da relação entre a Rua Direita e a sua envolvente.

A qualidade urbana Direccional encontra-se intrinsecamente associada ao elemento urbano e à localização de espaços referenciais nas suas extremidades, que correspondem ao seu início e ao seu termo, agindo como limites da sua extensão longitudinal, enquanto que, as restantes qualidades associadas ao elemento urbano se reportam ao papel que este exerce sobre o tecido envolvente.

As qualidades do elemento urbano como Estruturador, Gerador, e outras que se abordam seguidamente como Articulador, Influyente, Aglutinador, e Legível, serão qualidades atribuídas ao próprio elemento urbano, mas que derivam sempre da relação do mesmo com o seu tecido envolvente.

Consideramos assim que as qualidades do elemento urbano e o papel que este exerce sobre o tecido envolvente se encontram intimamente relacionados.



| fig.6 | Traçados das ruas: Rua Direita de Barcelos; Rua Direita de Castelo de Vide; Rua Direita de Chaves; Rua Direita da Guarda, Rua Direita de Monsaraz; Rua Direita de Óbidos; Rua Direita de Sortelha; Rua Direita de Valença; Rua Direita de Viseu.

## Qualidades Urbanas

À Rua Direita pode associar-se um conjunto de qualidades que a identificam como um elemento urbano:

**“Direccional”**<sup>38</sup> – *“Que emite numa única direcção”* - ao estabelecer um sentido directo e único com a finalidade de alcançar determinado lugar espacial, tido como referencial dentro do seu contexto urbano;

**“Articulador”** – *“Que ou que articula ou intervém na articulação”*<sup>39</sup> - ao estabelecer relações entre os restantes elementos constituintes do tecido, seja esta articulação através de elementos urbanos ordinários, como ruas e travessas, ou excepcionais, como largos e praças.

**“Gerador”** - *“Que gera ou que produz geração. Um ser organizado produz outro da sua espécie; criador; produtor”* – ao promover a produção de tecido urbano. Em situações em que a rua se apresente com uma descontinuidade da sua frente edificada, promove outros elementos urbanos ordinários designados de travessas, a si concorrentes, e consequentemente ruas, que numa configuração paralela a si se assumem como ruas de carácter secundário à Rua Direita, verificando-se em algumas situações servir como rua de serventia posterior às parcelas com frente para a Rua Direita. Existem outras situações em que a sua própria formação na continuidade de um tecido pré existente se revela como gerador de novo tecido.

**“Estruturador”** – *“Que estrutura ou permite a estruturação”* – ao promover uma ação que irá dotar um tecido urbano adjacente com uma ordem que se mantém estável, pelo modo como permite que as diferentes partes constituintes do mesmo se encontram dispostas.

**“Preponderante”**<sup>40</sup> – *“Que tem mais influência que outro”* – ao estabelecer-se como eixo de atravessamento na maior extensão de determinada área, que consequentemente a este fica afectada. Assume-se como elemento urbano hierarquicamente superior aos restantes elementos urbanos da sua natureza.

---

<sup>38</sup> “Direccional – orientado ou emitido em determinada direcção” in: Dicionário da Língua Portuguesa, Porto: porto Editora 2004.

<sup>39</sup> “Articulador: Acto ou efeito de articular ou de se articular” ; “Articulação: ponto de união entre peças de uma estrutura – zona de ligações de partes.” in: Dicionário da Língua Portuguesa, Porto: porto Editora 2004.

<sup>40</sup> “Preponderante: Que prepondera; que é superior em peso; força; importância” in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, consultado em 2012-01-15, [<http://www.priberam.pt/>]

**“Aglutinador”** – “*Que ou o que Aglutina*” Aglutina – “*reunir por aglutinação*” Aglutinação – “*Aderência de partes contíguas acidentalmente separadas*”<sup>41</sup> - ao reunir tecidos dissemelhantes e ao ser consequentemente atractivo na fixação de actividades mistas, com destaque para os estabelecimentos comerciais.

**“Inteligível”**<sup>42</sup> - “*Que se entende ou é fácil de ser compreendido*”. Ao ser reconhecido, no contexto onde se insere como objecto autónomo e compreensível por ter capacidade de ser entendido por habitantes e visitantes. Esta legibilidade<sup>43</sup> do elemento urbano será transferida para toda a área que lhe está afectada, constituindo-se esta numa área homogénea, onde é legível no contexto urbano o papel da Rua Direita enquanto elemento principal do contexto urbano onde este se insere.

“ (...) Quase sempre dali saía uma rua comercial que o ligava aos elementos urbanos mais importantes da cidade, a matriz, o paço ou o castelo, etc., terminando no terreiro de um destes ou ligando a outra porta da muralha. (...)”<sup>44</sup>

Desde logo, no seu percurso de direcção a Rua Direita realiza a articulação entre pontos distintos, destacando-se como principais os pontos de partida e de destino e ao definir um percurso entre estes, determina uma área de influência que estrutura, e por consequência lhe confere uma ordem evidente. Ao possuir esta qualidade a Rua Direita é desde logo entendida como um elemento urbano inteligível.

Ao longo do seu percurso, a Rua Direita articula diferentes espaços urbanos, do tecido da cidade desde espaços excepcionais a objectos arquitectónicos de referência. Estes espaços contêm edificado detentor de funções e dinâmicas prestigiantes no contexto urbano, com destaque para as funções colectivas, civis, religiosas e comerciais. Em consequência da acção descrita, a Rua Direita será considerada um elemento urbano articulador e aglutinador. Articulador e aglutinador dos espaços urbanos diferenciados e aglutinador de funções variadas.

---

<sup>41</sup> “Aglutinador”; Aglutina”; Aglutinação” in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, consultado em 2012-01-15, [<http://www.priberam.pt/>]

<sup>42</sup> “Inteligível: que pode ser compreendido e entendido pela inteligência” in: Dicionário da Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2004.

<sup>43</sup> Legibilidade: “a aparente clareza da paisagem citadina, ou seja, a qualidade do ambiente visual da cidade – na facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente.”; “uma cidade legível seria aquela cujas freguesias, sinais delimitações ou vias são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais.” LYNCH, Kevin - A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições, 1999 p.p.12-16

<sup>44</sup> ROSSA, Walter - A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o urbanismo. Coimbra: Almedina, 2002. p.222-223

No seu desenvolvimento é comum que um destes espaços articulados sobressaia como detentor de maior importância hierárquica, como uma Praça em particular. Esta destaca-se como espaço principal no contexto urbano e, por consequência, este elemento passa a ser entendido e até designado como “Central” ou “o Centro”, como anteriormente referido.

Inegavelmente poder-se-ia também entender que esta característica de destaque e preponderância são conferidas pela sua localização espacial, tanto da Rua Direita como do elemento excepcional. A Rua Direita assim ao efectuar a ligação entre extremos opostos “*Direita de um extremo ao outro*”<sup>45</sup>, entende-se localizada num espaço central de dois extremos oposto de uma área e inevitavelmente do mesmo modo remete a praça para uma posição intermédia do percurso, resultando desta a ideia de centralidade.

Considera-se esta designação de “Central” como um desígnio relativo o a um carácter simbólico, onde a Rua Direita se apresenta como um elemento urbano que nos encaminha directamente ao “Centro” e por isso é considerada como uma rua “Central”, servindo assim como “referência – base”<sup>46</sup> tanto para orientação como para a localização física de outros elementos urbanos. Em consequência da característica descrita, pode considerar-se que a Rua Direita é detentora da qualidade de Centralidade.

Na sedimentação da Rua Direita, decorrente das qualidades de Direcção, Articulação e Centralidade, anteriormente referidas, subentende-se o atravessamento de uma área confinante a si adstrita. Assim, a “Rua Direita” estabelecerá vínculos com todos os demais elementos urbanos e ao efectuar o seu percurso de atravessamento revelará a qualidade inevitável de elemento urbano gerador e estruturador<sup>47</sup> da mesma.

---

<sup>45</sup> “(...) Quem se dirija ao Hotel Flávio para o centro da vila e percorre a ponte, e chega a um largo onde começam várias ruas, e entre elas uma que se chama Direita. Esta rua é tortuosa, como muitas outras que em diversas povoações têm nome e feição idênticos: Direita no caso presente, não significa em «linha recta», significa «central», isto é, Direita de um extremo ao outro. Assim se explica a aparente contradição que existe entre o nome e a forma da rua. (...)” RIBEIRO, Orlando - A Rua Direita de Viseu. in: Geographica, ano IV, nº 16 Outubro 1968.

<sup>46</sup> “Em relação ao Bairro da Pedreira e à formação do modelo urbanístico de «rua-travessa» “(...) Da análise das referências espaciais tomadas para definir a localização dos edifícios e casas, surge que todo o conjunto toma como referência-base a Rua Direita, sucessivamente Rua Direita, Rua Direita para Santa Catarina e nos finais do séculos XIV Rua Direita das Portas de Santa Catarina.” CARITA, Helder - Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna: 1495 -1521, Lisboa: Livros Horizonte, 1999.p.37

<sup>47</sup> “Esta rua define-se como elemento gerador e estruturante de todo o conjunto urbano.” CARITA, Helder - Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna: 1495 -1521, Lisboa: Livros Horizonte, 1999.p.37

“ (...) nascem perpendicularmente ruas secundárias (...) travessa pública que vai ter à rua Direita(...)”<sup>48</sup>.

O elemento urbano possuidor destas características catalisa a fixação de edificado como suporte de usos diferenciados, em especial para o estabelecimento de usos especializados e de valor colectivo. O edificado da parcela urbana de uso eminentemente habitacional, é nestas ruas partilhado com usos comerciais, que se estabelecem nos pisos térreos dos mesmos. As qualidades identificadoras do objecto de estudo são reveladoras de um processo de concepção que claramente tem o objectivo em determinar uma direcção específica, de articular, motivar e estruturar distintos elementos urbanos, hierarquizando o tecido onde se insere. Confirma-se que o elemento urbano assim designado de Rua Direita catalisa em si um conjunto de funções urbanas destacadas, convertendo-se num suporte a usos muito diferenciados, evidenciando-se como elemento urbano de carácter multifuncional.

Especifica-se como um espaço comercial <sup>49</sup>, aumentando a sua importância e sobrevalorizando-se como elemento predominante de toda a restante área urbana a si associado, reconhecendo-se como elemento urbano com legibilidade e coerência <sup>50</sup>.

---

<sup>48</sup> Transcrito por Matos Sequeira in: O Carmo e a Trindade: subsídio para a história de Lisboa, cit., Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939. I Vol. p.60

<sup>49</sup> “(...) era a rua onde se encontravam os estabelecimentos dos comerciantes mais importantes (alfaiates, ourives, marceneiros, sapateiros), onde se admiravam coisas trazidas de fora, bens do comércio não diário e que o forasteiro percorria no seu primeiro contacto com a cidade. (...)” ROSSA, Walter - A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o urbanismo. Coimbra: Almedina, 2002. p.223

<sup>50</sup> “(...) O forasteiro que percorria qualquer vila ou cidade medieval levava da paisagem urbana uma imagem efémera e parcial. Era demasiado curto, com efeito, o tempo que gastava a calcorrear o caminho que ligava a porta por onde entrara à que escolhera para sair. (...) Em qualquer dos casos, ninguém diria que se movimentava através de uma topografia desconhecida. A firmeza dos seus passos transmitia a certeza de quem reencontrava uma organização espacial que, nos traços gerais, era semelhante à de outras vilas e cidades. (...)” ANDRADE, Amélia Aguiar – Dia a Dia na Idade Média: Percursos Vividos, Percursos Conhecidos nos Núcleos Urbanos Medievais”, consultado em 2012-01-15, in: [http://www.miniweb.com.br/]

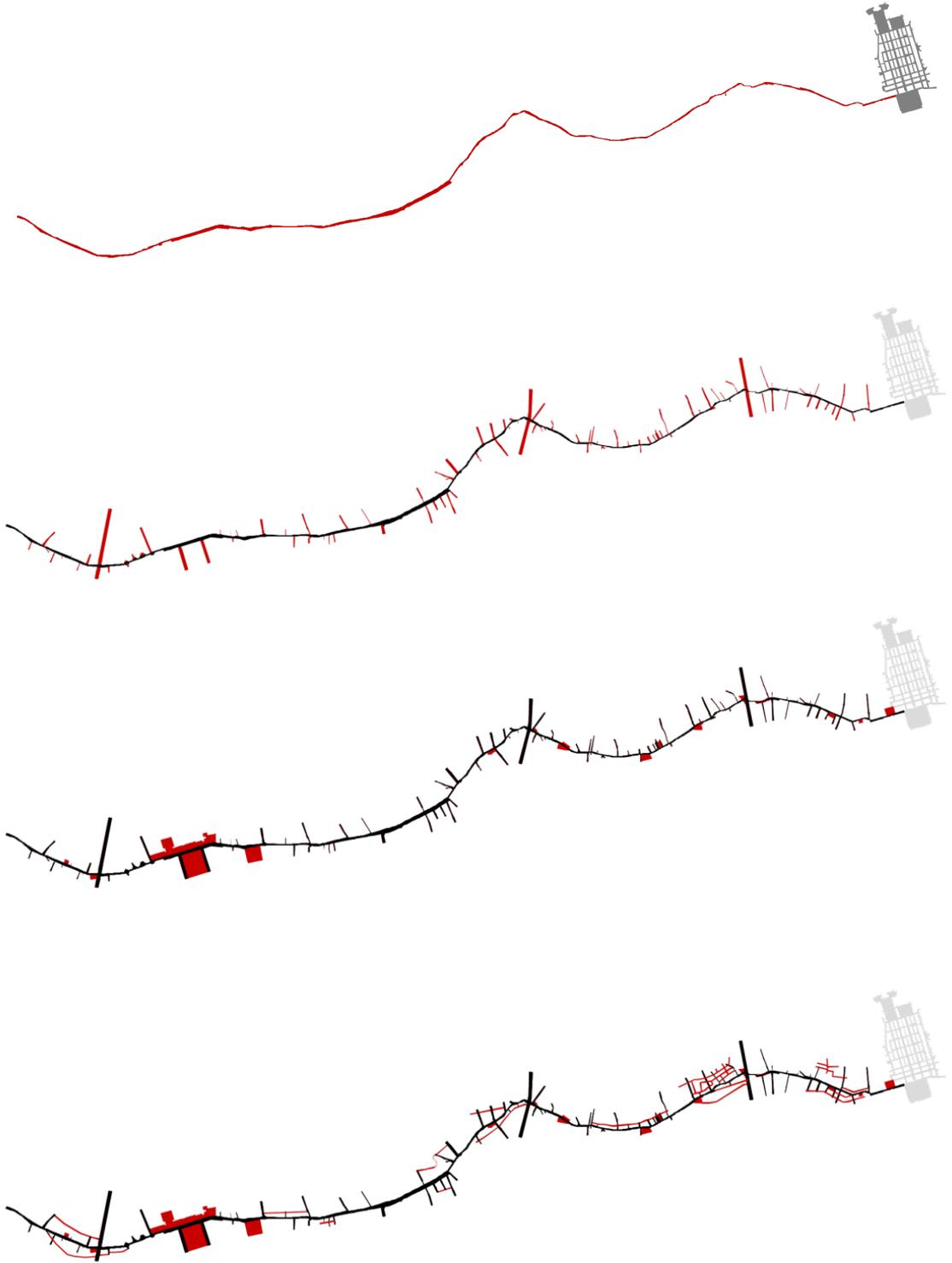
Leitura Tipo-Morfológica do Elemento Urbano



| fig.7 | Fotografias do Eixo Ocidental de Lisboa. Localização das Antigas Ruas Direitas de São Paulo; de Santos-o-Velho; e da Rua Direita das Janelas Verdes.



| fig.8 | Esquema ilustrativo da extensão do Eixo Ocidental de Lisboa, sobre Ortofotomapa.



| fig.9 | Esquema representativo da constituição do Eixo Ocidental de Lisboa; o Eixo; o Eixo e suas Travessas; o Eixo, Travessas, Largos e Praças; o Eixo na constituição de tecido urbano

## O exemplo TIPO – A Rua Direita de Óbidos

Escolhe-se um caso específico, a Rua Direita de Óbidos para materializar as qualidades anteriormente expostas.

A leitura de um caso concreto, tanto de modo individual como na relação com a área que lhe é adjacente, destina-se a compreender as suas qualidades urbanas e entender o modelo urbanístico que lhe está associado.

Óbidos é uma vila de pequenas dimensões, onde se identifica o elemento urbano inserido no seu núcleo originário, ou seja, em contexto primordial, sendo a sua existência singular e o seu reconhecimento percebido de imediato através da denominação Rua Direita presente na toponímia local.

“...Conhecida com esta designação já no século XIV (1350);”<sup>51</sup>

A Rua Direita de Óbidos é considerada a rua principal intramuros e realiza a ligação directa entre a sua porta principal e os seus respectivos largos, a Porta da Vila com a Porta da Alcáçova, onde se localiza o Paço dos Alcaides.

As qualidades conceptuais da Rua Direita encontram-se expressas no sentido único e na direcção objectiva para a área mais prestigiada do núcleo urbano.

Na sua qualidade de elemento articulador relaciona também sequencialmente os distintos espaços excepcionais, como o Terreiro que antecede a Porta Principal da Vila e Largo do Padrão, já no interior da muralha, a Praça de Santa Maria, e o Largo de São Tiago que antecede a porta da Alcáçova.

A meio do seu percurso, a rua é ladeada pela Praça de Santa Maria, considerada a praça principal de Óbidos e o seu “Centro” físico e simbólico, que reúne no seu edificado envolvente, os seus distintos poderes e actividades: Religioso; Administrativo; Social e Mercantil.

---

<sup>51</sup> GARCIA, Luís de Freitas; CAETANO, Marcelo – Óbidos. Guia do Visitante; Lisboa: Alêtheia Editores e Câmara Municipal de Óbidos, 2007. p.30

A Rua Direita apresenta-se como eixo que percorre todo o núcleo primordial amuralhado, atravessando-o na sua maior extensão longitudinal e no decurso de atravessamento, assume-se como elemento gerador pois, a partir dele surgem gradualmente outras ruas, transversais, designadas toponimicamente de travessas. Resultado do crescimento e desenvolvimento desta área adjacente, aparecem outras ruas que adoptam uma disposição paralela à Rua Direita e que fazem a ligação com esta a partir dessas mesmas travessas.

No entanto, a imagem de um desenho construído sobre uma malha regular, composta por um eixo mais desenvolvido, transversais e paralelas ao mesmo, não se configura rigidamente no espaço em concreto, especialmente pelas características próprias da topografia do lugar. Assim, esta matriz de composição apresenta-se deformada por ajustamento às condicionantes topográficas e condicionantes construídas. Como resultado desta conciliação, configura-se um traçado fusiforme baseado na concordância entre a Rua Direita, que se assume como eixo principal, e ruas secundárias que correm paralelamente aquela. Preponderante sobre toda a área adjacente, a Rua Direita assume-se com uma hierarquia superior aos restantes elementos urbanos da sua natureza, que por sua vez mantém papéis claramente secundários àquela.

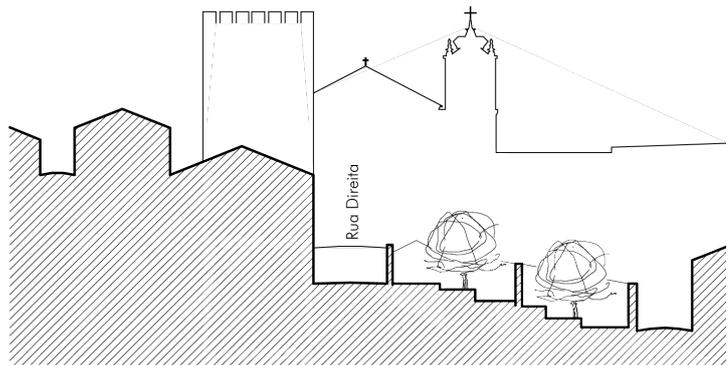
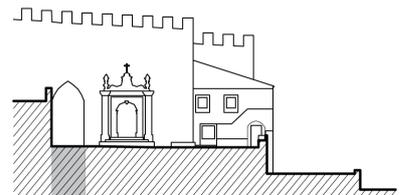
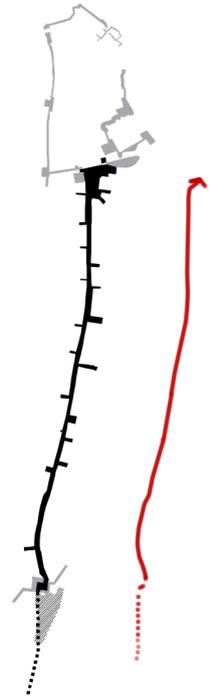
A Rua Direita assume-se como elemento aglutinador constante durante todo o seu percurso ao permanecer como um elemento urbano atrativo e apto a constituir de ser suporte à fixação de um misto de atividades dinâmicas, mas também por ser capaz de agregar tecidos de diferente natureza morfológica.

As áreas adjacentes que se desenvolvem lateralmente ao eixo, a partir das suas travessas, nem sempre se afiguram análogas, podendo acontecer que numa leitura particular as mesmas se identifiquem como áreas urbanas completamente distintas. No entanto, a presença da Rua Direita surge como elo de ligação e estruturação das mesmas, concebendo uma imagem de homogeneidade a este tecido.

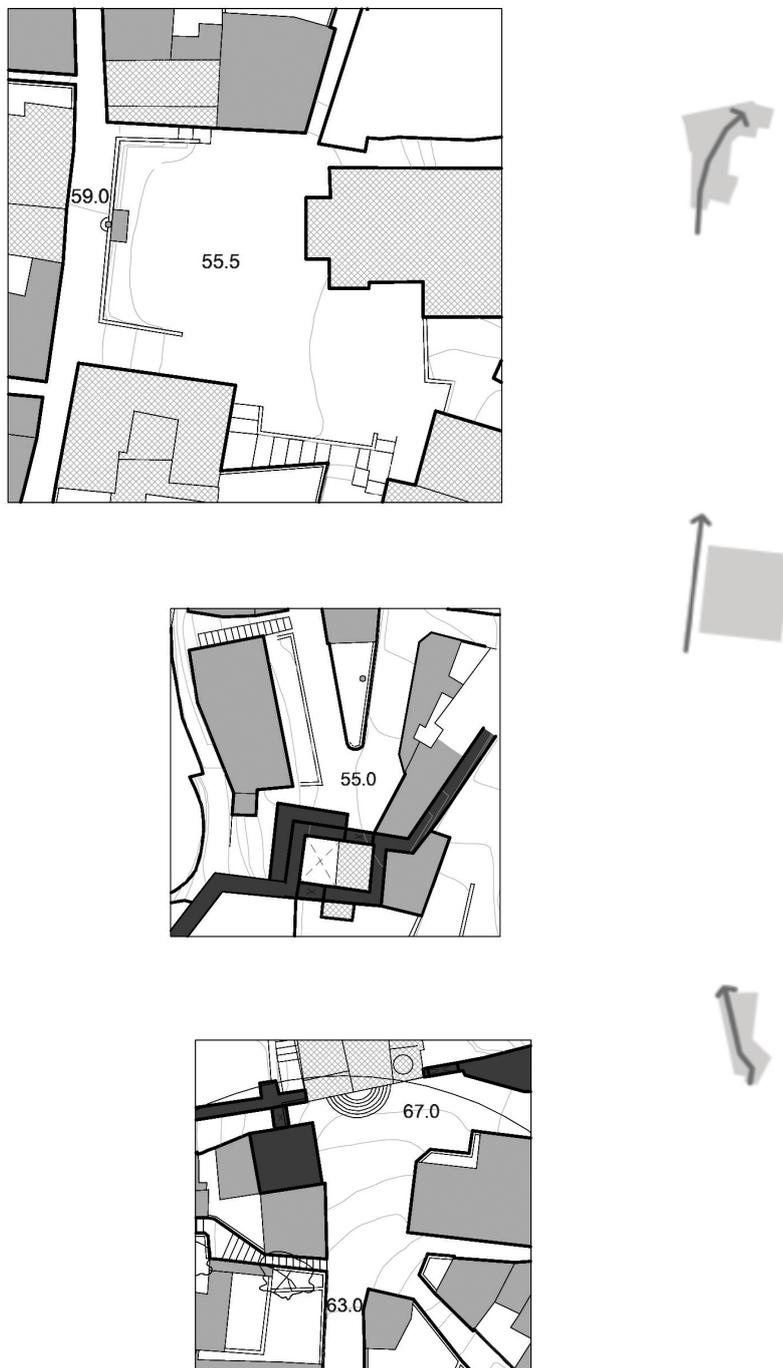
Assim, a Rua Direita entende-se como um elemento urbano individualizado e legível, pois claramente é reconhecida no contexto onde se insere com todas as qualidades anteriormente descritas e que a distinguem hierarquicamente dos restantes elementos urbanos.



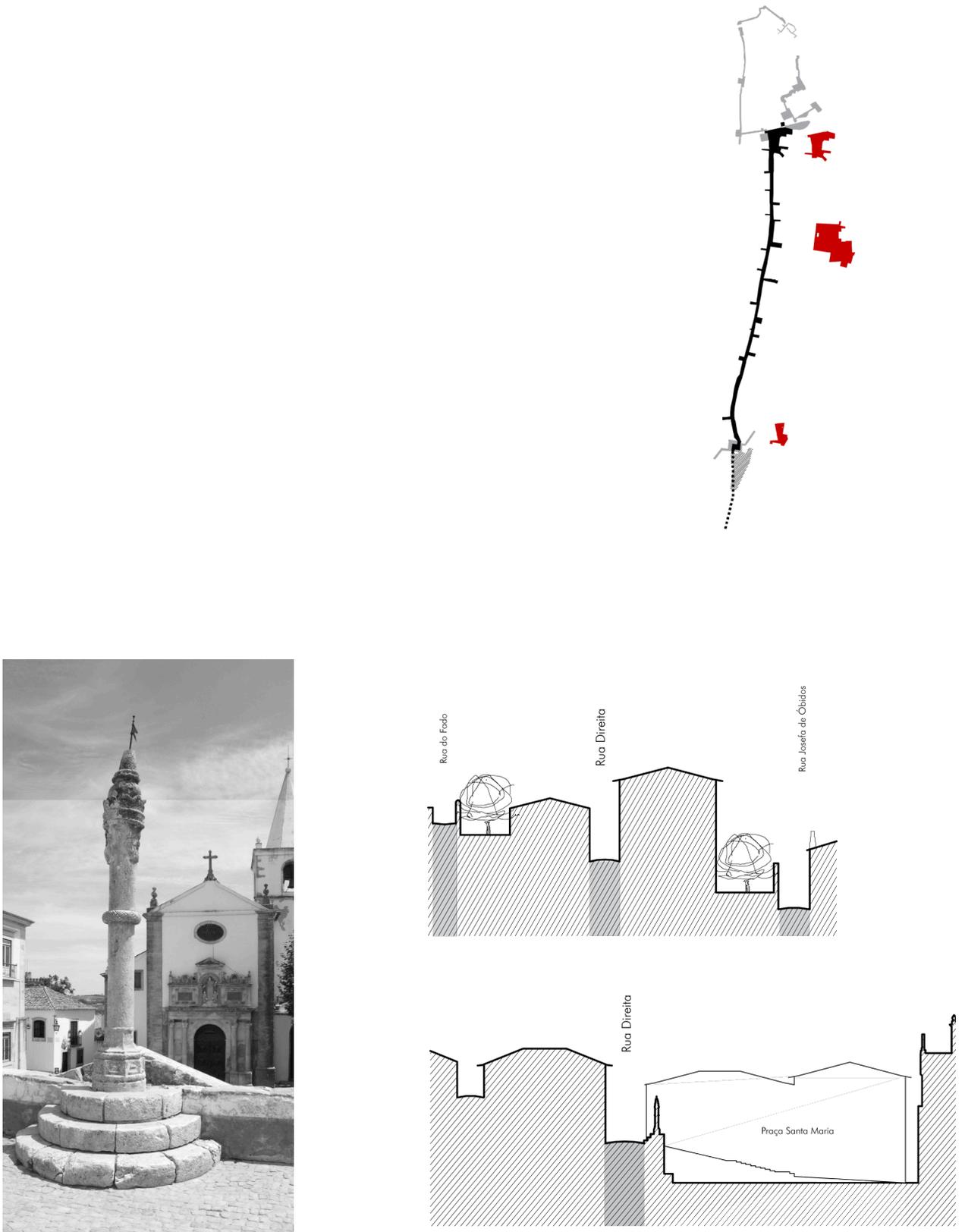
| fig.10 | Traçado de Óbidos com a sinalização da Rua Direita; Fotografia de Ambiente.



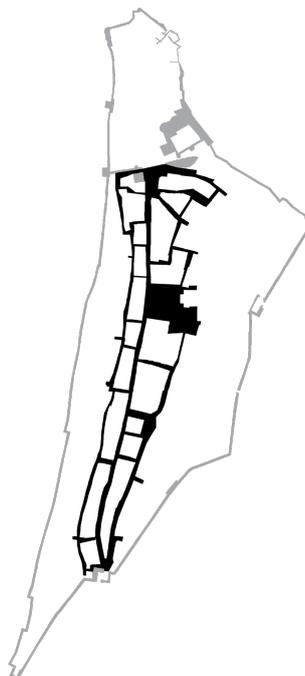
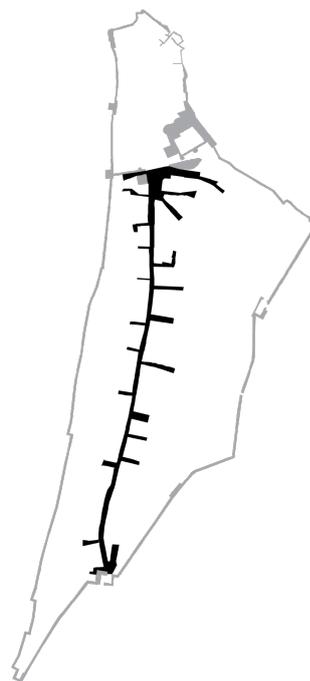
| Fig.11 | Esquema de Sentido Único; Fotografias à Porta Principal da Vila - Corte Transversal exterior à Cerca amuralhada; Fotografia no Largo antecedente à Porta da alcáçova e respectivo corte transversal.



| **fig.12** | Plantas dos Largos e respectiva Praça, esquemas interpretativos da posição da Rua Direita nos mesmos.



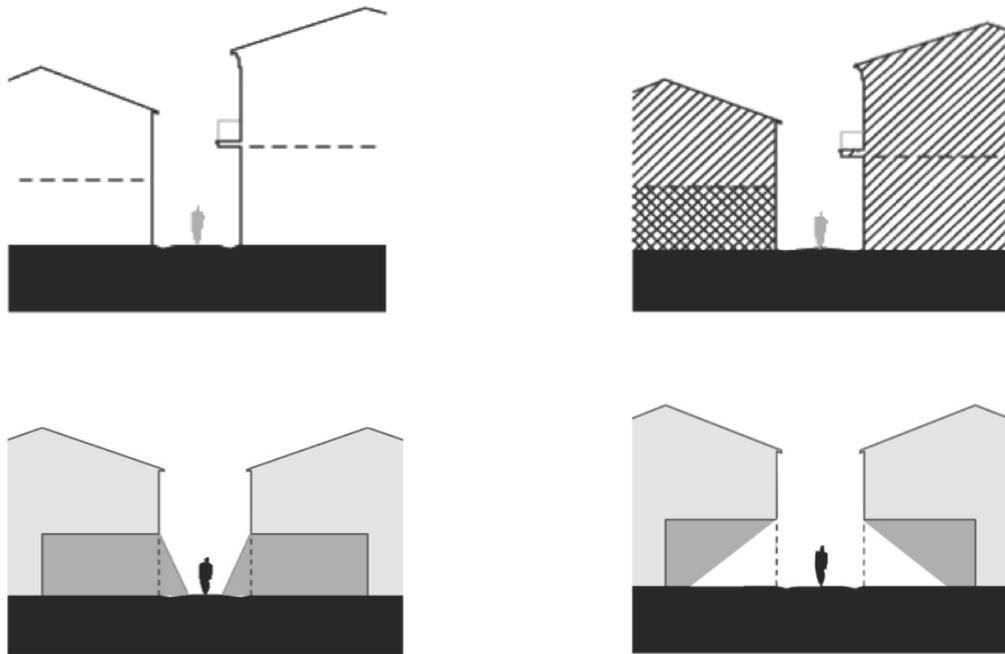
| fig.13 | Esquema de localização dos Largos e Praça; Fotografia do Pelourinho e Igreja Matriz; Cortes Transversais da Rua Direita – a sua relação com Ruas Secundárias e a sua relação com a Praça Principal;



| fig.14 | Esquemas interpretativos da constituição de tecido adjacente, travessas e ruas secundárias;



| fig.15 | Esquema interpretativo das suas frentes edificáveis; Pormenor de estrutura de loteamento; tipo de ocupação; traçado e malha;



| fig.16 | Perfil Tipo; Perfil Funcional (actividades comerciais localizadas no piso térreo); Permeabilidade e apropriação do espaço público; Perfis longitudinais.

## 2.3. Composta

Quando à denominação elementar de Rua Direita se adicionam outros nomes, estes têm a especial função de serem nomes designativos.

Poderíamos considerar que a designação elementar de “Rua Direita” se apresenta como uma denominação abstrata, por não mencionar concretamente o objeto ao qual ela é directa. No entanto, numa ocorrência única a Rua Direita, é entendida como rua que nos encaminha ao “Centro”, onde “Centro” se descobre como uma ideia de espaço hierarquicamente superior.

Quando a denominação elementar lhe é acrescida um nome designativo, resulta numa precisão da direcção do elemento urbano, agora individualizada e particularizada num determinado espaço ou objeto físico.

Como por exemplos podem referir-se a Rua Direita do Limoeiro ou a Rua Direita das Porta de Santa Catarina, que se referem a objectos arquitectónicos; ou como Rua Direita de Alcântara ou a Rua Direita de Belém, que se referem a um sitio que mesmo vago se subentende compreendido a uma área urbana específica.

Existe assim, uma diferença nítida entre o elemento urbano ao qual lhe é atribuído uma denominação simples e o elemento urbano que é provido de uma denominação composta. Esta diferença diz respeito à direcção e à abrangência do próprio elemento urbano.

A direcção mais específica no caso do elemento urbano possuir uma denominação composta, por oposição a uma abrangência mais ampla, que portanto não se encontra limitada a um fim preciso, no caso do elemento urbano possuir uma denominação simples.

A ideia de uma “Rua Direita” com uma designação elementar, num contexto urbano qualquer, mostra-se mais vaga e abstrata do que, pelo contrário, se esta possuir um nome designativo associado.

Podem opor-se os casos da: a Rua Direita existente na vila de Aguiar da Beira na actualidade e com esta denominação; em oposição à Ruas Direita de Belém; e Rua Direita da Fábrica das Sedas; ou à Rua Direita dos Quartéis, todas estas localizadas em Lisboa.

Na vila de Aguiar da Beira identifica-se a rua com a sua denominação elementar. Entendemo-la como uma Rua Direita de localização abstracta por não se conseguir especificar uma localização espacial precisa através da sua toponímia. Quanto muito, considerar-se-ia um espaço “central” deste aglomerado urbano. Verdadeiramente, a Rua Direita encontra-se associado ao seu espaço central – a Praça - no entanto, a sua abrangência por não possuir um limite objectivo preciso entende-se ampla.

Nos casos enumerados de Lisboa, tendo em conta a dimensão do contexto urbano mais desenvolvido e a existência de mais do que um elemento urbano designado com este atributo “Direita”, entendemos a necessidade da adição de um nome designativo somado à denominação elementar que especifique o mesmo, ou seja, que identifique uma particularidade própria.

Assim, cada elemento urbano, pelo privilégio de ser provido de uma denominação composta, têm uma distinção precisa. Esta corresponde a uma localização precisa que remete a zonas urbanas em concreto, tal como simultaneamente identifica uma orientação quando está associado à localização de um objecto que a referencia.

A Rua Direita de Belém a par da Rua Direita em Aguiar da Beira, entende-se como existente num contexto urbano vasto da cidade de Lisboa, a zona de Belém, não deixando de ser uma localização vaga e imprecisa, como o é a Rua Direita de Aguiar da Beira. No entanto, imagina-se localizada no “Centro” da freguesia<sup>52</sup>, o que efectivamente corresponderia à realidade.

Já as Ruas Direitas da Fábrica das Sedas e dos Quartéis, existentes também na cidade de Lisboa, identificam-se como mais precisas e limitadas à circunscrição destes conjuntos arquitectónicos de referência.

Entende-se assim, que o elemento urbano designado por uma denominação elementar possui uma abrangência de maiores dimensões como resultado de ser um elemento urbano singular de um contexto urbano. Já uma Rua Direita que possui uma denominação composta possui uma abrangência mais confinada, no sentido em que, restringe-se a um contexto urbano mais preciso e parcelar por estar relacionado a um objecto de referência o que consequentemente o remete a um contexto urbano restrito.

---

<sup>52</sup> antigo Concelho de Belém até 1885.

Entende-se que um dos fundamentos da adição de um designativo suplementar esteja intrinsecamente associado com a existência de mais do que um elemento designado por Rua Direita num mesmo contexto urbano.

Para além de Lisboa, a existência de mais do que um elemento urbano com esta designação e conseqüentemente com a necessidade de especificação traduzida na sua toponímica, reconhece-se em outras cidades, como Évora<sup>53</sup>; Santarém<sup>54</sup>; e Tomar<sup>55</sup>, tendo sempre como propósito a distinção dos mesmos.

O nome designativo somado, deve expôr ou revelar as características mais específicas e distintas de cada Rua Direita.

Na maior parte dos exemplos a denominação composta, encontra-se relacionada com a sua localização<sup>56</sup>, ou seja, a sua localização no contexto urbano geral, que pode ser simplesmente a designação do sítio ou bairro ou através de uma característica física do próprio lugar.

Como é exemplo disso a Rua Direita do Troino na cidade de Setúbal, que associa para nome designativo da rua o nome do próprio Bairro. Assim entende-se, que em contextos urbanos onde o elemento urbano ocorre apenas uma única vez<sup>57</sup>, este seja raro de se encontrar uma denominação composta e pelo contrário, ser mais usual depararmo-nos com a utilização de uma denominação elementar.

<sup>53</sup> Segundo A. BEIRANTE (1988. p.147) "no topo dessa hierarquia estão as ruas Direita de intenso movimento comercial", e em Évora conheciam-se, nos séculos XIV e XV, pelo menos três ruas Direita: a Rua Ancha, a Rua Direita da Judiaria e a Rua Direita da Mouraria." SIMPLÍCIO, Maria Domingas - Évora: algumas etapas fundamentais na evolução da cidade até ao século XVI, A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal (2ª Série) 6, 2002. p.97-112

<sup>54</sup> "Em Santarém existia a rua dos mercadores, a rua dos caldeiros, a rua dos oleiros, rua dos baldriários, (...), rua dos esteiros, além de várias ruas Direitas, a principal das quais era a Rua Direita de Manços que saía da Porta de Manços atravessava a cidade com um sentido, e que foi durante muitos anos, o principal eixo da vila." CARVALHO, Sérgio Luís - Cidades Medievais: Uma introdução ao seu estudo. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

<sup>55</sup> (Rua Direita da Várzea Grande, Rua Direita da Várzea Pequena e Rua Direita dos Moinhos ) FERNANDES, José Manuel - Angra do Heroísmo. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

<sup>56</sup> "Por seu turno, os outros arrabaldes ou bairros tinham uma organização funcional própria, com igrejas, e seus largos e também um eixo principal, frequentemente chamado Rua Direita, designativo a que acrescentava o nome de bairro ou arrabalde. (...)" GASPAR, Jorge A Cidade Portuguesa na Idade Média. Aspectos da estrutura física e desenvolvimento funcional - La Ciudad Hispánica. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense 1985. p.138-139

<sup>57</sup> Encontram-se como exemplos na actualidade com esta denominação elementar as Ruas Direitas nas cidades de: Aguiar da Beira; Alegrete; Belmonte; Campo Maior; Castelo de Vide; Chaves; Estremoz; Lamego; Meda; Melgaço; Mértola; Monsaraz; Óbidos; Portimão; Sortelha; Viseu.

Ainda como exemplos ilustrativos apresentam-se os casos das Ruas Direitas que existiram em simultâneo, inseridas dentro da cerca Moura na cidade de Lisboa.

Segundo A. Vieira da Silva, dentro da Cerca Moura são identificadas anteriormente ao Terramoto um número de seis Ruas Direitas, a Rua Direita de Santo António, a Rua Direita de São João da Praça; a Rua Direita da Porta Travessa da Sé; a Rua Direita de São Jorge; a Rua Direita de São Martinho e a da Rua Direita do Seminário.

De referir que estamos perante um contexto urbano muito particular se comparado com os existentes no resto do país, neste período anterior ao terramoto. Trata-se da capital do reino, uma das maiores cidades europeias, que possuía uma população e desenvolvimento urbano muito significativos.

Esta situação traduz-se na constatação da existência de um número também ele significativo de Ruas Direitas, ao considerar-se apenas o interior da Cerca Moura, que corresponderia a um contexto singular dentro de um contexto mais alargado que equivaleria à dimensão da própria urbe.

Assim se compreende de igual forma a necessidade do uso de uma denominação composta que diferencia e localiza espacialmente as mesmas ruas, possuindo todas elas a associação de um nome designativo que corresponde nos casos exemplificados, maioritariamente a edifícios de cariz religiosos ou às portas da cidade.

Cada uma das seis Ruas Direitas identificadas direcionava-se até ao seu correspondente edifício religioso. A Rua Direita de Santo António, levar-nos-ia em direção à Igreja de Santo António, a Rua Direita de São João da Praça, até à Igreja de São João, e o mesmo se passaria em relação às restantes.

## Uma infinidade de designativos

Como se verificou anteriormente, o uso de uma denominação composta tinha uma função referencial, como a Rua Direita dos Moinhos, atual Rua dos Moinhos em Tomar, que se referia e encaminhava para o espaço específico onde existiriam estas edificações.

Os nomes designativos associados a esta denominação, que se consideram simples e que se revelam como os mais frequentes correspondem assim a designações próprias dos lugares onde estas se implantam. Reforçando a ideia de que esta denominação acontece pela pluralidade da existência de Ruas Direitas num mesmo contexto urbano.

A Rua Direita encontra-se em Lisboa como um elemento urbano repetido em particulares contextos de áreas de dimensão reduzida que se inserem num aglomerado urbano mais abrangente. Assim, é comum encontrar a Rua Direita associada a bairros ou a freguesias da cidade, como por exemplo Rua Direita de Alcântara; Rua Direita da Lapa; Rua Direita do Cata-que – Farás; Rua Direita da Mouraria; Rua Direita dos Olivais; Rua Direita de Moscavide; Rua Direita de Marvila, entre outras.

Este nome designativo, para além de localizar espacialmente o elemento urbano pode designar minuciosamente outras demais características específicas do espaço físico como por exemplo a Rua Direita da Várzea Grande, atual Rua da Infantaria 15 em Tomar.

Esta Rua Direita era assim denominada para indicar uma extensa área de cultivo, pois era a partir da Praça da República, onde se localiza ainda hoje a Igreja Matriz e a Câmara Municipal que esta se desenvolvia para Sul, até ao Convento de São Francisco e antigo Rossio da Vila, onde então esta Várzea <sup>58</sup> se localizava.

Em Lisboa, a Rua Direita do Vale de Santo António associa, para além de uma característica física do sítio, o Vale onde se implanta, a existência de um edifício religioso dedicado ao orago Santo António.

---

<sup>58</sup> “Várzea: planície cultivada nas margens do rio; campina; chã”; in: Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2004.

A utilização de um nome designativo está também muito associado, a edifícios e a outras construções de referência, como se confirma na seguinte enumeração encontrada em épocas distintas na cidade de Lisboa com a sua denominação associada a edifícios à data tidos como referências: Rua Direita o Seminário; Rua Direita das Escolas Gerais; Rua Direita do Chafariz de Andaluz; Rua Direita do Colégio; Rua Direita da Fábrica das Sedas; Rua Direita Misericórdia; Rua Direita do Limoeiro; Rua Direita da Ponte de Alcântara; Rua Direita dos Quartéis; do Salitre; etc. ou mesmo a elementos construtivos dos mesmos edifícios de referências: Portas – Rua Direita da Porta Travessa da Sé ou da Porta da Sé; Janelas – Rua Direita das Janelas Verdes; Arco – Rua Direita do Arco do Limoeiro; etc., que se revela numa referência indirecta aos mesmo edifícios que se localizariam adjacentes à rua, para além dos já inumerados edifícios de cariz religioso dedicados a oragos<sup>59</sup>, não sendo estes diferenciados pelo seu estatuto (Capelas Santuários Igrejas, etc.)

Veja-se em particularidade alguns dos exemplos anteriores: A Rua Direita do Salitre, actualmente denominada de Rua do Salitre em Lisboa, da qual *“Provem o seu nome de uma celebre nitreira pertencente aos padres Brunos, que existia no fim da referida calçada”*<sup>60</sup>; a Rua Direita dos Quartéis actualmente denominada de Rua dos Quartéis, que adquire esta denominação pela proximidade de diversos Quartéis existentes na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda; ou a Rua Direita da Fábrica das Sedas, actualmente denominada de Rua da Escola Politécnica em Lisboa, que terá adquirido esta denominação pela localização da Real Fábrica das Sedas que remonta ao tempo do Rei D. João V.

Ainda como exemplo da denominação de elementos construtivos o caso da “Rua Direita da Porta Travessa da Sé” actual Rua Augusto Rosa em Lisboa, que anunciava para além do edifício de cariz religioso – a Sé um elemento do mesmo, indicando a sua localização precisa, uma ‘Porta travessa’ . Luís Pastor Macedo (1968) já refere que *“esta serventia era muito antiga (...) tirava o nome da porta travessa do templo”* e terá sido denominada a partir de 1554 apenas por Rua Direita da Porta da Sé<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> Enumeram-se algumas das Ruas Direitas encontradas em épocas distintas na cidade de Lisboa com a sua denominação associada indirectamente a edifícios de cariz religioso, ou seja, o nome designativo ser a do Santo/a a quem é dedicado o edifício de culto: de Santo António; São Martinho; de São Jorge; de São Paulo; de Santa Catarina; de São Vicente; de São João; São José; de Santa Joana; de Santa Marta; de Santa Mónica; de Santo Amaro; de São Francisco; de São Joaquim; de São Pedro; de São Lázaro; das Necessidades – relativa a ermida de Nossa Senhora das Necessidades; etc.

<sup>60</sup> BRITO, J. J. Gomes - As Ruas de Lisboa: Notas para a história das vias públicas lisboenses Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1933.

Existe contudo um conjunto de outros nomes designativos que merecem ser destacados por revelarem, para além de uma localização precisa no espaço urbano, outras demais características do mesmo. É um desses exemplos a associação do elemento “Portas” que corresponderiam às portas de um cerco amuralhado de determinado aglomerado urbano.

São inúmeros os exemplos de aglomerados urbanos na atualidade que providos em tempos de uma cerca amuralhada e hoje se deparam com apenas a existência parcial do perímetro amuralhado ou da ausência das suas “Portas”. Em muitos dos casos estas foram desmanteladas, por motivos variados, sendo mais comuns as razões funcionais exigidas pela necessidade de mobilidade e acessibilidade.

No entanto, mesmo na sua inexistência física, a permanência da toponímia que remete ao elemento urbano desaparecido é por vezes mantida e inclusive anuncia o carácter do espaço urbano onde nos encontramos, ou seja, inseridos ou fora do núcleo amuralhado. Para além desta indicação precisa da localização interior ou exterior do aglomerado urbano amuralhado podem indicar direções específicas mais latas que se revelam a partir do nome próprio dado às mesmas portas, como por exemplo a Rua Direita das Portas da Covilhã, na cidade da Guarda<sup>62</sup>. Aqui a designação da Rua Direita anuncia, para além de uma direcção específica para o exterior, a nossa localização no espaço urbano ou seja, apercebemo-nos através da sua denominação estar inseridos no mesmo e ser encaminhados para o seu exterior com uma indicação prévia de uma direcção até outro aglomerado urbano a Covilhã.

Outros exemplos que por oposição nos localizam pela sua denominação no exterior de um espaço amuralhado são os casos da Rua Direita Fora das Portas de Santa Catarina em Lisboa, ou mesmo da Rua Direita da Porta de Santo Antão da parte da Anunciada<sup>63</sup> também em Lisboa.

Este último exemplo não é tão directo como anterior, dado que para entendermos estar do lado de fora da cerca presume-se ter conhecimento de que a Anunciada se localizada no seu exterior. Mas para além disso “...comunicam-nos ao mesmo tempo que havia outra rua de Santo

---

<sup>61</sup> MACEDO, Luís Pastor de - Lisboa de Lés a Lés : Subsídios para a História das Vias Públicas da Cidade. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. 1940. Vol.1

<sup>62</sup> PEREIRA, José Fernandes – Guarda. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

<sup>63</sup> MACEDO, Luís Pastor de - Lisboa de Lés a Lés: subsídios para a história das vias públicas da Cidade, Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal, 1940. Vol.1 p.96

Antão, como de facto havia e que ficava da parte de dentro da muralha fernandina.”<sup>64</sup> Ainda a título de exemplo, as ruas Rua Direita das Portas de Santa Catarina<sup>65</sup> em Lisboa; (em 1605) Rua Direita Fora das Portas de Santa Catarina<sup>66</sup>; e Rua Direita das Portas do Mar também em Lisboa;



| fig.17 | Prospecto da Face Norte da Rua das Portas de Santa Catarina e da Rua do Chiado, no Terceiro Quartel do século XVI.



| fig.18 | Imagem – Vista Panorâmica da actual Rua Presidente Arriaga, Antiga Rua Direita de Francisco de Paula, onde se destaca de entre o edificado o seu convento.

<sup>64</sup> MACEDO, Luís Pastor de Lisboa de Lés a Lés subsídios para a história das vias públicas da Cidade., Lisboa: Câmara Municipal, 1940. Vol.1 p.96

<sup>65</sup> OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de, *Lisboa de 1551 – Sumário*, Livros Horizonte, Lisboa, 1987

<sup>66</sup> MACEDO, Luís Pastor de Lisboa de Lés a Lés subsídios para a história das vias públicas da Cidade. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal, 1968. Vol.5

## 2.4. Alterada

“Raspe-se a toponímia da rua «conselheiro», a rua «coronel Y», e encontramos várias ruas dos Oleiros, dos Pescadores ou do mercado”<sup>67</sup>



| fig. 19 | Fotografias da Placas Toponímicas das cidades de: 1- Bragança; 2- Barcelos;

Equivalentes ao número de placas toponímicas encontradas com a denominação de Rua Direita nas cidades portuguesas, como já foi referido anteriormente, encontram-se outras tantas onde a Rua Direita se identifica a par de uma outra denominação. Assim sucede a presença da denominação Antiga Rua Direita, no entanto, a situação mais banal é a extinção destas denominações originais em favor de denominações actuais.

A recente toponímia encontra-se relacionada a factos ou personagens relevantes da história geral ou local, de que são os casos exemplos a Rua Direita de Cascais, denominada, actualmente, de Rua Frederico Arouca<sup>68</sup>; ou a Rua Direita de Barcelos, actualmente denominada de Rua Dr. António Barroso<sup>69</sup>.

Percebe-se que a utilização da denominação de Rua Direita caiu em desuso e foi ocultada sobre outras denominações. No entanto, a sua identificação em espaço público nas placas toponímicas ainda é possível, como nos casos anteriores de Cascais e Barcelos, apesar de não ser uma prática corrente a existência de duas denominações em simultâneo.

<sup>67</sup> CARVALHO, Sérgio Luís - Cidades Medievais: Uma introdução ao seu estudo, Lisboa: Livros Horizonte, 1989. p.35

<sup>68</sup> Frederico de Gusmão Correia Arouca (1873-1902) Advogado. Ministro das Obras Públicas, comércio e indústria de António Serpa.

<sup>69</sup> António José de Sousa Barroso (1854 – 1918) Missionário e Bispo do Porto (em exílio desde 1911 por se afirmar em desacordo com Legislação Governamental ).

Presume-se por isso que a denominação de Rua Direita associada a elementos urbanos nas cidades Portuguesas tenha existido em muito maior número do que hoje se consegue identificar.

São muitos os exemplos em que a indicação do antigo nome não vêm explícito nas placas toponímicas, assim o conhecimento da existência da Rua Direita é confirmado através de bibliografia ou cartografia histórica, que remete a um período temporal, quando o elemento urbano foi assim designado.

A proclamação da República Portuguesa em 1910 terá impulsionado algumas mudanças significativas na alteração dos topónimos dos distintos elementos urbanos do espaço público, especialmente aqueles que de algum modo se associavam à monarquia e denotavam um cariz religioso.

Passaram a denominar-se por antropónimos e segundo valores dos novos poderes republicanos, promovendo a existência de espaços com nomes evocativos ou celebrativos do novo regime. Como constatamos na toponímia de inúmeros espaços urbanos das nossas cidades assim designados de Praça ou Rua “da Liberdade”; “da República”; “5 de Outubro”; entre muitos outros.

Também reconhecemos este motivo na alteração da denominação de alguns casos de estudo, como o da antiga Rua Direita de Vila Nova de Gaia, actualmente denominada por “Rua Cândido dos Reis” alusiva ao Almirante Reis<sup>70</sup>; e a antiga Rua Direita do Calvário, na freguesia de Alcântara, que possui hoje a denominação de “Rua Primeiro de Maio<sup>71</sup>”.

Mesmo actualmente a causa e fundamentos, são muito distintos e abrangentes para renomear os espaços urbanos, apesar de regidos por um regulamento próprio. Tem existido nos últimos anos em vários municípios, por parte das autoridades, iniciativas para que as recentes placas toponímicas, a par de uma nova nomenclatura, mantenham também a sua anterior, muito provavelmente com um intuito de conservar tradições e memórias passadas.

---

<sup>70</sup> Carlos Cândido dos Reis (1852 - 1910) Militar. Revolucionário Republicano.

<sup>71</sup> Por deliberação camarária por edital de 7 de Agosto de 1911 é assim denominada, dez meses após a proclamação da República em Portugal, esta tinha a denominação à data de Rua de São Joaquim - A Rua Primeiro de Maio que sagra o Dia Mundial do Trabalho relativo ao (1º de Maio de 1886 e à consagração aos “Mártires de Chicago”) criado no Congresso Operário Internacional de 1889.

Em consequência desta ação deliberada da alteração toponímica ou da sua ausência, entre outras de carácter físico e funcional, o reconhecimento da Rua Direita no espaço físico torna-se por vezes difícil<sup>72</sup>.

Já no século XIX, no caso específico da cidade de Lisboa, surgem vários editais do Governo Civil com o *“objetivo de regularizar a nomenclatura das artérias citadinas no intuito de evitar confusões que a sua distribuição e em muitíssimos casos a repetição de nomes originava”*<sup>73</sup>.

---

<sup>72</sup> Como caso de exemplo a cidade de Lisboa segundo refere a Dr.º Salete Salvado e Dr.º Célia Batalha, na comunicação: *Toponímia: “Notas para o estudo do seu suporte legal”, publicado no livro das 2.ªs jornadas de Toponímia de Lisboa “A designação dos arruamentos de Lisboa teve sempre um carácter “ingénuo” eminentemente pragmático e popular, destinando-se a criar pontos de referência para orientação. Assim, uma igreja, uma casa nobre, o nome ou apelido de ilustres ou não, a alcunha, os pormenores anedóticos as designações profissionais, etc. todo esse vasto universo servia para criar pontos orientadores que o uso consagrava, e, muitas das vezes na sequência do mesmo processo, ia alterando. O primeiro diploma que tratou exclusivamente de matéria toponímica foi a Portaria de 5 de Novembro de 1760, na qual D. José estabelece a nomenclatura dos arruamentos entre a Praça do Comércio e a Praça do Rossio.” ...“Em 1800 surgiu a necessidade de organizar um serviço eficaz de correios e a paralela organização de polícia, o que fez surgir regras de identificação de casas e ruas. De 1836 a 1878 competia ao Governo Civil de Lisboa a denominação das vias públicas. Só em 1878, com o código Administrativo, se entrega à Câmara Municipal a competência para tomar decisões a nível da toponímia. Em 1910 as secções da Câmara referem uma comissão “para a nomenclatura das Ruas”. No entanto, só em 1940 o código Administrativo definiu de forma clara as competências da Câmara nesta matéria sendo em 1943 criada a Comissão Municipal de Toponímia”* CIPRIANO, Isabel, LEAL, J. Paulo - Os cientistas na toponímia de Lisboa. consultado em 2012-01-15, in: [<http://www.spq.pt/>]

<sup>73</sup> MACEDO, Luís Pastor de - Lisboa de Lés a Lés: subsídios para a história das vias públicas da Cidade. Lisboa: Câmara Municipal, 1940. Vol.1 p.181

## A Queda do Termo e Novas Denominações

A alteração ou desaparecimento do topónimo Direita, expressiva entre elementos urbanos designados sob uma Denominação Elementar ou sob uma Denominação Composta.

Em casos onde o elemento urbano se encontra sob uma denominação simples, ou seja de Rua Direita, é habitual encontrarmos actualmente a sua existência como elemento urbano mas com a sua denominação alterada, como são exemplos já referidos de Cascais e Barcelos.

Em casos onde o elemento urbano possuía uma denominação composta, ou seja, com o suplemento de um nome designativo, é comum constatar o desaparecimento do termo Direita, mantendo-se no entanto o seu nome designativo.

Dos exemplos representativos desta situação expõem-se, entre muitos, alguns dos casos existentes em Lisboa, como as actuais toponímias das ruas de São João da Praça; São Paulo; Alcântara; Junqueira; Belém; São José; Santa Marta; do Loreto; das Chagas; Arroios etc., esta última que foi somente alterada por edital de 22 de Agosto de 1881 *“suprimiu-se-lhe o qualificativo de Direita e passou a ser simplesmente Arroios”*<sup>74</sup>.

Apesar de uma maior resistência, um elemento urbano designado sob uma denominação composta pode estar também sujeito a alterações que não implicam só a queda propriamente dita do seu termo Direita, mas sim a alteração do seu suplemento, ou seja do seu nome designativo. A associação a elementos de referência que possam ser “objectos” efémeros, ou mesmo de referência datadas a um espaço temporal muito específico, poderá ser motivo evidente de alterações toponímicas.

É disso exemplo a Rua Direita da Fábrica das Sedas ou a Rua Direita da Patriarcal Queimada, registadas por Filipe Folque no Atlas da Carta Topográfica de Lisboa (1856-1858), hoje denominadas de “Rua da Escola Politécnica”.

Neste exemplo constatamos não somente a supressão do termo Direita mas a alteração do elemento de referência. Este novo topónimo atribuído por Edital do Governo Civil de Lisboa a 1 de

---

<sup>74</sup> MACEDO, Luís Pastor de - Lisboa de Lés a Lés subsídios para a história das vias públicas da Cidade. Lisboa: Câmara Municipal, 1968. Vol.5

Agosto de 1859 determinou que este arruamento, ou seja, estas duas ruas, passassem a ser denominados em conjunto.

Repare-se na seguinte citação a designação de outras denominações atribuídas por Filipe Folque à Rua Direita da Patriarcal Queimada – Rua Direita da Cotovia e Rua do Colégio dos Nobres. Note-se como a mudança de instituições como o Colégio dos Nobres (1766) e a Escola Politécnica (1837), que se sucederam no mesmo edifício, remetem inevitavelmente para uma função de referência datada e conseqüentemente a sua alteração conduziu a uma alteração da denominação da rua.

*“Como conta Norberto Araújo ( «Peregrinações», vol. XI) «Esta artéria, rasgada como larga serventia entre as quintas do Noviciado da Companhia de Jesus e a de D. Rodrigo, fazia a ligação do sítio da Cotovia com o de Campolide, que começava - já o disse - onde veio a ser o Rato. Antes do Terramoto a rua tinha duas designações para cada um dos seus troços: Rua Direita da Fábrica das Sedas até ao Palácio dos Soares (depois Imprensa Nacional), daí para diante até à actual Praça do Rio de Janeiro era Rua do Colégio dos Nobres, designação que sucedeu à de Rua Direita da Cotovia. Em Setembro de 1859 passou toda a artéria a ser Rua da Escola Politécnica» ”.* <sup>75</sup>

A Rua do Limoeiro em Lisboa foi também conseqüentemente alternando o seu nome designativo e, segundo autores como Luís Pastor de Macedo<sup>76</sup>, foi esta denominada ocasionalmente, por Rua Direita do Arco do Limoeiro, Rua Direita do Largo do Limoeiro e posteriormente como Rua Direita do Limoeiro, até se estabilizar com a denominação presente.

Ainda a título de exemplo, como demonstração das numerosas alterações toponímicas associadas a um elemento urbano ao longo de um período temporal, o caso Rua do Loreto, também Lisboa, que desde o século XVI adquiriu várias designações desde uma denominação elementar de Rua Direita; às denominações compostas de: Rua que vai do Loreto para a Calçada do Congro; Rua Direita Fora das Portas de Santa Catarina ou Rua Direita do Loreto.

---

<sup>75</sup> “Rua da Escola Politécnica” consultado em 2012-01-15, in: [- <http://toponimia.cm-lisboa.pt>]

<sup>76</sup> MACEDO, Luís Pastor de - Lisboa de Lés a Lés subsídios para a história das vias públicas da Cidade. Lisboa: Câmara Municipal, 1968. Vol.5

## O Desaparecimento do Elemento Urbano

Anteriormente foram tomados como exemplo casos onde o desaparecimento da nomenclatura não tinha por consequência o desaparecimento do elemento urbano, no entanto este facto também ocorre em certas situações.

Apesar do desaparecimento da toponímia de Rua Direita se justificar pelo desaparecimento da própria rua, este acontecimento na nossa realidade urbana não nos é muito comum, pois num processo de evolução e mesmo de reestruturação urbana é vulgar encontrarmos persistências e permanências dos traçados anteriores.

A reestruturação radical de um tecido acontece em especial por necessidades funcionais e em muitos dos casos, imperiosamente por motivos trágicos como acontece em Lisboa após o Terramoto de 1 de Novembro de 1755. Nestes casos específicos reedifica-se e reestrutura-se a cidade, procurando de alguma forma indicar ao novo espaço uma memória do passado.

Tomam-se como exemplo alguns dos casos de estudo de Ruas Direitas que coexistiram na cidade de Lisboa<sup>77</sup>, inseridas dentro da cerca Moura, durante um mesmo período temporal.

Esta foi uma das zonas da cidade, para além da baixa, que devido ao Terramoto de 1755 fica mais afetada e, em consequência da catástrofe sofreu uma reestruturação intensa da sua forma urbana.

A reconstrução da cidade levou a que fosse efetuada uma reorganização do traçado urbano e mesmo nas simples operações de reperfilamentos de antigos arruamentos se verificou o desaparecimento de algumas das anteriores artérias, que actualmente se reconhecem por estarem inseridas no espaço privado, ou seja, no interior de quarteirões, como é o caso da “Rua Direita do Seminário”.

A “Rua Direita do Seminário” é suprimida na reconstrução da cidade após o Terramoto. Localizava-se na zona alta da cidade e fazia a ligação entre o adro da Igreja de São Bartolomeu, também desaparecida, com a travessa de S. Bartolomeu e Beco da Torre<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> (Estampa III: Rua Direita de Santo António; Rua Direita de São João da Praça; Rua Direita da Porta Travessa da Sé; Rua Direita de São Jorge; Rua Direita de São Martinho; Rua Direita do Seminário.) in: VIEIRA DA SILVA, Augusto - A Cerca Moura de Lisboa: Estudo histórico descritivo. 3ªed. Lisboa: Edição Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1987.

Mesmo nas operações de reperfilamento, o desaparecimento de algumas artérias parece ser inevitável como é o caso da Rua Direita de São Jorge<sup>79</sup> e da Rua Direita de São Martinho. Neste caso específico, os elementos de referência pelos quais se dirigiam ambas as ruas, ou seja, a Igreja de São Jorge e a Igreja de São Martinho terão também sido perdidos. Assim, sob o traçado anterior destas duas ruas surge um novo arruamento a actual Rua do Limoeiro<sup>80</sup>, compreendido entre o Largo do Aljube e o Largo do Limoeiro, com um perfil mais amplo e ajustado e consequentemente denominado a partir de outra referência - o Limoeiro. Esta referência associada a uma espécie vegetal já havia renomeado os “Paços a par de S. Martinho” para “Paços do Limoeiro”<sup>81</sup>



| fig.20 | Gravura Alemã do século XVIII da “Augsburgische Sammlung” exposta no Museu da Cidade – Lisboa.

<sup>78</sup> Denominação actual “Rua da Torre”.

<sup>79</sup> “[...] é designada em 1486 por rua que vay pera Sam Jorge – títulos das escrituras dos prazos foreiros à irmandade dos Clérigos Ricos da caridade, vol. V, fl170, em Anais das Bibl. Arq. E Museus Municipais, ano III, n.ºs 7 a 10 pág.46.] [...] media a rua no seu comprimento 200 palmos (44m), variando a sua largura entre 13 e 23 palmos (2m,86 e 5m,06) – Livro nº17 do Tombo de 1755, fl. 7-v.]” MACEDO, Luís Pastor de - Lisboa de Lés a Lés: subsídios para a história das vias públicas da Cidade. Lisboa: Câmara Municipal, 1968. Vol.5 p.251

<sup>80</sup> Rua do Limoeiro (1805), Rua do Arco do Limoeiro (1812), Rua Direita do Arco do Limoeiro (1815 e 1819), Rua Direita do Largo do Limoeiro (1816) e Rua Direita do Limoeiro (1819 e 1826).

<sup>81</sup> “... Paço do Limoeiro ... em alusão a uma árvore que existia – supõe-se – no local e caracterizava o sítio.” Breve Síntese da História do Limoeiro, consultado em 2012-01-15, in: [- <http://www.cej.mj.pt/>]



### 3. Contextos

A existência dos elementos urbanos com a designação de Rua Direita identificam-se expressivamente e reconhecem-se nas cidades Portuguesas<sup>82</sup>, de tal modo que os poderíamos considerar inumeráveis. Aparecem em aglomerados urbanos tão particulares com uma origem, constituição e desenvolvimento tão diversificada quanto o próprio papel<sup>83</sup> que desempenham no contexto onde se inserem, onde a sua morfologia se apresenta distinta, tal como, as enumeras razões da atribuição da sua designação. Perante esta variedade legível de organização e de configuração procurou identificar-se os contextos de ocorrência da Rua Direita<sup>84</sup> em Portugal Continental.

Ao considerar-se somente o território continental português é possível constatar um número elevado de elementos urbanos que possuem na actualidade<sup>85</sup>, ou possuíram em outros momentos anteriores, a si associada a designação de Rua Direita. Esta quantidade, ainda que indicativa de um número específico de Ruas Direitas, expressa uma existência de natureza distinta em contextos de assentamento diferenciados.

Dos inúmeros aglomerados<sup>86</sup> onde foi identificada a presença do objecto de estudo com a designação de Rua Direita, identifica-se a sua localização em contextos urbanos<sup>87</sup> consolidados, mas também em contextos urbanos de envolvente rural.

---

<sup>82</sup> Apêndice: Inventário

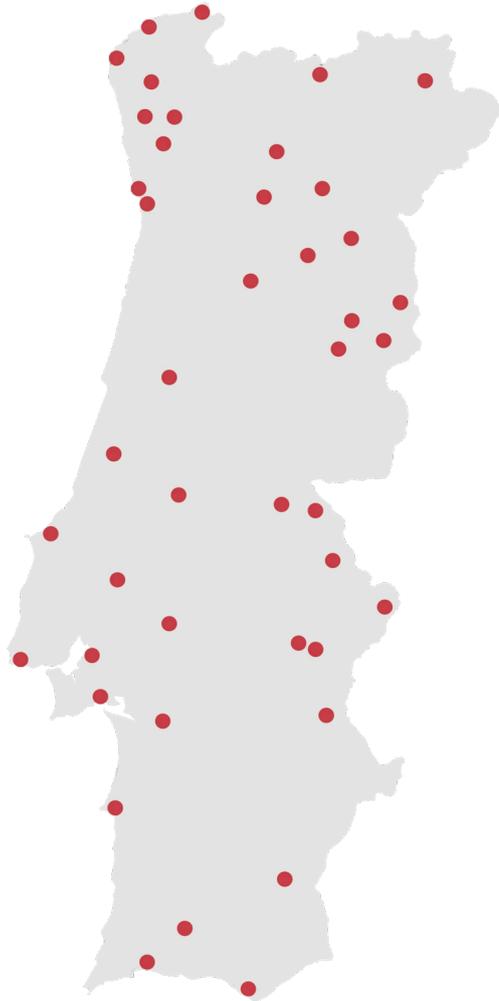
<sup>83</sup> Entendemos por *papel* a função que o elemento urbano desempenha em relação ao contexto onde se encontra inserido.

<sup>84</sup> “ (...) Surgiam os rossios (...) junto a uma porta da muralha (...). O rossio, terreiro ou largo da feira, (...) acompanhados de artesãos, taberneiros e estalajadeiros, organizando gradualmente o comércio diário do arrabalde. (...) Quase sempre dali saía uma rua comercial que o ligava aos elementos urbanos mais importantes da cidade, a matriz, o paço ou o castelo, etc., terminando no terreiro de um destes ou ligando a outra porta da muralha. Desempenhava, de forma mais evidente no último dos casos, o papel de um *cardus* ou *decumanus* do urbanismo romano, pois assumia-se como um verdadeiro eixo estruturador, sempre gerador e fundacional da malha urbana. (...) Podendo adquirir outros nomes de circunstância, por vezes, era (é) esta a Rua DIREITA, normalmente tida como o fórum das cidades portuguesas (...). Com o tempo o conceito confunde-se, sendo normal encontrarem-se mais que uma Rua Direita A na mesma cidade.” ROSSA, Walter - A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o Urbanismo. Coimbra: Almedina, 2002 p. 222-223

<sup>85</sup> Apêndice – Inventário Geral

<sup>86</sup> Entende-se por «aglomerado urbano», em sentido estrito, o núcleo de edificações autorizadas e respectiva área envolvente, possuindo vias públicas pavimentadas e sendo servido por rede de abastecimento domiciliário de água e de drenagem de esgotos. O perímetro do aglomerado urbano é definido pelos pontos, distanciados de 150 metros das vias públicas, onde terminam aquelas infraestruturas urbanísticas.

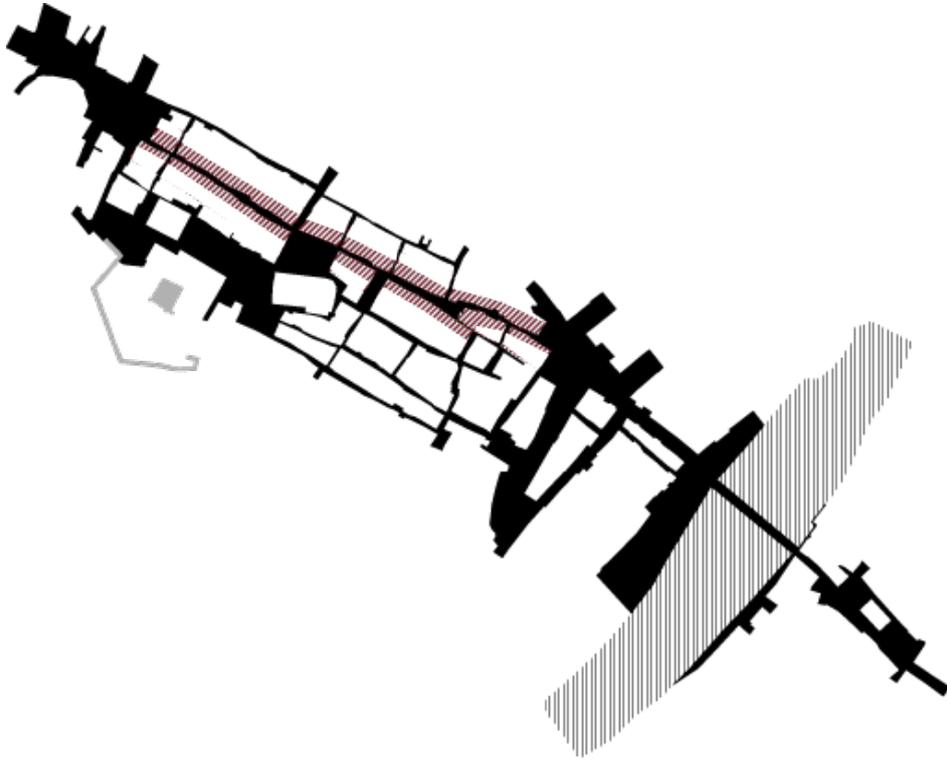
<sup>87</sup> MERLIN, Pierre, CHOAY, Françoise – Dictionaire de l’urbanisme et de l’aménagement. (1<sup>o</sup> ed. 1988) Paris: Presses Universitaires de France 1988 p.908



| fig.21 | Mapa de Portugal Continental com a localização de cidades, vilas e aldeias, onde o elemento urbano "Rua Direita" foi identificado.

Entenda-se como contexto urbano uma área adjacente ao elemento urbano, Rua Direita que naturalmente se encontra inserida num contexto urbano de maior dimensões, ou seja, num aglomerado urbano.

Identifica-se a localização da Rua Direita inserida em contextos de assentamento específicos de aglomerados urbanos que são correspondentes a fazes de evolução distintas dos mesmos. Assim constata-se a sua localização inserida tanto em contextos primordiais, isto é, que correspondendo a áreas urbanas do seu núcleo originário de fundação, como em contextos de expansão, correspondentes a áreas de ampliação posterior à sua fundação inicial e que se desenvolvem por necessidades imperativas de superar carências variadas. Estes contextos urbanos apresentam-se assim com uma natureza muito distinta, tanto morfológica quanto evolutiva, e a Rua Direita pode ser associada tanto à fundação de um núcleo urbano como à expansão, na continuidade de um núcleo pré-existente.



| fig.22 | Planta de localização da Rua Direita e Ortofotomapa da Cidade de Chaves

### 3.1. Contexto Primordial

O mais usual é encontrar-se a Rua Direita em aglomerados urbanos consolidados de pequenas ou médias dimensões inseridas em núcleo primordial, ou seja, em núcleo originário e fundacional de Aldeias, Vilas e Cidades<sup>88</sup>. Neste contexto urbano, o elemento urbano Rua Direita manifesta-se como a artéria fundamental de toda a sua área homogénea adjacente, que corresponde habitualmente à área fundacional do aglomerado urbano.

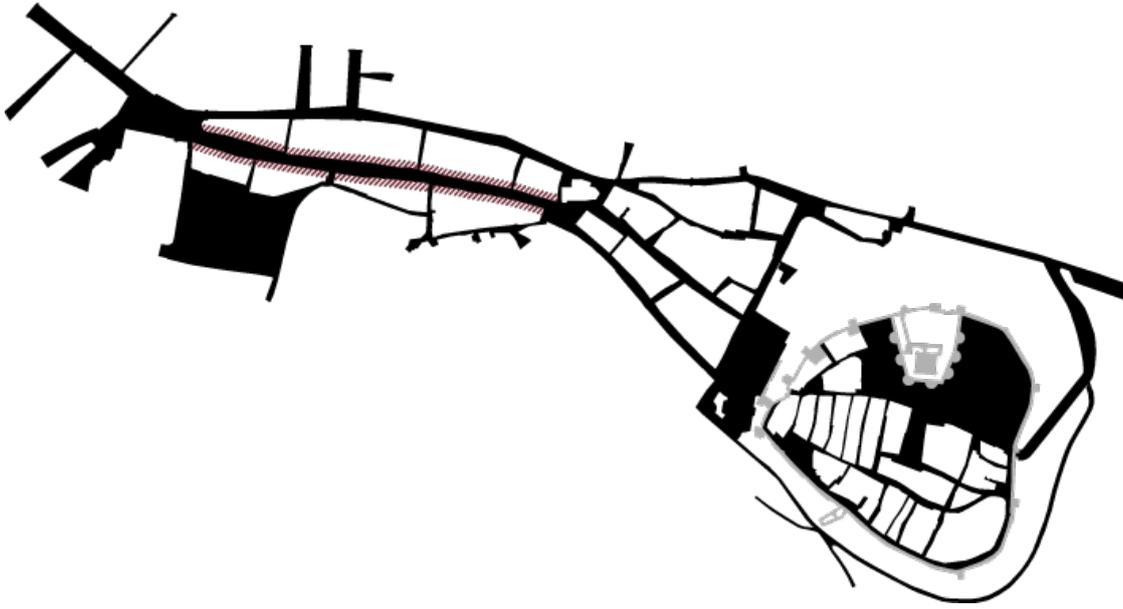
Quando estes núcleos urbanos possuem dimensões reduzidas, o seu tecido coincide com a totalidade do contexto urbano envolvente da Rua Direita, como são exemplificativos os casos de Monsaraz; Óbidos; e Sortelha, que se distinguem relativamente a outros como Castelo de Vide; Chaves; Guarda; e Viseu, cidades que, apesar de possuírem dimensões mais alargadas, também possuem a Rua Direita no seu núcleo urbano fundacional.

Como confirmação da inserção de Ruas Direitas no núcleo primitivo dos núcleos urbanos é a ligação directa que estas estabelecem entre as portas do seu cerco muralhado, facto ainda hoje constatado mesmo na ausência destas estruturas defensivas, assim: em Monsaraz o eixo estrutural que incorpora a Rua Direita estabelece a ligação directa entre a Porta da Vila e a Porta do Castelo; em Óbidos, a Rua Direita estabelece a ligação directa entre a Porta da Vila e a Porta da Alcáçova; em Sortelha, a Rua Direita expressa-se como troço do único eixo essencial existente, que faz a ligação directa entre a Porta da Vila a Nascente e a Porta a Poente; em Castelo de Vide, a Rua Direita estabelece a ligação directa entre a Porta da Vila e a sua Porta oposta; em Chaves, a Rua Direita estabelece a ligação entre a Porta de Baixo, da Couraça ou do Arrabalde, e a Porta do Anjo que se situava na posição oposta e em cota elevada; “... Na Guarda a Rua Direita estendia-se entre a Porta da Covilhã, a sul, e a Porta do Curro, a norte.”<sup>89</sup>; em Viseu, a Rua Direita faria a ligação entre a Porta de São José ou do Cimo da Vila e a Porta do Arrabalde onde se localizava o arrabalde do Arco também conhecido pela Ribeira.

---

<sup>88</sup> Durante o presente estudo o termo Cidade será utilizado em sentido lato para todos os contextos urbanos independentemente da sua categoria administrativa ser inferior, ou seja uma Vila ou Aldeia.

<sup>89</sup> CARVALHO, Sérgio Luís - Cidades Medievais: Uma introdução ao seu estudo, Lisboa: Livros Horizonte, 1989. p.35



| fig.23 | Planta de localização da Rua Direita e Ortofotomapa da Cidade de Bragança

## 3.2. Contexto de Expansão

A Rua Direita em contextos de expansão localiza-se numa área urbana de ampliação de um núcleo fundacional. A sua existência pode remeter-se a uma situação singular, ou seja, uma única ocorrência, mas também pode identificar-se com uma ocorrência múltipla, encontrando-se simultaneamente a existência de diversas Ruas Direitas em expansão de um único núcleo fundacional.

Esta ocorrência múltipla pode estar associada às dimensões do aglomerado urbano em concreto, sendo possível prever a existência de um número elevado de Ruas Direitas de expansão num aglomerado de maiores dimensões.

Nestes casos em que a Rua Direita se encontra associada a contextos urbanos de expansão, aquela possui qualidades idênticas às que tem em núcleos primordiais das cidades, ou seja, quando aquela resulta de uma ação fundacional. São casos exemplificativos desta categoria as Ruas Direitas de Aguiar da Beira, Braga<sup>90</sup>; Bragança, Estremoz, Lamego<sup>91</sup>, Lisboa, Porto, Setúbal<sup>92</sup>, Vila Real entre muitos outros.

Pode concluir-se assim que existem dois contextos específicos onde a Rua Direita se implanta, independentemente de características singulares que estes possuam:

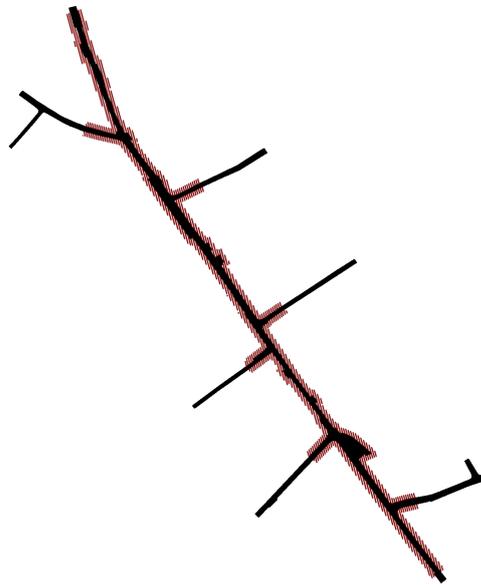
- 1) em contextos urbanos primordiais - habitualmente os núcleos fundacionais das cidades e;
- 2) em contextos urbanos de expansão - habitualmente associados a novas ocupações que são adicionadas a um núcleo urbano pré-existente.

---

<sup>90</sup> Braga – Rua DIREITA dos Maximinos: “Na cidade extra - muros, a permanência das vias e necrópoles de origem romana (...) umas sacralizavam os espaços de enterramento romanos junto da cidade, como parece ser o caso de (...) S. Pedro de Maximinos, esta nas proximidades do anfiteatro.” FONTES, L. MARTINS, M.RIBEIRO, M.C. CARVALHO, H.P. - A cidade de Braga e o seu Território nos Séculos V-VII in: La Ciudades del Mediterráneo p.94

<sup>91</sup> Lamego – Rua DIREITA: “...Em Lamego, encostada à Sé, é apenas o eixo do arrabalde que a partir do século XV, se desenvolveu extramuros na parte baixa e plana da cidade” RIBEIRO, Orlando -A Rua DIREITA de Viseu in: Geographic, Ano IV, Nº16 de Outubro 1968 p.51

<sup>92</sup> Setúbal – Rua DIREITA do Troino: “ A Rua DIREITA do Troino em Setúbal, atravessa de ponta a ponta, o seu animado bairro de pescadores anexo ao núcleo antigo da cidade” RIBEIRO, Orlando - A Rua DIREITA de Viseu in: Geographic, Ano IV, Nº16 de Outubro, 1968. p.51



| fig.24 | Planta de localização da Rua Direita e Ortofotomapa Quinta do Picado – Distrito de Aveiro.

### 3.3. Contexto Rural

A existência de um elemento urbano com a designação de Rua Direita também ocorre em áreas urbanas de envolvente rural. Estas resumem-se a um assentamento linear que é intervalado por um vasto território de clara predominância agrícola. Nestas situações a Rua Direita assume-se, na maioria das vezes, como elemento urbano que revela características, correspondendo a sua extensão à própria existência do espaço urbano<sup>93</sup>.

Consideramos que nestes Lugares a Rua Direita revela a sua natureza de elemento urbano ordinário de circulação, existindo inicialmente como caminho que se vai edificando e densificando num processo longo, até se metamorfosear numa rua<sup>94</sup>. Esta é designada de Rua Direita em consequência de ser constituída através de uma intencionalidade prévia, sob uma direcção objectiva para determinado lugar, tido como referencial.

São exemplo desta realidade os casos encontrados nos povoados de Aradas, Quinta do Picado, Quintãs, Salgueiro, Fontão, Costa do Valado, Póvoa do Valado, Vessada e Nariz, localizados no Distrito de Aveiro.

---

<sup>93</sup> "Muitos dos Aglomerados Urbanos portugueses tiveram a sua génese numa via, sendo muitos deles pouco mais que urbes com umas dezenas de metros de largo e quilómetros de comprido, com poucos e mal definidos largos, devendo-se, em grande parte, a tudo isto o traçado tortuoso dessa rua." ROSSA, Walter - A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o Urbanismo. Coimbra: Almedina, 2002. p.222

<sup>94</sup> "Matrix route (Percurso matrice): A route crossing through the territory to connect two poles in the most direct way. Due to the presence of natural obstacles, it almost never has a linear development." MARZOT, Nicola – Critical Glossary in: CANIGGIA, Gianfranco, MAFFEI Gian Luige – Architectural Composition and Building Typology: Interpreting Basic Building. Firenze: Alinea Editrice 2001. p.243



## 4. Génese. Morfologia. Modelo

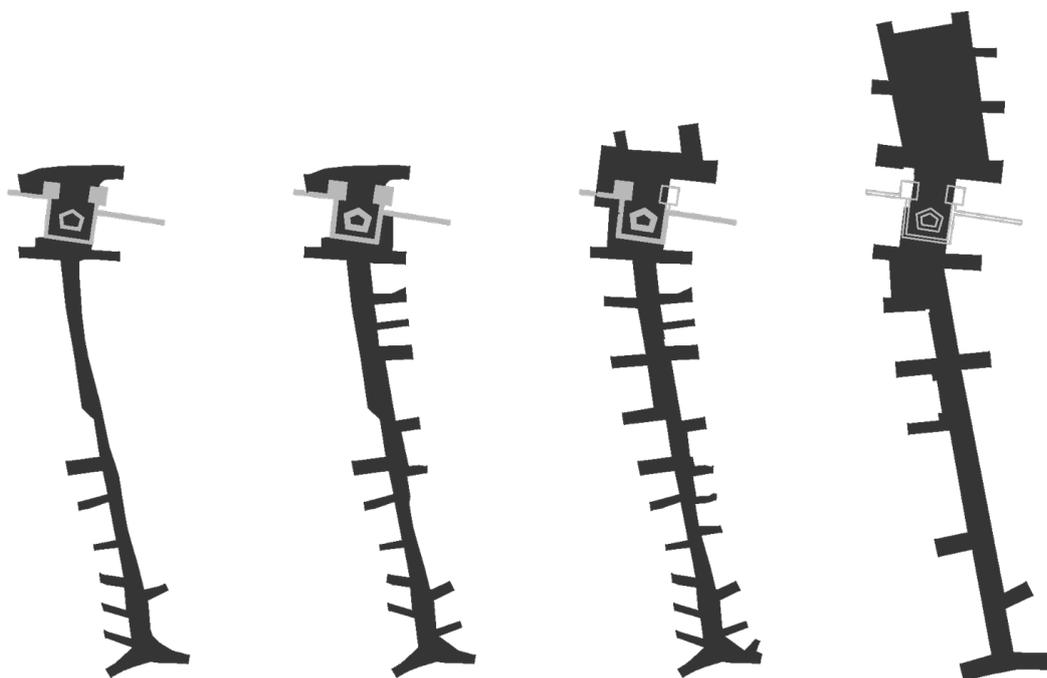
### 4.1. Acção Fundacional

Entende-se que a acção levada a cabo pelo elemento urbano pode ser uma acção fundacional de assentamento, interpretada como natural ou pré-concebida ou como uma acção planeada. Em todos os casos a Rua Direita projecta-se como uma acção fundacional de constituição de novo tecido edificado independentemente do contexto urbano onde este se localiza. Esta mesma acção fundacional pode ser determinada pelas singularidades e pelas particularidades ou pelas necessidades específicas do processo evolutivo de cada cidade.

No entanto, em contextos primordiais é recorrente que o estabelecimento da Rua Direita se assuma com uma postura evidente de constituição de um tecido, ou seja, de constituição de uma área homogénea a si contígua. Já em contextos urbanos de expansão, a Rua Direita assume claramente uma posição de ampliação de um tecido edificado anterior à sua concepção, ou seja, como artéria que detém uma importância estruturante no desenvolvimento de um núcleo pré-existente, sem prejuízo da constituição posterior de uma área homogénea envolvente ao elemento urbano.

A justaposição de uma nova área urbana estruturada pela extensão ou por uma nova Rua Direita apresenta-se sempre como uma acção fundacional racionalizada, ou seja subordinada a um conceito pré-estabelecido, que poderá contudo ser produto de uma composição desenhada. Este desenho poderá definir regras distintas, como sejam as dimensões dos perfis transversais, o alinhamento do edificado, o desenho do seu traçado e este, para além de definir o elemento urbano em si, poderá definir também toda uma área envolvente ao eixo estruturante.

A acção fundacional entende-se como génese do assentamento ou estabelecimento, tanto do elemento urbano como do próprio tecido, mas nem sempre coincidirá a génese da Rua Direita com a génese do tecido. O facto da Rua Direita ter por origem uma acção fundacional pré-estabelecida, ou planeada com base em desenhos formais, não impede que o seu estabelecimento possa estar localizado num tecido orgânico de génese fundacional diferenciada.



| fig.25 | Esquema ilustrativo da evolução de alinhamentos da Rua Direita de Santa Catarina, actual Rua Garret. (século XVI e XV – Rua da Cidade e Rua Direita das Portas de Santa Catarina, XXI Rua Garret)

## 4.2. Forma

Existe uma diversidade formal que se encontra na disposição geral do elemento urbano Rua Direita, independentemente do contexto urbano onde se insere ser um tecido de desenvolvimento orgânico ou ser um tecido resultante de um plano preconcebido.

Em tecidos de desenvolvimento orgânico encontra-se tanto a Rua Direita com um traçado regularizado de forma rectilínea, como com um traçado irregular, assumindo formas sinuosas ou curvas, podendo, em ambos os casos, revelar-se com uma origem natural geomórfica ou planeada.

Tome-se como caso exemplificativo as antigas Ruas Direita da Esperança e a Rua Direita do Marquês de Abrantes, pertencentes à freguesia de Santos-o-Velho em Lisboa, ambas sobre um tecido de desenvolvimento orgânico. No entanto, a Rua Direita da Esperança manifesta-se com um traçado irregular, ou seja de forma sinuosa, em oposição à Rua Direita do Marquês de Abrantes que possui uma forma rectilínea intencionado, ou seja, sob uma acção claramente planeada.

Tal como os tecidos de desenvolvimento orgânico, a Rua Direita pode ser produzida sobre caminhos rurais, que se adaptam a uma topografia diversificada e que evoluíram e se sedimentaram como vias urbanas durante um longo período de tempo. Estes caminhos rurais urbanizados paulatinamente terão sido em tempos passados percursos viários preferenciais de deslocações entre distintos lugares povoados e ou locais de referência.

O benefício de reedificar sobre pré-existências<sup>95</sup>, aproveitando alinhamentos ou direcções de traçados de vias urbanas antecessoras, permite aproveitar qualidades que se identificam na própria concepção da Rua Direita quando produzida de novo.

Num contexto urbano inserido em tecido de desenvolvimento orgânico é normal que a Rua Direita se apresente com um traçado irregular e de formas sinuosas ou curva, resultado de condicionantes e pré-existências variadas. No entanto, a forma irregular do seu traçado e todas as demais condicionantes de entre os quais a topografia, não são impeditivas do elemento urbano se

---

<sup>95</sup> "On a pre-existing route joining two poles, building marginally forms at one pole or in an in-between node. The former case is that of the afore-examined hamlet, whose polarity is identified above all by the existence of St Peter's Gate and building development commenced from it, gradually sprawling along the route. When the route precedes building, I shall refer to building matrix route and building along the matrix route. A matrix route takes its own course regardless of buildings lining it." CANIGGIA, Gianfranco, MAFFEI Gian Luigi – Architectural Composition and Building Typology: Interpreting Basic Building. Firenze: Alinea Editrice 2001. p.127

desenvolver sempre na união directa entre espaços privilegiados. E estes princípios, não conduzem exclusivamente a uma confirmação irregular, pois sempre que as condicionantes do lugar o permitam, a Rua Direita, desenvolve-se segundo um traçado de configuração rectilínea entre os seus dois extremos referenciais e geradora de uma malha regular, que possivelmente, pode tal como a rua, apresentar-se deformada relativamente a uma concepção abstracta do arruamento.

A base de traçado pré-existente de uma artéria anteriormente existente pode inclusive possuir já uma configuração regularizada ou mesmo ortogonal. Tal acontece em aglomerados de fundação romana, onde o traçado regular de matriz romana poderá ser reconhecido e nem sempre se encontrar completamente metamorfoseado. A Rua Direita poderá ter-se estabilizado sobre o traçado pré existente de um Decumano (orientação leste - oeste) ou um Cardo (orientação norte-sul), sedimentando-se consequentemente na orientação do eixo e mantendo a essência formal e rectilínea da rua. No entanto, entende-se que como consequência dos processos de evolução urbana e adversidades no decurso de um tempo longo, pode originar-se a alteração do seu traçado assumindo uma configuração irregular particularmente quando se verifica a sobreposição de culturas distintas nesse mesmo espaço, culturas que inclusive previam perspectivas distintas sobre o papel de rua e do espaço público em geral.

Medidas as distâncias, pode realçar-se as afinidades da Rua Direita da cidade portuguesa medieval e do Cardo Maximus nas cidades romanas, particularmente como vias que servem como "Centro" de vida económica, como vias de comunicação principal e como suporte e estabelecimento de diversas actividades, em especial ligadas ao comércio. No entanto, a Rua Direita nunca teve uma transversal que com ela rivalize-se, como tal nunca se expressou numa tensão cruciforme mas apenas linear. Exemplos: Rua Direita de Chaves e Rua Direita de Viseu.

Ainda as afinidades da Rua Direita da cidade portuguesa medieval com o souk das cidades islâmicas "Da origem etimológica e funcional de açougue, evocando um mercado coberto localizando-se ao longo dum percurso central, parece delinear-se uma componente fundamental para o surgimento da rua direita, no urbanismo medieval das cidades portuguesas." <sup>96</sup>

Considera-se que a produção da Rua Direita envolve sempre uma pré-concepção<sup>97</sup>. No entanto, a sua produção formal nem sempre é desenhada, ou seja submetida a um plano ou

---

<sup>96</sup> CARTITA, Helder – Lisboa Manuelina: e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495 – 1521). Lisboa: Livros Horizonte. 1999. p.24

<sup>97</sup> Pré – Concepção - Ideia que se forma antecipadamente.

projecto. Esta pré-concepção da rua estaria presente em muitas das vilas medievais portuguesas<sup>98</sup>, integrada na própria ideia de composição do seu traçado geral, que compreenderia uma rua principal “Direita” de designação, e outras ruas transversais perpendiculares aquela pressupondo-se que no desenvolvimento do tecido do núcleo urbano pudesse considerar outras ruas paralelas à mesma.

A existência de Ruas Direitas em tecidos de desenvolvimento orgânico não pressupõe que estas possuam um traçado de forma irregular, nem sequer que estas não tenham sido produzidas a partir de uma ideia pré-estabelecida, como acima referido.

A Rua Direita produzida por plano pré-concebido, que pressupõe um desenho formal e se traduz num traçado de forma regular, pode contudo existir sobre traçados de desenvolvimento orgânico e apesar disso, apresentar-se com uma forma de traçado rectilínea. Este modo de produção acontece em processos de “rasgamento” que, para resultar numa forma tão rígida, pode implicar a demolição de elementos pré-existentes.<sup>99</sup> Exemplos: Rua Direita do Conde de Pombeiro – Freguesia dos Anjos - Lisboa; Rua Direita do Marquês de Abrantes – Freguesia de Santos-o-Velho - Lisboa.

Em traçados planeados de raiz, o assentamento da Rua Direita, ou seja o seu estabelecimento, está evidentemente integrado numa concepção global.

Neste caso, prevê-se explicitamente a concepção formal do modelo urbanístico no qual está integrada a Rua Direita, tanto no que respeita à produção do elemento, como à produção do conjunto onde esta se insere.

Este “modelo teórico” considera-se apurado a partir da análise interpretativa feita a uma área homogénea onde a Rua Direita se reconhece. A construção de um modelo teórico abstracto é composto por distintas partes que constituem tanto o assentamento da Rua Direita, quando pré-concebido como quando planeado, e se pode aplicar tanto nas cidades do continente como nas

---

<sup>98</sup> Vilas Medievais Planeadas - Caminha, Cedovim, Chaves, Valença, Aguiar da Beira, Almeida, Castelo de Vide, Estremoz, Monsaraz.

<sup>99</sup> “Nas cidades e vilas de planta irregular tendem a formar-se, ou por um plano que orientou a construção ou por demolições sucessivas, um eixo do mesmo tipo. Nas vilas e povoações de planta regular, sempre uma das ruas constitui o seu principal eixo de circulação; como por aí passa o maior número de pessoas, nele se localiza também grande parte do comércio organizam-se assim, segundo um eixo mais importante”. RIBEIRO, Orlando - A Rua DIREITA de Viseu in: Geographica, ano IV, nº 16 Outubro 1968. p.51

cidades de expansão portuguesa, configurando assim uma matriz de organização de tecido urbano de fundação Portuguesa.

O modelo linear <sup>100</sup>, assinalado por alguns autores, verifica-se quando uma área homogénea legível é constituída a partir da Rua Direita, que fará a ligação de dois espaços de carácter excepcional. A Rua Direita manifesta-se como um eixo central de onde emergem travessas perpendiculares que a intersectam em alinhamentos, ora contínuos ora descontínuos, e fazem posteriormente a união com outras ruas a si paralelas, com um carácter hierárquico inferior, ou seja, secundário em relação à Rua Direita.

Conclui-se assim, que na sua génese a Rua Direita terá sempre traduzido o conceito de rua "Directa", ajustado no entanto a condicionantes variadas. Num processo temporal longo admitimos que a sua forma irregular mesmo determinada por condicionantes, conseguiu sempre traduzir, um sentido de direcção evidente e a Rua Direita evidenciou-se sempre como um elemento urbano articulador e estruturador de uma área afectada.

Em circunstâncias mais vantajosas, em que os condicionantes influenciaram menos o traçado do novo elemento urbano a Rua Direita conseguiu desenvolver-se formalmente, de modo que a sua forma rectilínea se evidenciou mais claramente

Entre as cidades portuguesas de origem romana Évora e Braga apresentam-se como casos sobre as quais se possui um conhecimento que permite uma reconstituição do seu traçado à época Romana, por oposição, sobre Chaves e Viseu as informações disponíveis não permitam essa conjectura, apesar dos estudos arqueológicos existentes.

Nas figuras seguintes é representada em esquema a localização das Ruas Direitas constatadas no traçado actual da cidade de Évora e de Braga, sobreposto aquele que se supõe ter sido a malha do traçado urbano, respectivamente de Eborac Liberalitas Júlia e Bracara Augusta. Averiguamos nestes dois casos de estudo a possibilidade de verificar algumas características dos anteriores alinhamentos de traçado urbano terem permanecido no presente elemento urbano.

Em Évora é identificada a existência de três Ruas Direitas: a Rua Ancha, a Rua Direita da Mouraria e a Rua Direita da Judiaria.

---

<sup>100</sup> FERNANDES, José Manuel - O Funchal e o Urbanismo de Raiz Portuguesa no Atlântico: Estudo Comparativo e de Enquadramento Histórico. Funchal: Estrutural. 1989. p.250



| fig.26 | Esquema representativo da Malha actual da Cidade de Évora, sobreposta pelo traçado de Eborā Liberalitas Julia, com localização das respectivas ruas; Rua Direita – Rua Ancha a Norte; Rua Direita da Judiaria a Oeste; e Rua Direita da Mouraria a Este.

As Ruas Direitas da Mouraria e Judiaria podem excluir-se desta análise, por serem datadas de uma época posterior e resultado de uma génese diferenciada, associada ao assentamento de bairros residências para albergar determinada tipo de população.

No entanto, as Ruas Direitas são identificadas numa posição limítrofe em relação a aquele que terá sido o seu núcleo amuralhado primordial.

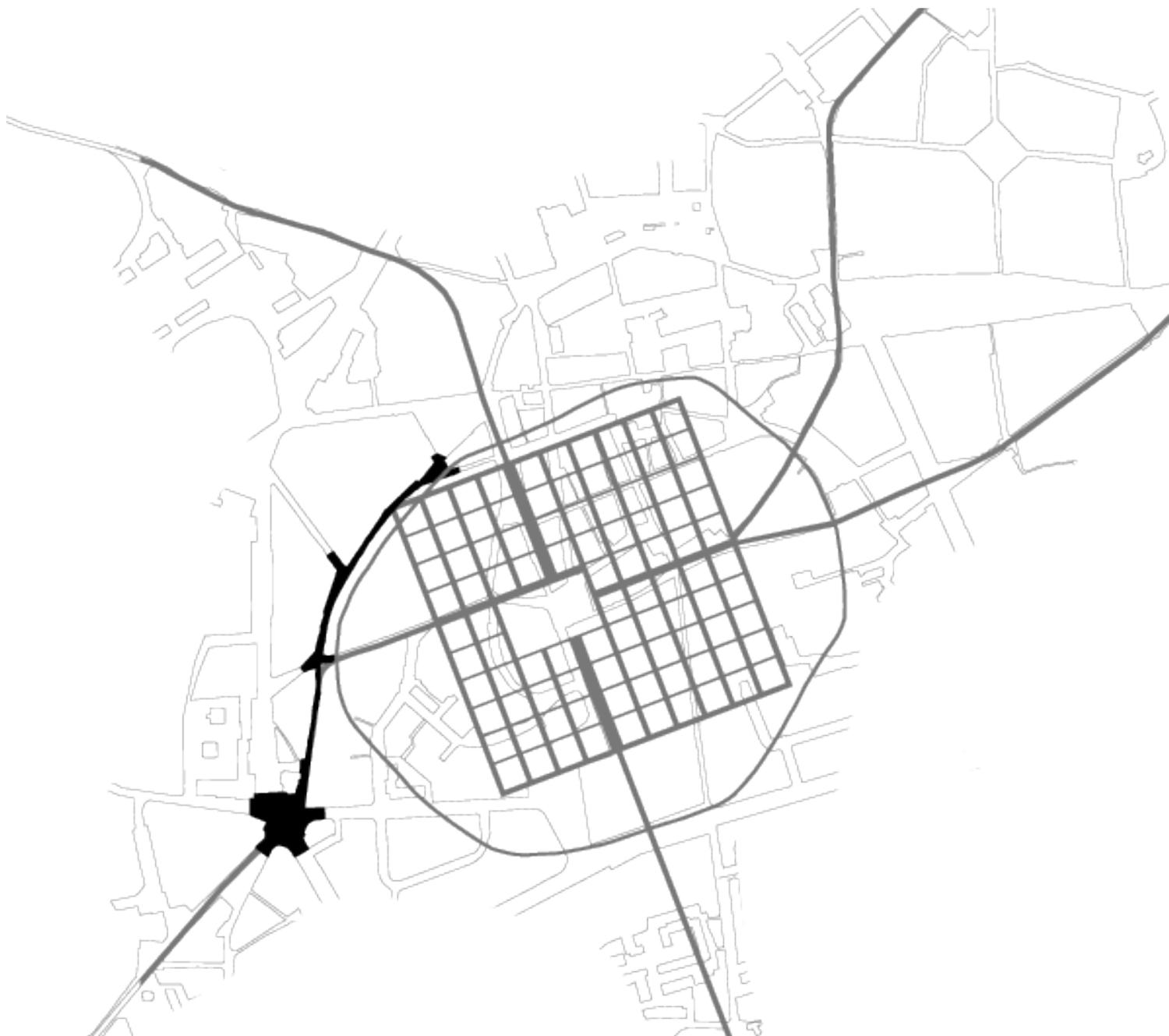
Assim, das três Ruas Direitas identificadas, a Rua Ancha, que também se encontra em posição exterior mas confinante com o perímetro amuralhado da época romana, é a única que se pode examinar com a possibilidade de ser o resultado da persistência do anterior traçado, considerando que existiram deformações significativas ao longo do tempo. As ruas Direitas da Mouraria e da Judiaria consolidam-se em época posterior e salientam a sua posição periférica, localizadas em áreas de arrabalde, onde o tecido, apesar de segregado, é próximo das principais vias de acesso da cidade que permaneceram como tal até a actualidade.

O caso da Rua Direita dos Maximinos, em Braga, também não se identifica com um traçado geometrizado da antiga Bracara Augusta, sendo a rua a forma do seu traçado é curva. Sobrepondo a forma do que se supõe terem sido os seus limites amuralhados, a Rua Direita remete para uma via exterior à mesma cerca, e a sua localização e configuração assemelham-se a um caminho de ronda exterior.

Apresentam-se dois exemplos na cidade de Lisboa onde se conseguem visualizar processos de transformação e formação distintos do traçado de Ruas Direitas.

No primeiro caso, situado em área intramuralhas, visualizamos a transformação de traçado que era estruturante anteriormente à catástrofe de 1955, pelo eixo composto por várias Ruas Direitas, que se desenvolveu desde as Portas do Ferro até às Portas do Sol.

Destacamos neste caso o alinhamento geral do eixo como persistência do anterior traçado, apesar do mesmo alterar uma substancial alteração do seu perfil transversal e das frentes edificadas se disporem num alinhamento mais regularizado.



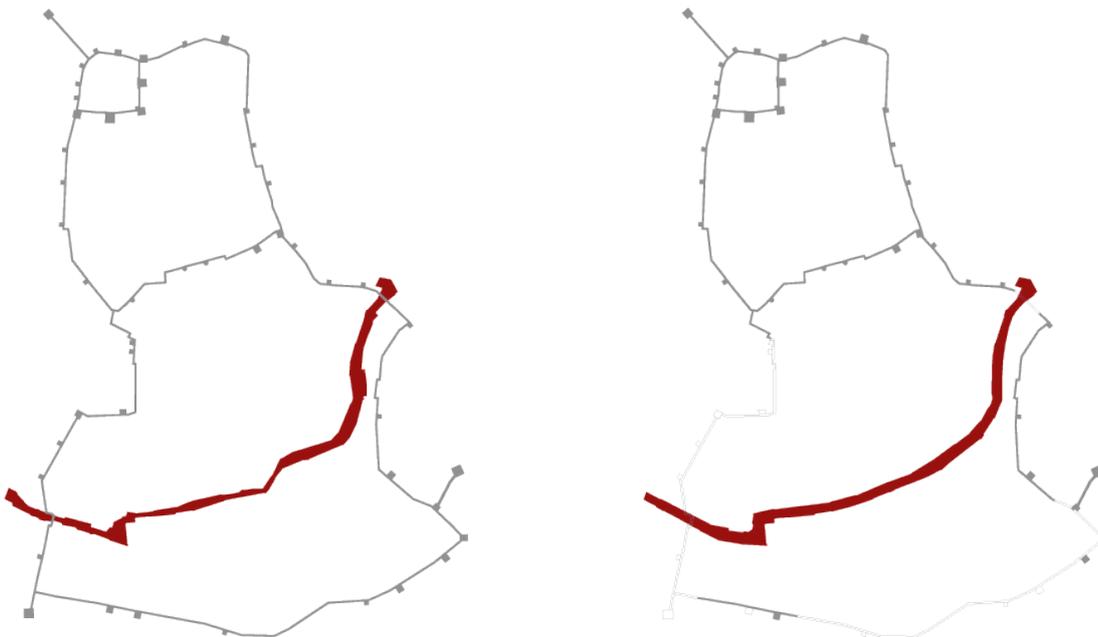
| fig.27 | Esquema representativo da Malha actual da Cidade de Braga, sobreposta pelo traçado de Bracara Augusta, com localização da Rua Direita dos Maximinos.

Apresentam-se dois exemplos na cidade de Lisboa onde se conseguem visualizar processos de transformação e formação distintos do traçado de Ruas Direitas.

No primeiro caso, situado em área intramuralhas, visualizamos a transformação de traçado que era estruturante anteriormente à catástrofe de 1755, pelo eixo composto por várias Ruas Direitas, que se desenvolveu desde as Portas do Ferro até às Portas do Sol.

Destacamos neste caso o alinhamento geral do eixo como persistência do anterior traçado, apesar do mesmo alterar uma substancial alteração do seu perfil transversal e das frentes edificadas se disporem num alinhamento mais regularizado.

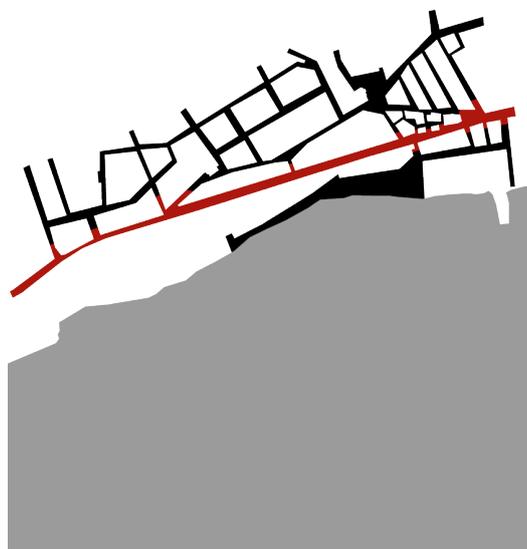
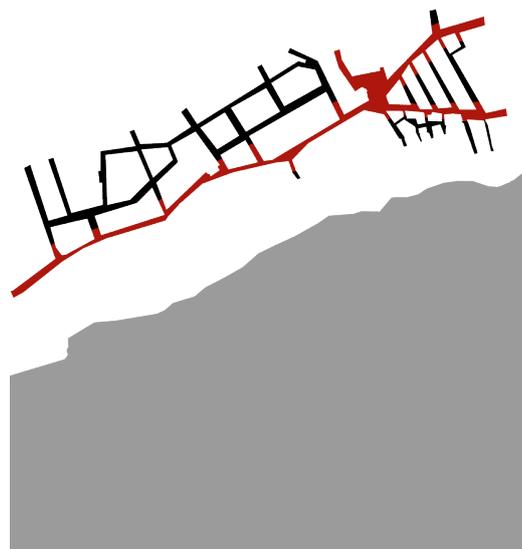
O segundo caso situa-se na freguesia de Santos-o-Velho. Neste, destacamos a formação sobre um mesmo tecido, de desenvolvimento orgânico, de duas Ruas Direitas com configurações distintas. A Rua Direita da Esperança, com uma configuração sinuosa associada a uma acção fundacional natural em contraste com a Rua Direita do Marques de Abrantes. Esta rua, associada a uma acção fundacional planeada cuja razão de existência está ligada à substituição de uma anterior artéria, foi posteriormente redesenhada com uma configuração mais rectilínea.



| fig.28 | Esquema ilustrativo do eixo contínuo composto por várias Ruas Direitas sequenciais. A sua composição e alinhamentos anteriores ao Terramoto de 1755 e após o m



| fig.29 | Fotografias da actual Rua da Esperança antiga Direita da Esperança e da Rua Calçada de Abrantes antiga Rua Direita do Marques de Abrantes. (Fotografia do Autor)



| fig.30 | Esquema representativo da Evolução da área Santos-o-Velho em Lisboa, inicialmente organizado pela Rua Direita da Esperança com um traçado sinuosa e posteriormente pela Rua Direita do Marques de Abrantes com um traçado rectilíneo, até à situação actual.

### 4.3. Modelo

A Rua Direita prefigura-se num desenho conceptual constituído por um eixo principal contínuo de ligação entre dois pontos, que é intersectado perpendicularmente, ao longo do seu desenvolvimento, por eixos transversais de menor dimensão, denominados por “Travessas”, modelo que frequentemente é designado de “Espinha”<sup>101</sup>. No entanto, os eixos transversais não apresentam obrigatoriamente um alinhamento contínuo, podendo ser eventualmente intersectadas por outros eixos secundários que se desenvolvem paralelamente à Rua Direita.

O eixo principal, correspondente à Rua Direita, é ainda marcado por espaços públicos de dimensões variadas que ao eixo se firmam em posições claramente específicas, principio, meio e fim, sendo estes responsáveis por transportarem para o percurso do eixo um ritmo e cadência singular, que em contexto real correspondem a elementos urbanos excepcionais.

Assim, se concebe a imagem de um desenho que, transposto para a realidade urbana, se projecta sob um traçado regular hierarquizado, onde a Rua Direita se destaca como eixo principal, cruzado por travessas que conseqüentemente fazem a ligação a ruas paralelas, com uma hierarquia marcadamente secundária.

No seu percurso, em posições distintas, a Rua Direita é assim intercalada ou associada a espaços excepcionais. Os espaços normalmente definidos são os Largos ou Terreiros e as Praças, sendo que, os primeiros tomam uma posição central ao eixo da rua e localizam-se habitualmente nos seus extremos, associados às portas da vila ou do castelo, e a sua forma resulta de uma consolidação ao longo do tempo, possuindo muitas das vezes configurações irregulares. Já as Praças localizam-se habitualmente a meio do seu percurso, são normalmente detentoras de formas mais regulares e agregam-se lateralmente à rua.

Estes espaços excepcionais, Largos, Terreiros e Praças possuem uma natureza própria apoiada com no edificado que acolhem, assim como nas funções e usos que os mesmos suportam.

---

<sup>101</sup> “Les éléments matériels. (...) Tantôt c’est la grande route, qui pouvait préexister à la cité; tantôt c’est une rue tracée pour des raisons de commodité ou d’esthétique et qui devient à son tour génératrice d’autres rues; (...) est celle où une seule rue traverse l’agglomération, qui peut parfois s’étendre sur plusieurs kilomètres; (...) Toutefois l’action normale d’une route est de faire naître des voies qui lui sont perpendiculaires (transversales) et de les relier par de vois parallèles (longitudinales). (...) Le plan ne se compose alors que d’une grande rue et de petites transversales, qui débouchent sur elle à droite et à gauche; les desin general rapelle d’une arête de poisson.” LAVEDAN, Pierre - Géographie des Villes, Gallimard, 1959, 1<sup>o</sup> ed. 1936. p.95-96

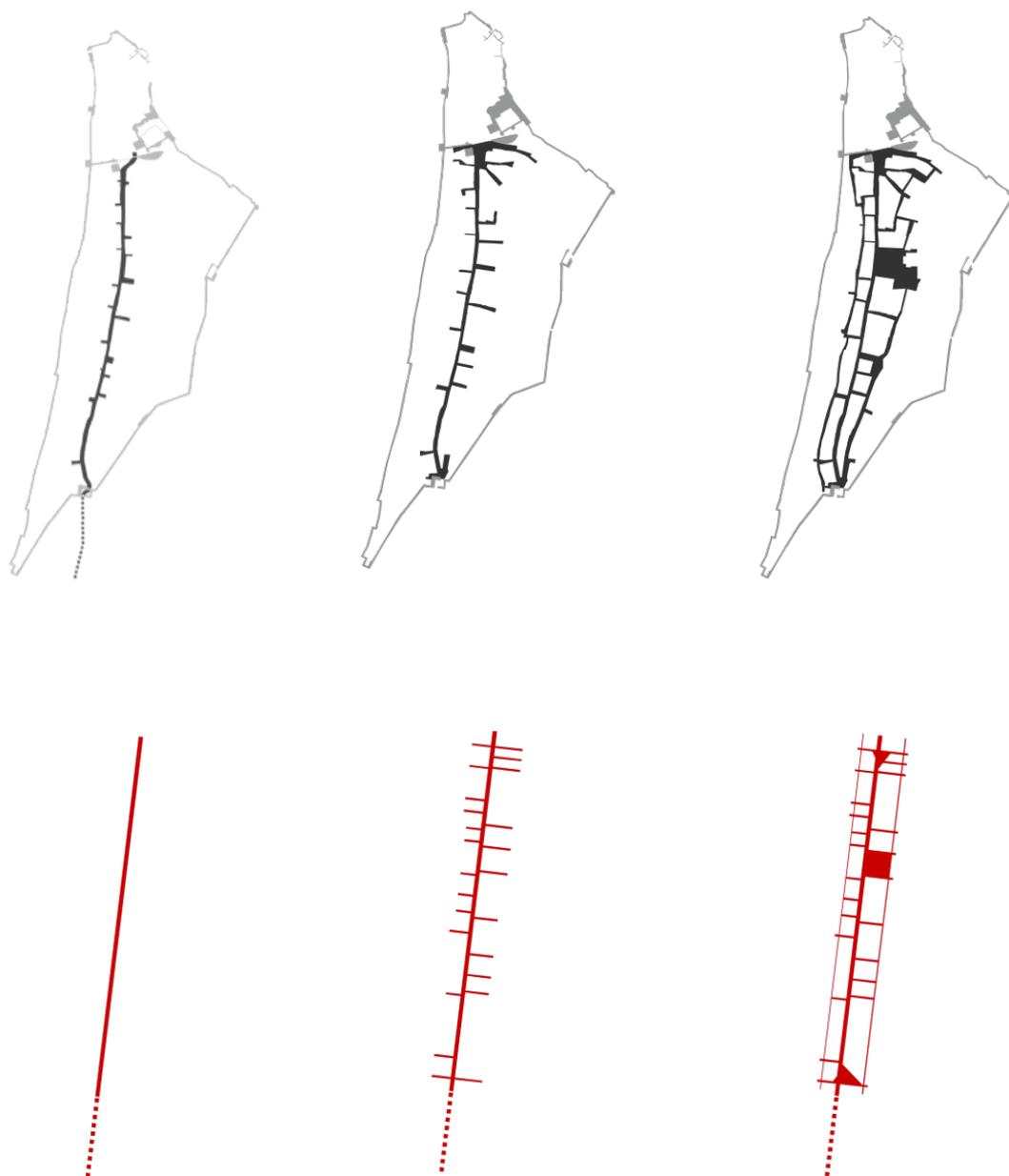
Nesta ordem de ideias encontram-se Largos com funções de Adro de uma Igreja ou Capela aí situada, Terreiros que existem a par de actividades comerciais e Praças onde se instala o conjunto dos poderes institucionais da urbe. Estes espaços urbanos e a natureza própria de cada um apresenta-se distinta da natureza da própria Rua Direita, que mesmo apresentando um carácter misto, incorpora especialmente as funções de habitação e comércio. No entanto, pela contiguidade que estes espaços excepcionais têm com a Rua Direita entendemos, que decerta forma, a natureza destes espaços seja por vezes transferida, especialmente para os troços da rua que a eles se justapõem, resultando por isso em particularizações funcionais de partes da rua.

Esta conceptualização do eixo desenho conceptual do modelo urbanístico associado à Rua Direita é percebido através de casos de estudo muito diversificados que, por estarem submetidos a topografias adversas dos lugares de assentamento, não correspondem com rigor a um desenho capaz de se identificar como formalmente regular. No entanto, tal não quer dizer que o modelo não seja perceptível.

"O traçado de Monsaraz é de uma grande regularidade, tanto mais impressionante quanto ela se inscreve numa topografia acidentada, propícia ao desenvolvimento de ruas tortuosas. Uma via principal, a Rua Direita, leva depois de uma flexão inicial, directamente da grande porta da muralha, situada a norte, à praça onde se situa a igreja o tribunal bem como o castelo. Paralela àquela, outra rua, também central, que atravessa a povoação desde a porta quase à outra extremidade. Por fim, temos as componentes que cortam as primeiras segundo ângulos próximos de 90°, formando blocos rectangulares ou trapezoidais de edifícios. Parece, portanto, estarmos em presença dum aglomerado cujo traçado foi previamente concebido"<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> RIBEIRO, Orlando - A Morfologia Urbana de Padrão Geométrico in: FINISTERRA Revista Portuguesa de Geografia VOLUME IV, Nº 8, 1969. p. 209-210



| fig.31 | Esquema do Modelo Conceptual associado ao elemento urbano Rua Direita através de um caso singular de Óbidos. O epíteto "Espinha de Peixe".



## 5. Ocorrência

“Mais interessante é quando verificamos que a dinâmica urbana levou a que uma artéria preexistente se desenvolvesse ou fosse criada para assumir preponderância, surgindo assim outra Rua Direita.”<sup>103</sup>

Entende-se por ocorrências, o número de vezes que a Rua Direita aparece assim designada em determinado contexto. Identifica-se que o número de ocorrência de elementos com esta designação de Rua Direita associada a um determinado contexto urbano é variável<sup>104</sup>. Entende-se que este número de ocorrências se encontra interligado com a dinâmica de crescimento a que cada contexto urbano individualmente se encontra submetido ao longo do tempo.

Num abundante número de cidades portuguesas a Rua Direita é identificada apenas com uma única ocorrência, ou seja, uma existência singular, mas também se encontram outros casos de estudo onde a sua existência se multiplica, ou seja, onde a ocorrência de elementos urbanos com esta designação se duplica ou se repete em distintos contextos do mesmo aglomerado urbano.

É através da existência simultânea de várias ruas direitas que num mesmo e único contexto, é possível verificar que um conjunto diversificado de elementos, apesar de possuídores de uma designação idêntica, se revelam com génese diferenciada.

Inventariou-se este fenómeno de ocorrência múltipla com revelo em dois espaços urbanos diferenciados, em núcleos urbanos consolidados e numa extensa área urbana de envolvimento rural.

---

<sup>103</sup> ROSSA, Walter - A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o Urbanismo. Coimbra: Almedina, 2002. p. 223

<sup>104</sup> Anexos – Inventário



| fig.32 | Fotografias de Ruas Direitas 1.Monsaraz ; 2.Óbidos; 3.Barcelos; 4.Coimbra; 5.Chaves;  
6.Viseu; 7.Bragança; 8.Vila Real.

## 5.1. Ocorrência Única

A Rua Direita ocorre geralmente apenas uma única vez em aglomerados urbanos que possuem dimensões reduzidas ou médias, a par de uma dinâmica de evolução pouco significativa ou estabelecida através de uma sedimentação consistente.

Nestes casos a localização preferencial da Rua Direita encontra-se no núcleo primordial do aglomerado. São exemplos desta ocorrência única os casos de Sortelha, Óbidos, Meda, Monsaraz, Viseu, Guarda entre outros.

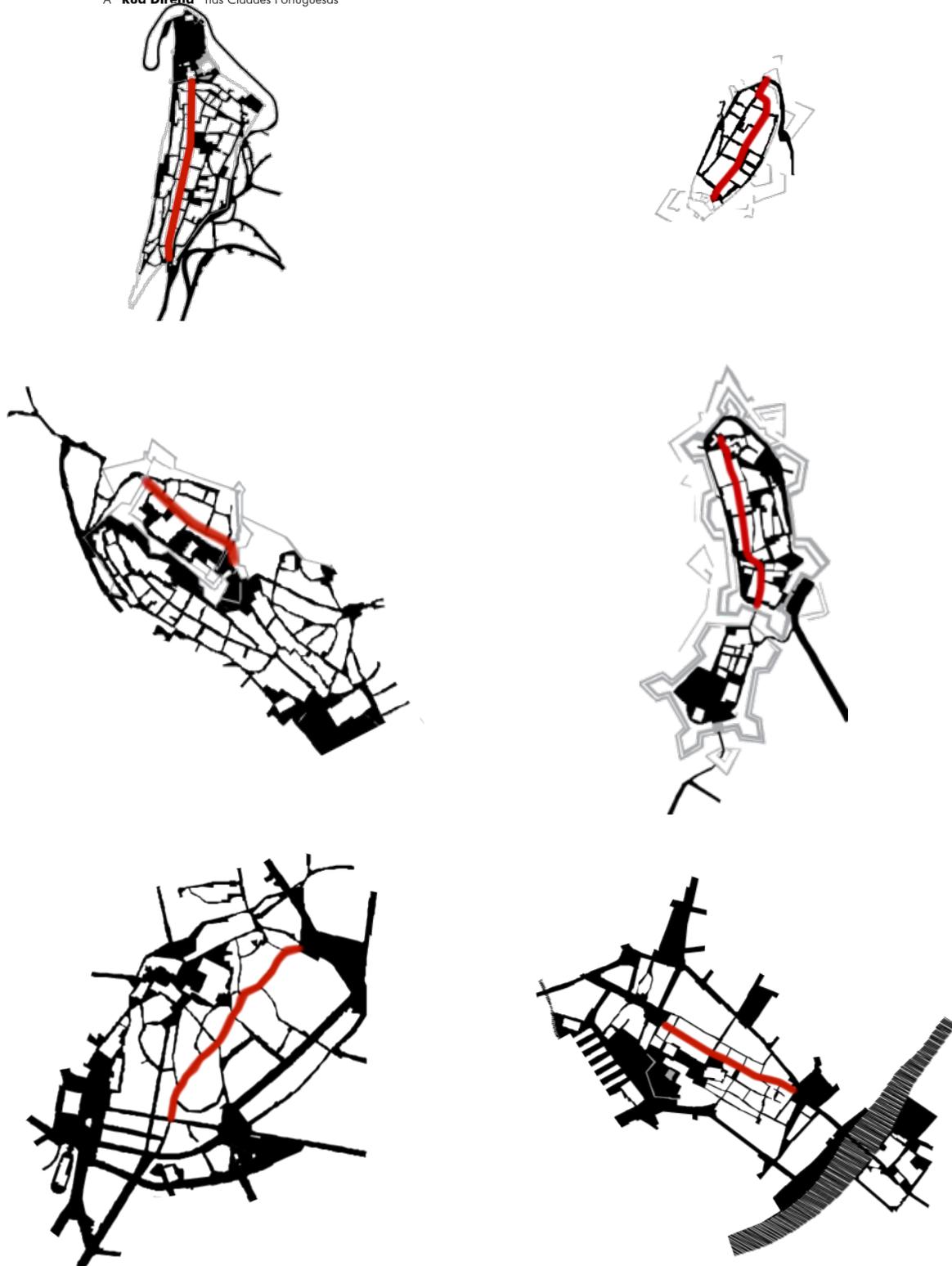
No entanto, são identificados casos em que a Rua Direita, apesar de acontecer com uma existência singular em determinado aglomerado urbano, ou seja, uma ocorrência única, se localiza em área de expansão do mesmo<sup>105</sup>. Desta localização são exemplos os casos de São João da Pesqueira; Aguiar da Beira, Lamego; Vila Real; Setúbal; Braga; Bragança; Porto.

Naturalmente muitas destas áreas foram constituídas logo no princípio do seu processo de evolução e actualmente encontram-se incluídas no seu tecido urbano mais antigo, designado em muitos casos genericamente de cidade histórica

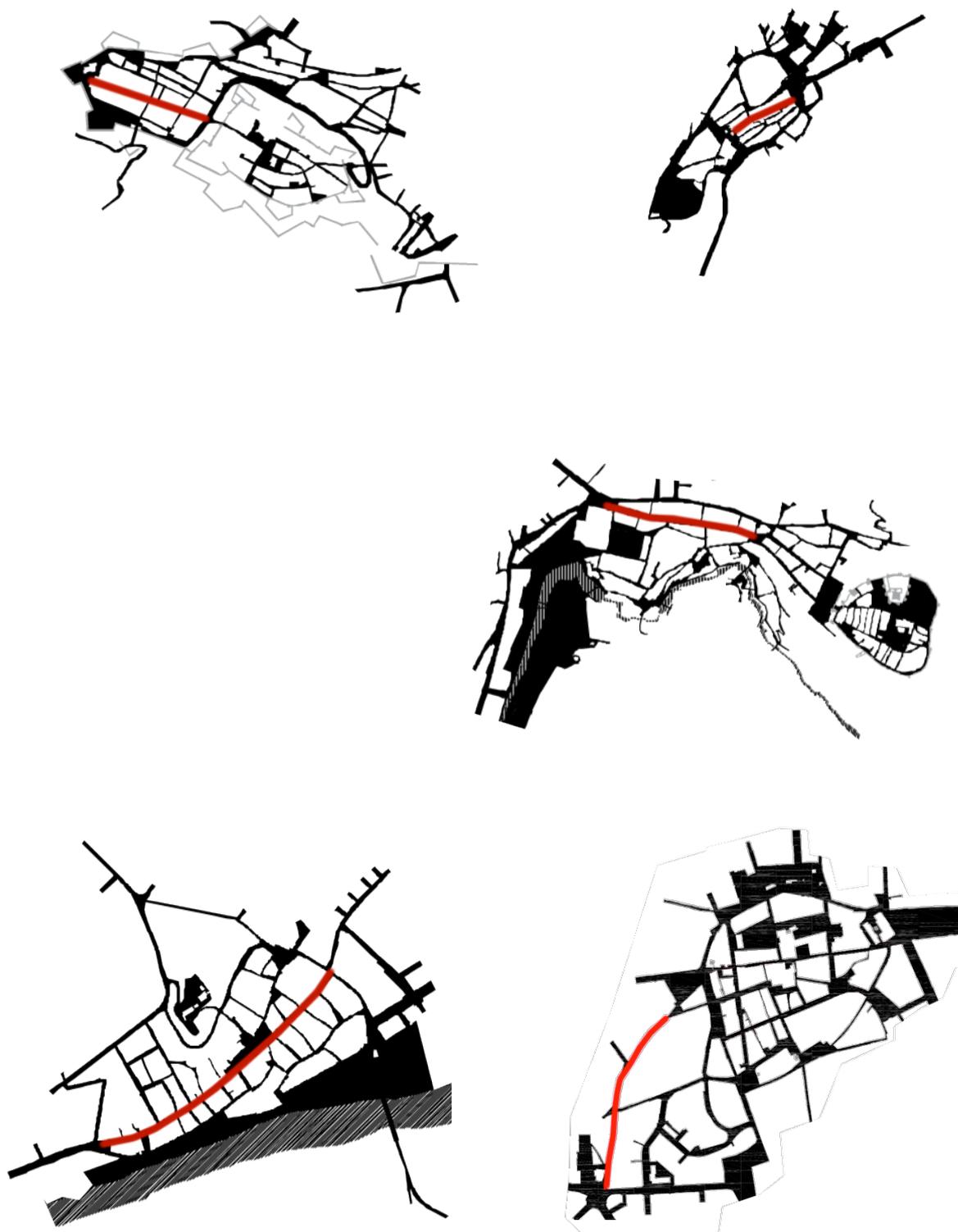
---

<sup>105</sup> "(...) O arrabalde ou bairro comercial e burguês acabava por transformar-se no centro do aglomerado, constituindo o seu eixo principal a rua mais importante da cidade, com designações que variam – Rua DIREITA, Rua dos Mercadores, Rua Nova e outras.(...) ...Por seu turno, os outros arrabaldes ou bairros tinham uma organização funcional própria, com igrejas, e seus largos e também um eixo principal, frequentemente chamado de Rua DIREITA, designativo a que acrescentava o nome do bairro ou arrabalde." GASPAR, Jorge - A Cidade Portuguesa na Idade Média: Aspectos da estrutura física e de desenvolvimento funcional. La Ciudad Hispánica Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1995. p.p.13-139

A "Rua Direita" nas Cidades Portuguesas



| fig.33 | Esquema de Traçados com a localização da Rua Direita: Óbidos; Monsaraz; Castelo de Vide; Valença; Viseu; Chaves.



| fig.34 | Esquema de Traçados com a localização da Rua Direita: Estremoz; Aguiar da Beira; Bragança; Coruche; Braga.



## 5.2. Ocorrência Múltipla

A duplicação de Ruas Direitas é considerado por alguns autores como resultado da assimilação de núcleos urbanos próximos entre si, ou seja, núcleos urbanos já possuidores de elementos urbanos com esta designação e que, os conservam após a sua agregação<sup>106</sup>. No entanto, muitas cidades, devido a um desenvolvimento urbano mais intenso e constante, terão possuído em determinada época temporal específica um número de ocorrências elevada de Ruas Direitas.

Identifica-se como caso extraordinário desta ocorrência múltipla de Ruas Direitas a cidade de Lisboa. Registe-se como exemplo, a leitura da obra, *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa*, sob a direcção de Filipe Folque (1856 – 1858), onde se identificam trinta e três Ruas Direitas, dispersas por toda a área concelhia.

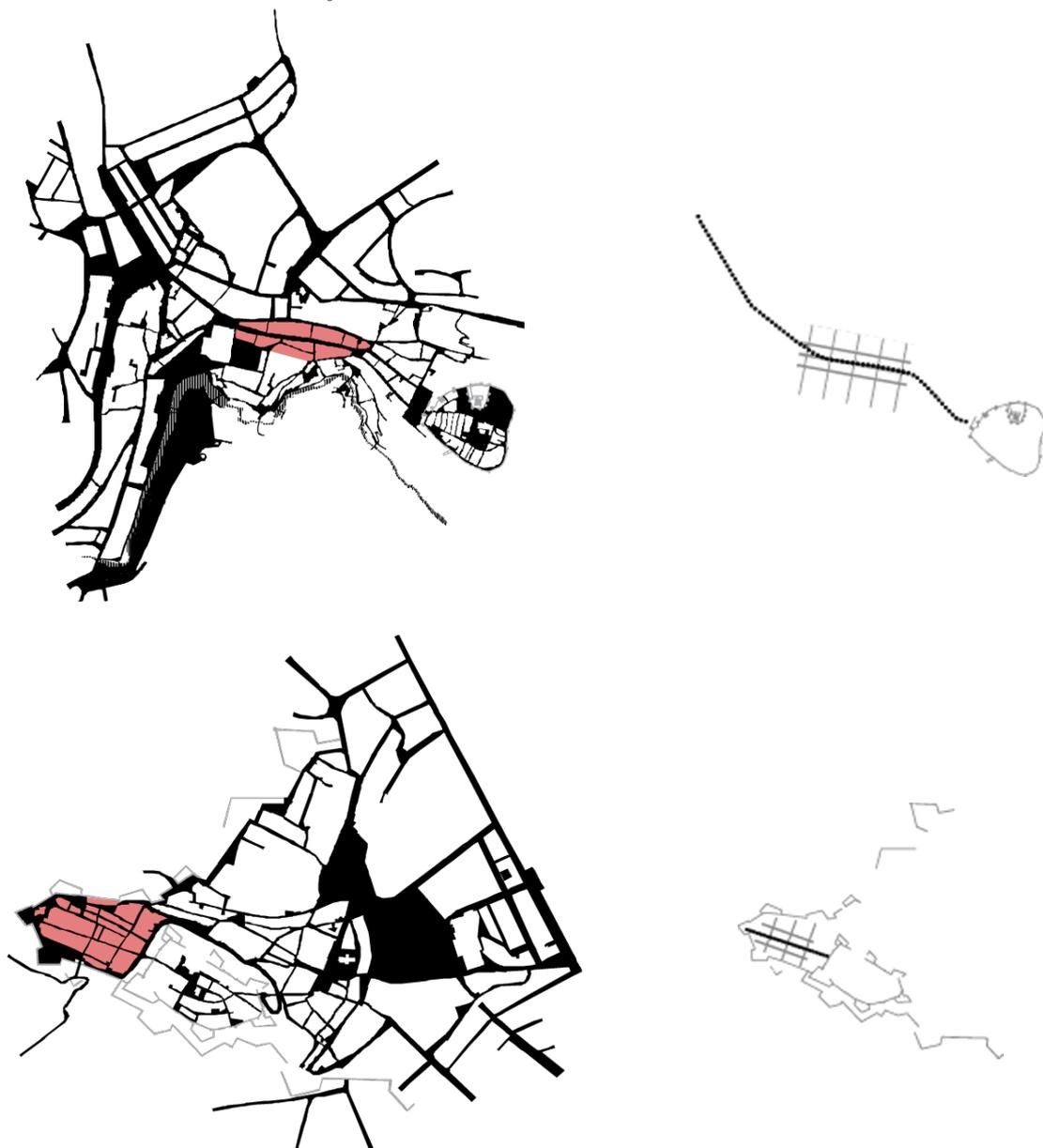
A produção de Ruas Direitas verifica-se como prática repetitiva em operações de expansão e estas estabelecem-se geralmente com um alinhamento que se desenvolve na continuidade de um eixo precedente, ou seja, de uma rua já existente e que poderá inclusive possuir a designação de Rua Direita.

Assim, esta nova Rua Direita assume-se como elemento urbano essencial na constituição de novo tecido urbano, ou seja, como suporte de uma área de expansão urbana, onde a sua existência partilhará semelhanças com o eixo anterior.

São casos ilustrativos desta situação as Ruas Direitas das cidade de Bragança e Vila Real que sucedem formalmente a um eixo pré-existente inserido no núcleo primordial da cidade. Em ambos os casos, as Ruas Direitas constituem-se como elementos urbanos que conferem uma nova centralidade à cidade. Assim, a Rua Direita a partir de um processo de expansão em eixo, constitui-se como uma nova artéria dinâmica da cidade, podendo associar a si, tal como, em contextos primordiais, os novos poderes políticos, administrativos e inclusive religiosos, possuindo no entanto quase sempre um marcado pendor comercial.

---

<sup>106</sup> "...Sendo normal encontrarem-se mais do que uma Rua DIREITA na mesma cidade. Por vezes isso deve-se ao facto de um núcleo periférico ter sido assimilado, permanecendo os topónimos das suas ruas" ROSSA, Walter - A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o Urbanismo. Coimbra: Almedina, 2002. p. 223



| fig.35 | Traçado da cidade de Bragança e de Estremoz com sinalização da área urbana adjacente à "Rua DIREITA". Esta que corresponde a uma área de expansão da cidade, como se mostra em esquema ao lado direito, onde se visualiza a rua sobre um eixo de alinhamento primordial vindo do núcleo originário da mesma;

Os casos das Ruas Direitas de Estremoz e Aguiar da Beira, são casos dissemelhantes dos anteriores. Apesar de se constituírem também num processo de expansão urbana, apresentam-se como eixos estruturantes de novas áreas urbanas que têm um carácter especificamente residencial. Correntemente nestes casos, é prontamente perceptível a materialização da Rua Direita a par de uma produção de tecido urbano homogéneo, mais legível que nos casos de Bragança e Vila Real, porque naqueles se conseguem identificar características idênticas na totalidade do conjunto, constituindo um tecido homogéneo.

Nos casos enumerados anteriormente é desconhecida a presença do topónimo de Rua Direita associada ao eixo estruturante pré existente que serve de matriz de alinhamento ao novo elemento urbano. No entanto, entende-se a sua produção como uma ocorrência múltipla pela duplicação de um eixo estruturante já existente.

Lisboa apresenta vários casos de estudo com este procedimento associado, isto é, a produção de uma nova artéria ancorada numa artéria pré-existente, ambas detentoras da nomenclatura Rua Direita.

Como caso ilustrativo onde ambos os eixos estruturantes possuem a designação de Rua Direita, associada à artéria pré-existente e à artéria sucessora, distinguem-se a Rua Direita da Esperança e a Rua Direita do Marquês de Abrantes em Lisboa. Este caso produz-se de uma forma distinta do habitual, pois a ocorrência múltipla acontece geralmente numa repetição continua seguindo o alinhamento de um eixo matriz, como se se tratasse de uma ampliação sucessiva do elemento urbano primordial, verificando-se a duplicação da Rua Direita.

Assim, a Rua Direita do Marquês de Abrantes produzida, num cenário de expansão da cidade, adquire algumas das funções fundamentais que a anterior artéria Rua Direita da Esperança possuía num contexto mais abrangente que o Bairro da Madragoa onde se localiza. Os pressupostos e as condicionantes beneficiaram um desenho de traçado regularizado deste novo arruamento, o que levou a que este se tornasse na artéria mais pretendida para efectuar um atravessamento mais directo, dado possuir um traçado rectilíneo, sendo que, com a anterior artéria mantinha a coincidência dos seus extremos.

Constata-se que a ocorrência múltipla de Ruas Direitas se encontra em aglomerados urbanos que no seu processo de evolução e consolidação foram submetidos a necessidades de expansão intensas e dinâmicas.

São disso exemplos cidades possuidoras de dinâmicas de expansão, que se reorganizavam no sentido de reconsiderar os seus arruamentos principais e estes venham a ser substituídos por novas artérias - as novas Ruas Direitas.

A produção de uma outra Rua Direita, circunscrita a um tempo preciso, é entendida como um elemento urbano fundamental para suprimir essas mesmas exigências de desenvolvimento. Conforme as dinâmicas próprias de cada aglomerado urbano, o número de ocorrências de Ruas Direitas pode variar, podendo ser duplicadas ou repetidas. Tomar, Santarém, Setúbal, Évora e Lisboa são cidades onde encontramos este fenómeno de ocorrência múltipla de Ruas Direitas.

Lisboa, capital do país, é a cidade que apresenta o maior número de Ruas Direitas, permitindo por isso afirmar que em contextos urbanos de maiores dimensões, impulsionados por necessidades constantes de crescimento, a ocorrência múltipla de Ruas Direitas será consequentemente mais elevada.

## Rua Direita:

- I. da Boa Morte
- II. da Boa Vista
- III. da Fábrica das Sedas
- IV. da Junqueira
- V. da Lapa
- VI. da Patriarchal Queimada
- VII. das Escolas Gerais
- VIII. das Janelas Verdes
- IX. das Necessidades
- X. de Alcântara
- XI. de Arroios
- XII. de Belém
- XIII. de Chelas
- XIV. de Madre Deus
- XV. de Pedrouços
- XVI. de São Francisco de Paulo
- XVII. de São João dos Bem casados
- XVIII. de São Paulo
- XIX. de São Vicente
- XX. de Xabregas
- XXI. do Arsenal
- XXII. do Beato António
- XXIII. do Bom Sucesso
- XXIV. do Calvário
- XXV. do Campo de Ourique
- XXVI. do Grilo
- XXVII. do Livramento
- XXVIII. do Rato
- XXIX. do Sacramento
- XXX. dos Ananases
- XXXI. dos Anjos
- XXXII. dos Grilos
- XXXIII. dos Quartéis



| fig.36 | Esquema ilustrativo com a sinalização esquemática das Ruas Direitas cartografadas nas Plantas constituintes do Atlas da Carta Topográfica de Lisboa (1956 – 1958).

## Leitura de Conjunto

Entendemos por escalas de leitura as diferentes aproximações que podemos fazer ao objecto de estudo Rua Direita. Numa ocorrência única a análise ao objecto de estudo encontra-se limitado à interpretação do mesmo e aos demais elementos urbanos a si confinantes. Já numa ocorrência múltipla, pressupõe-se a sua leitura em simultâneo com as demais Ruas Direitas existentes.

A constatação de uma ocorrência múltipla com um número elevado de Ruas Direitas em contextos urbanos diversificados do mesmo aglomerado, é incentivadora de uma leitura interpretativa do universo conjunto, isto sem prejuízo de uma leitura individual de cada ocorrência em particular.

No entanto, na leitura do seu conjunto identificam-se formas distintas de agregação desses mesmos elementos urbanos particulares, que devem ser interpretadas em escalas de leitura diferenciada.

Encontraram-se dois casos de estudo excepcionais com esta ocorrência múltipla de Ruas Direitas, aos quais uma leitura de conjunto se entende favorável ao conhecimento mais aprofundado do objecto de estudo. Inventariou-se este fenómeno da ocorrência múltipla da Rua Direita em dois contextos urbanos diferenciados, em núcleos urbanos consolidados, e numa área urbana de envolvente rural.

A cidade de Lisboa que tal, como anteriormente foi referido, se apresenta como um exemplo de características únicas, por ser um aglomerado urbano onde são identificadas um número de ocorrências elevado e muito variável no tempo.

A ocorrência múltipla, no caso específico de Lisboa, acontece como um fenómeno de reprodução, notavelmente datado e documentada, que no presente se encontra num estado oculto por diferentes designações concedidas a estes elementos urbanos, outrora designados por Rua Direita.

Em Lisboa a ocorrência múltipla entende-se como um fenómeno de reprodução de ordens variadas, associadas tanto à implantação de um eixo estruturante suporte de direcções preferenciais e favoráveis à expansão da cidade, a partir de novos tecidos urbanos. Assim, a Rua Direita aparece

associada a eixos estruturantes de desenvolvimento da cidade, compostos por agregações diferenciadas, mas também aparece associada à constituição de novas áreas urbanizadas.

Nestes casos de ocorrência múltipla, a Rua Direita consolida-se como um eixo estruturante de toda uma área adjacente, ou seja, uma área a si afectada que se constitui simultaneamente à rua, segundo bases e regras semelhantes, identificando-se como zona homogénea no traçado geral.

De igual modo considera-se como excepcional a ocorrência de um número expressivo de Ruas Direitas numa extensa área territorial de carácter urbano-rural. Este segundo caso em análise localiza-se num vasto território que se entende como uma área de crescimento periférico da cidade de Aveiro.

A presença da Rua Direita identifica-se em contextos urbanos de pequenas povoações, freguesias do distrito, onde a Rua Direita se estabelece como elemento estruturante de um povoamento disperso.

Neste caso de estudo, as Ruas Direitas são identificáveis na toponímia actual. As Ruas Direitas em particular correspondem a troços urbanizados de estradas Nacionais, Municipais<sup>107</sup> ou simplesmente a outras estradas secundárias que destas decorrem<sup>108</sup>.

Inserem-se assim numa área urbana que obedece a um assentamento linear, interrompidas por espaços de cariz rural, onde se identifica a Rua Direita de modo pontual e repetido, inseridas em eixo, mas apenas ocorrendo nos troços em que este possui um cariz urbano.

Em ambos os casos a existência de um número elevado de Ruas Direitas leva a que uma leitura realizada apenas ao elemento urbano em particular se revele simplista, pelo que se considera que essa leitura deva ser feita à totalidade do conjunto identificado dos elementos urbanos. Esta leitura resultará de uma análise mais aprofundada pelo número elevado de casos<sup>109</sup> e pelas distintas formas de agregação que desenvolvem.

---

<sup>107</sup> Destaquem-se as seguintes: Rua Direita de Aradas, Rua Direita da Quinta do Picado e Rua Direita em Quintãs correspondem a troços da Estrada Nacional 335; Rua DIREITA da Costa do Valado a um troço da Estrada Nacional 230-1; Rua Direita em Vigia, a um troço da Estrada Municipal 594; Rua Direita em Fontão e Verba correspondem a troços da Estrada Municipal 585; Rua DIREITA da Póvoa do Valado pertence a um troço da Estrada Municipal 585-2; Rua Direita em Vessada e Nariz correspondem a troços da Estrada Municipal 585-3.

<sup>108</sup> Como são os casos das ruas “Direita” existentes nas povoações de Sosa e Lavandeira.

<sup>109</sup> Anexos – Inventário

Assim, a Rua Direita analisada como um elemento singular, incluída no tecido onde se insere, destaca qualidades de um eixo estruturador, articulador, agregador, entre outras. Como elemento duplicado e multiplicado, inserido num tecido mais abrangente onde porventura poderá também produzir diferentes áreas homogéneas, deve ser interpretado no seu conjunto e nas suas diferentes agregações. Revelará a particularidade de poder ser um elemento urbano de suporte à expansão da cidade, especialmente a partir de eixos radiais, ou seja, destacando-se com a particularidade de gerar novo de tecido urbano a uma escala mais alargada que a da cidade.

A própria compreensão e significado de Rua Direita pode consentir alterações quando contextualizada nas diversas agregações com outros elementos urbanos, como Praças Largas e outras ruas.

Referimo-nos a contextos específicos onde a Rua Direita se encontra incluída num eixo urbano, ou seja, faz parte de um eixo contínuo composto por outras ruas denominadas com topónimos diferenciados. A própria compreensão e significado destas Ruas Direitas específicas passa pela sua compreensão no conjunto, ou seja, na associação a outros elementos urbanos. Identificam-se casos de estudo onde a rua assim denominada faz parte de um eixo que, na sua totalidade, adquire complexidades urbanas muito variadas.

Como exemplos de Ruas Direitas inseridas em eixos, apresentam-se os casos da Rua Direita de Monsaraz, Rua Direita de Sortelha, da antiga Rua Direita da Várzea Grande em Tomar, e da Rua Direita dos Sapateiros em Ponte de Lima.

As Ruas Direitas de Monsaraz e Sortelha possuem na actualidade a sua designação compreendida a um troço específico do eixo que, na totalidade da sua extensão é composto por outros elementos urbanos e consequentemente designado com outras nomenclaturas.

Em Monsaraz o eixo que integra a Rua Direita apresenta-se sobre um declive irregular pouco acentuado, uma configuração de traçado em 'Cotovelo', com uma inflexão para a esquerda logo após a entrada do cerco, que antecede e protege a entrada franca a invasores. Fazendo a ligação directa entre as Portas Principais da Vila, a Praça Principal e a Porta do Castelo, este eixo na sua extensão é composto pelo conjunto das ruas do Celeiro, Rua Direita e Rua de São João Deus ou Rua do Castelo.

Em Sortelha, a Rua Direita faz parte de um eixo composto por distintos elementos urbanos e correspondentes nomenclaturas. Este eixo faz a ligação directa entre as suas duas portas principais, que se localizam em extremos oposto da cerca amuralhada: a Porta da Vila a Nascente e a Porta de Poente.

Este Eixo revela-se como o percurso viário primordial e principal de atravessamento longitudinal do aglomerado urbano, que se desenvolve de forma sinuosa e com uma orientação Nordeste /Sudoeste, assente numa encosta com pendente para Nascente.

Inicia-se após o Largo do Corro, o primeiro espaço urbano a que se acede depois de ultrapassada a principal entrada da cerca, e segue pela Rua da Fonte que encontra o seu termo no Largo do Pelourinho. Este serve de terreiro à entrada do Castelo e tem o Largo da Igreja como espaço limítrofe, em cota diferenciada. É a partir do Largo da Igreja que se inicia a Rua Direita que corre até à Porta de Poente e assim completa o eixo de atravessamento longitudinal.

De igual modo a Rua Direita da Várzea Grande e a Rua Direita da Sapataria, actualmente com outras nomenclaturas, em Tomar e Ponte de Lima respectivamente, encontravam-se inseridas num eixo transversal composto por outros elementos urbanos. Em ambos os casos também se caracterizam como eixos que se inserem nos núcleos primitivos das cidades e se desenvolveram para além deles. percorrem os seus aglomerados primitivos na sua maior extensão.

Em Tomar, a Rua Direita da Várzea Grande<sup>110</sup> poderá ser lida como parte de em eixo transversal se numa leitura em conjunto com o arruamento que lhe sucede a Rua Direita da Várzea Pequena<sup>111</sup>, também denominada por Rua dos Meios. Este eixo abrange todo o núcleo urbano primordial que se localiza a poente do rio Nabão.

A implantação da Rua Direita da Várzea Grande aparece associada ao primeiro assentamento do núcleo urbano da Vila, que surge a sul do primeiro percurso que se fazia para alcançar o Castelo, logo após a travessia do rio Nabão, composto pela Rua ou Calçada da Corredoura. A Rua da Várzea Pequena surge posteriormente à Rua Direita da Várzea Grande e é resultante da necessidade de expansão da vila, que se realizou em sentido oposto, ou seja, para Norte, mas seguindo o mesmo alinhamento.

---

<sup>110</sup> Denominação actual – Rua da Infancia 15.

<sup>111</sup> Denominação actual – Rua de Silva Magalhães.

Em Ponte de Lima a Rua Direita da Sapataria<sup>112</sup> é também passível de uma leitura em conjunto com outros elementos urbanos, constituindo parte de um eixo contínuo transversal a todo o seu núcleo urbano amuralhado, que fazia a ligação directa entre Portas opostas do mesmo. Tome-se a descrição de Amélia Aguiar Andrade (1990) “...uma grande rua estendia-se quase contínua entre a Porta do Souto e a Porta de S. João, isto é, entre, respectivamente, as saídas que se ligam com as estradas de Barcelos e Ponte da Barca e que perto do fim flectia à esquerda, em direcção à ponte e consequentemente retomava o eixo viário dominante: a estrada Braga – Tui. (...) Constituída no século XV por cinco troços diferenciados toponimicamente – ruas do Souto/ Detrás a Igreja/Mercadores/Direita da Sapataria/S. João e Ponte...”<sup>113</sup>

Entende-se que, tendo em conta os casos enumerados, a leitura da Rua Direita deverá ser sempre articulada, ou seja, realizada não apenas ao elemento urbano em si mesmo, mas à relação deste com o contexto onde se insere, para que se verifique a hipótese de ser uma Rua Direita integrada num eixo mais alargado e consequentemente ser influente sobre uma área limítrofe mais vasta.

Numa análise feita ao elemento urbano tomado individualmente, a Rua Direita da Várzea Grande em Tomar entende-se como eixo primordial, fundacional e estruturador de uma área urbana específica. No entanto, numa análise mais abrangente, entende-se como parte de um eixo que é composto por distintos elementos urbanos, outra rua e ainda por um espaço excepcional de intermeio. A acção fundacional e estruturadora é subentendida também na análise deste eixo comum, sendo a diferença mais evidente a área de abrangência do mesmo eixo, alargando-se de modo a compreender todo o núcleo urbano primordial.

A Rua Direita quando correspondente a um troço de um eixo estruturante, devidamente identificada pela toponímia, deve ser abordada como parte integrante do referido eixo.

Na leitura de eixos que integram uma Rua Direita há ainda apresentar os casos de Barcelos e Valença.

Se a característica comum a todas as Ruas Direitas das cidades referidas é a de fazerem parte de um eixo estruturador do contexto urbano onde se inserem, correspondendo a um troço

---

<sup>112</sup> Denominação actual – Rua Padre Francisco Pacheco

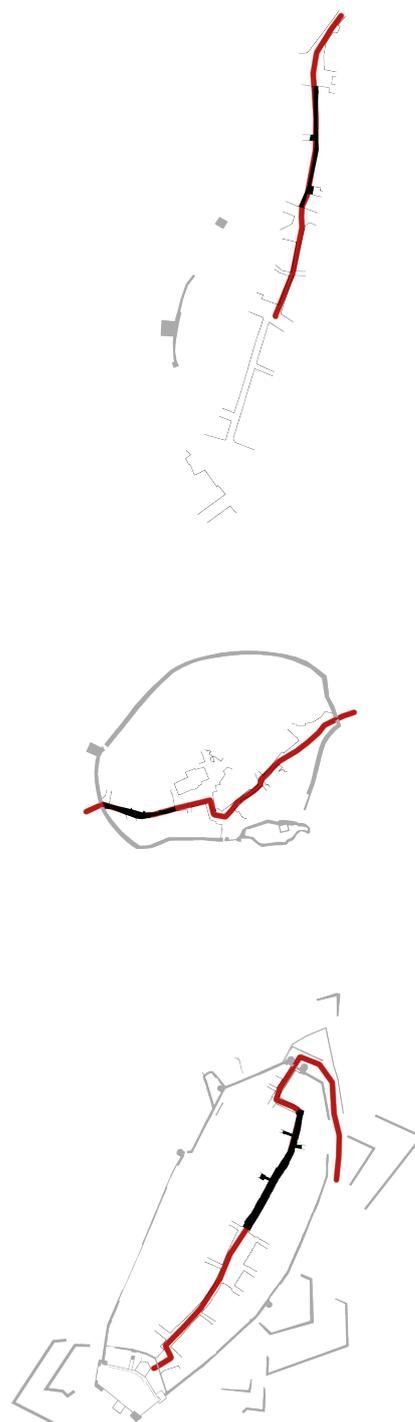
<sup>113</sup> ANDRADE, Amélia Aguiar - *Um Espaço Urbano Medieval: Ponte de Lima*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. p. 17

desse mesmo eixo, a particularidade distintiva destas é a posição em que é identificada a Rua Direita, ou seja, o troço assim designado nesse mesmo eixo.

Entendemos que a posição específica em que a Rua Direita se encontra no eixo, ou seja, ora em posição inicial ora de final do mesmo, quando articulada com os restantes elementos urbanos nomeadamente os seus extremos e o seu espaço central, permite evidenciar o sentido preferencial de direcção da Rua Direita, que se torna de difícil reconhecimento quando esta não é provida de uma denominação composta.

Em Barcelos, a Rua Direita corresponde ao troço inicial do eixo estruturador que faz a ligação entre a Porta Nova e o Postigo do fundo da Vila e que seguia em direcção à Vau do Rio Cávado. De realçar que o troço correspondente à Rua Direita se apresenta com uma configuração regular e com o perfil transversal de maiores dimensões em relação à sua extensão, consequência de uma reestruturação urbana mais recente.

Já em Sortelha por oposição ao caso de Barcelos, a Rua Direita localiza-se em posição de conclusão do eixo estruturante que faz a ligação entre as duas Portas Principais do cerco, isto é fazendo a Rua Direita a ligação entre o seu espaço central e uma porta de hierarquia inferior.



| [fig.37](#) | Esquema interpretativo da localização da Rua Direita num eixo estruturante nas cidades de Ponte de Lima ; Sortelha; e Monsaraz.

## Direcção e Sentido

A direcção e sentido do elemento urbano estão explícitos na sua denominação elementar, de “Rua Direita”. Se esta possui uma denominação simples, “Rua Direita”, a sua direcção e sentido remetem para o centro do aglomerado urbano.

Se a sua denominação for composta “Rua Direita de (...)”, a sua direcção e sentido remete para o elemento referencial.

Tendo-se em conta que o sentido da Rua Direita é um sentido único, este sentido poderá, no entanto, revelar-se interno, isto é, para o interior do núcleo, ou externo isto é, para fora deste.

Tal facto verifica-se tanto perante uma Rua Direita Primordial como perante uma Rua Direita de expansão, sendo neste último caso o núcleo Urbano Primordial de referencia.

O contributo de uma denominação composta para a compreensão do sentido de uma Rua Direita é crucial. No entanto, para além da denominação, a posição do elemento urbano no contexto onde se insere e a sua relação com outros elementos urbanos de referencia podem auxiliar esta identificação. Assim, a Rua Direita pode identificar-se com o sentido de encaminhar para o “centro” – ou para objecto de referencia, ou pelo contrário conduzir para o exterior do conjunto urbano.

Para melhor compreender este conceito analisa-se um conjunto de Ruas Direitas distintas que se apresentam em contextos de assentamento diferenciados, primordiais e de expansão, com denominações simples e compostas e, ou ainda com a particularidade de serem identificadas como eixos estruturantes de núcleos urbanos ou, simplesmente fazendo parte como um troço de um eixo estruturante de maiores dimensões.

Inicia-se esta identificação pelo caso de estudo da Rua Direita de Óbidos, que possui uma denominação simples e se identifica como eixo estruturante do seu aglomerado urbano, onde a identificação dos seus limites de extensão é explícita e se insere num contexto de assentamento primordial.

Este apresenta-se como um exemplo onde facilmente é compreensível o sentido interno da condução do objecto de estudo para o “centro”, independentemente de formalmente o elemento

urbano não se deter no espaço físico central do aglomerado urbano – a sua Praça - e ir atingir o seu termo às Portas da Alcáçova.

Semelhantes a este caso, apresentam-se a Rua Direita de Chaves, a Rua Direita de Castelo de Vide, a Rua Direita de Viseu, ou mesmo a Rua Direita Coruche, apesar de estas não possuírem os seus limites de continuidade fechados nem por condicionantes construtivas nem físicas e, de poderem estar sob contextos de assentamento diferenciados.

Os casos da Rua Direita de Monsaraz, Rua Direita de Barcelos, Rua Direita de Sortelha, e a Rua Direita de Valença, apresentam-se como casos providos de uma denominação simples, como troços de um eixo estruturante de maiores dimensões.

Nestes exemplos as Ruas Direitas de Barcelos, Sortelha e Monsaraz apresentam-se integradas em eixos contínuos estruturantes de um núcleo urbano homogéneo, entendendo-se o sentido de direcção das mesmas a partir da localização espacial específica do troço a que correspondem no eixo estruturante e pela relação de proximidade que a Rua Direita possui com outros elementos urbanos de referencia, nestes casos específicos as respectivas portas do cerco amuralhado, os largos e a praça principal.

Os casos das Ruas Direitas de Barcelos e de Sortelha apresentam uma posição diferenciada no troço, em relação à hierarquia da sua Porta Principal ou Secundária, tal como, em relação ao seu elemento excepcional central.

No caso de Barcelos afirma-se a posição da Rua Direita no início do eixo estruturante, visto que se localiza entre a porta e a praça principal, tal qual como o caso de Monsaraz, onde a Rua Direita se localiza no início do seu eixo estruturante. Nestes dois casos identificamos um sentido de direcção interno.

Já no caso de Sortelha, o troço denominado de Rua Direita corresponde ao último troço do eixo estruturante do aglomerado urbano, pois toma o seu início a partir do seu espaço central e desenvolve-se até alcançar uma porta de carácter secundário, caso idêntico ao de Valença.

Esta condição de ser parte de um eixo de maiores dimensões revela que mesmo correspondendo a um troço, a Rua Direita identifica-se detentora de um sentido único, que está dependente da sua localização no contexto geral.

Em núcleos amuralhados onde a Rua Direita se apresenta como um troço de um eixo estrutural, identifica-se um sentido interno quando o elemento urbano faz parte do início do eixo estruturante que, iniciando na porta principal, nos encaminha para “o centro”, ou seja, quando a Rua Direita se constitui até à praça central. E um sentido externo quando do seu ponto central nos encaminha em direcção a uma porta secundária, dirigindo-se para o exterior da cerca amuralhada.

Para ilustrar a importância de uma análise espacial do elemento urbano na identificação de uma direcção e consequentemente do seu sentido, interno ou externo, tome-se como exemplo o caso das Ruas Direitas identificadas em Tomar.

Neste aglomerado urbano são encontradas esta três Ruas Direitas, sendo a denominação destas composta, ou seja, possuidora de um nome designativo, que transfere uma referência prévia à rua. Assim temos a Rua Direita da Várzea Grande, a Rua Direita da Várzea Pequena e a Rua Direita dos Moinhos.

Assim através de uma análise espacial mesmo suprimindo-lhe a toponímia dos distintos elementos urbanos conseguiríamos identificar a partir de um conhecimento do processo de formação da cidade o sentido que estas Ruas Direitas tomam.

Em Tomar o contexto de assentamento onde se localizam as Ruas Direitas é distinto dos anteriores, visto que não estamos perante um núcleo urbano amuralhado, no entanto apresenta-se o seu assentamento com uma condicionante física evidente - o decurso do rio Nabão. Numa observação ao processo evolutivo da cidade entende-se a associação do mesmo à constituição das distintas Ruas Direitas, revelando-se contudo a importância do conhecimento do locus e da toponímia original, para esclarecer o sentido de direcção que estes elementos urbanos alcançam.

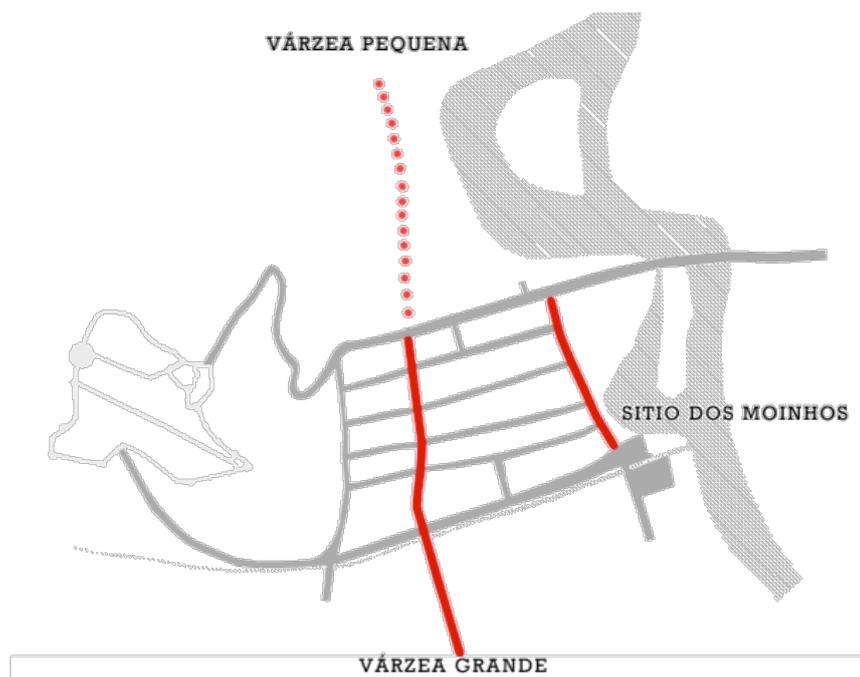
Entenda-se o significado que a constituição de cada elemento urbano duplicado em paralelo e em continuidade, causou na evolução do próprio tecido da cidade, no conjunto dos diagramas seguintes.

No caso específico as direcções precisas dos elementos urbanos de referência ao sítio da Várzea Grande a Sul, e ao sítio da Várzea pequena a Norte remetem a praça central como ponto de início de ambas as ruas, e consequentemente identificam o seu sentido externo para direcções opostas.

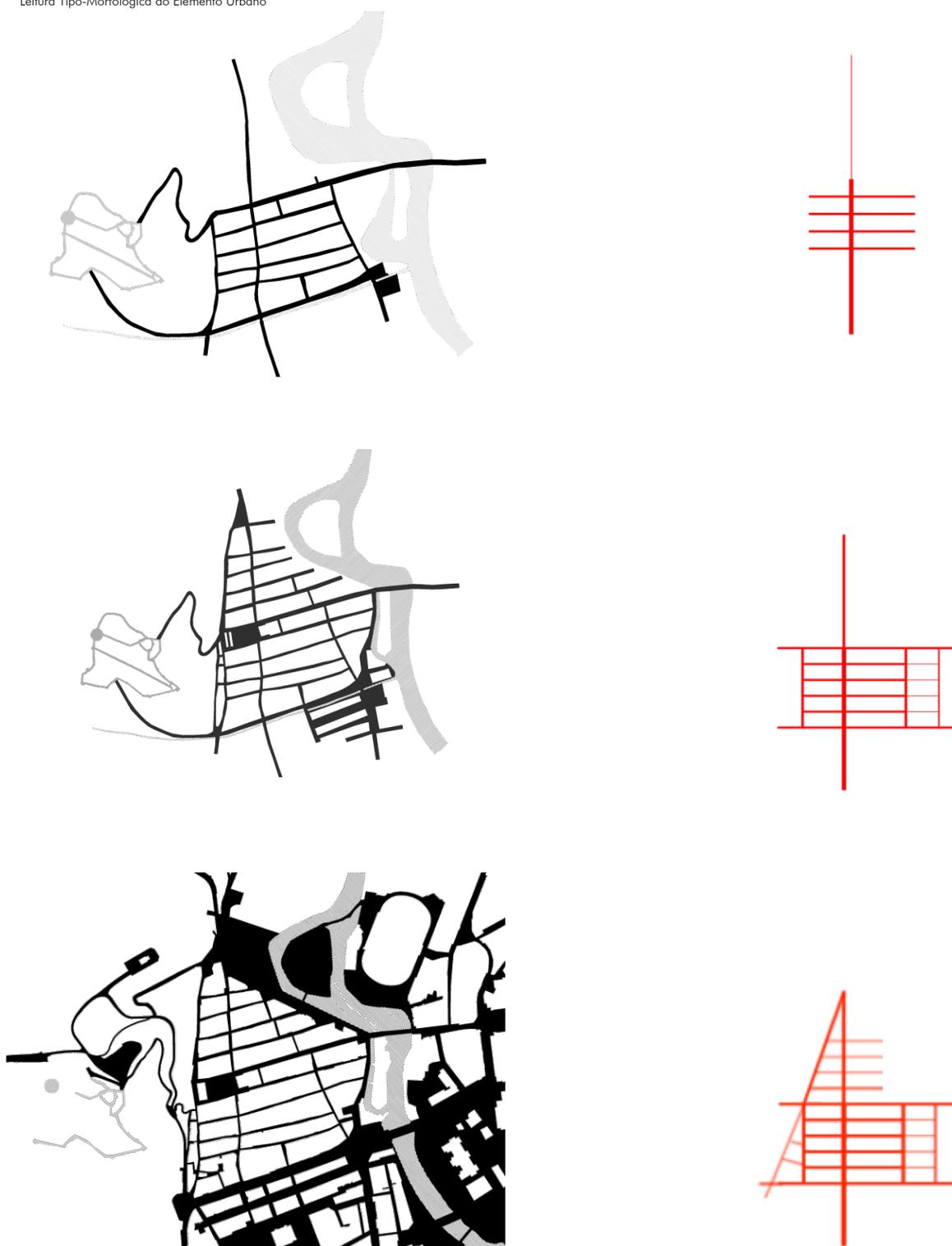
O eixo Ocidental contínuo de Ruas Direitas em Lisboa apresenta-se também com um sentido externo, de nos encaminhar do centro da cidade para o seu exterior no entanto sempre com uma direcção Este/Oeste.

Os casos da Rua Direita dos Máximos em Braga e da Rua Direita de Santo Ildefonso apresentam-se também com algumas semelhanças mas revelam um sentido oposto. Ambas localizadas em contextos de assentamento de expansão associadas a um elemento urbano de cariz religioso. No entanto, a Rua de Santo Ildefonso apresenta-se com um sentido interno, na medida em que o elemento que referencia tem uma proximidade com o núcleo primordial e o assentamento da rua se constitui a partir do exterior.

A Rua Direita dos Máximo em Braga apresenta-se com um sentido exterior estabelecendo-se após a transposição do cerco amuralhado até ao edifício de referencia distanciado do mesmo.



| fig.38 | Esquema ilustrativo da Evolução e constituição do tecido urbano da cidade de Tomar. Inicialmente através da Rua Direita da Várzea Grande < Rua Direita dos Moinhos < Rua Direita da Várzea Pequena.



| fig.39 | Esquema ilustrativo da Evolução e constituição do tecido urbano da cidade de Tomar.)



## 6. Formas de Agregação

Para compreender as diferentes formas de agregação entre Ruas Direitas mantêm-se em análise os casos de estudo de Lisboa e de Aveiro. Aborda-se na cidade de Lisboa a Rua Direita em duas áreas distintas, em núcleo primordial correspondente ao interior da cerca moura, e em área de expansão, escolhendo-se uma área localizada a Ocidente confinante com a linha de costa.

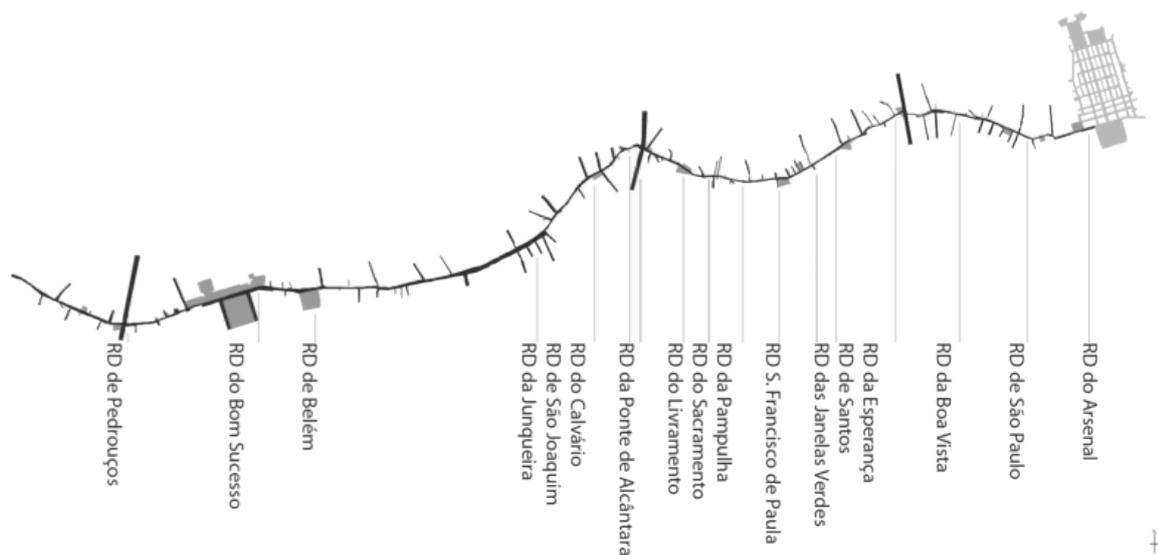
Distingue-se a área correspondente ao interior da cerca moura, por ser a área que atinge um número de constatações elevado, e que após a catástrofe de 1755 é naturalmente sujeita a reestruturações e produção de novo tecido urbano e à data do século XVIII e do século XIX se encontra fortemente incrementada. A área da linha de costa para o lado ocidental é elegida também para análise, por ser uma das áreas de destino privilegiada durante vários períodos, para expansão da cidade.

Os distintos modos de agregação entre Ruas Direitas podem identificar-se como sequenciais, concordantes, ou ramificadas.

As Ruas Direitas que se repetem sequencialmente configuram-se num eixo contínuo, as Ruas Direitas que se agregam por convergência podem ser resultado tanto de eixos sequenciais como de elementos singulares, ou mesmo dos dois, que tomam um espaço comum de emergência.

Uma agregação em eixo contínuo e em ponto de concordância pode contudo acontecer em simultâneo reproduzindo uma forma mais complexa. Nestes casos assiste-se tanto a uma agregação entre distintos eixos contínuos, que são concordantes num mesmo espaço, como a uma agregação entre um eixo contínuo, formado pelo somatório de várias Ruas Direitas, e uma Rua Direita singular, que também possui um espaço de concordância comum.

Assim, as agregações existentes podem fazer-se entre vários conjuntos, e ler-se como uma unidade, ou entre conjuntos e um elemento singular.



| fig.40 | Esquema do eixo ocidental de Lisboa que se apresenta como um contínuo composto por vários elementos urbanos com a denominação de Rua Direita; Fotografias do Eixo Ocidental de Lisboa nas respectivas Ruas Direita do Arsenal (antiga Cata-Que-Farás) Rua Direita de São Paulo; Rua Direita da Bela Vista; (Fotografia do Autor)

## 6.1. Agregação sequencial. Eixos Contínuos

Os Eixos Contínuos são compostos por Ruas Direitas que se agregam em continuidade, ou seja, alinhadas em eixo, acumulando sequencialmente e somando um total variado de elementos urbanos que pode ser constantemente acrescido.

Numa leitura isolada a uma Rua Direita os espaços excepcionais Largos e Praças conquistam uma posição de destaque e importância na organização da mesma. Numa agregação em eixo contínuo, estes espaços excepcionais adquirem igualmente um papel de relevo.

No entanto, numa leitura isolada à Rua Direita, os Largos localizam-se nos seus extremos, anunciando o início ou o termo da mesma, determinando o seu limite de extensão em eixo contínuo. Nas Ruas Direitas agregadas consecutivamente, estes elementos urbanos excepcionais têm como função principal serem o ponto de conexão e articulação entre as mesmas, marcando igualmente a delimitação de cada elemento singular e identificando assim cada troço individualmente do eixo no contexto global.

Estes eixos são constituídos por troços que possuem nomenclaturas próprias e se distinguem uns dos outros. No seu desenvolvimento os diferentes troços correspondem a reinvenções do eixo, resultando assim num eixo composto pela associação de um número irregular e diferenciado de partes, capaz de se encontrar em constante ampliação.

Apesar da possibilidade de leitura e compreensão do eixo como um todo contínuo, é notória a sua consolidação faseada, tanto morfológicamente como na sua articulação com os restantes elementos urbanos, sejam eles elementos ordinários do tecido edificado, como ruas e becos e travessas, ou elementos excepcionais do mesmo, como as Praças e os Largos.

Os elementos ordinários ou excepcionais do traçado adicionam-se sucessivamente, revelando-se de importância também neste contexto mais alargado. Os Largos, como já foi referido anteriormente como espaços de articulação entre distintas Ruas Direitas, outras ruas, travessas ou ruas paralelas ou mesmo becos, identificam distintas áreas de tecido edificado e as Praças, quando existentes num troço, identificam e acabam por caracterizá-los de um modo peculiar.

Como exemplo deste tipo de agregação de Ruas Direitas em eixo contínuo, com um número elevado de elementos urbanos adicionados que atinge uma dimensão considerável, veja-se o eixo

ocidental de Lisboa. Este prolonga-se, alinhado à costa, desde a Baixa Pombalina até ao seu limite conselho na freguesia de Santa Maria de Belém / Pedrouços. É composto pelas ruas Direitas do Arsenal, reedificada sobre a antiga Rua Direita do Cata-que-Farás; Rua Direita de São Paulo; Rua Direita da Boa Vista; Rua Direita da Esperança e a posterior Rua Direita do Marquês de Abrantes; Rua Direita de Santos; Rua Direita das Janelas Verdes; Rua Direita de São Francisco de Paula; Rua Direita da Pampulha; Rua Direita do Sacramento; Rua Direita do Livramento; Rua Direita da Ponte de Alcântara, Rua Direita de Alcântara; Rua Direita do Calvário; Rua Direita da Junqueira; Rua Direita de Belém; Rua Direita do Bom Sucesso; e finalmente a Rua Direita de Pedrouços.

Destaca-se este modo de agregação sequencial, em comparação com os restantes, como o que, a partir dos mesmos elementos urbanos, atinge maior extensão territorial.

Existe contudo uma diferença de natureza entre uma agregação sequencial encontrada em aglomerados urbanos consolidados e uma agregação sequencial encontrada em contexto rural.

A diferença principal e mais evidente reporta-se à consolidação e compactação do eixo, isto é, à sua continuidade.

Assim, uma agregação sequencial em contextos rurais manifesta-se num eixo que se entende contínuo por assegurar uma continuidade espacial, ou seja, de circulação a partir de um número elevado de Ruas Direitas existentes entre aglomerados urbanos de pequenas dimensões.

Esta agregação conferia a natureza da anterior, do eixo de espaço urbano consolidado, que se entende como continuidade física de espaço urbano, na sucessão de distintas Ruas Direitas, sem intermeios, onde esta mesma continuidade se evidencia na continuidade física das suas frentes edificadas.

Em contextos rurais, este modo de agregação sequencial revela-se com intervalos de segmentos não consolidados por edificação, entre povoados, onde efectivamente a Rua Direita se define. Estes troços intermédios do eixo são espaços de cariz rural, sem construções que o definam nem qualquer outros sinais de urbanidade onde o eixo se reduz à existência da via de comunicação territorial.

É a presença destes troços intermédios não consolidados que, no lugar dos espaços excepcionais Largos e Praças, determinam a mudança ou identificação dos elementos urbanos de modo singular, quando por ventura eles não se distinguem toponimicamente.



| fig.41 | Fotografia Aérea com a localização do eixo contínuo que se localiza em contexto rural – Distrito de Aveiro. Composto pelas Ruas Direita de Aradas e Rua Direita da Quinta do Picado e Quintãs.



| fig.42 | Fotografia Aérea Com a localização de eixos contínuos compostos por várias ruas Direitas, no espaço territorial - contexto rural, pertencente ao Distrito de Aveiro

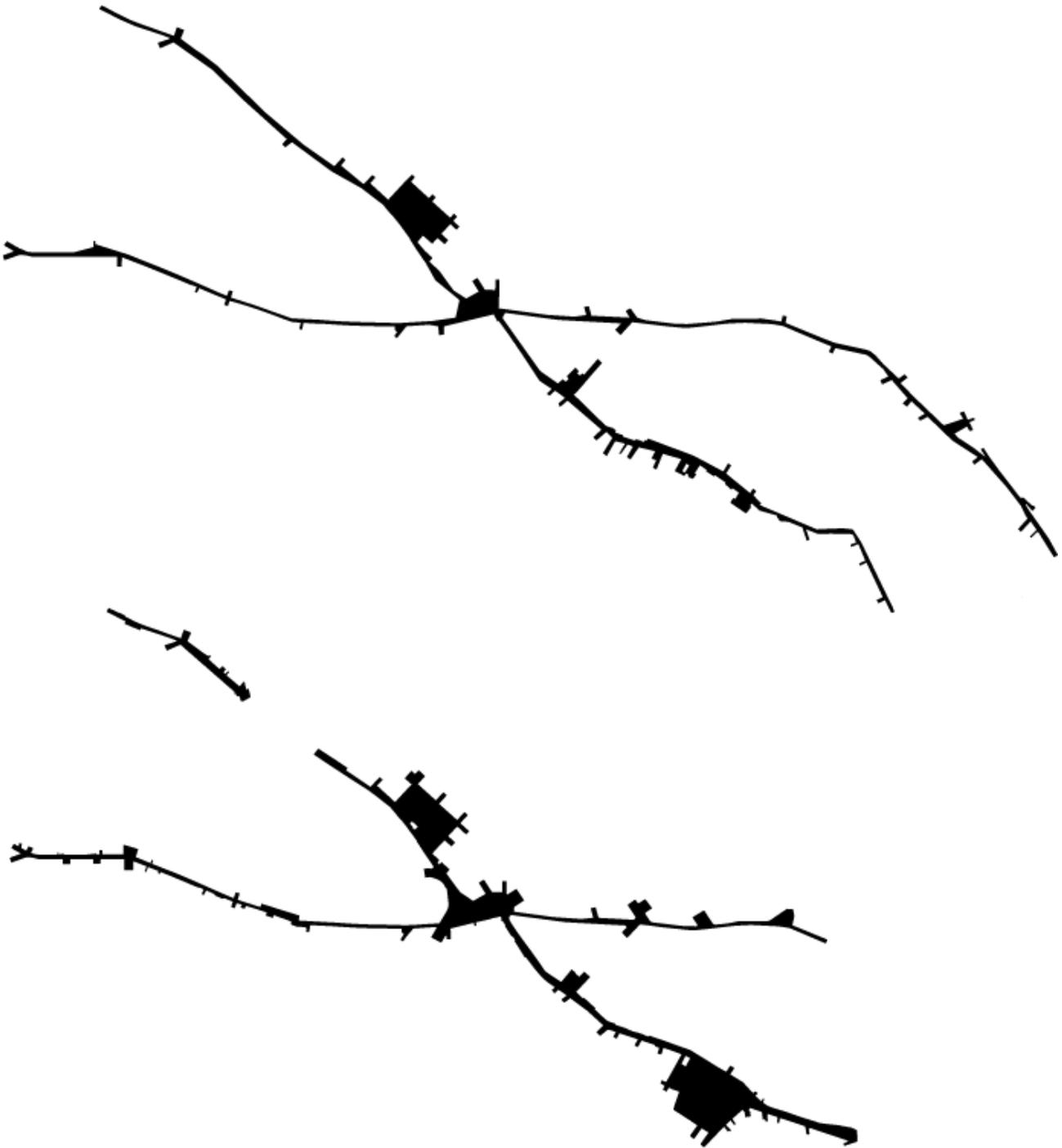
## 6.2. Agregação Convergente - Eixos Radiais

Uma agregação concorrente de Rua Direita configura-se pela confluência de eixos radiais. Nos casos em que se verifica uma agregação de duas ou mais ruas num ponto comum. Cada radial deste modo de agregação pode, eventualmente, ser composta por um elemento urbano singular, ou seja, uma única Rua Direita, ou ainda ser composta por um eixo contínuo, produto de uma agregação sequencial.

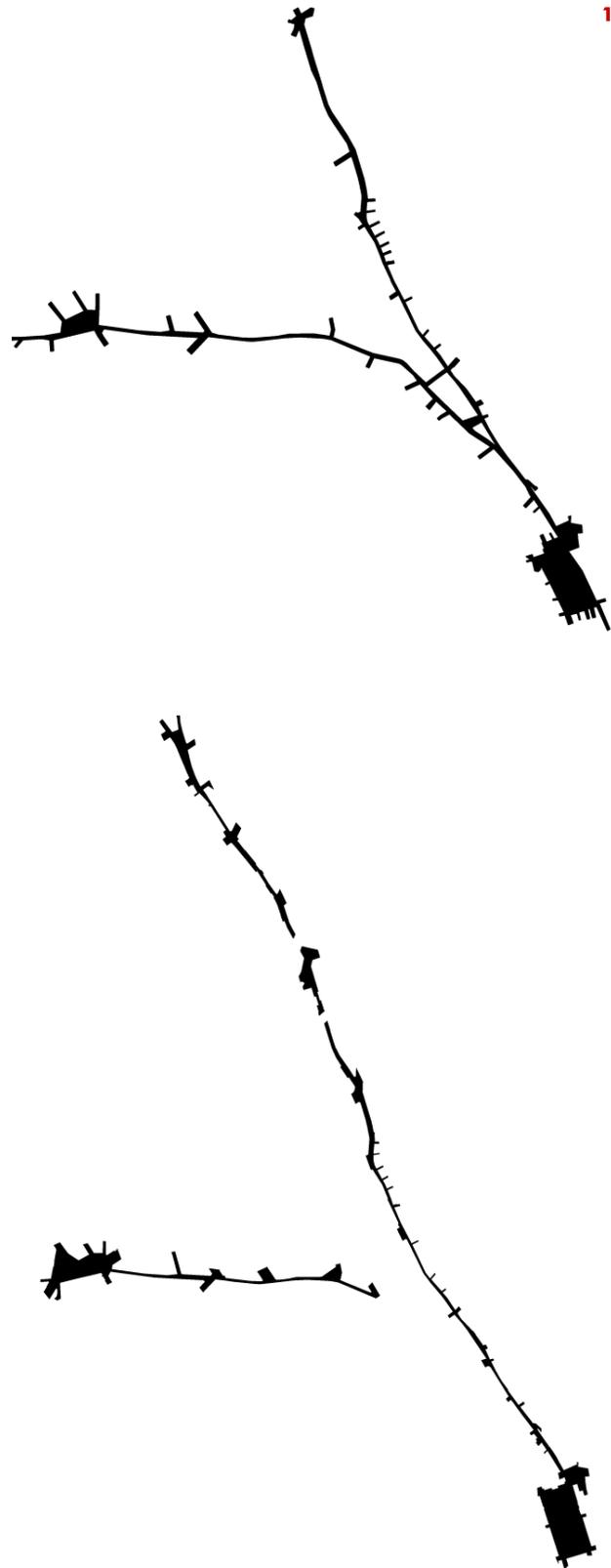
Ilustre-se como exemplo deste tipo de agregação o caso das Ruas Direitas convergentes no ponto comum – Largo do Rato.

Entendendo o Largo do Rato como ponto de agregação, das Ruas Direitas do Salitre, do eixo contínuo composto pela Rua Direita Fábrica das Sedas e Rua Direita da Patriarcal Queimada e ainda do eixo contínuo da Rua Direita do Rato e da Rua Direita de Campo de Ourique; e ainda do eixo contínuo composto pela da Rua Direita das Amoreiras e da Rua Direita dos Bem Cazados.

O Largo do Rato destaca-se como ponto de cruzamento entre eixos tidos como artérias de circulação importantes da cidade. Esta situação verificava-se em muito dos largos que antecediam as portas de um cerco amuralhado, onde as Ruas Direitas se evidenciam como importantes artérias de circulação e, por consequência estes largos tornam-se frequentemente pontos de convergência de Ruas Direitas distintas.



| fig.43 | Esquema ilustrativo de Agregação Convergente. Largo do Rato ruas: Rua Direita do Salitre; Rua Direita Fábrica das Sedas; Rua Direita do Rato; Rua Direita dos Bem Cazados. Lisboa



| fig.44 | Esquema ilustrativo de Agregação Convergente. Portas de Santo Antão ruas: Rua Direita do Salitre; Rua Direita de São José; Rua Direita da Anunciada. Lisboa.



### 6.3. Agregações Compostas - Eixos Ramificados

Uma agregação composta de Ruas Direitas configura-se pela ocorrência simultânea dos dois anteriores tipos de agregação. Assim podemos constatar coincidentemente os vários tipos de agregações, em eixos singulares compostos apenas por uma Rua Direita ou em eixos sequenciais, compostos por várias Ruas Direitas em continuidade ou ainda por agregações convergentes composta por várias Ruas direitas concorrentes num ponto comum.

Este cenário de uma agregação composta por eixos ramificados é raro porque, pressupõe a existência numa área urbana precisa de um número elevado de ruas direitas que se mantêm indissociadas.

Como caso exemplificativo deste tipo de agregações particulares tome-se por exemplo o conjunto anterior exemplificativo das ruas convergentes adicionado ao eixo contínuo composto pelas Rua Direita de Santa Marta e Rua Direita de São José.

Esta situação refere-se a um tempo passado antes da abertura da Avenida da Liberdade, que seccionou esta conexão.

Assim, visualiza-se num cenário raro uma agregação ramificada pela agregação da Rua Direita do Salitre e do eixo composto pela Rua Direita da Santa Marta e Rua Direita de São José que possuem como ponto de convergência as Portas de Santo Antão, para onde convergia do lado de dentro da cerca a sua Rua Direita de Santo Antão.

Observe-se a complexidade desta categoria a partir de uma leitura de conjunto de um espaço relativamente contido da cidade de Lisboa, correspondente a uma área pouco maior do que a envôlvia directa da cerca moura.

Em 1554 já era conhecida a Rua Direita da Porta da Sé e antes ao terramoto de 1 Novembro 1755 este eixo contínuo era composto pelos seguintes elementos urbanos: Rua Direita da Porta Travessa da Sé; Pátio do Aljube; Rua Direita de São Jorge; Rua Direita de São Martinho; Largo do Limoeiro e Rua de Santa Luzia.

Coexistiam, como podemos constatar, três Ruas Direitas numa agregação sequencial, todas elas com uma denominação complexa que associa o nome designativo a edifícios de cariz religioso<sup>114</sup>.

O nome designativo surge como um apêndice à especial função de nos impor um destino exacto e de nos localizar referencialmente num espaço urbano mais amplo, mas também para definir a própria extensão do elemento urbano.<sup>115</sup>

Tal como os exemplos atrás referidos, ao ampliarmos a nossa análise constatamos a presença de uma outra agregação sequencial, esta composta pelos seguintes elementos urbanos: a Rua Direita de Santo António que ocorria logo após trespassadas a Porta do Ferro<sup>116</sup> da Cerca Moura, considerada como a principal entrada da cidade de Lisboa, daí seguindo-se o Largo da Porta Travessa da Basílica; contíguo a este, o Largo das Cruzes; e só depois a Rua Direita de São João da Praça, que seguia até um pequeno adro da mesma cujo prolongamento desembocaria nas Portas de Alfama.

Nesta área circunscrita encontramos assim distintas Ruas Direitas, que pela variedade de agregações podemos considerar remetentes a todas as categorias.

Numa agregação sequencial poderíamos identificar dois eixos contínuos, considerando um que desde a Sé sobe a encosta em direcção à Porta do Sol, estabelecendo ligação com a parte alta da cidade, e outro em declive ameno, praticamente plano, que após trespassada a Porta do Ferro, segue até à Porta de Alfama, na zona baixa da cidade.

Poderia inclusive considerar-se o Largo da Sé como espaço convergente onde confluíam simultaneamente a Rua Direita de Santo António, a Rua Direita de São João da Praça e o eixo contínuo que sobe até às Portas do Sol, configurando uma agregação concordante.

---

<sup>114</sup> “Porta Travessa da Sé” – (um elemento constituinte de um objecto arquitectónicos, localizado num contexto espacial) “São Jorge e São Martinho” – (dois antropónimos dos oragos das respectivas Igrejas Paroquiais).

<sup>115</sup> “A Rua Direita da Porta da Sé estendia-se desde o «Cunhal da Basílica de Santa Maria Maior que está no principio athe a entrada do Largo do Aljube» ...Media no seu comprimento 320 palmos (70m,40) a sua largura, muito irregular, variava entre 14 e 25 palmos e meio (3m,08 e 5m,6) – Livro do Tombo de 1755, fl.7.” MACEDO, Luís Pastor de - Lisboa de Lés a Lé: subsídios para a história das vias públicas da Cidade. (5 Vol.) Lisboa: Câmara Municipal,1968.

<sup>116</sup> Também denominada por Porta Ocidental ou Porta Maior. “...a porta da cerca velha chamada Porta do Ferro, ou Arco da Nossa Senhora da Consolação, deixando do lado interior a igreja de Santo António e a casa do Senado, e do lado exterior a Igreja da Madalena”. VIEIRA, A. Silva - A Cerca Moura de Lisboa: Estudo histórico descritivo (3ª Edição) Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.1987.p.83

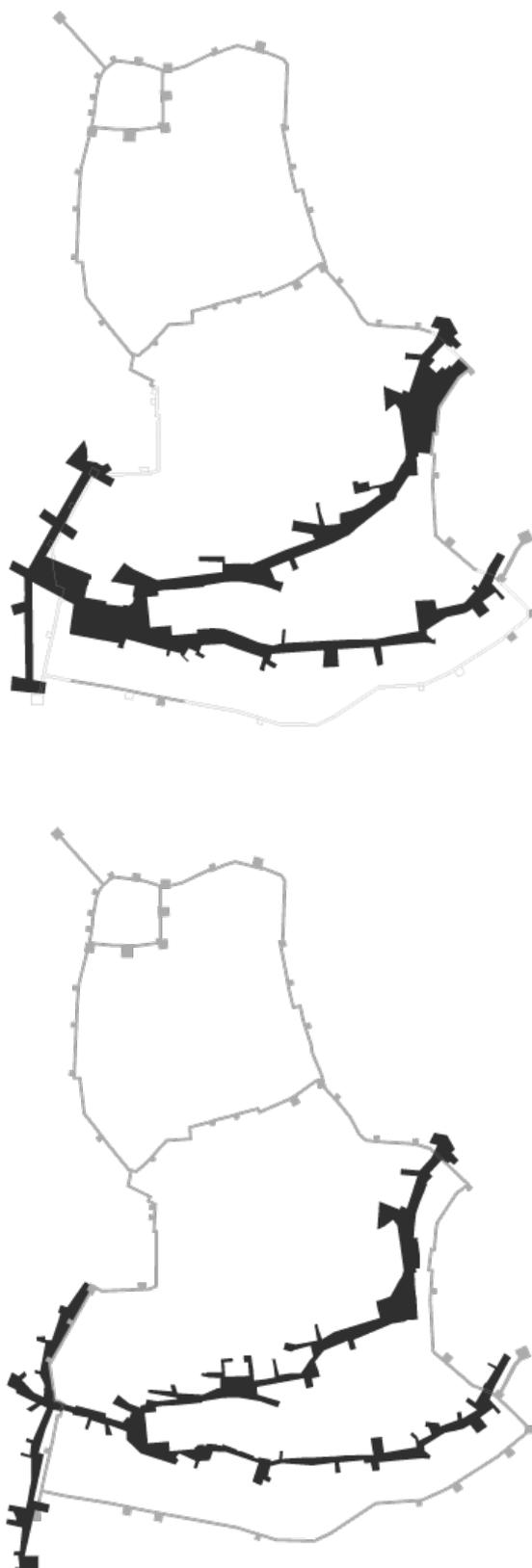
Poderia entender-se como uma agregação ramificada, ou seja, um eixo que se divide em dois, se este mesmo Largo da Sé se entender como espaço de bifurcação de um eixo que teria o seu início na Rua Direita de Santo António, depois de trespassada a Porta do Ferro.

Esta agregação seria uma análise conjunta das agregações anteriores, considerando que o início destes dois eixos seria comum, iniciando-se na Rua Direita de Santo António. O Largo Sé apresentava-se como um espaço de bifurcação, que subdividia o eixo em dois: um ramo composto por várias Ruas Direitas que em continuidade segue até às Portas do Sol; e um segundo ramo composto por uma sequência de largos e uma única Rua Direita, que seguia até à Igreja de São João da Praça, e sequente Porta de Alfama.

A centralidade destes é evidente e, para além de conter em si elementos urbanos e edificado de referência de distintos poderes régios e religiosos, possui uma posição física central no contexto onde se insere, indiferente às distintas orientações que as suas ramificações tomam.

Esta agregação de Ruas Direitas pode contudo ler-se como uma configuração ainda mais complexa, quando se adicionam outras Ruas Direitas existentes no espaço exterior da Cerca Moura. Tendo como ponto de convergência a Porta da Cidade encontram-se outras duas ruas também denominadas de Rua Direita: a Rua Direita junto do Ferro, que das Portas seguia paralela ao troço da Muralha para Sul; e a Rua Direita do Correio, que a partir das mesmas corria para Norte.

Este exemplo revela-se de uma particular complexidade pelas distintas formas de agregação constatadas e esta situação é encontrada apenas num caso tão singular como o de Lisboa pelo facto de aqui coincidirem um número expressivo de Ruas Direitas. Mesmo sendo esta análise feita através do conhecimento e persistência do traçado dos elementos urbanos assim denominados, todos exibidos em simultâneo, alguns que efectivamente possuíram esta denominação em tempos distintos.



| fig.45 | Esquema ilustrativo de Agregação Composta Lisboa

### A exceção - Lisboa

No caso de Lisboa, um dos aglomerado urbano do qual possuímos informação mais abundante, a identificação de varias Ruas Direitas conhece-se através de distintos documentos bibliográficos e cartográficos.

No século XV, citando Hélder Carita *“Esta rua, que tomou mais tarde o nome de Padaria, é nomeada, ainda em 1440, num alvará de confirmação sobre as propriedades de D. Afonso V, por “...Rua Direita junto ao Ferro...” Nasce assim a segunda Rua Direita, dum série que se irá desenvolver ao longo dos séculos XV e XVI, e cuja nomenclatura nos confirma a consolidação dum modelo conceptual de carácter urbanístico e a difusão, no tecido da cidade, desta tipologia.”*<sup>117</sup>

Na obra de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, *“Lisboa em 1551 – Sumário”*<sup>118</sup> também são já identificadas cerca de vinte Ruas Direitas.

No entanto, na planta da cidade de Lisboa desenhada por João Nunes e que data de 1650, são somente identificados três elementos urbanos com esta designação: Rua Direita das Escolas Gerais; a Rua Direita do Salvador; e a Rua Direita de São Vicente, todas localizadas numa zona oriental da cidade, entre a Cercas Moura e a Cerca Fernandina.

Na actualidade estes três casos possuem uma configuração e traçado próximos do que teriam tido originalmente, destacando-se por isso com maior relevância a alteração da sua toponímia pela supressão do seu atributo Direita.

Pela conseqüente análise dos demais documentos e cartografias, constata-se que o número de ocorrências de Ruas Direitas ao longo dos séculos é muito inconstante e variável, e que os elementos urbanos assim designados, com excepção dos que desapareceram na reestruturação de Lisboa pós terramoto, permanecem mesmo assim com a sua configuração e traçado muito próximos daqueles que teriam sido, originalmente.

Uma leitura cartográfica feita às ocorrências de Ruas Direita na cidade de Lisboa em espaços temporais determinados, esclarece e identifica que este elemento urbano, até determinado período, foi associado a um crescimento natural da cidade, revelando-se como prática de produção

---

<sup>117</sup> CARITA, Hélder - Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495 – 1521), Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

<sup>118</sup> OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de - Lisboa de 1551: Sumário, Lisboa: Livros: Horizonte, 1987.

de tecido urbano, ou seja, associando a Rua Direita à formação de novos tecidos urbanos da cidade.

Lisboa caracteriza-se assim por possuir uma quantidade de Ruas Direitas que se destacam pela particularidade de estarem organizadas em eixos de expansão. Apresentam-se em somatórios de distintas Ruas Direitas, que se agrupam em agregações sequenciais e que, quando dispostas numa forma radial no território da cidade, assinalam direcções de expansão do tecido urbano da mesma. Estes eixos de expansão estabelecem-se, nomeadamente, num alinhamento paralelo à linha de costa que se dirige tanto para ocidente como para oriente, como em eixos de expansão de penetração no território, quando se desenvolvem sobretudo para norte.

A constituição destes eixos de expansão no seu desenvolvimento produz-se pela adição destes troços, originando um eixo composto pela associação de um número irregular e diferenciado de partes, capaz de se encontrar em constante ampliação.

Estas ruas possuem todas elas uma toponímia própria, ou seja uma denominação composta, pois mesmo possuindo o termo comum “Direita”, adicionam um nome designativo que as diferencia uma das outras. Recorde-se o eixo ocidental composto pelas Ruas Direita de Cata que farás que após a reconstrução Pombalina é reconfigurada com o nome de Rua Direita do Arsenal; Rua Direita de São Paulo; Rua Direita da Boa – Vista; Rua Direita da Esperança –Rua Direita do Marquês de Abrantes; Rua Direita de Santos ou Santos o Velho; Rua Direita das Janelas Verdes; Rua Direita de São Francisco de Paula; Rua Direita da Pampulha; Rua Direita do Sacramento; Rua Direita do Livramento; Rua Direita da Ponte de Alcântara; Rua Direita de Alcântara; Rua Direita do Calvário; Rua Direita da Junqueira; Rua Direita de Belém; Rua Direita do Bom Sucesso; e Rua Direita de Pedrouços.

Para além da toponímia, estas Ruas Direitas distinguem-se por uma configuração própria e pela articulação que os diferentes elementos urbanos, tanto excepcionais como ordinários, exercem com as mesmas. Apesar da leitura e compreensão de um destes eixos de expansão poder ser feita parcelarmente, através do elemento urbano tomado individualmente, ou seja, cada Rua Direita, ou através do conjunto dos mesmos, ou seja, ao eixo na sua totalidade. Só uma leitura que abranja a totalidade do eixo, deixará perceber a sua consolidação morfológica faseada. A descontinuidade entre Ruas Direitas é perceptível tanto através de elementos excepcionais, nomeadamente os Largos, como através do tecido homogéneo diferenciado que se associa especificamente a cada Rua Direita.

No entanto, são também estes elementos ordinários ou excepcionais do traçado que servem de articuladores das mesmas Ruas Direitas e que se revelam tão significativos para a rua que integram como para o eixo em geral. Todos os elementos urbanos que se associam ao eixo acabam por assumir uma posição distinta se interpretados em contexto geral ou em contexto particular.

Dando como exemplo a Praça de S. Paulo na Rua Direita de São Paulo, este tem uma importância relativa na totalidade do eixo, sendo uma praça entre outras. No entanto, numa leitura singular à Rua Direita de São Paulo, a praça assume-se como o elemento urbano central da rua aquele que suporta o edifício de cariz religioso que enobrece o espaço e que nomeia não somente a praça mas a própria rua.

Nos casos em que se interpreta a Rua Direita como um elemento singular, esta evidencia de imediato o seu papel como elemento estruturador de toda uma área afectada.

Já em eixo composto por uma adição variada de Ruas Direitas, é entendida no seu conjunto como um elemento para além de estruturador como constantemente gerador de tecido urbano, construído sequencialmente, gerando e articulando constantemente novos tecidos de expansão da cidade.

Quando se refere o número de ocorrências de Ruas Direitas como inconstante e variável, esta afirmação prende-se ao facto de nem sempre serem representadas pela mesma denominação em épocas sequentes. Mesmo em diversos trabalhos do mesmo autor, como é o caso do "Atlas da Carta topográfica de Lisboa" realizado sob a direcção de Filipe Folque, que remete para uma 1ª versão executada nos anos de 1856 a 1858 e uma 2ª versão de 1871, encontram-se variantes significativas. O número de ruas cartografadas identificadas com esta designação varia de trinta e cinco Ruas Direitas na primeira versão, para apenas doze na segunda.

A permanência das Ruas Direitas encontradas na cidade atribui-se a uma presença física, ou seja, do seu traçado, mesmo com alterações miúdas de alinhamentos ou rupturas parciais provocadas pelo crescimento do tecido urbano e pela abertura de novos eixos urbanos. Enquanto a alteração da sua denominação acontece praticamente em todos os casos.

Considera-se que face ao número de Ruas Direitas encontradas poucas são aquelas que desapareceram fisicamente, maioritariamente resultante da reestruturação urbana pós-Terramoto ou

fruto da implementação de planos, como é o caso da Rua Direita do Vale do Pereiro, que se situava no local onde foi implantado o Parque Eduardo VII.

Em relação às Ruas Direitas que se encontram ainda hoje com esta designação na cidade de Lisboa, constata-se que a sua posição é bastante afastada do centro da cidade e já aquando a sua formação se encontravam em espaço limítrofe ou mesmo exterior à cidade, associadas a eixos de penetração do território para norte ou eixos de expansão paralelos à costa, que correspondem a antigas azinhagas, ou seja, caminhos rurais que se encaminhavam para as áreas agrícolas próximas, onde coexistiam pequenos núcleos urbanos dispersos, e extensas propriedades de vilegiatura.

Reconhecem-se nesta situação as seguintes ruas: Rua Direita de Marvila; a Rua Direita do Lumiar; a Rua Direita da Ameixoeira; e a Rua Direita da Palma.

A Rua Direita de Marvila, que corresponde a um troço seccionado pela linha férrea da actual estrada de Marvila, estava integrada num eixo contínuo de Ruas Direitas que se desenvolvia numa situação baixa e paralela à linha costa em direcção a poente. Pode conjecturar-se que o seu início corresponderia à Rua Direita da Misericórdia, logo após o Terreiro do Paço, que em eixo seguia pelas Ruas Direita da Ribeira, Rua Direita de Nossa Senhora do Paraíso, Rua Direita de Madredeus, Rua Direita de Xabregas; Rua Direita do Grilo, e aqui infletia pela Calçada do Grilo até à Rua Direita dos Ananases, assim denominada na primeira versão do Atlas da Carta Topográfica de Filipe Folque, até se reunir à Rua Direita de Marvila, cuja denominação só se constata na toponímia actual.

Como parte do troço de uma estrada, encontra-se também a Rua Direita do Lumiar, que possui esta designação apenas no troço que se encontra urbanizado. Situa-se na freguesia do Lumiar, considerada uma área nobre de recreio por nela se localizarem quintas abastadas, à época rodeadas por jardins botânicos e vastas áreas, férteis em produtos agrícolas, pertencentes a aristocratas, como o é o Palácio do Monteiro-Mor, conhecido posteriormente e até à data por Paço do Lumiar.

A Rua Direita da Ameixoeira corresponde também à parte urbanizada de uma estrada. No entanto, depois de trespassado o seu troço edificado, que é denominado de Rua Direita, e do Largo subsequente, perde a sua importância, mesmo como elemento de circulação, resultando o seu desenvolvimento num caminho inóspito, ainda hoje denominado de Azinhaga das Galinheiras.

Ambas as ruas, Direita do Lumiar e Direita da Ameixoeira, situam-se provenientes de uma ligação directa de um eixo de penetração territorial para Norte, apresentando-se como ramificações de um eixo de circulação estrutural que terá sido também ele consolidado sob a forma e designação de Ruas Direitas. Pode-se assim considerar como derivações do mesmo, apesar de possuírem alinhamentos opostos Nascente e Poente de um eixo comum, este com sentido Norte-Sul, que desde o centro da baixa da cidade se estendia até transpor os limites concelhios.

Este eixo do qual derivam as Ruas Direitas do Lumiar e da Ameixoeira, constituía-se também através de um eixo contínuo de Ruas Direitas, respectivamente pelas Ruas Direitas que após ultrapassada a porta da cerca Moura se denominavam de Rua Direita da Mouraria (lado de fora), Rua do Bem formoso, seguindo pela Rua Direita dos Anjos e Rua Direita de Arroios.

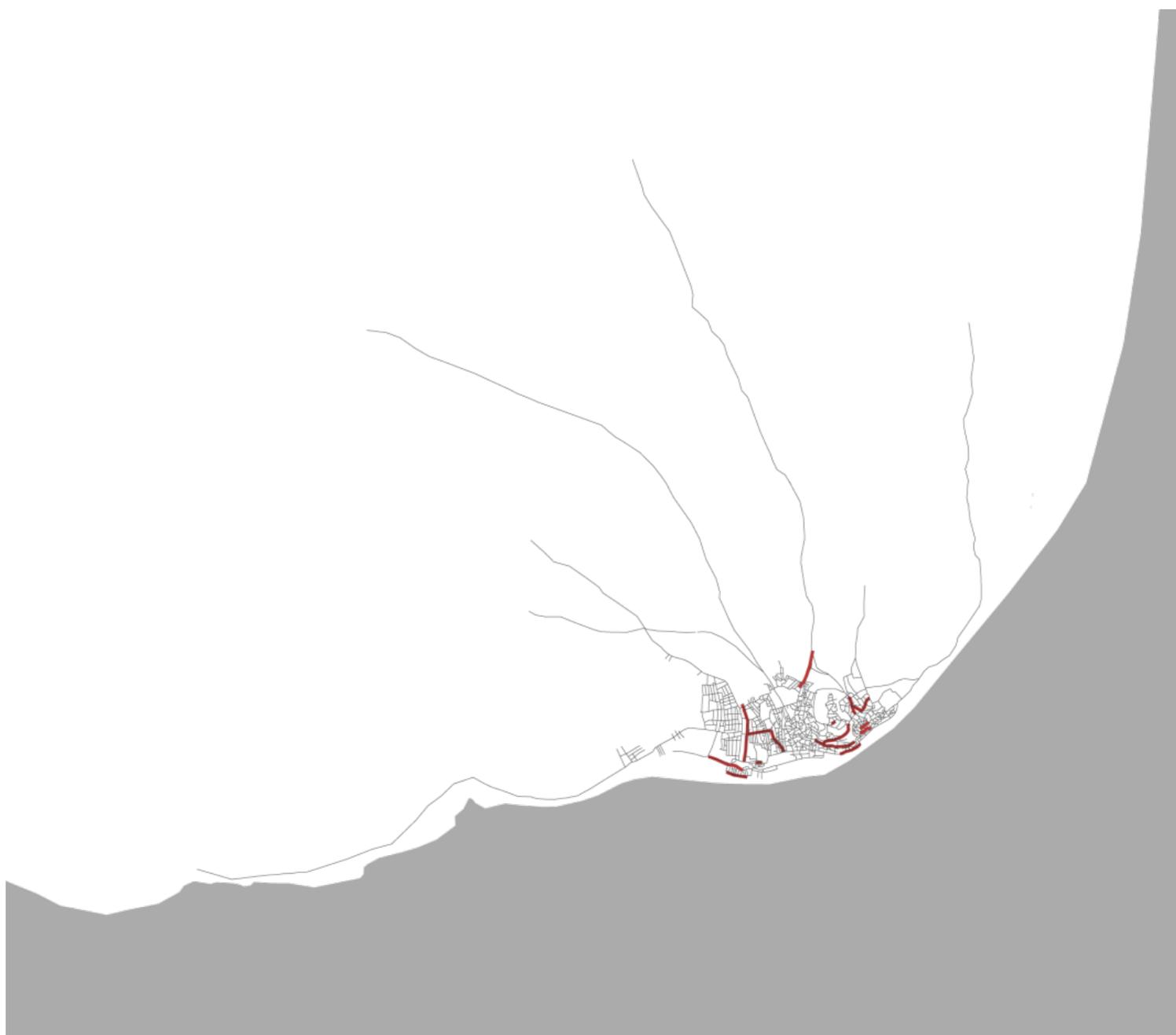
A Rua da Palma também estava associada a uma derivação de um eixo urbano de circulação privilegiada, com sentido Norte-Sul, de penetração no território. Este proveniente das Portas de Santo Antão, era constituído pela Rua Direita de Santo Antão do lado da Anunciada; Rua Direita de São José; Rua Direita de Santa Marta; e Rua Direita do Chafariz de Andaluz.

A grande diferença entre estas é o facto de serem consolidadas e inseridas num espaço de percurso canal ou ser como é o caso específico da Rua da Palma, completamente contida a um assentamento urbano preciso, fechado sobre si mesmo, que se mantém desde a sua constituição até à actualidade.

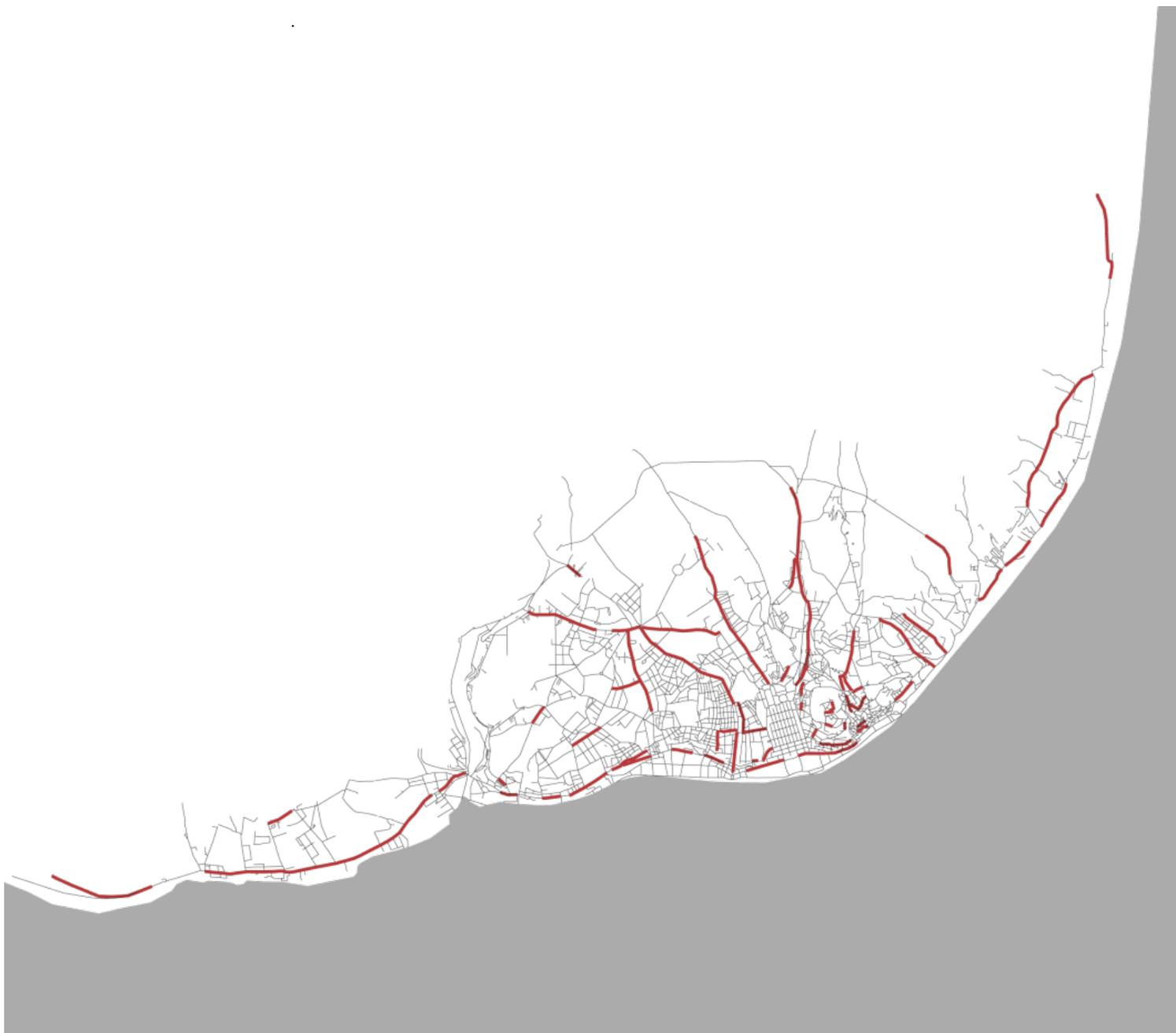
No passado, o assentamento urbano onde se localizava a Rua Direita da Palma encontrava-se rodeado de campos agrícolas e portanto com uma figura de núcleo urbano fechado. Na actualidade mantém a aparência distinta mas esta envolvido por áreas urbanas entre eixos viários de circulação rápida, resultado do crescimento da cidade na 2ª metade do século XX.

Na actualidade, a Rua Direita da Ameixoeira também se fecha sobre si mesma, dado ter deixado de ser um caminho usual de circulação e se encontrar num estado de abandono e desprestígio do seu espaço e do edificado que a define.

Os assentamentos da Rua Direita da Palma e da Rua Direita do Lumiar resultam na constituição de um tecido homogéneo bastante característico, contendo alguns elementos urbanos como travessa largo ou rossio e ruas secundárias paralelas a ela.



| fig.46 | Esquema de evolução de casos constatados com a denominação de Rua Direita na cidade de Lisboa, de antes do Terramoto de 1755.



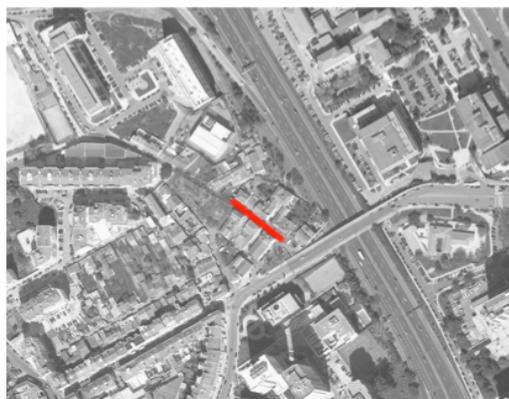
| fig.47 | Esquema de evolução de casos constatados com a denominação de Rua Direita na cidade de Lisboa, século XVII e XIX.



| fig.48 | Esquema de evolução de casos constatados com a denominação de Rua Direita na cidade de Lisboa, século XX



| fig.49 | Esquema de evolução de casos constatados com a denominação de Rua Direita na cidade de Lisboa, na actualidade.



| fig.50 | Imagens de contextualização Rua Direita da Palma e Rua Direita do Lumiar



| fig.51 | Imagem – Fotomontagem de vistas panorâmicas da Rua Direita da Palma.





**Parte III**

**Classificação Tipológica**





## 7. Ensaio de Classificação

### 7.1. Classificação de Casos

Para se proceder a um ensaio das Ruas Direitas houve que dividir o universo de casos em duas partes, a primeira ordena os casos de estudo inseridos em contextos urbanos consolidados e numa ocorrência única, na segunda parte procede-se à ordenação dos casos de estudo com uma ocorrência múltipla.

#### Contexto Urbanos Consolidados – uma única ocorrência

Como resultado da primeira parte do estudo, ensaia-se a construção de um Quadro de Classificação, suportado em casos considerados emblemáticos para uma caracterização pormenorizada. Em todos estes casos são identificados características morfológicas distintas e semelhantes, que registam uma variedade tipológica do elemento urbano. Neste quadro constatam-se variantes tipológicas do elemento urbano que estão relacionadas especialmente com a sua natureza, a sua constituição e a sua estrutura sendo que, as restantes categorias podem estar subordinadas a condicionantes exteriores.

A princípio restringimos a análise a Ruas Direitas identificadas em contextos urbanos consolidados, tomando como categorias de classificação a sua: **Natureza**, que identifica, desde logo, a sua inserção em contextos urbanos primordiais ou de expansão de determinado aglomerado urbano; **Constituição** que determina a sua acção fundacional linear ou nuclear; **Estrutura** aberta ou fechada, se têm ou não possibilidade de continuidade para além dos seus limites; e **Malha**, regulada ou deformada, que a sua constituição produz e que, dependente de condicionantes, têm uma representação de traçado distinta; e por fim a **Forma** do traçado com que a Rua Direita se desenvolve sinuosa, curva ou rectilínea.

## Natureza

Consideram-se as Ruas Direitas em eixo primordial e eixo de expansão relativamente ao contexto urbano onde se estabelecem. A sua ocorrência em eixo primordial corresponde a um eixo que é considerado como originário desse mesmo aglomerado urbano e que se localiza no seu núcleo primordial. Frequentemente a Rua Direita corresponderá à totalidade desse eixo. No entanto, por vezes, pode apenas consistir numa parte do mesmo. Os eixos de expansão tomam esta designação por se localizarem em áreas de desenvolvimento da cidade e a sua configuração formal é determinada por uma acção que está sujeita às necessidades de desenvolvimento que o núcleo urbano procura extinguir.

## Constituição

A Categoria de Constituição Linear diz respeito a uma tendência de desenvolvimento em linha, ou seja, uma estrutura alongada que se vê limitada ao próprio eixo que a compreende. Já a Categoria Constituição Nuclear diz respeito à constituição de tecidos associados à Rua Direita, ou seja, de um núcleo que é composto por outros elementos urbanos.

## Estrutura

A Estrutura Aberta e Fechada diz respeito ao condicionamento da continuidade do eixo da Rua, que se prolonga ou não para além dos seus limites.

Numa Estrutura Aberta a Rua Direita faz parte de um eixo que é contínuo, ou seja, que se prolonga para além do espaço da mesma.

Como Estrutura Fechada entendem-se as Ruas Direitas que possuem o seu prolongamento condicionado. Referimo-nos a Ruas Direitas que, por exemplo, se encontram em núcleos amuralhados e que não possuem uma continuação efectiva.

Como exemplo, Óbidos, onde a Rua Direita segue em direcção à Alcáçova e aí termina ou mesmo em situações como na Guarda, onde a Rua Direita fazia a ligação a uma Porta “Falsa”, com um acesso impraticável.

A presença de um cerco amuralhado não determina obrigatoriamente que a Estrutura da Rua Direita se apresente como Fechada, também se pode encontrar como uma “estrutura aberta”.

Um número considerável de Ruas Direitas encontra-se em núcleos amuralhados identificados com uma Estrutura Aberta por fazerem a ligação entre Portas que permitem a continuação de um trajecto para além destas, que na actualidade ainda se mantém activo.

Seria natural considerar-se que, em espaços de expansão e não delimitados por muralhas, a Rua Direita se apresenta-se segundo uma Estrutura Aberta. No entanto, outras características manifestam-se, como por exemplo a topografia que condiciona a produção de rua fazendo com que esta consideração não se torna sempre verdadeira.

### Malha

A Malha regulada ou deformada diz respeito às condicionantes que se apresentam no *locus* e que resultam portanto num traçado umas vezes mais regular do que outras.

A Rua Direita manterá em ambos os casos as suas qualidades urbanas, produzindo-se segundo uma malha regulada e sempre que as condicionantes do espaço sejam favoráveis, esta traduzirá um traçado rectilíneo.

Caso existam condicionantes topográficas ou mesmo arquitectónicas, como a presença de um cerco amuralhado restritivo ou outros elementos que condicionem o seu desenvolvimento, a malha resultará deformada pela ação das condicionantes e o traçado associado, tanto da rua como de toda a área adjacente tenderá, revelar a irregularidades.

Mesmo quando a rua é implementado, sob um traçado pré existente irregular, o elemento urbano reproduzirá as suas qualidades intrínsecas sobre envolvente, independentemente de as conseguir traduzir formalmente de forma rectilíneo.

### Forma

A forma da Rua Direita diz respeito à configuração que adquire na sua implantação. Submetida à ideia, de direcção recta e com condicionantes favoráveis, a Rua Direita normalmente apresenta-se com uma forma rectilínea e apenas se deforma sinuosamente ou em curva por ação de outros factores condicionantes externos, particularmente pelo efeito da topografia do local de assentamento onde se estabelece. Em relação à sua forma rectilínea, reforça-se a ideia de que esta não supõe ser completamente rígida e de uma regularidade geométrica, e por conseguinte ao caminhar pela rua nem sempre esta percepção nos parece evidente.

O transeunte usa uma visão serial muito própria, a do olho humano e por isso é espontâneo a classificar uma Rua Direita que apenas possui ligeiras deformações na sua frente edificada e não revela claramente o seu fim, como uma rua sinuosa. No entanto, esta pode possuir uma forma rectilínea. É resultado deste procedimento classificativo inexato que surge a afirmação comum de que “todas as Ruas Direitas são Tortas”<sup>119</sup>, sendo que na verdade não o são.

#### Classificação dos Casos de Estudo

Apresenta-se o Quadro de Classificação dos Casos de Estudo com uma ocorrência singular, inseridos em contextos primordiais e de expansão, em espaços amuralhados, mesmo que, na actualidade, estas estruturas de protecção já não sejam visíveis.

		CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO				
		Natureza	Constituição	Estrutura	Malha	FORMA
		eixo primordial	linear	aberta	regulada	sinuosa
		eixo de expansão	nuclear	fechada	deformada	curva
CASOS Toponímia actual						rectilínea
Aguiar da Beira	Rua Direita	eixo de expansão	nuclear	aberta	regulada	rectilínea
Barcelos	Rua António Barroso	eixo primordial	nuclear	aberta	deformada	rectilínea
Braga	Rua Direita	eixo de expansão	linear	aberta	deformada	curva
Bragança	Rua dos Combatentes da G. G.	eixo de expansão	nuclear	aberta	deformada	rectilínea
Cascais	Rua Frederico Arouca	eixo de expansão	linear	aberta	regulada	rectilínea
Chaves	Rua Direita	eixo primordial	nuclear	aberta	regulada	rectilínea
Coruche	Rua Direita	eixo de expansão	nuclear	aberta	deformada	rectilínea
Estremoz	Rua Direita	eixo de expansão	nuclear	fechada	regulada	rectilínea
Leiria	Rua Barão Viamonte	eixo de expansão	nuclear	aberta	deformada	curva
Monsaraz	Rua Direita	eixo primordial	nuclear	fechada	regulada	rectilínea
Óbidos	Rua Direita	eixo primordial	nuclear	fechada	deformada	sinuosa
Porto	Rua de Santo Ildefonso	eixo de expansão	linear	aberta	regulada	rectilínea
Setúbal	Rua Francisco Pacheco	eixo de expansão	nuclear	aberta	regulada	rectilínea
Vila Real	Rua Teixeira de Sousa e (...)	eixo de expansão	linear	aberta	deformada	curva
Viseu	Rua Direita	eixo primordial	nuclear	aberta	deformada	sinuosa

<sup>119</sup> Expressão corrente de cariz popular.

Em resumo do quadro apresentado apresenta-se a Rua Direita com tendência a existir como um eixo de expansão de constituição nuclear e com uma estrutura aberta, e segundo uma forma rectilínea.

### Contexto Urbanos Distintos - ocorrência múltipla: Eixo Interurbano

As variantes de Ruas Direitas encontradas dizem respeito a uma análise restrita a casos de estudo encontrados em contextos urbanos consolidados e com uma ocorrência única. No entanto, foram identificadas Ruas Direitas em contextos rurais, ou seja, em áreas urbanas de envolvente rural.

Ao serem analisadas em particular, estas Ruas Direitas pertenceriam às categorias anteriores descritas. No entanto, a sua identificação numa ocorrência múltipla revela também a possibilidade de categorizar o seu tipo de agregação .

Nas imediações da cidade de Aveiro onde se identificam estas Ruas Direitas, encontramos contextos urbanos muito diluídos numa envolvente rural. Neste contexto é onde se identifica a grande particularidade, ou seja, diferença em relação à agregação em continuidade de Ruas Direitas em espaços consolidados de um só aglomerado urbano, como são exemplo os casos de Lisboa, ou mesmo de vários aglomerados urbanos já consolidados.

Os casos de estudo identificados pertencentes ao Distrito de Aveiro e ao Concelho de Lisboa podem, apesar de em contextos urbanos diferentes, considerar-se segundo um modelo linear contínuo. Já os casos pertencentes à Estrada Ribatejana Nacional 118 desenvolvem-se segundo um modelo nuclear.

A partir de Aradas até Fontão o eixo contínuo apresenta-se com uma configuração linear sendo por vezes difícil de distinguir aonde acaba, ou começa cada elemento urbano e a que povoação específica é respectivo, mesmo que parcialmente interrompido por espaços rurais.

Os casos Ribatejanos pertencentes às povoações de Benfica do Alentejo, Vale dos Cavalos, Chamusca, e Carregueira apresentam-se ligados em eixo, mas constituindo núcleos, onde facilmente é distinguida cada Rua Direita, que corresponde rigorosamente a cada núcleo urbano que pontua o eixo.



| fig.52 | Esquema sintético sobre Ortofotomapa do eixo interurbano entre as localidades de Benfica do Ribatejo; Vale dos Cavalos; Chamusca e Caregueira.

## 7.2. Variantes Tipológicas

Como síntese do Quadro de Classificação dos Casos de Estudo apresentado, a Rua Direita tem uma tendência genérica a existir como um eixo de expansão de constituição nuclear e com uma estrutura aberta, segundo uma forma rectilínea.

No entanto, numa análise mais detalhada constata-se a existência de cinco tipologias de Ruas Direitas:

1. Eixo Primordial Nuclear Fechado
2. Eixo Primordial Nuclear Aberto
3. Eixo de Expansão Nuclear Fechado
4. Eixo de Expansão Nuclear Aberto
5. Eixo de Expansão Linear Aberto

### 1. EIXO PRIMORDIAL NUCLEAR FECHADO

Constitui-se num eixo inserido em contexto primordial de um aglomerado urbano que ao constituir-se se reproduz, formando um núcleo a si adjacente. A sua constituição não possui continuação de circulação, ou seja, é evidente o seu sentido direccionado para determinado espaço tido como referencial e que nele se esgota.

Esta variante encontra-se associada especialmente a contextos urbanos amuralhados, onde a Rua Direita faz a ligação entre a sua porta principal e a Alcáçova e nesta conclui o seu percurso. Independentemente deste espaço, a Alcáçova, possui contacto com o exterior, a Rua Direita extingue-se aí. Exemplos: A Rua Direita em Monsaraz; e a Rua Direita em Óbidos;

### 2. EIXO PRIMORDIAL NUCLEAR ABERTO

Consiste num eixo que se encontra inserido em contexto primordial de um aglomerado urbano cingido a um núcleo amuralhado, que ao constituir-se se reproduz formando um núcleo a si adjacente provido de uma direcção espacial, a um espaço “central” e que permite, após a sua

constituição, o seu prolongamento. Exemplos: A Rua Direita em Barcelos; A Rua Direita em Chaves; Rua Direita de Sortelha; e a Rua Direita em Viseu;

### 3. EIXO EXPANSÃO NUCLEAR FECHADO

Constitui-se num eixo que se encontra inserido numa área de expansão de um aglomerado urbano, se reproduz formando um núcleo adjacente e se firma no seu espaço de direcção tida como referencial ou por condicionantes exteriores (cercos amuralhados; topografia; espaço rural), não permitindo o seu prolongamento após atingir o seu objectivo. Exemplo: A Rua Direita em Estremoz; a Rua Direita da Lapa e a Rua Direita da Ameixoeira – Lisboa.

### 4. EIXO EXPANSÃO NUCLEAR ABERTO

Constitui-se num eixo que se encontra inserido em área de expansão de determinado aglomerado urbano, que ao constituir-se se reproduz formando um núcleo adjacente, sendo provido de uma direcção espacial eminente que permite, após a mesma o seu prolongamento. Exemplos: A Rua Direita em Aguiar da Beira; A Rua Direita em Bragança; A Rua Direita em Cascais; A Rua Direita em Coruche; A Rua Direita em Leiria; A Rua Direita no Bairro do Troino em Setúbal;

### 5. EIXO EXPANSÃO LINEAR ABERTO

Definição: Constitui-se num eixo que se encontra inserido em área de expansão de determinado aglomerado urbano, a sua constituição é restringida ao seu limite confinante urbanizado e depois de atingir uma direcção espacial permite, após a mesma, o seu prolongamento. Exemplos: A Rua Direita no Porto; A Rua Direita em Braga; A Rua Direita em Vila Real;

### 6. EIXO INTERURBANO LINEAR SEQUENCIAL

Definição: Consiste num eixo interurbano contínuo, que se estabelece segundo uma estrutura linear a partir de uma número de Ruas Direitas sequenciais e com possibilidade de repetição. Exemplos: Eixo Contínuo Ocidental de Lisboa; Eixo Interurbano pertencente ao Distrito de

Aveiro, composto pelas Ruas Direitas encontradas nos núcleos de Aradas, Quinta do Picado, Quintas, Salgueiro e Fontão.

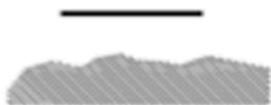
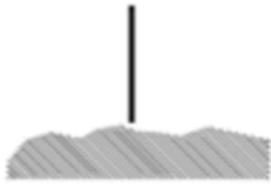
## 7. EIXO INTERURBANO NUCLEAR DESCONTÍNUO

Definição: Consiste num eixo interurbano, que se constitui a partir de Ruas Direitas que se estabelecem segundo uma estrutura nuclear e que se apresentam descontínuas na sua extensão onde a Rua surge alternadamente ao longo de um eixo. Exemplos: Eixo sobre a Estrada Nacional 118 composto pelas Ruas Direitas encontradas nos aglomerados urbanos de Benfica do Ribatejo, Vale dos Cavalos, Chamusca e Carregueira.

Quadro Tipológico

		Rectilinea		Curvilinea		
<b>Contexto</b>	Expansão	Primordial				
Aberta	Fechada			Aberta	Fechada	
	Aberta					
<b>Constituição</b>	Nuclear	Fechada			Aberta	Fechada
		Aberta			Aberta	Fechada
	Linear	Fechada			Aberta	Fechada
		Aberta			Aberta	Fechada
<b>Forma</b>	Rectilinea		Curvilinea			

### 7.3. Quadro Tipológico

Particularidades:	Frentes de água	Topografias acidentadas
configuração paralela		
configuração perpendicular		

<b>Ocorrência</b>	Singular	Nº = 1		
	Múltipla	Nº > 1		
	Gêneros de Agregação			
				
	Sequencial	Paralela	Duplicada	
			Convergente	Composta



## 7.4. Descrições de Casos de Estudo

No Projecto de Investigação *A Rua em Portugal – Inventário Morfológico*, é contemplado um número significativo de cidades onde se constatou a existência do elemento urbano designado por Rua Direita, alguns destes foram criteriosamente seleccionados obtendo a condição de serem inventariadas e representados através deste inventário morfológico.

### Aguiar da Beira

A Rua Direita de Aguiar da Beira situa-se numa área homogénea característica, em posição central no traçado da vila, assente numa encosta de pendente para Sul/Sudeste, composta por ruas praticamente paralelas entre si, de nível e dispostas em patamares de cotas distintas.

Apesar de identificada como “centro histórico”, esta área apresenta-se como uma primeira expansão a nascente do seu núcleo primordial, onde se localizava o Castelo Medieval, situado numa colina a sudoeste, de cotas mais elevadas, onde primitivamente se concentrava a defesa e a sua cercania do qual se erigiu o primeiro povoado.

Assim, a Rua Direita compreende-se como uma expansão em continuidade para nascente do eixo primordial denominado actualmente como rua do Castelo e rua da Misericórdia. Com início na área correspondente à localização do castelo, desce a encosta até ao Largo dos Monumentos. Estabelece, para além de uma continuidade com este eixo primordial, uma relação directa entre aqueles que são os espaços excepcionais da cidade: Largo dos Monumentos, a Oeste e, o Largo da Carvalha, a Este.

A sua forma é ligeiramente sinuosa e desenvolve-se no sentido Poente /Nascente, possuindo uma dimensão longitudinal de 140 metros, nivelada a uma cota de 784 metros.

A secção do seu perfil transversal varia entre os 4 e os 6 metros ao longo do seu percurso, ampliando-se apenas numa fase de termo, quando chega a atingir os 10 metros, ao intersectar uma rua transversal.

Os quarteirões que ladeiam a Rua Direita possuem uma forma rectangular irregular, de orientação Este/ Oeste. O seu maior lado é voltado para a frente de rua, encontra-se a norte os quarteirões mais regulares e a sul os mais irregulares, dado que aqui a topografia é mais acentuada.

É composta por uma frente edificada e contínua, de cêrceas que variam entre um e três pisos para uso habitacional, onde pontualmente se estabeleceram espaços comerciais.

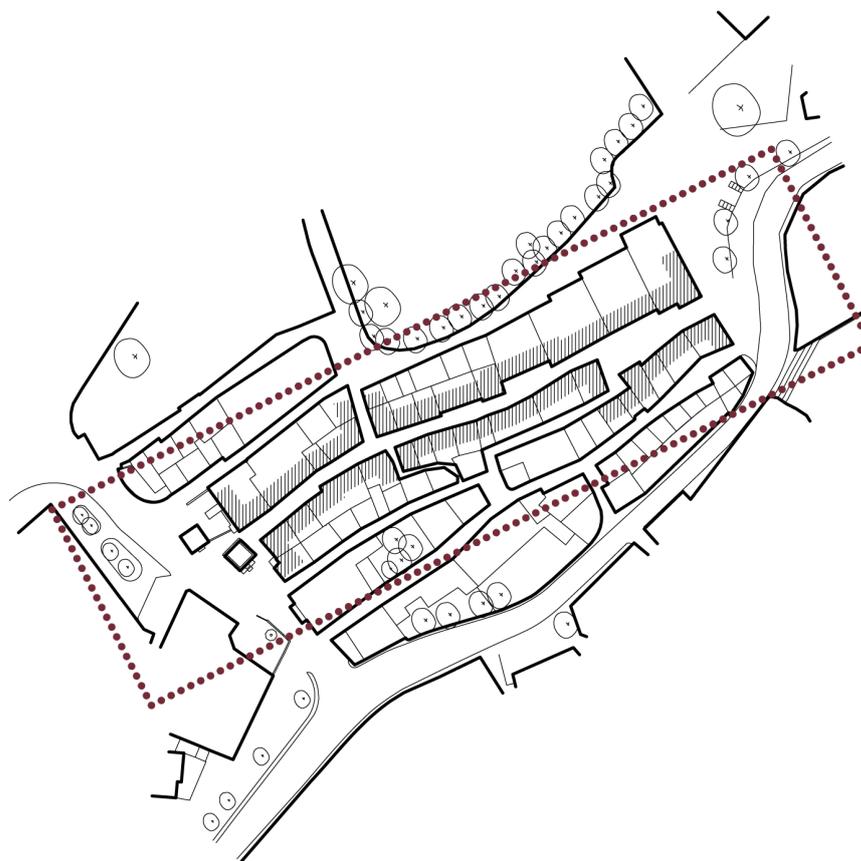
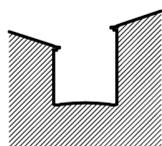
A sua estrutura cadastral dispõe os lotes, de dimensões variadas, alinhados e paralelos uns aos outros. Na maioria dos casos encontramos lotes com duas frentes, a principal voltada para a Rua Direita, sendo a outra servida por uma rua secundária. Os lotes são na maioria ocupados na sua totalidade e os seus edifícios possuem duas frentes com serventia.

As habitações unifamiliares possuem geralmente dois ou apenas um piso "alto", e o seu acesso ao exterior, quando não directo, faz-se por escadas e balcão no exterior. O piso do rés-do-chão, situado a uma cota inferior à da rua seria destinado para estábulos de animais ou para depósito de utensílios de lavoura sendo o segundo piso apenas destinado ao uso habitacional. Estas edificações caracterizam-se por uma construção tradicional simples, onde o uso da alvenaria de granito é predominante.

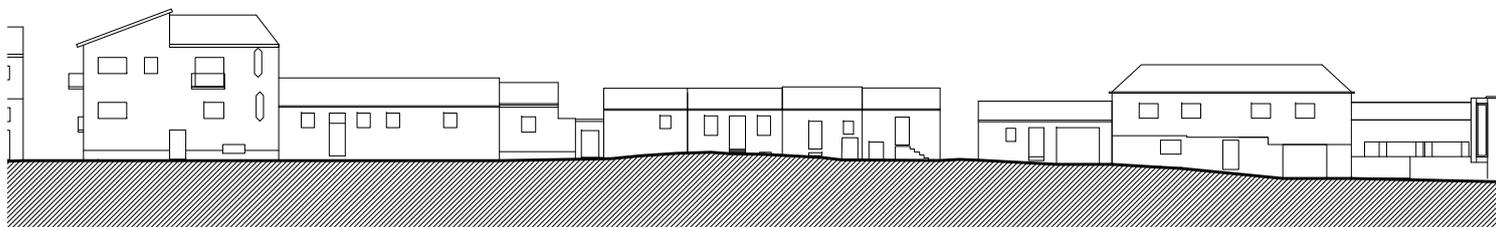
Os Edifícios de habitação colectiva, que datam já das décadas de 70/80 do século XX, possuem cêrceas mais elevadas, com quatro 4 pisos para uso habitacional, utilizando o rés-do-chão para estabelecimentos comerciais.

É nos extremos da rua que encontramos a maior dissemelhança de edificado. Do lado Poente, junto ao Largo dos Três Monumentos, encontramos as habitações de maior esmero arquitectónico, no extremo oposto, a nascente, junto ao Largo da Carvalha, os edifícios de habitação colectiva de com maior número de pisos.

A rua possui um pavimento de calçada em granito fazendo apenas distinção de orientação na colocação dos cubos nos espaços laterais, que correspondem ao escoamento de águas, fazendo-se a circulação rodoviária em sentido único.



Rua da Figueira



| fig.53 | Perfil transversal Tipo; Planta de Localização; Perfil transversal.

## Barcelos

A actual Rua António Barroso, outrora denominada de Rua Direita, faz parte de um dos eixos viários primordiais de atravessamento da vila medieval.

Este era para além de um eixo de trânsito local, um eixo de trânsito regional, que na sequência do caminho vindo de Esposende e que atravessava pela Vau do rio Cávado a poente, percorria a vila na sua maior extensão, direccionando-se para Nascente no sentido de Ponte de Lima e Viana do Castelo.

Numa fase inicial este aglomerado urbano encontrava-se concentrado nas áreas dos actuais Largo do Apoio e Largo Dr. Matias de Lima. Este eixo primordial foi inicialmente consolidado a oriente, entre o postigo do Fundo da Vila, Largo do Apoio e o local da Cruz, hoje denominado Largo Dr. Matias de Lima e a Rua Direita consolidou-se na sua continuação para Poente numa fase posterior.

Assim, apresenta-se este eixo como um elemento gerador de uma estrutura em fuso, composta por uma sequência de espaços urbanos distintos, de ruas e largos.

Articulando o “Fundo da Vila” com o “Cimo da Vila”, onde se estabelece desde o século XIII o Campo da Feira, a Rua Direita como parte deste mesmo eixo para estabelecer a ligação directa entre os dois espaços mais dinâmicos do núcleo urbano, um exterior à cerca muralha, o Campo da Feira, e o outro no seu interior, o Largo do Apoio. A Rua Direita como elemento urbano situa-se entre dois espaços amplos: o Largo da Porta Nova, exterior à cerca, e o Largo Matias Lima, no seu interior.

O eixo estabelecia-se a partir de uma Porta que se abria no corpo da própria Torre do Cimo da Vila, que controlava uma das mais importantes saídas carrárias de Barcelos, por uma passagem em cotovelo que, após ultrapassada, se desenvolvia flectindo sinuosamente para noroeste. Após este troço a Rua Direita estabilizava-se com um traçado rectilíneo até alcançar o Largo Matias de Lima.

No século XV a Rua Direita já se destacava com uma maior densidade habitacional e com edifícios eruditos e era por isso considerada um arruamento prestigiado, tornando-se na rua escolhida por parte da elite e dos letrados.

Posteriormente, já no século XVI, o traçado da Rua Direita sofre algumas alterações pois foi realizada uma operação de demolição a nascente que ampliou a sua dimensão, sendo rasgado um troço de arruamento e demolida parte da muralha, abrindo-se assim a Porta Nova. Esta operação veio proporcionar uma passagem franca entre a Rua Direita e o Largo da Porta Nova e consequentemente como Campo de Feira, abrindo a vila ao seu exterior e facilitando a circulação nesta direcção.

O seu pendor comercial já se manifesta desde finais da Época Moderna, onde a maior parte dos espaços de rés-do-chão são construídos e adaptadas para esta funcionalidade.

Assim, a Rua Direita entende-se ao longo dos séculos como a principal rua residencial e comercial de Barcelos, razão que justifica o seu prestigiado edificado. Desde as habitações datadas do século XVII, com o andar superior totalmente executado em madeira, taipa e cal, às residências do século XVIII, que continuam a apresentar apenas um piso, mas com uma grande melhoria na sua construção, aos edifícios da segunda metade do século XIX e início do século XX, que possuem habitualmente dois a três andares e possuem fachadas revivalistas, fachadas onde se destacam apontamentos de arte nova ou mesmo de características modernistas.

A Rua Direita desenvolve-se com uma orientação Noroeste/ Sudoeste, com uma dimensão longitudinal de perto de duzentos metros, nivelada a uma cota de 35 metros, sendo a secção do seu perfil transversal regular, com uma média entre cinco a seis metros de largura.

Os quarteirões que ladeiam a Rua Direita possuem formas distintas. O lado Norte da rua é composto por dois quarteirões em forma de rectângulos irregulares alongados, com uma estrutura de loteamento regular que dispõe os lotes paralelos uns aos outros de configuração rectangular, oferecendo o seu menor lado para a frente da rua.

O lado Sul também é composto por dois quarteirões, um deles de estrutura idêntica aos quarteirões do lado norte mas de dimensões mais reduzidas.

O segundo, de maiores dimensões e com uma forma irregular, mantém a estrutura de lotes paralelos uns aos outros, estes com maior profundidade, proporcionando por isso uma variedade na ocupação de cada parcela.

A ocupação dos lotes encontra-se intrinsecamente associada às dimensões que a profundidade da parcela possui. Assim, no lado norte, onde a profundidade destes é menor, os lotes

encontram-se ocupados na sua totalidade pelo edificado. A Sul, no quarteirão de maiores dimensões, a ocupação dos lotes é feita localizando o seu edificado na frente de lote, ou seja, voltado para a Rua Direita, deixando o restante espaço para uso de logradouro.

A Rua Direita é composta por uma frente edificada contínua de cérceas que são bastante variáveis, mesmo entre edificado com idêntico número de pisos, com uma predominância de construção de três pavimentos. O piso do rés-do-chão serve maioritariamente para usos comerciais, os restantes pisos pontualmente possuem alguns serviços sendo a maioria para uso habitacional.

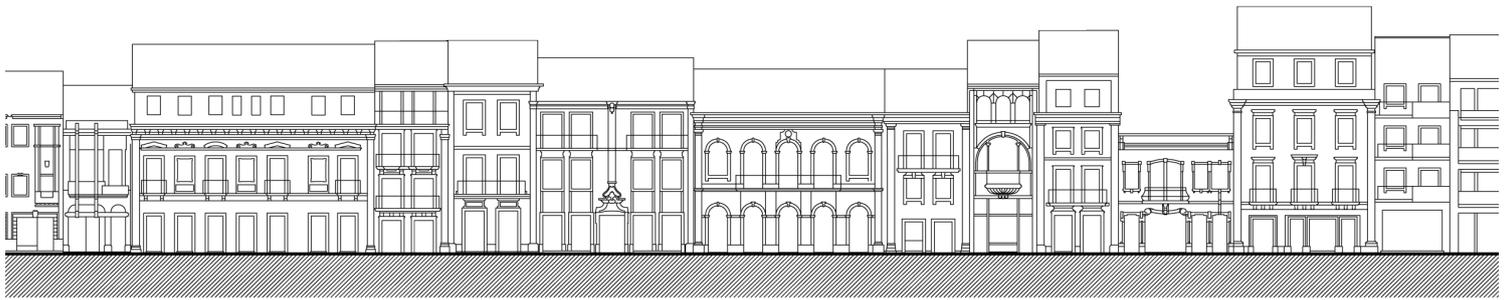
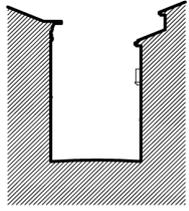
Possui um pavimento de lajes de pedra em granito com uma estereotomia simples com colocação desfasada das peças fazendo, o escoamento de águas ao centro da via.

O espaço canal da Rua Direita serve como espaço de circulação exclusivo ao uso pedonal e como espaço de esplanada.





| fig.54 | Planta de localização da Rua Direita



| fig.55 | Perfil Transversal; Perfil Longitudinal; Planta de localização da Rua Direita

## Chaves

A Rua Direita de Chaves encontra-se inserida no seu núcleo primordial que possui um traçado urbano regular, e destaca-se no interior do perímetro amuralhado como o principal eixo viário de atravessamento da cidade.

O seu traçado supõe-se que constitua uma persistência da antiga cidade romana de “Aqua Flavia” ou que, da sua anterior existência tenha subsistido um modelo teórico de construção de cidade que terá sido referência para o plano medieval de Chaves.

Este traçado inscreve-se num rectângulo, outrora delimitado no seu perímetro pela muralha medieval. É composto por ruas que se interpretam ortogonalmente, onde se destacam praças de formas regulares que surgem no cruzamento de ruas, que, delimitando quarteirões de formas rectangulares, apresentam um parcelamento também ele regular.

Neste conjunto urbano evidenciam-se três eixos significativos, dois transversais e um longitudinal, este último correspondente à Rua Direita que percorre todo o núcleo na sua maior extensão, com uma orientação Leste /Oeste fazendo a ligação entre os sítios do Arrabalde, na zona baixa da cidade, e o Anjo, na zona alta da cidade.

A Rua Direita outrora fazia uma ligação directa entre as duas portas das muralhas da cidade. A Porta principal, a Sudoeste, com nomenclaturas variadas, “Porta de Baixo”, “Porta da Couraça” ou “Porta do Arrabalde”, situava-se na parte mais baixa da cidade, junto ao rio, e a Porta do Anjo no extremo oposto a Noroeste.

A meio do seu percurso, a Rua Direita ladeia o conjunto principal de espaços públicos excepcionais da cidade, compostos pelas Praça da República a Praça de Santa Maria, também denominada Praça da Matriz e Praça Luís de Camões.

Apesar da cidade se ter expandido extramuros, foi sempre dentro do burgo que se localizaram e exerceram as funções culturais e administrativas e estiveram localizadas os principais edifícios de funções religiosas.

Por questões topográficas, a cidade teve a necessidade de reforçar a sua defesa a Sudoeste. Constata-se assim nesta ampliação do espaço protegido da cidade uma expansão por continuidade do eixo primordial, composto pela Rua Direita para o espaço exterior amuralhado.

Após trespassada a cerca pela Porta Principal e seu Largo adjacente, surge, em alinhamento perfeito a Ponte de Trajano e um arruamento que segue até à Porta da Madalena, existente no Honovarque, que se afirma como a primeira entrada da cidade por quem chega "*Ad Asturicam*, isto é pela via romana que vêm de Astorga.

A Rua Direita apresenta-se com um traçado pouco regular mas com uma tendência rectilínea. Desenvolve-se com uma orientação Noroeste/ Sudeste, com uma dimensão longitudinal de mais de 300 metros e um perfil transversal de aproximadamente 3 metros. No entanto, ao longo do seu percurso comporta variações excepcionais, reduzindo o seu perfil em certos troços ou aumentando até atingir dimensões desafogadas de cerca de 13,5 metros.

Assente num plano de declive acentuado, com vertente voltada a este, possui uma fisionomia de ladeira, tendo uma diferença de cotas desde o seu início até ao seu termo de cerca de 15 metros.

Os quarteirões que ladeiam a Rua Direita encontram-se dispostos paralelos ao eixo da via, oferecendo o seu lado de maiores dimensões para frente de rua.

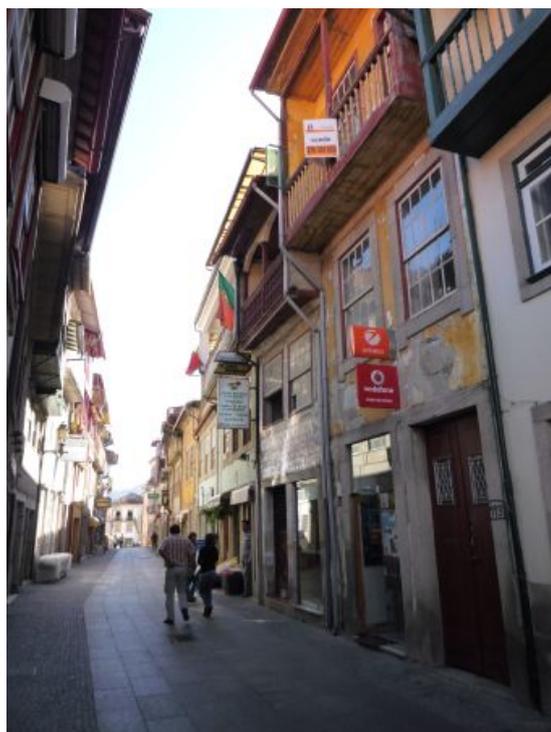
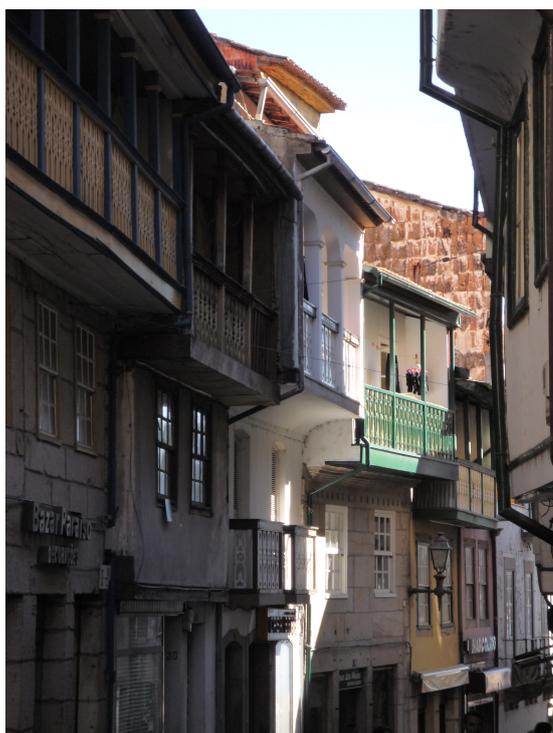
Constituídos por um número variável de lotes estreitos e compridos, que se dispõem paralelamente uns aos outros, estes terão ocupado toda a extensão de largura do quarteirão, tendo cada parcela usufruído de duas frentes, a principal voltada para a Rua Direita e a posterior voltada para uma via com carácter de serventia.

É composta por uma frente edificada contínua de cérceas variáveis, provocado pela diferença de números e alturas entre pisos. Percebe-se a predominância de construções com três pisos de origem no entanto, muitas delas com acrescentos posteriores. Distingue-se como característica particular da rua os balanços nos pisos de níveis superiores, que conferem uma forma irregular e diversificada aos perfis transversais da Rua Direita.

Destacam-se também as variadíssimas técnicas de construção existentes entre o edificado. O edificado mais nobre é construído em cantaria de pedra, o restante em alvenaria de pedra aparelhada ou mesmo em construção simples de tabique, sendo que esta técnica é habitualmente utilizada nos acrescentos dos níveis superiores.

Os pisos de rés-do-chão são utilizados maioritariamente para fins comerciais, enquanto que os pisos superiores pontualmente possuem alguns serviços, destinando-se maioritariamente para o uso habitacional.

A Rua Direita possui um pavimento desenhado com diferenciação de materiais onde se destacam faixas laterais contíguas ao edificado em calçada regular de granito de cinco por cinco. O espaço central é pavimentado com lajedo de granito, com dimensões de sessenta por quarenta centímetros sendo o escoamento de águas feito no carreiro central.



| fig.56 | Fotografias de Ambiente Chaves

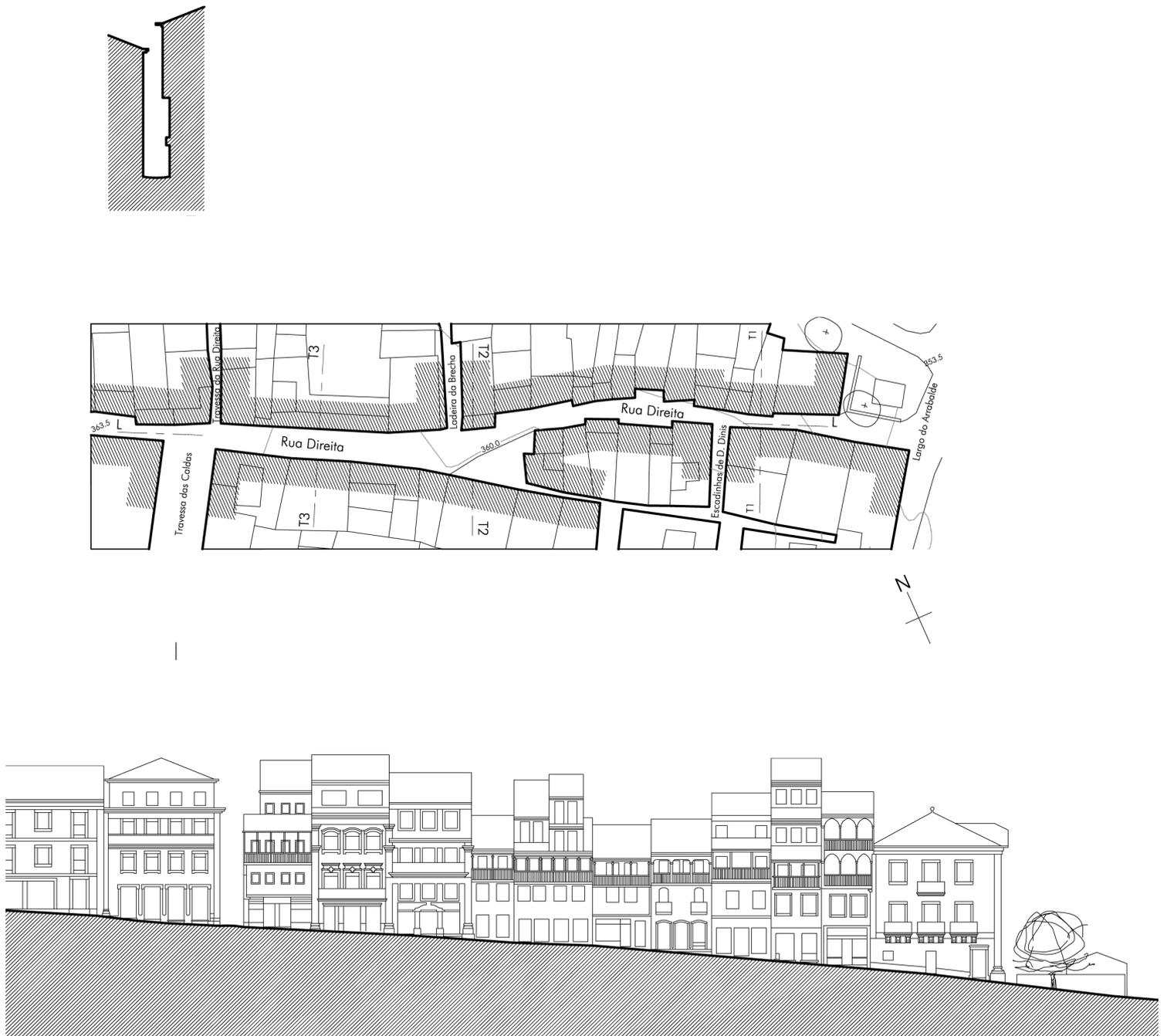


fig.57 | Perfil Transversal Tipo, Planta; Perfil Longitudinal de um troço da Rua

## Estremoz

A rua Direita de Estremoz insere-se no Bairro de Santiago, que constituía uma expansão medieval do núcleo primordial da povoação, localizado a poente do núcleo primitivo onde se situa o Castelo.

O bairro foi planeado por D. Afonso III e concluído por D. Dinis no contexto de uma política de planeamento que visava a criação de pequenos burgos para a fixação de população.

A ligação directa estabelecida entre estes dois núcleos fazia-se pela Porta do Arco de Santarém. Para além desta, o Bairro de Santiago possuía outras duas portas que davam o acesso ao exterior: a Sul pela Porta de Évora e a norte pela desaparecida Porta da Lage.

O seu perímetro assemelha-se a um rectângulo irregular cercado por muralhas medievais, que numa fase posterior foram reforçadas pela construção de baluartes.

A composição do bairro radica numa malha ortogonal, onde se evidenciam três eixos, dois destes transversais e um longitudinal, que atravessam toda a extensão do bairro. O eixo longitudinal de maior destaque corresponde à Rua Direita.

Os eixos transversais de sentido norte-sul são eixos que, para além de traduzirem um ritmo à distribuição dos quarteirões, fazem as únicas ligações existentes do bairro com o exterior, havendo uma porta associada a cada um deles.

O primeiro eixo vai de encontro à Porta da Lage, atualmente inexistente, que se localizava a Norte, e o segundo eixo segue até às Portas de Santarém, a Sul, configurando-se neste sentido, o acesso do bairro ao exterior.

A Rua Direita é assim a primeira expansão em continuidade de um eixo primordial já existente no núcleo medieval. Este eixo primordial que atravessa todo o núcleo medieval, desde o seu acesso principal a nascente realizado a partir das Portas do Sol até às Porta do Arco de Santarém, é durante o século séc. XVII quando o perímetro amuralhado é alargado, expandido também para nascente até às Portas de Santo António.

Os quarteirões que ladeiam a Rua Direita, em forma de rectângulos irregulares são os de maiores dimensões do bairro, desenvolvendo-se num sentido Nascente/ Poente e oferecendo o seu maior lado para a frente de rua e o menor para as travessas..

Conceptualmente, a estrutura do loteamento é regular, dispondo os lotes paralelos uns aos outros, sendo a sua dimensão menor voltada para a frente de rua. Os lotes resultantes deste parcelamento são estreitos e compridos, ocupando toda a extensão do quarteirão. Este tipo de parcela define claramente uma frente de rua voltada para a via hierarquicamente de maior importância, neste caso para a Rua Direita. Geralmente a sua ocupação é apenas parcial, com o edificado implantado e alinhado na frente de lote com a sua fachada principal voltada para a rua de maior importância e a restante área remanescente como espaço livre, ocupada por logradouros servidos pela via secundária que se desenvolve paralelamente à rua principal.

Pela evolução natural da ocupação alguns alinhamentos e a estrutura cadastral foram sofrendo alterações, sendo comum encontrar casos onde uma divisão transversal possibilitou a existência de dois lotes no espaço em que antes existia apenas um. Estes têm áreas de menores dimensões e apenas um deles possui frente edificada voltada para a rua principal, sendo o outro voltado para a rua secundária. Na possibilidade da existência de logradouros estes localizam-se na retaguarda do edificado, apresentando-se como logradouros internos sem acesso directo com o exterior.

Em posição central localiza-se o quarteirão que ladeia a rua de menores dimensões, contrariamente a todos os restantes com uma orientação Norte/ Sul cedendo assim para a frente de rua o seu lado de menores dimensões. Destaca-se pela sua dimensão, ocupação total de lote, tal como pela sua composição arquitectónica diferenciada.

A leitura do processo histórico de Estremoz permite constatar que este espaço outrora terá sido um espaço livre no interior do bairro que foi posteriormente ocupado para a localização de um quartel militar e que, hoje desprovido dessa função inicial foi adaptado para funções habitacionais.

Assim, a Rua Direita assume-se como a rua principal do bairro, tendo como função fazer uma ligação directa entre a Portas do Arco de Santarém e o Largo de cariz religioso onde se localiza a Capela de São Tiago.

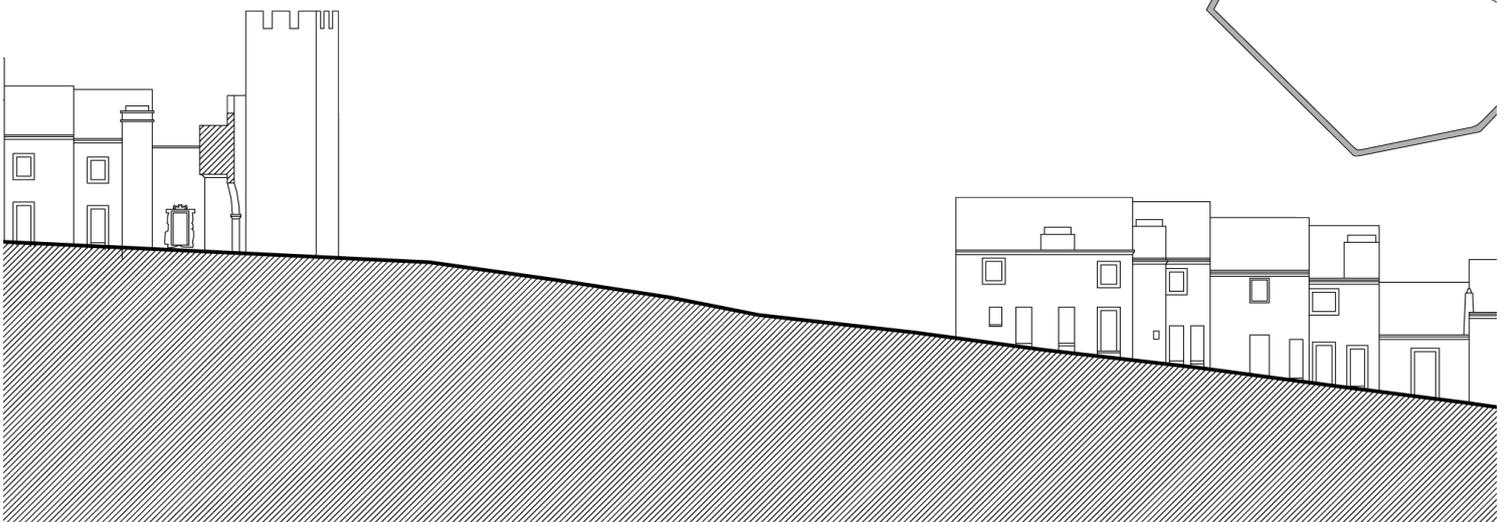
O traçado da Rua Direita é rectilíneo e atinge os 260 metros de comprimento. O seu perfil transversal é regular e têm em média 4 metros de largura.

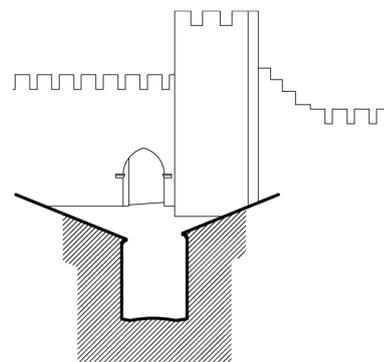
A rua possui um pavimento simples, e distingue-se pela utilização de materiais de construções diferentes. Utiliza calçada irregular de basalto numa faixa central e nos seus espaços laterais, correspondentes ao escoamento de águas, uma calçada de vidraça, também de peças irregulares.

As cotas do pavimento são muito distintas. A rua tem início a uma cota de 440 metros, descendo em curvatura até meio do seu percurso cerca de uns 17 metros, nivelando ligeiramente a cota a 426 metros e atingindo o seu termo à cota dos 430 metros.

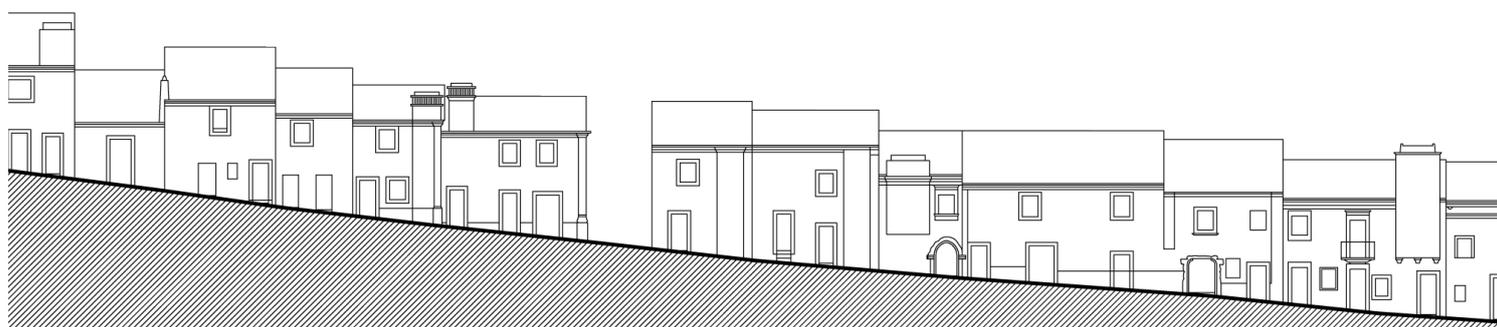
O edificado é composto maioritariamente por habitações unifamiliares de um a dois pisos de altura, pontualmente encontra-se comércio ocasional e um edifício da Santa Casa da Misericórdia. Numa arquitectura simples, modesta, sobressaem no pano da fachada a estrutura das grandes e típicas chaminés de arquitectura do sul de Portugal.

A paleta cromática deste conjunto de fachadas é uniformizado entre os contrastes de cor branca da cal e as tonalidades de cinzas utilizados nos socos.





| fig.57 | Perfil Transversal Tipo, Planta de localização; Perfil Longitudinal de um da Rua Direita.  
Fotografia



## Monsaraz

A Rua Direita de Monsaraz é a rua principal do núcleo primordial amuralhado da vila. A nível estrutural e funcional esta constitui um eixo de ligação directo entre a porta principal do burgo e a porta do castelo, articulando ao longo do seu desenvolvimento os espaços de maior prestígio da urbe.

Monsaraz é uma vila construída sobre um anterior povoamento árabe que foi repovoado após um processo de abandono e destruição no período da reconquista, dando lugar a uma nova fundação empreendida por D. Afonso III. Este monarca atribuiu-lhe foral em 1276 e mais tarde, já sob o reinado de D. Dinis em 1310, dá-se à ampliação da sua cerca. A origem da Rua Direita apresenta-se assim coeva da própria fundação da "Praça-Forte".

O seu traçado de matriz ortogonal adapta-se ao relevo e à configuração do seu perímetro amuralhado, segundo uma estrutura rectilínea simples constituída por duas ruas paralelas, uma rua de ronda e arruamentos transversais que, intersectam ortogonalmente as anteriores definindo três alinhamentos de quarteirões.

O eixo composto pela Rua do Celeiro, Rua Direita e Rua São João de Deus ou Rua do Castelo, possui uma orientação Norte/ Sul e uma forma de cotovelo fechado à esquerda que antecede e protege a entrada franca do inimigo, uma característica morfológica intrinsecamente relacionada ao carácter defensivo da cidade.

Este eixo que directamente faz a ligação aos espaços mais nobres da cidade e particularmente o Largo D. Nuno Alvares Pereira e o Castelo tem uma extensão de 280 metros, possui um perfil transversal variável, entre os 4 e os 7 metros, tendo um declive irregular mas pouco acentuado.

Os quarteirões que ladeiam este eixo composto são regulares, em forma de rectângulos alongados, que oferecem o seu maior lado para a frente de rua, caracterizando-se por possuir um parcelamento de lotes paralelos uns aos outros.

Os lotes ocupam dimensões variáveis, de formas regulares, estreitos e compridos, abrangendo toda a extensão transversal do quarteirão e possuindo acessos pela rua principal ou por arruamento de serviço ou rua secundária, paralela à primeira.

A edificação define sempre a frente do lote e por consequência a frende da rua, existindo uma adição de anexos ao edifício principal no espaço de logradouro. O edificado possui entre um a dois pisos, e destina-se sobretudo ao uso habitacional, possuindo alguns serviços e comércio no rés-do-chão.

Constituída por uma frente de rua edificada e contínua com elementos construídos, acaba por constituir-se num exemplo da habitação vernacular alentejana, onde se destacam em ressaltos as amplas chaminés adossadas às fachadas principais.

De realçar ainda a paleta cromática de contrastes, existentes na rua, proveniente da especificidade dos materiais utilizados nas superfícies entre os tons alvos dos caiados presentes no edificado e os xistos utilizados nos pavimentos. A orientação diferenciada da colocação das pedras de xisto na calçada reproduz um desenho com uma estereotomia que destaca apenas o eixo de via e uma faixa de remate limítrofe á linha dos quarteirões.



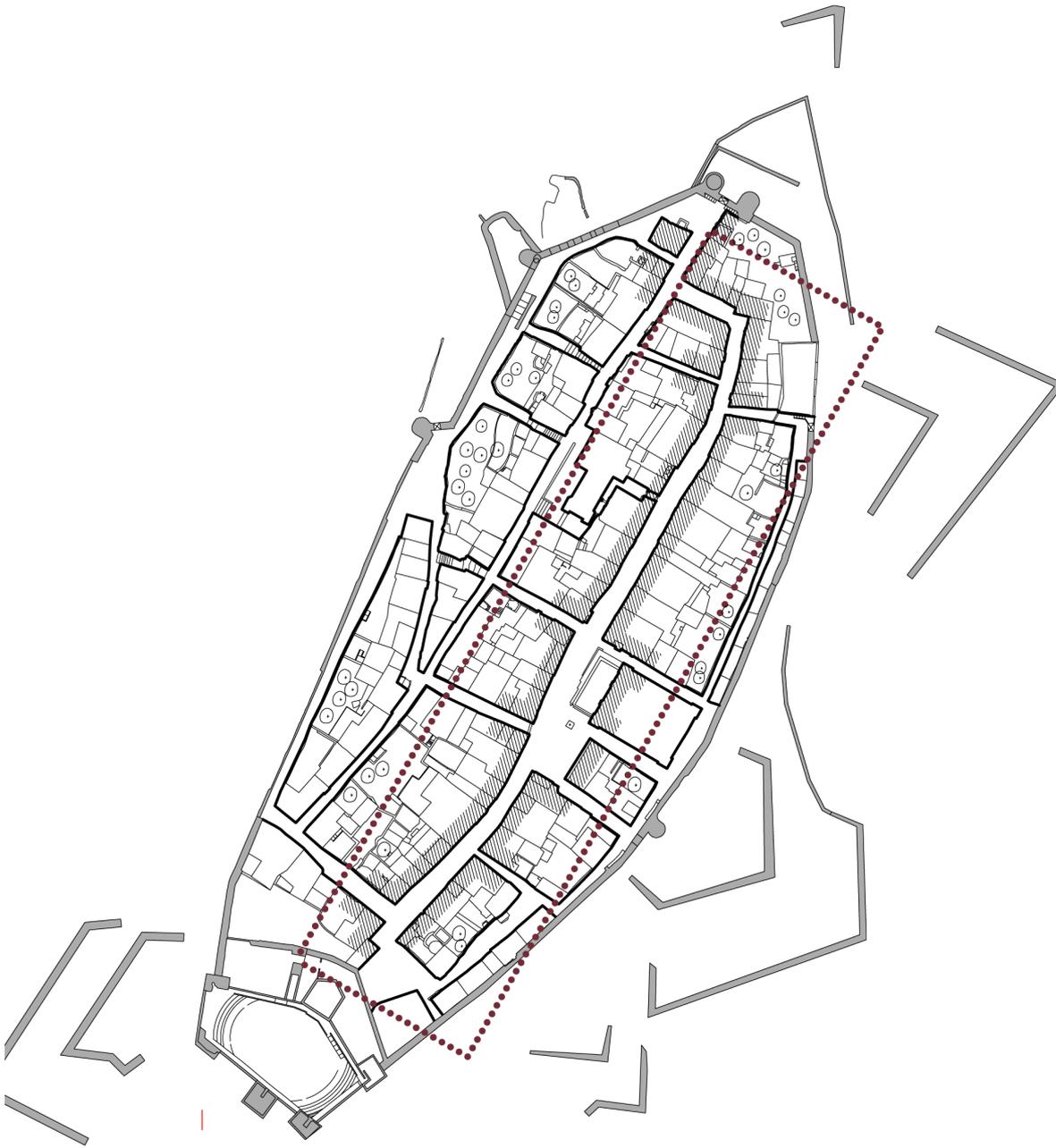


fig.58 | Fotografia e Planta de localização;

## Óbidos

A Rua Direita de Óbidos é conhecida com esta designação desde o século XIV e insere-se no seu núcleo primordial amuralhado, e constitui-se como a sua rua principal.

A vila de Óbidos é um núcleo defensivo que se situa sobre uma cumeada de um monte escarpado, de encosta virada para nascente, onde a cota de elevação máxima atinge os 80 metros e a menor os 20 metros.

Recebe a sua primeira carta de foral em 1195, sob o reinado de D. Sancho I, datando-se dessa época a sua muralha com uma forma de elipse alongada.

No interior do cerco amuralhado descobrimos um traçado irregular, deformada por adaptação do modelo ao sítio. As questões topográficas e construtivas constroem o seu traçado a uma disposição fusiforme, composta por ruas de meia encosta e travessas em ladeira, que as intersectam em alinhamentos desfasados.

Identificando-se a Rua Direita como o elemento urbano estruturador desta disposição, estabelecendo a ligação directa entre a Porta da Vila e a Porta da Alcáçova, atravessa todo o núcleo amuralhado na sua maior extensão. Para além de uma ligação directa, esta rua articula todos os espaços que centralizam funções de prestígio no núcleo urbano, desde o Terreiro que antecede a entrada principal da Vila; o Largo do Padrão; a Praça Principal; e o Largo que antecede as Portas da Alcáçova, onde se localizavam os Paços do Alcaide. É nestes espaços e ao longo da Rua Direita que se vão distribuir e localizar a grande parte dos diferentes Poderes, sejam eles de carácter Religioso, Administrativo, Mercantil e Social.

A relação existente entre Rua Direita e os seus espaços excepcionais, embora muito distintos, acaba por ritmar a rua, conferindo-lhe identidades distintas nos diversos troços.

A Rua Direita apresenta-se com um traçado irregular e com um sentido de direcção Sul/Norte, desenvolvendo um percurso ligeiramente sinuoso e de suave inclinação, que a meio se acentua até alcançar o seu termo, onde possui as cotas mais elevadas.

O perfil transversal da rua varia entre os 3,5 e os 6 metros, e a sua dimensão longitudinal é de cerca de 400 metros. Possui uma frente edificada de alinhamento contínuo, com cêrceas que variam entre os 6 e 10 metros, correspondentes maioritariamente a dois pisos de altura.

Os quarteirões que ladeiam a Rua Direita possuem formas distintas nos troços opostos da rua, facto intrinsecamente associado a questões de natureza topográfica.

O lado poente apresenta-se mais homogéneo e é constituído por quarteirões de forma rectangular e esguio, dispostos paralelamente ao eixo da via e oferecendo o seu lado de maiores dimensões para frente de rua. No lado Nascente encontra-se uma variedade de formas de quarteirão, predominando configurações próximas ou variantes de retângulos. Os quarteirões de configuração irregular resultam da concordância entre as ruas que definem a estrutura fusiforme do traçado e que são convergentes na porta principal da vila.

O parcelamento também apresenta algumas variações a Poente deparamo-nos com quarteirões constituídos por um maior número de lotes estreitos e compridos, com dimensões variáveis, que se condicionam paralelamente uns aos outros. A Nascente são visíveis parcelas que atingem maiores dimensões e que possuem normalmente a ocupação total do lote. Estes lotes apresentam-se com duas frentes, a principal voltada para a Rua Direita e a posterior voltada para uma via com carácter de serventia e de hierarquia secundária.

A implantação do edificado respeita o alinhamento da Rua Direita, voltando para este a sua fachada principal e reservando o espaço posterior para logradouro. Os edifícios suportam usos distintos que traduzem uma especificidade ao espaço urbano, subdividindo-se entre os usos habitacionais e outros particularmente como comerciais que se estabelecem nos pisos térreos. A concentração de usos comerciais especialmente destinado a um público turístico, evidencia uma apropriação evidente do espaço da rua por esta afinidade na continuidade das funções existentes nos interiores dos edifícios.

De realçar a paleta cromática empregue no edificado, o branco de cal com os contornos em ocre e azul nos socos e cintas dos edifícios.

O pavimento da rua é feito em calçada de calcário irregular destacando-se apenas o eixo da via com um lajeado de maiores dimensões regular e contínuo em toda a sua extensão.



## Vila Real

O eixo urbano em análise é composto pelos elementos urbanos: Rua Teixeira de Sousa; Rua Combatentes da Grande Guerra e Rua Dr. Roque da Silveira, que corresponde à outrora denominada Rua Direita.

Localizada numa encruzilhada de estradas entre o Litoral e o Interior, Vila Real é edificada num planalto de configuração triangular recortada por precipícios quase inexpugnáveis para as partes de nascente, poente e sul onde no fundo dos vales encaixados correm os Rios Corgo e Cabril.

Recebe foral em 1272 por D. Afonso III, mas a sua fundação efectiva inicia-se com os forais Dionísios de 1289 e 1293. É no reinado de D. Dinis que é demarcada a sua área municipal com padrões e se constrói a sua cerca amuralha, que subsistirá até ao século XIX quando é demolida. A cerca da cidade denominada de “Vila Velha” possuía dimensões bastante reduzidas, pelo que a população se viu obrigada a instalar-se no seu exterior, estabelecendo-se principalmente ao longo das vias de comunicação que ligavam à cidade do Porto e Peso da Régua e seguiam também para Chaves e Bragança.

O traçado da primeira expansão desenvolve-se para Norte, de relevo mais favorável, estabelecendo-se a partir de uma estrutura radial, que tinha como ponto de confluência o Largo do Freitas, que articula a Vila Velha com os sectores mais recentes da cidade.

É assim visível o alinhamento evidente destes eixos radiais com o eixo primordial localizado no interior da cerca, que faria a ligação directa entre o Largo da Igreja de São Dinis à porta principal situada a Norte.

Na sua expansão suportou, para além de edificado habitacional comum, equipamentos públicos, religiosos e de carácter colectivo como Conventos, Igrejas, o Hospital da Misericórdia e algumas casas nobres, como a habitação de Diogo Cão e o solar dos Marqueses de Vila Real, ambos datadas do século XV.

No século XVI a expansão de Vila Real excede a importância residencial existente dentro do cerco amuralhado. A Rua Direita insere-se nesta área de expansão quatrocentista estabelecendo-se como uma via fundamental que sobressai desde a sua origem como um eixo comercial.

O início da Rua Direita estabelece-se a partir do adro da Capela da Misericórdia, a meio do seu percurso ladeia a Igreja de São Paulo ou Capela Nova e o seu termo efetivo ocorre quando atinge o espaço denominado por “Cabo da Vila”. A sua continuação como caminho preferencial em direcção para Chaves e Bragança ladeava o já desaparecido Mosteiro de São Francisco.

A Rua Direita apresenta-se com um traçado irregular de configuração sinuosa, que se desenvolve com uma orientação Sudoeste/ Nordeste. Possui uma dimensão longitudinal de mais de 400 metros o seu perfil transversal é bastante irregular ao longo do seu percurso e as suas dimensões variam entre os 3,5 e os 17 metros.

A meio da Rua Direita encontramos o alargamento mais significativo do seu perfil transversal que poderá ser resultado da bifurcação da rua ou apenas um espaço amplo que serve de enquadramento e adro à Capela Nova, situada na esquina do quarteirão.

Os quarteirões que ladeiam a rua possuem formas rectangulares e triangulares imperfeitas e dimensões variadas. A estrutura dos lotes é irregular, dispostos paralelamente uns aos outros. Com uma configuração estreita e comprida a sua organização estabelece-se em função da possibilidade de suportarem construção apenas na sua na frente reservando um espaço posterior para logradouro interno, ou na sua totalidade, constituindo assim quarteirões bastante densos.

Constituída por uma frente contínua, a Rua Direita é composta por edifícios que possuem entre dois a três pisos de altura, onde é comum os de rés-do-chão estarem reservados para usos comerciais, sendo e os restantes pisos para habitação.

Apesar da regularidade encontrada a nível de número de pisos, o perfil da rua apresenta-se muito irregular que, conjugado com as orientações distintas das cumeeiras dos telhados traduzem uma silhueta ondulante da rua.

Apesar de ter uma dimensão longitudinal bastante extensa os atravessamentos transversais da Rua Direita são escassos e acontecem em alinhamentos desfasados

A rua possui uma pendente suave, sendo a sua cota mais elevada a norte. O seu pavimento reproduz um padrão simples e regular, que intercala faixas de remate á linha limítrofe dos quarteirões, composta por lajes em pedra, com faixas no eixo de via, sendo os espaços intercalares preenchidos por calçada miúda regular de basalto.



| fig.60 | Planta de localização; Perfil tipo Transversal Fotografia de Ambiente; Perfil Transversal;

## 7.5. Comparação de Casos segundo as Variantes Tipológicas

### Monsaraz – Óbidos. Eixo Primordial Nuclear Fechado

As Ruas Direitas de Monsaraz e Óbidos pertencem à variante Eixo Primordial Nuclear Fechado. Uma das diferenças existente entre estas duas Ruas Direitas reside no facto de em Monsaraz a Rua Direita corresponder apenas a um troço do eixo estruturador de maiores dimensões, ou seja, apresenta-se como “parte” de um todo, enquanto que em Óbidos a sua denominação corresponde à totalidade do eixo. Para além desta, outras diferenças consistem na configuração da rua e no modo como foi aplicado o modelo de uma malha ortogonal regular a contextos com condicionantes distintas.

A malha associada a ambos os traçados possui uma natureza regular, mas a sua aplicação apresenta-se muito diferenciada, no caso de Monsaraz as condicionantes são favoráveis e o traçado da rua, tal como de toda a área homogénea apresenta-se rectilíneo.

Em Óbidos a aplicação desta malha regular acaba por se deformar por condicionantes topográficas e construtivas. A sua topografia em encosta e o seu cerco amuralhado em forma ovalada apresentam-se como as condicionantes principais de um traçado que acabou por assumir uma configuração fusiforme.

O traçado de ambas as Ruas Direitas, considerando em Monsaraz todo o eixo, apresenta-se segundo uma regularidade evidente apesar de em Óbidos o lançamento da rua assumir uma forma ligeiramente sinuosa.

As duas vilas são cercadas por fortificações que datam do século XIV, com um traçado de tendência regular cingido a um perímetro amuralhado, mais evidente no caso de Monsaraz com uma estrutura rectilínea simples<sup>120</sup>, mas também evidente em Óbidos constituído por uma estrutura fusiforme. Em ambos os casos o elemento urbano comporta-se com semelhanças sendo as mais evidentes: a ligação directa que fazem entre as Portas Principais da Vila e as Portas da

---

<sup>120</sup> “...a sua estrutura urbana compunha-se essencialmente de duas ruas que percorriam a cidade no sentido longitudinal e que ligavam a porta principal da cidade ao castelo localizado no extremo oposto, cruzadas ortogonalmente por outras ruas transversais definindo uma estrutura reticulada. Por razões de defesa a relação entre a porta da vila e a rua principal de Monsaraz não era directa, mas protegida por um cotovelo em ângulo recto.” TEIXEIRA, Manuel, VALLA, Margarida - O Urbanismo Português séculos XIII-XVII Portugal – Brasil. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. p. 28

Alcáçova/Castelo; a sua articulação entre os elementos excepcionais como a Praça Principal que ladeiam por um dos lados (onde se localizam a Matriz, a Fonte ou o Poço, o Pelourinho, a Misericórdia entre outros equipamentos de prestígio da cidade) e os Largos que atravessam em posição central, estes últimos associados às portas.

A relação que as duas Ruas Direitas estabelecem com os restantes elementos constituintes do traçado é idêntica. Tanto na articulação com as travessas que se dispõem perpendicularmente à Rua Direita, como com as ruas posteriores que se dispõem formalmente em semelhança com a Rua Direita.

Em ambos os casos apenas uma das ruas secundárias se configura na totalidade da sua extensão, com uma configuração que se pode considerar paralela, mesmo que efectivamente em Óbidos esta seja distorcida pela forma fusiforme do traçado.

O traçado do eixo de Monsaraz revela-se mais rectilíneo, tendo como característica a destacar a sua forma inicial em cotovelo fechado, enquanto que o traçado da Rua Direita de Óbidos se desenvolve numa linha sinuosa em todo o seu percurso.

De realçar no entanto que, após a entrada franca pelas Portas da Cidade, tanto em Monsaraz como em Óbidos a Rua Direita aparece-nos dissimulada. Mesmo em Óbidos é evidente que o alinhamento visual e físico incide para numa rua secundária, em contrário do que o que se poderia prever, imediato à Rua Direita, fazendo assim uma torção lateral do seu trajecto para a esquerda, embora de uma forma menos evidente do que no caso de Monsaraz que se apresenta com um ângulo severo.

Não deixando de estar em ambos os casos evidente o conceito de Rua Direita e todas as suas demais características, em especial a sua função fundacional e a sua qualidade estruturadora de uma área homogénea, o eixo que percorre o núcleo urbano na sua maior extensão longitudinal.

## Barcelos – Chaves – Viseu. Eixo Primordial Nuclear Aberto

Ainda como exemplo de Ruas Direitas tidas como eixos primordiais nucleares, mas com uma estrutura aberta, toma-se como referência as Ruas Direitas das cidades de Barcelos, actualmente com a denominação de Rua Dr. António Barroso, de Chaves e de Viseu.

Note-se que o que se evidencia com maior diferença nestes três casos é a deformação ou não de uma malha estrutural e seu traçado correspondente tanto da área adjacente como da própria Rua Direita. Viseu e Barcelos apresentam-se com uma malha deformada ao contrário de Chaves. Viseu é o resultado de uma topografia mais hostil e Barcelos deformada pela opressão do seu cerco.

O traçado da rua, também ele distinto nos três casos, é completamente rectilíneo e com um assentamento de nível no caso de Barcelos. Em Chaves ele é parcialmente rectilíneo e em Viseu, apresenta-se sinuoso estando ambos assentes em encosta.

Em Chaves e Viseu a denominação de Rua Direita aparece associada a todo o eixo longitudinal do núcleo primordial, que atravessa de Porta a Porta o seu cerco amuralhado, já em Barcelos esta aparece somente associada a um dos troços deste.

Uma grande diferença entre estas Ruas Direitas reside na proporção do seu perfil transversal, que nos casos de Chaves e Viseu é completamente irregular durante o seu percurso e em Barcelos, na extensão do troço correspondente à denominação é completamente regular.

Consideramos que as Ruas Direitas destas cidades remetem a um modelo de estrutura do tipo aberto, pois a constituição da Rua Direita não se detém no seu espaço uterino, sendo possível o seu prolongamento para o exterior.

Visto que estamos perante três núcleos que estiveram outrora providos de um cerco amuralhado, dos quais hoje apenas nos restam alguns vestígios, esta condição extensiva seria praticável pelo facto das Ruas Direitas fazerem a ligação directa entre duas portas do seu cerco amuralhado que permitiam os seu prolongamento.

Destaque-se a particularidade de, em todos os casos, o espaço de Alcáçova, onde se implantariam os Paços ou Castelo, se situar numa posição lateral e não em alinhamento sequencial como nos casos anteriores de Monsaraz e Óbidos.

Nestes exemplos o elemento urbano fazia a ligação directa entre duas portas<sup>121</sup> localizadas em extremos opostos da cerca amuralhada, resultando por isso que o elemento urbano ao percorrer esse espaço atravessa todo o núcleo urbano.

O eixo apesar de restringindo como elemento urbano consolidado, e assim denominado, ao seu espaço interno ao cerco, não se detinha como elemento de circulação e, após trespassadas as portas, continuava, tomando como direcção precisa outros lugares considerados referenciais nas rotas da antiguidade.

Assim, a constituição de todas estas cidades aparecem relacionadas a grandes eixos de circulação viária de dimensão territorial e do seu perímetro amuralhado pouco restou até actualidade apesar de ser conhecida a sua configuração<sup>122</sup>.

Em Barcelos a “Rua Direita” fazia a ligação entre a Porta da Vila e o postigo do “fundo da vila”, que se situava junto ao Vau que existia no rio Cávado; em Chaves a “Rua Direita” fazia a ligação entre a Porta do Arrabalde, que se situava na parte baixa junto ao rio Tâmega, com a porta do Anjo, situada na parte alta da cidade; em Viseu a “Rua Direita” fazia a ligação entre a Porta de São José no Cimo da Vila, situada a Sul e a porta dos Cavaleiros, a Norte, junto ao arrabalde ou á ribeira (rio Pavia).

Encontramos algumas particularidades entre os casos que se registam: a) Na presença de um rio; b) no declive do espaço de assentamento (a baixa versus a alta).

Nestes três exemplos a articulação evidente que o elemento urbano estabelece parece relacionar os espaços existentes nos seus extremos, apresentando-se como uma ligação directa entre uma zona baixa junto ao rio, menos prestigiada, e uma zona alta que se assume mais emblemática e institucional pela associação a espaços de excepção.

O acesso ao seu espaço excepcional não se efetuará de forma directa entendamos como espaços excepcionais as Praça Principais onde se localizariam o edificado de prestígio religioso e civil administrativo, antecessores da sua Alcáçova. A sua localização é lateral e entre eles e a rua existe pelo menos no seu entremeio, uma linha de quarteirões.

---

<sup>121</sup> CHAVES: “ A rua principal percorria a cidade no sentido longitudinal, ligando a porta do Anjo, num extremo, à porta do Arrabalde, no outro extremo, (...)” TEIXEIRA C. Manuel, VALLA Margarida - O Urbanismo Português séculos XIII-XVII Portugal – Brasil, Lisboa: Livros Horizonte, 1999. p. 29

<sup>122</sup> Sendo em Viseu esta configuração do cerco amuralhado conjectural

Em qualquer dos casos a forma do elemento urbano em particular ou do modo como se organiza com os demais elementos constituintes do traçado, revela uma sofisticação na proteção do seu centro de poder.

As dimensões longitudinais avultadas do elemento urbano, que atravessa a cidade na sua maior extensão parece realçar as poucas transversais existentes, e nestes casos exceptua-se o caso da Rua Direita de Chaves.

Assim, tal como não se constatam, com relevância, ruas de carácter secundário de configuração paralela á Rua Direita, esta destaca-se como elemento linear, sendo no entanto percebida a sua área adjacente como homogénea.

Sobre as Ruas Direitas de Chaves e Viseu todas as hipóteses de Arqueologia convergem para constituírem a persistência de um “cardo” pertencentes respectivamente às antigas “Aquaes Flávie” ou “Verurium”.

De realçar nestes três casos a existência de uma actividade comercial muito intensa que se nota especialmente pela apropriação do espaço da rua com escaparates e pelas fachadas que se revestem de todos os artigos de venda.<sup>123</sup>

---

<sup>123</sup> Como bem nos ilustra o poeta Ricardo Sandro na sua ode à “Rua DIREITA” de Viseu “Comprida e torta/Muita e muita porta/Travessas e ruelas/Quelhas, casas novas e casas velhas/ ...Pensões, tascas/Restaurantes/Pentes, detritos, cascas/Pulseiras, anéis e brilhantes/Carapaus fritos/Malas, malinhas, maletes, Pás, gadanhas, picaretas/Bananas, bifanas/Presunto, chispe, chouriças, Talhos cartas e baralhos ... Cestos cesteiros/ médicos, barbeiros/Alfaiates, sapateiros/Padeiros, relojoeiros/Oculistas, dentistas ...Cabeleireiros, confeitores/ fotografias, sapatarias/ Cervejarias, livrarias/Cartuchos, armas de caça/Muitos peões sem barça...Vinho ao copo/ e ao cartilho/ Pão-de-Ló e Pão de Milho/Móveis, camas, colchões/ Salsichas e salpicões...Um comércio em cada porta/Seja larga ou seja estreita! Ó minha Rua DIREITA/não é defeito seres torta! “Viseu 1973

## Aguiar da Beira – Bragança – Coruche – Estremoz – Lapa (Lisboa) – Leiria – Troino (Setúbal) – Vila Real. Eixo Expansão Nuclear Aberto/Fechado

Note-se que a categoria diferenciadora relacionada com a sua estrutura aberta e fechada estará subjugada ao prolongamento do eixo de circulação. Especialmente porque se referem em todos os casos à constituição de Ruas Direitas fundacionais de "bairros", portanto novas áreas de expansão da cidade ou aglomerado urbano a que pertencem.

Os casos de Estremoz e do Bairro da Lapa em Lisboa encontram-se na categoria de Eixos de Expansão fechados, na medida em que foram produzidas para essas áreas urbana em concreto e não pressupõem a possibilidade da sua extensão como eixo de circulação. Assim as Ruas Direitas segundo as variantes em Eixo Primordial nuclear Fechado ou Aberto referem-se a eixos estruturadores de uma área homogénea exterior, ou seja um bairro de arrabalde<sup>124</sup>. Excepto o caso do Bairro da Lapa pela sua situação distante ao núcleo primordial da cidade, todas as restantes se representam em alinhamento contínuo, mais ou menos evidente, com um eixo estruturador pré existente, do núcleo primordial da cidade.

Nas ruas Direitas tidas como eixo de expansão nuclear de constituição de um bairro apontamos as causas de fundação referentes à sua constituição como uma nova área urbana, ou seja, tentamos perceber quais as necessidades que o aglomerado urbano terá tentado extinguir na constituição das mesmas, e por conseguinte os usos específicos a que esta se iria destinar e com que intensidade, podendo ser somente habitacional, comercial ou ambos.

Nesta variante de Rua Direita destaca-se ainda a importância da sua componente social, ou seja, uma relação existente na sua constituição com a comunidade que o habita, classes sociais diferenciadas, como grupos étnicos ou categorias profissionais específicas.

As ruas Direitas de Aguiar da Beira e de Estremoz surgem em alinhamento contínuo com um eixo pré-existente, que se terá desenvolvido em área de arrabalde, constituindo-se como exemplos emblemáticos de áreas homogéneas de forte carácter habitacional.

---

<sup>124</sup> "...a Rua Direita é o eixo principal de um bairro que se desenvolveu, geralmente, a partir de um arrabalde da cidade." RIBEIRO, Orlando - A Rua Direita de Viseu In: Geographica, ano IV, nº 16 Outubro 1968,p.51

As ruas Direitas do Bairro do Troino em Setúbal e de Leiria revelam a constituição desta nova área urbana associada a distintas classes sociais que referenciam grupos étnicos ou categorias profissionais.

O bairro do Troino em Setúbal é considerado como um bairro onde habitava uma importante comunidade de pescadores. Assim sendo, o elemento urbano mesmo que com capacidades para suportar outros usos para além dos habitacionais, revelar-se-ia sempre com um emblemático cariz habitacional, tal sucede com a Rua Direita da Lapa em Lisboa. Na Lapa, a presença de usos para além dos habitacionais ainda hoje se identifica, no entanto a Rua Direita não deixa de se evidenciar como a estruturadora de um bairro habitacional de encosta que pela sua organização reticulada toma esta rua assente a uma cota de nível como confluyente das demais travessas, articulando ambos os lados assentes em topografias distintas, rematando-as e sendo o seu ponto de encontro.

Em Leiria e em Coruche a Rua Direita revela-se como um eixo estruturador de uma nova área que surge a uma cota inferior daquela onde se localizou o núcleo originário da cidade e está associada à presença do rio, ambas com uma disposição análoga ou seja, paralela ao percurso do rio.

Em Leiria, assente numa planície alagada pelo rio Lis em época de cheias, a Rua Direita constitui-se sob a forma de estrutura em “espinha de peixe”. É associada à presente forte comunidade Judaica que aí se estabeleceu, no entanto, a par das numerosas actividades comerciais e industriais aí desenvolvidas pelo mesmo grupo, esta área terá metamorfoseado a imagem da centralidade da própria cidade deslocando-a para esta zona baixa.

Como exemplos de centralidade associadas a este elemento urbano, destacam-se também as Ruas Direitas de Coruche, Vila Real, Bragança e Cascais que se estabelecem em alinhamento com o eixo primordial e que servem de eixo estruturante de bairros comerciais e burgueses<sup>125</sup>, que se transformam pela intensidade das suas actividades no “centro”, ou seja, tornando-se a rua mais importante da cidade.

---

<sup>125</sup> “...O arrabalde ou bairro comercial e burguês acabava por transformar-se no centro do aglomerado, constituindo o seu eixo principal, a rua mais importante da cidade, com designações que variam – Rua DIREITA, Rua dos Mercadores, Rua Nova e outras. Este novo núcleo activo fazia, por um lado a articulação com a cidade primitiva e, por outro lado, com a área rural envolvente, uma das razões de ser. ...”GASPAR, Jorge - A Cidade Portuguesa na Idade Média. Aspectos da estrutura física e desenvolvimento funcional La Ciudad Hispánica – Madrid: Editorial de la Universidad Complutense. Madrid, 1985.p.138

## Braga – Lamego – Lisboa – Porto - Eixo de Expansão Linear Aberto

As Ruas Direitas, como eixos de expansão Linear de estrutura Aberta, apresentam-se nestes casos como eixos viários de circulação tidos como preferenciais, artérias de saída que se constituem no exterior do cerco amuralhado de cada vila ou cidade.

Estes normalmente estão associados a edifícios de cariz religioso<sup>126</sup> ou a espaços de santuário, especialmente conventos e mosteiros ou capelas que se implantam fora do cerco amuralhado<sup>127</sup>.

Em Braga a Rua Direita constitui-se sobre o caminho que desde as portas dos Maximinos, seguia até à Igreja de São Pedro dos Maximinos.

Em Lamego a Rua Direita surgia em alinhamento com um eixo que a partir das Portas do Sol serpenteava em ladeira acentuada até alcançar a parte baixa da cidade onde se implantava a Sé e só a partir desta por diante é que se constituía.

No Porto, a Rua Direita de Santo Ildefonso também se constitui sobre uma artéria de saída da cidade. Esta em alinhamento com um eixo primordial precedente das Portas da Vandoma (respectivas à muralha primitiva da cidade), segue pela Rua Chã e Rua de Cimo da Vila, que confluindo nas Portas da Batalha (respectivas à muralha subsequente) e a partir deste ponto, onde se localizava o Largo de Santo Ildefonso e sua respectiva Igreja surgia o assentamento da Rua Direita em direcção a Noroeste.

Assim, a Rua Direita apresenta-se nestes casos específicos como a evolução de um caminho, que desde a cidade segue ao encontro destes espaços de cariz religioso, como se identifica no caso particular da Rua Direita dos Maximinos em Braga. No sentido oposto, do arrabalde para a cidade, temos o exemplo da Rua Direita de Santo Ildefonso no Porto.

---

<sup>126</sup> Lamego "encostada à Sé é apenas um eixo do arrabalde que, a partir do século XV, se desenvolveu extramuros na parte baixa e plana da cidade". RIBEIRO, Orlando - A Rua Direita de Viseu. In: Geographica, ano IV, nº 16 Outubro 1968. p.51

<sup>127</sup> "...Por seu turno, os outros arrabaldes ou bairros tinham uma organização funcional própria, com igrejas, e seus largos e também um eixo principal, frequentemente chamado Rua DIREITA, designativo a que acrescentava o nome de bairro ou arrabalde." GASPAR, Jorge - A Cidade Portuguesa na Idade Média: Aspectos da estrutura física e desenvolvimento funcional La Ciudad Hispánica. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense. 1985 p.139

A sua consolidação como rua é feita num processo ao longo do tempo, através de uma ocupação consequente das suas frentes, que numa primeira fase terá sido episódica até se consolidar como uma frente contínua.

Em Lisboa, casos como a Rua Direita de São José; a Rua Direita de Santa Marta; a Rua Direita do Salitre; e a Rua Direita dos Anjos apresentam-se também sob esta variante.

Nestes casos de Ruas Direitas de variante Linear sobressaem as poucas travessas que ao longo da mesma se constituem, tendo em conta a extensão que a rua adquire. Assim, não obstante a possibilidade de se transformarem posteriormente num eixo de Expansão Nuclear de Estrutura Aberta, a Rua Direita figura-se como um eixo Linear cerrado nas suas frentes edificadas como um canal estrito. Esta forma de canal revela assim condicionar os seus fluxos através dos pontos de início e termo da rua.

Assim considera-se que o seu processo de desenvolvimento sobre uma acção fundacional, a produção da rua e dos tecidos confinantes podem ter sido consumados em momentos distintos.

Na consolidação destas artérias, especificamente em Lisboa identificamos a sua ocorrência múltipla consequente, ou seja, num eixo de expansão composto, que associa continuamente um número de Ruas que tomam constantemente a denominação de Rua Direita.

Para sua identificação própria adquirem, para além desta denominação, outros nomes designativos como suplemento, com vista à identificação precisa dos troços a que correspondem.

Proveniente destes eixos de expansão Linear de Estrutura Aberta, como Ocorrência Singular associado a uma infraestrutura de relevo para a cidade, pode considerar-se dos casos de Ocorrência Múltipla encontrados em Lisboa uma nova variante que se entende por uma área territorial mais vasta e que efectivamente corresponde a uma reprodução contínua, ou seja a uma adição constante de várias Ruas Direitas.

Para além dos casos enumerados são identificados sob esta variante de Eixo de Expansão Linear Aberto as Ruas Direitas de São João da Pesqueira e de Coimbra. Assim, como elemento urbano em eixo de Expansão Linear Aberto, pode concluir-se que, até determinado período, as Ruas Direitas se associam ao crescimento da cidade, revelando esta maneira de actuar como prática de constituição de tecido urbano, ou seja, associando a "Rua Direita" à formação do tecido urbano da cidade.

## Distrito de Aveiro – Concelho de Lisboa – Vilas Ribatejanas - Eixo Interurbano.

Na primeira parte do estudo sobre o tema Formas Complexas de Agregação, fez-se a distinção entre eixos contínuos em contexto urbano, ou seja, em aglomerado urbanos consolidado, tomando como exemplo os existentes na cidade de Lisboa em contraponto com os eixos contínuos identificados em contextos rurais. Nos contextos rurais é referenciada a sua existência contínua por se manterem as Ruas Direitas em alinhamento sucessivo segundo um mesmo eixo.

A grande diferença existente entre eles, para além de se encontrarem em contextos dissemelhantes reside na ocupação dos seus lotes limítrofes e na sua consolidação edificada, estando as Ruas Direitas em contextos rurais pouco consolidados, não formando uma frente edificada continua nem consolidada, visto que alguns dos lotes contíguos ainda se encontram por edificar.

Em contextos urbanos consolidados, a percepção das distintas Ruas Direitas que compõem este eixo revela-se dificultada pois, ao contrário do que acontece em contexto rural, este figura-se ininterrupto em toda a sua extensão.

Porém em contextos rurais a percepção dos distintos elementos urbanos também não se encontra facilitada, visto que a sua aparência conjunta rarefeita em toda a sua extensão se revela homogénea.

No entanto, entende-se que os espaços quando menos densificados, efectuam a transição das distintas Ruas Direitas, assumindo o papel de transição que os elementos excepcionais, nomeadamente os largos, possuem na constituição do eixo contínuo em aglomerado urbano.

Tome-se como exemplo das variantes “eixo interurbano” o eixo Aradas / Fontão (Estrada Nacional 335 e Estrada Municipal 585) como Sequencial Aberto, e o eixo composto pelas Ruas Direitas encontradas em Benfica do Ribatejo; Vale dos Cavalos; Chamusca com a denominação de Rua Direita de São Pedro, e a Carregueira, existentes sob o eixo da Estrada Nacional 118.

Comparem-se estes dois eixos interurbanos com o eixo contínuo ocidental de Lisboa. As considerações desta comparação prendem-se na constatação de similitudes variadas entre estes, considerando no entanto o Eixo Ocidental, para além de uma agregação de particularidades dos

anteriores casos, num estado de evolução sedimentada e complexo, resultado de demais condicionantes presentes na sua consolidação.

A dissemelhança notória entre os dois eixos interurbanos reside na forma urbana do assentamento dos seus povoados. Assim no eixo interurbano pertencente ao distrito de Aveiro, composto pelos núcleos de Aradas, Quinta do Picado, Quintas, Salgueiro e Fontão destacam-se assentamentos urbanos lineares, que se entendem ao longo de um eixo, atingindo dimensões extensas com uma consolidação edificada rarefeita revelando espaços intersticiais e pouca compacidade da sua frente construída, que para mais não obedece à regra de alinhamentos.

O eixo interurbano existente sobre a EN118 revela um assentamento urbano preciso e pontual com a constituição de núcleos no seu decurso, isto é, uma implantação nuclear de várias povoações.

Na extensão destes eixos interurbanos encontram-se outros aglomerados urbanos para além dos enumerados. No entanto, a presença do elemento urbano é imperceptível na actualidade.

Assim, reconhece-se que o eixo Aradas / Fontão (Estrada Nacional 335 e Estrada Municipal 585) é composto por Rua Direitas Lineares Abertas, enquanto que o eixo sobre a EN118 é composto por Ruas Direitas Nucleares Abertas.

Encontram-se contudo algumas semelhanças entre estes dois eixos interurbanos com o eixo contínuo ocidental.

As semelhanças entre o eixo contínuo ocidental de Lisboa com o eixo interurbano sobre a EN118 reside na identificação coerente e legível de cada Rua Direita em particular que compõem o eixo.

Já as semelhanças evidentes entre o eixo ocidental de Lisboa com os eixos interurbanos identificados no Distrito de Aveiro residem na disposição sequencial dos elementos urbanos.

Assim, poderíamos identificar o eixo contínuo ocidental de Lisboa, que se efectiva por um tipo de agregação sequencial, também como um eixo interurbano numa escala territorial diferenciada. Efectivamente encontra-se consolidado na sua extensão, identificam-se particularmente todos os seus distintos elementos urbanos, associados a distintos espaços /freguesias, efetivando-se sobre um assentamento linear tanto como sobre um assentamento nuclear.



## 8. Conclusão

As questões iniciais que se colocaram, nomeadamente – O que é a Rua Direita? Porque tem este nome? Qual a razão da existência de Rua Direita? O que acontece na Rua Direita? e, porque é que raramente é direita? determinaram o âmbito geográfico alargado da investigação e conduziram este estudo a uma leitura morfológica, metódica e sistematizada.

Através dos diversos casos de estudo encontrados, uns pela identificação da toponímia actual, outros a partir da leitura dos estratos de processo histórico das cidades foi possível verificar que, apesar da Rua Direita ser um elemento comum nas cidades portuguesas, esta se expressa através de um leque variado de características.

Numa observação directa destes elementos urbanos, efectivamente poucos casos se desenvolveram com um traçado direito, ou seja, em linha recta, compreendida com um princípio e um fim perceptível, e no decorrer da mesma observação destacam-se diferenças relativamente ao contexto onde se implantam.

Apresenta-se este elemento urbano em contextos urbanos consolidados e em contextos rurais, onde se apuram dissemelhanças, caso a Rua Direita se insere no seu núcleo primitivo ou em áreas de expansão.

Independente da sua forma, que se caracteriza como rectilínea, sinuosa ou curva, identificam-se três variantes de Ruas Direitas em relação ao contexto urbano onde se encontrava.

A par desta identificação, a sua constatação através da toponímia existente na actualidade comprometeu-se quando se identificaram como Ruas Direitas elementos urbanos que na actualidade se encontravam desprovidos desta nomenclatura. O caso de Lisboa converteu-se assim em referência e neste se observa a multiplicidade de Ruas Direitas existentes, assim como, se distingue a sua existência “singular” ou “múltipla”, dependendo do número de vezes que a Rua Direita se repete, duplica ou multiplica num determinado núcleo urbano em particular.

A observação de diversas Ruas Direitas numa mesma cidade permite constatar as características variantes deste elemento urbano, particularmente as distintas formas de agregação deste arrumamento que se identificaram em sequências lineares ou radiais concorrentes. Num

processo de observação individual da Rua Direita identificaram-se premissas diferenciadas quanto à acção fundacional que as constituiu, tal como em relação às preexistências anteriores, humanas ou topográficas, que terão persistido na concepção desta rua particular. Efectivamente estas ruas revelam a acção de agentes condicionadores na sua constituição, facto que se verifica na implantação do modelo abstracto aquando da sua implementação e conseqüente adaptação a um sítio concreto.

Considera-se que a acção fundacional da Rua Direita resulta de um processo de desenvolvimento orgânico, sequencial, determinado num tempo longo, mas sempre subordinado a uma ideia pré-estabelecida de fazer cidade, ou seja, produto da conceptualização morfológica de um elemento linear, com uma natureza particular, geradora de tecido urbano.

As condicionantes à sua implantação, que se destacam como capitais, são predominantemente questões topográficas onde os núcleos urbanos se localizavam, as estruturas físicas que os limitavam, como os seus cercos amuralhados, e ainda a localização de marcos de referência pré-existent que o próprio conceito de Rua Direita absorve.

Entre as qualidades extraídas da Rua Direita sobressaem aquelas que correspondem à sua natureza estruturadora e geradora de tecido urbano. O tecido produzido a partir da rua principal constitui-se enquanto área homogénea composta por distintos elementos urbanos, ordinários e excepcionais. Sendo todos eles hierarquizados pelo eixo dominante “Rua Direita”, designadamente as ruas perpendiculares, habitualmente denominadas por travessas, que adoptam uma implantação concorrente à Rua Direita; as ruas secundárias, ruas de serventia que a duplicam a Rua Direita, subordinadas a esta e reproduzindo por mimetismo a sua configuração; os Largos, Praças e todos os espaços públicos de excepção do traçado urbano, possuem configurações tendencialmente irregulares quando se localizam nos extremos da Rua Direita e, pelo contrário, possuem contornos de regularidade quando localizam ao longo do seu desenvolvimento, geralmente com um posicionamento lateral em relação ao eixo principal, onde nesta situação a rua define uma das frentes da praça. A presença destes elementos urbanos associados à Rua Direita e a sua influência na constituição de uma estrutura urbana de matriz axial são os factores determinantes de uma identidade morfológica particular do urbanismo português.

A essência do conceito de Rua Direita reflecte-se na regulação do processo de produção do traçado urbano, admitindo variações na configuração morfológica que resultam da influência de factores condicionantes que deformam o contexto urbano.

Assim, entende-se que existe um conceito específico, intrínseco à concepção da Rua Direita, que a define como uma rua directa que toma uma direcção objectiva tida como referencial, com um sentido único e um alinhamento tendencialmente rectilíneo apesar de irregular como é demonstrado nas diversas ocorrências onde este arruamento principal se assume como eixo preponderante. Esta qualidade singular da rua manifesta-se dadas as numerosas qualidades que possui, particularmente, a de direccionar que é indissociável da sua própria denominação e a qualidade estruturadora / geradora de tecido urbano, que se revela persistentemente como constante nas Ruas Direitas das cidades portuguesas.



## Bibliografia

### Obras Gerais

BENÉVOLO, Leonardo *A Cidade na História da Europa*, Editorial Presença, Lisboa, (1ªed. 1995).

BENÉVOLO, Leonardo *História da cidade*, Editora Perspectiva, São Paulo. 2ªimp. 2003.

CARVALHO, Sérgio Luís, *Cidades medievais portuguesas: uma introdução ao seu estudo*, Livros Horizonte, Lisboa, 1989.

COSTA, J. Almeida, MELO, A. Sampaio *Dicionário da Língua Portuguesa* 8.º edição revista e actualizada, 1999, Porto Editora, Lda., Porto, 1952.

D'ARMAS, Duarte, *Livro das Fortalezas*, Editorial Império, Lisboa, 1943

DIAS COELHO, Carlos *A Complexidade dos Traçados*, Dissertação de doutoramento em Planeamento Urbanístico defendida a Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, edição policopiada, Lisboa, 2002.

DIFERR, Luís e MARTIN, Jacques, *As Viagens de Lois – Portugal*, Edições ASA II, 2010.

GASPAR, Jorge, *A cidade portuguesa na Idade Média: Aspectos da Estrutura física e desenvolvimento funcional*, in: La ciudad Hispánica durante los siglos XIII e XVI, t.I, Ed. Universidad Complutense Madrid, 1985.

GASPAR, Jorge, *A Morfologia Urbana de Padrão Geométrico* In: FINISTERRA Revista Portuguesa de Geografia VOLUME IV, Nº 8, 1969 (pp.198-215)

GOMES, Rita Costa, *Castelos da Raia, Vol.I Trás-os-Montes*, Edição do Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 2003, ISBN: 972-8736-28-2.

MÁRIO, Gonçalves Fernandes, *Urbanismo e Morfologia Urbana No Norte de Portugal – Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1825 e 1926*, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2002.

MOITA, Irisalva (COORDENAÇÃO) *O Livro de Lisboa*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994.

MORRIS, A.E.J *Historia de la forma urbana desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*, Gustavo Gil, Barcelona, 1984.

MUMFORD, Lewis *A Cidade na História. Suas origens, transformações e perspectivas*, Martins Fontes, São Paulo, 1998.

PINHO LEAL, Augusto *Portugal antigo e Moderno*, Martins Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1873.

PROENÇA, Raúl – (Direcção), *Guia de Portugal VI – Entre Douro e Minho, Tomo II Minho*, Fundação Caluste Gulbenkian, 3ª edição 1994.

VALLA, Margarida, *A estrutura urbana: da "Bastide" do século XIII à "Praça Forte" seiscentista*, in revista Monumentos Nº12, Março 2000.

## Obras Especificas de Cidades - bases de estudo

Açores – Angra do Heroísmo

FERNANDES, José Manuel *Angra do Heroísmo*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

Aveiro

BRANCO, Vasco *Roteiro Impopular de uma Cidade* Tipografia Lusitânia, Aveiro, 1973.

Braga

FONTES, L. MARTINS, M.RIBEIRO, M.C. CARVALHO, H.P. *A cidade de Braga e o seu Território nos Séculos V-VII* in: La Ciudades del Mediterraneo.

SILVA, Paula Araújo Perreira da Silva, *As Termas Romanas de Bracara Augusta*, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2002.

RIBEIRO, Maria do Carmo Franco, *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia Área de Conhecimento de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento, Universidade do Minho, 2008

Cascais

SILVA, Raquel Henriques da *Cascais* Editorial Presença, Lisboa, 1988.

Castelo de Vide

BUCHO, Domingues *Fortificações de Castelo de Vide História, Arquitectura e Restauo*. Região do Turismo de São Mamede, 2004.

Coimbra

ALARCÃO, Jorge de, *Coimbra a Montagem do Cenário Urbano*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

Covilhã

RODRIGUES, José Miguel, *Covilhã: Evolução Urbana da Cidade*, in: revista Monumentos Nº29, Julho 2009.

Évora

BEIRANTE, A., *Évora na Idade Média*, Dissertação de Doutoramento em história F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, edição policopiada, Lisboa, 1988.

SIMPLÍCIO, Maria Domingas. *Évora: algumas etapas fundamentais na evolução da cidade até ao século XVI*, A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara

Funchal

FERNANDES, José Manuel *“O Funchal e o Urbanismo de Raiz Portuguesa no Atlântico: Estudo Comparativo e de Enquadramento Histórico”* – Estrutural, Funchal, 1989 Municipal (2ª Série), 6, 2002.

Guarda

GOMES, Rita Costa *Guarda Medieval. Posição Morfológicas e Sociedade (1200- 1500)*. Edição Sá da Costa, Lisboa, 1987.

PEREIRA, José Fernandes *Guarda* Editorial Presença, Lisboa, 1995.

RODRIGUES, Adriano Vasco *Guarda Monografia. Pré – História - História – Arte 2000* Edição Santa Casa da Misericórdia da Guarda, Guarda, 2000.

Leiria

COSTA, Lúcia Verdelho da – *Leiria* Editorial Presença, Lisboa, 1989.

GOMES, Saul *Leiria*, A Organização do Espaço numa cidade Estremenha: Leiria Medieval in Actas – A Cidade. Jornadas Inter e Pluridisciplinares, Volume II

Lisboa

PARDAL, Maria João Pardal, *O terramoto de 1755 – A Urbanização da Nova Lisboa*, Sete Caminhos, Lisboa, 2005.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *O Carmo e a Trindade: subsídio para a história de Lisboa* – Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939.

GARCIA, José Manuel, *Lisboa do Séc XVII “A Mais Deliciosa Terra do Mundo” – imagens e textos nos quatrocentos anos do nascimento do Padre António Vieira*, Direcção Municipal de Cultura e Gabinete de Estudos Olisiponenses, Lisboa.

GÓIS, Damião de, *Descrição da Cidade de Lisboa*, Livros Horizonte, 2001, Lisboa, (1ªed 1988).

BARBOSA, Pedro Gomes, *Lisboa – 1147 – A Cidade Conquistada aos Mouros*, Tribuna da História, 2004.

CAETANO, Carlos, *A Ribeira de Lisboa Na Época da Expansão Portuguesa (séculos XV a XVIII)*, Pandora, Lisboa, 2004.

CARITA, Helder, *Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495 – 1521)*, Livros Horizonte, Lisboa, 1999.

SILVA, A. Vieira da, **A Cerca Fernandina de Lisboa**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, Volume I, 1987.

SILVA, A. Vieira da, **A Cerca Fernandina de Lisboa**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, Volume II, 1987.

SILVA, A. Vieira da, **A Cerca Moura de Lisboa – Estudo descritivo**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, 1987.

SILVA, A. Vieira da, **As Muralhas da Ribeira de Lisboa**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, Volume I, 1987.

SILVA, A. Vieira da, **As Muralhas da Ribeira de Lisboa**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, Volume II, 1987.

MACEDO, Luís Pastor de, **Lisboa de Lés a Lés subsídios para a história das vias públicas da Cidade**. Câmara Municipal, Lisboa 1968 – 5v.

BRITO, J. J. Gomes. **“As Ruas de Lisboa. Notas para a história das vias públicas lisboenses.”** Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1933.

Artigo: Isabel Cipriano e João Paulo Leal **“Os cientistas na toponímia de Lisboa”** site: [www.spq.pt/boletim/docs/boletimSPQ\\_111\\_019\\_09.pdf](http://www.spq.pt/boletim/docs/boletimSPQ_111_019_09.pdf)

Nisa

FIGUEIREDO, José F. *Monografia de Nisa*. Edição FAC-SIMILADA, 1956.

Óbidos

PEREIRA, José Fernandes. *Óbidos*. Editorial Presença, Lisboa, 1988.

GARCIA, Luís de Freitas; CAETANO, Marcelo, *Óbidos Guia do Visitante*; Alêtheia Editores e Câmara Municipal de Óbidos, 2007 Lisboa.

Ponte de Lima

ANDRADE, Amélia A. *Um Espaço Urbano Medieval: Ponte de Lima* Livros Horizonte Lisboa 1990

ALMEIDA Carlos A. Brochado de Coordenação, **Ponte de Lima – Uma Vila Histórica do Minho**, Município de Ponte de Lima, 2007.

Portalegre

PEREIRA, Paulo; Rodrigues **Portalegre** Editorial Presença, Lisboa, 1988

Sintra

SERRÃO, Victor, *Sintra* Editorial Presença, Lisboa 1988

Trancoso

CARAMELO, Victor, **Trancoso**. Editorial Gráfica Coimbra, Lisboa, 2003

Viseu

CORREIA, Alberto. **Viseu**. Editorial Presença, 1989.

RIBEIRO, Orlando, «A Rua Direita de Viseu» In: **Geographica**, ano IV, nº 16 Outubro 1968.

AAVV, **Viseu – Cidade de Afonso Henriques**. Editor Avis, Viseu, 2009

## Obras de Referência Disciplinar

CAETANO, Carlos, **A Ribeira de Lisboa Na Época da Expansão Portuguesa (séculos XV a XVIII)**, Pandora, Lisboa, 2004.

CARITA, Helder, **Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495 – 1521)**, Livros Horizonte, Lisboa, 1999.

CARVALHO, **Sérgio Luís**, *Cidades medievais portuguesas: uma introdução ao seu estudo*, Livros Horizonte, Lisboa, 1989.

GASPAR, Jorge, **A cidade portuguesa na Idade Média: Aspectos da Estrutura física e desenvolvimento funcional**, in: *La ciudad Hispánica durante los siglos XIII e XVI*, t.I, Ed. Universidad Complutense Madrid, 1985

LAMAS, José, **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa. 1999.

ROSSA, Walter, **A Urbe e o Traço. Uma década de estudos sobre o urbanismo português** Almedina, Coimbra, 2002.

SILVA, A. Vieira da, **A Cerca Fernandina de Lisboa**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, Volume I, 1987.

SILVA, A. Vieira da, **A Cerca Fernandina de Lisboa**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, Volume II, 1987.

SILVA, A. Vieira da, **A Cerca Moura de Lisboa – Estudo descritivo**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, 1987.

SILVA, A. Vieira da, **As Muralhas da Ribeira de Lisboa**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, Volume I, 1987.

SILVA, A. Vieira da, **As Muralhas da Ribeira de Lisboa**, Publicações Culturais da Câmara de Lisboa, Lisboa, Volume II, 1987.

TEIXEIRA, Manuel; VALA, Margarida, *O Urbanismo português séculos XVII e XVIII Portugal Brasil*, Livros Horizonte, Lisboa, 1999.

BOHIGAS, Oriol, *Contra la incontinência urbana. Reconsideración moral de la arquitectura y la ciudad*, Electa, Barcelona, 2004.

CULLEN, Gordon, *Paisagem Urbana*, Edições 70, Lisboa, 1983.

LAVEDAN, Pierre, *Géographie des Villes*, Gallimard, 1959, (1ªed., 1936).

LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Edições 70, 1982.

MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise, *Dictionnaire de L'Urbanisme et de l'Aménagement*, Press Universitaire de France, 1988.

MONTANER, Josep Maria, *A Modernidade Superada – Arquitectura, Arte e pensamento do século XX*, Gustavo Gili, Barcelona, 2001.

POËTE, Marcel, *Introduction à l'urbanisme*, Sens & Tonka, Paris, 2000, (1ªed. 1929).

POZO Y BARAJAS, Alfonso del, *Análisis Urbano. Textos*. Gianfranco Caniggia, Carlo Aymonino, Massimo Scolari, Sevilha: Instituto Universitario de Ciências de la Construcción, 1997.

ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Edições Cosmo, Lisboa, 2001, (1ªed. 1965).

## Obras de referência metodológica e temática

AAVV, *A Praça em Portugal - Açores: Inventário de Espaço Público*, equipa: Lamas, J.; Coelho, C.D.; Fernandes, S.; Proença, S.; Costa, J.P.; Silva, J.; Bento, P.; Bicheiro, A.; Branco, A.; Silva, C.; Mateus, D.; Calado, M., Carvalho, G. - Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e ed. Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, 2005.

AAVV, *A Praça em Portugal, Inventário de Espaço Público*, coordenação: DIAS COELHO, Carlos; LAMAS, José, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e ed. Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8569-39-6, 2008.

AAVV, *A Rua em Portugal, Inventário Morfológico*, Carlos, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de referência PTDC/AUR/65532/2006, desenvolvido no centro de investigação FormaUrbis Lab da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, sob a coordenação do Professor Doutor Carlos Dias Coelho.

AAVV, **Vilas Novas Medievais Planeadas**: equipa: Albergaria. H.; Paio, A.; Santos, L., Madaleno, A.; Beato, C. INTERREG IIIM SUDOE, 2007.

AFONSO, João Ferrão, **A Rua das Flores no século XVI. Elementos para a História do Porto Quinhentista**, Faup publicações Porto, 2000, 1ªed.1998. ISBN: 972-9483-42-8.

CORDEIRO, Graça Índias; VIDAL Frédéric, **A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade**, Livros Horizonte, 2008.

JACOBS, Allan B., **Great Streets**, The MIT Press, Cambridge, 1993.

LOBO, Rui, **Santa Cruz e a Rua da Sofia. Arquitectura e urbanismo no século XVI**, Edições do Departamento da Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006. ISBN: 972-99821-0-4.

MANGIN, David; PANERAI, Philippe, **Projet Urbain**, Éditions Paranthèses, Marselha, 1999.

PIRES, Maria do Carmo, **A Rua Álvares Cabral (1895-1940). Formas de Habitar**, FAUP Publicações, Porto, 2000.

ROULEAU, Bernard, **Le tracé des rues de Paris, formation, typologie, Fonctions**, Éditions du centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1983, 1ªed.1975, ed. Original 1967.

#### WEB - Sites

<http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/>

<http://www.bing.com/maps/> - Site de mapas, Fotografias de Satélite e Direcções

<http://maps.google.pt/> - Site de mapas, Fotografias de Satélite e Direcções

<http://www.priberam.pt/dlpo/> - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

<http://www.wikipedia.org/> - Enciclopédia online

<http://www.toponimia.cm-lisboa.pt/> - Direcção Municipal de Cultura , Departamento de Património Cultural, Núcleo de Toponímia

<http://www.jf-aradas.pt/> - Junta de Freguesia de Aradas

<http://www.cm-viseu.pt/> - Município de Viseu

<http://www.cm-braga.pt/> - Município de Braga

<http://www.cm-chaves.pt/> - Município de Chaves

<http://www.mun-guarda.pt/> - Município da Guarda

<http://www.cm-pontedelima.pt/> - Município de Ponte de Lima

<http://www.cm-tomar.pt/> - Município de Tomar

<http://www.cm-evora.pt/> - Município de Évora

<http://www.cm-nisa.pt/> - Município de Nisa

<http://www.cm-obidos.pt/> - Município de Óbidos

<http://www.cm-portalegre.pt/> - Município de Portalegre

<http://www.cm-sintra.pt/> - Município de Sintra

<http://www.cm-trancoso.pt/> - Município de Trancoso

<http://www.cm-leiria.pt/> - Município de Leiria

<http://www.cm-castelo-vide.pt/> - Município de Castelo de Vide

<http://www.cm-cascais.pt/> - Município de Cascais

<http://www.cm-aveiro.pt/> - Município de Aveiro

<http://www.cm-ah.pt/> - Município de Angra do Heroísmo

<http://www.cm-lisboa.pt/> - Município de Lisboa

<http://www.cm-covilha.pt/> - Município da Covilhã

<http://www.cm-valenca.pt/> - Município de Valença

## Apêndice

Materiais trabalhados e elaborados pelo investigador

### INVENTÁRIO<sup>128</sup>

Constatação do elemento urbano “Rua Direita” em cidades Portuguesas no território de Portugal Continental: “Cidade: denominação actual (Placa Toponímica)

### CONTINENTE

1. Almeida: Rua do Touro (Rua Direita da Época - Medieval)
2. Almeida: Rua dos Combatentes Mortos pela Pátria (Rua Direita da Época Renascentista)
3. Aguiar da Beira: Rua Direita
4. Alcácer do Sal: Rua de São Pedro e Rua Rui Salema e **Rua da República**
5. Barcelos: Rua António Barroso - Antiga Rua Direita
6. Belmonte: Rua Direita
7. Borba: Rua Rodrigo Cunha Ferreira
8. Braga: Rua Direita ou Rua dos Maximinos
9. Bragança: Rua dos Combatentes da Grande Guerra
10. Caminha: Rua Ricardo Joaquim de Sousa – Rua Direita ou Rua do Meio)
11. Campo Maior: Rua Direita
12. Cartaxo: Rua Mouzinho de Albuquerque
13. Cascais: Rua Frederico Arouca – Antiga Rua Direita
14. Castelo de Vide: Rua Direita ou Rua Direita do Castelo
15. Chaves: Rua Direita
16. Coimbra: Rua Simões de Castro
17. Coruche: Rua Direita
18. Estremoz: Rua Direita
19. Faro: Rua Infante Dom Henrique
20. Guarda: Rua Dom Miguel de Alarcão e Rua Dr. Francisco de Passos
21. Lamego: Rua Direita
22. Leiria: Rua Barão Viamonte
23. Meda: Rua Direita

---

<sup>128</sup> Que serve de observação.

24. Melgaço: Rua Direita
25. Mértola: Rua dos Combatentes da Grande Guerra e Rua Professor Baptista da Graça
26. Monsaraz – Rua Direita
27. Nisa; Rua de Santa Maria
28. Óbidos: Rua Direita
29. Ponte de Lima: Rua Padre Francisco Pacheco antiga Rua Direita da Sapataria
30. Portimão: Rua Direita
31. Porto: Rua de Santo Ildefonso
32. São João da Pesqueira: Rua Direita
33. Setúbal: Rua Fran Pacheco (Bairro do Troino)
34. Silves: Rua da Sé
35. Sines: Rua Francisco Luís Lopes ou Rua Serpa Pinto
36. Sortelha: Rua Direita
37. Tabuaço: Rua Direita
38. Tomar: Rua Direita da Várzea Grande;
39. Tomar: Rua Direita dos Moinhos – Rua dos Moinhos
40. Valença: Rua Mouzinho de Albuquerque
41. Vila da Feira – Rua Direita Rua Dr. Roberto Alves
42. Vila de Alegrete: Rua Direita
43. Vila Nova de Gaia: Rua Cândido dos Reis
44. Vila Nova de Famalicão: Rua Direita
45. Vila Real: Rua Teixeira de Sousa - Rua dos Combatentes da G. G. – Rua Dr. Roque da Silveira
46. Viseu: Rua Direita
47. Benfica do Ribatejo
48. Carregueira
49. Vale dos Cavalos
50. Chamusca

## CASOS EM CONTEXTO RURAL

Distrito de Aveiro

Constatação do elemento urbano “Rua Direita” em contexto urbano rural no distrito de Aveiro. (

Aradas – Quinta do Picado – Quintas – Salgueiro - Fontão

Granja de Cima - Póvoa do Valado – Vessada - Nariz

Nossa Senhora de Fátima – Carregal

Sosa e Verba (em contextos singulares)

## Pesquisa Bibliográfica e Cartográfica

Constatação do elemento urbano “Rua Direita” na cidade de Lisboa em obras bibliográficas e material cartográfico. Os elementos urbanos que estiveram sob análise neste trabalho foram identificados nas seguintes obras datadas de distintos olisipógrafos, tal como em distintas cartografias existente da cidade.



**Helder Carita: Lisboa Manuelina – e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495 -1521)**

**Rua Direita da Pedreira** (Fig3 – Desenvolvimento urbano do bairro da Pedreira no século XIV)

**Rua Direita junto do Ferro - Rua Direita (junto das Portas do Ferro)** (que se localiza e se denomina actualmente por Rua da Padaria)

“Duma doação do rei ao concelho, nascerá ainda nos finais do século XV a Rua Direita, junto das Portas do Ferro... Esta rua, que tomou mais tarde o nome de Padaria, é nomeada, ainda em 1440, num alvará de confirmação sobre a propriedade das casas do reinado de D. Afonso V, por... Rua Direita junto do Ferro”

**Rua Direita do Cata que Farás**

**Rua Direita de Santa Catarina e Rua Direita das Portas de Santa Catarina** (posteriormente identificada como Rua do Chiado – e que actualmente se pode considerar troço da actual Rua Garret)



**Cristóvão Rodrigues de OLIVEIRA: Lisboa em 1551 – Sumário**

**Rua Direita-** rua situava-se na Freguesia de Nossa Senhora dos Mártires.

**Rua Direita além da Cruz** - Esta rua situava-se na Freguesia de Nossa Senhora dos Mártires.

**Rua Direita do Cano-** Esta rua situava-se na Freguesia do Salvador.

**Rua Direita Cata – que – farás** - Esta rua situava-se na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires

**Rua do Chafariz dos Cavalos** - Esta rua localizava-se na freguesia de Santo Estêvão.

**Rua Direita da Cutelaria** - Esta rua localizava-se na freguesia de Santa Justa

**Rua de São Jorge que vai Direita a Alfama** - Esta rua localizava-se na freguesia de São Jorge.

**Rua Direita do Limoeiro** – Esta rua situa-se na Freguesia de São Jorge.

**Rua Direita de cima** – Esta rua situa-se na Freguesia de Santo Estêvão.

**Rua Direita Nossa Senhora do Paraíso** – Esta rua situa-se na Freguesia de Santo Estêvão.  
(provavelmente actual Calçada dos Barbadinhos)

**Rua Direita da Porta da Cruz**

**Rua Direita das Portas de Santa Catarina** - Esta rua situava-se na Freguesia de Nossa Senhora do Loreto.

**Rua Direita da Porta de Santa Catarina** - Esta rua situava-se na Freguesia de São Nicolau.

**Rua Direita de Santa Catarina**

**Rua Direita da Porta da Sé** - Esta rua situava-se na Freguesia da Sé.

**Rua Direita do Santo Espírito de Alfama-** Esta rua localizava-se na freguesia de Santo Estêvão.

**Rua Direita da Trindade** - Esta rua situava-se na freguesia de São Nicolau

*Rua Direita de S. Vicente* – Esta rua localizava-se na freguesia de São Vicente de Fora

*Rua Direita de São João* - Esta rua situava-se na Freguesia de São João da Praça

*Rua Direita com duas Travessas*, Esta rua localizava-se na freguesia de S. Pedro

*Rua Direita* (na freguesia de Santa Cruz)



Augusto Vieira da Silva: *A Cêrca Moura de Lisboa – Estudo histórico descritivo*

Estampa I:

*Rua Direita* do Tesouro ou do Picadeiro

*Rua Direita* de São Paulo <sup>129</sup>

*Rua Direita* da Praia

*Rua Direita* dos Mártires

*Rua Direita* do Cata-Que-Farás

Estampa III:

*Rua Direita* do Seminário

*Rua Direita* de Santo António (Estampa IV)

*Rua Direita* das Portas Travessas da Sé

*Rua Direita* de São Jorge

*Rua Direita* de São Martinho

*Rua Direita* de São João da Praça

*Rua Direita* da Ribeira

---

<sup>129</sup> (que corresponde à localização da anterior Rua de Cata-Que-Farás, identificada por Helder Carita)

“No prédio do Campo das Cebolas, construído no local da desaparecida torre (38) da cerca moura, começava em 1755 a Rua Direita que vai da Praça da Ribeira até ao Chafariz d’El Rei, inclusive, com 1235 palmos de comprimento (241m,70)” “(...) Entre o Arco de Jesus e a esquina oriental e extrema da actual Rua do Cais de Santarém, onde antes do terramoto terminava a Rua Direita da Ribeira ...”<sup>130</sup>



#### João Nunes Tinoco - Planta de Lisboa em 1650

Constata-se em legenda do referido mapa apenas três ruas com a denominação em estudo.

**Rua Direita do Salvador** – situada na freguesia de S. Thomé

**Rua Direita das Escolas Gerais** – situada na freguesia da Graça

**Rua Direita de S. Vicente** – situada na freguesia de S. Vicente



J.J. Gomes de Brito na obra: *As Ruas Lisboa - Notas para a história das vias públicas lisboenses*

#### Rua Direita do Anjos

(Apenas é referido o nome para a localização de outro elemento urbano)

#### Rua Direita do Chafariz de Andaluz

<sup>130</sup> Em relação às restantes denominações apontadas em Estampa, refere-se que em texto escrito, não as designa quando a eles se refere me texto escrito não as designa de ruas Direita.

*“Chafariz de Andaluz (Rua Direita do) -Veja Elementos para a História do Municípios de Lisboa tomo I, pag.416. Rua Direita do Chafariz de Andaluz em 1792, segundo documento apenso aos títulos de umas casas na Rua do Terreirinho.”*

### **Rua Direita das Chagas**

*“Chagas (Rua Direita das) ...e tinha de frente pela dita Rua Direita do Loreto, 99 palmos, e de fundo pelo pela lado do P. e que é a Rua Direita das Chagas, ...”*

### **Rua Direita de São Paulo**

### **Rua Direita de Cáta-que-Farás**

### **Rua Direita do Loreto**

*“Direita (Rua) Abre-se a Corografia do Padre Carvalho. Vejamos o itinerário da parochia de S. Paulo, cuja porta principal era voltada ao poente. A rua Direyta, que começa do arco d corte Real e acaba nas casas de António de Brito de Menezes pela banda da terra. Entenda-se que seja o prédio da rua de S. Paulo nº 216 ... Entra n’esta rua Direyta, principiando na Corte Real pela banda da terra ... até à Cruz de Cata-que-farás ... pela banda do mar... estão as ribeyras de Cacheu e da Junta do Commercio, e d’esta mesma banda, entrando-se na rua direyta de Cata-que-farás, ... Temos portanto, que a rua de S. Paulo actual... começava na porta da cidade chamado Porta dos Corte- Reaes, por ser contígua ao palácio dos marqueses de Castello Rodrigo, e se rasgaria no terreno da actual rua do Arsenal.”*

*“Rua direyta que vai do Loreto para a Calçada do Congro”*

### **Rua Direita de Belém**

Direita de Belém (Rua) (aparece registada apenas para indicação da localização da coluna – chão salgado).

Belém (Rua Direita de) - Aparece referida em texto onde se compara a sua edificação com a edificação da Rua Nova *“(...) Todas as casas d’esta rua tinham alpendradas, ou vulgarmente, arcos, á maneira dos que se vêem ainda agora, na Rua Direita de Belém, e na do Caes, no mesmo sítio.”*

### **Rua Direita do Colégio**

*“Direita do Colégio (Rua) - Arco da Graça (Rua do) – Antes de 1657 chamada Rua Direita do Colégio (o de Santo Antão o novo). O Arco era o da muralha da Cidade, numa das portas dela.”*

### **Rua Direita da Costa**

Costa (Rua Direita da) – (Esta aparece-nos registada para contextualizar a localização da Rua das Cavalharças do Infante) *“...diz ser a primeira à esquerda, subindo pela calçada do Livramento, vindo da Ponte de Alcântara e termina na Rua Direita da costa”*

### **Rua Direita dos Mártires**

Mártires (Rua Direita dos) – Esta aparece-nos registada para contextualizar a localização da... *“Aí era a travessa da Barroca, a que no começo do século se chamara a barroquinha..., a qual, começando mais abaixo, entre a Rua Direita dos Martyres e a de Santo António ...”*

### **Rua Direita da Ribeira**

“Ribeira (Rua Direita da) - Cebolas (Campo das) – (...) Conquanto no Tombo da Cidade (1755), venha designada sob o nome de «Rua Direita da Ribeira» ”

### **Rua Direita de Santo António**

Santo António (Rua Direita de) “... sobem-na e surdem na Rua Direita de Santo António”

### **Rua Direita de S. Lázaro**

S. Lázaro (Rua Direita de) “ Quem quizer comprar humas casa nobres com quintal sitas no Largo do Socorro, com duas frentes, uma para a calçada do Collegio, que vai para o Hospital Real, e outra para a Rua Direita de S. Lazaro, ...”

### **Rua Direita de S. Vicente de Fora**

S. Vicente de Fora (Rua Direita de)

### **Rua Direita de Arroios**

“...Propunha uma troca com a câmara, comprometendo-se a fazer no dito campo concertando campo, concertando a estrada da carreira dos cavalos para o dito campo, e a rua de Arroios...”

### **Rua Direita da Praia**

“...A Rua Direita da Praia; o objecto de doação d’el – rei D. Manuel; ...princiava junto ao forte de S. Paulo, e terminava na esquina do convento dos Dominicanos ...nédia em cumprimento 211 varas, 3 palmos e 5/10. Na entrada tinha 8 varas de largo, sendo porém irregular em toda a extensão da sua largura.”

### **Rua Direita do Salitre**

“ Provem o seu nome de uma célebre nitreira pertencente aos padres Brunos, que existia no fim da referida calçada, Até 1730 era conhecida também pelo nome de rua da Palmeira...”

### **Rua Direita da Fábrica das Sedas**

“Desse terreiro campesino radiavam: para sul a Rua Direita da Fábrica das Sedas, nome que aparece desde 1742...; para o poente a Rua Direita do Salitre, depois (1769) Rua Direita do Rato.”



**Luís Pastor de Macedo na obra: Lisboa de Lés a Lés**, subsídios para a história das vias públicas da Cidade. Câmara Municipal, Lisboa 1968 – 5v.

### **Rua Direita do Conde**

*“Alecrim (Rua do) – Freguesia dos Mártires e da Encarnação – Em aditamento ao que diz G. de B. e Júlio Castilho por ele citado, diremos que a rua do Conde nos finais do século XVII foi também designada por Rua Direita do Conde [Liv. I dos óbitos, fl. 80 – Encarnação] ...”*

### **Rua Direita do Alecrim**

*“...aparecendo pela primeira vez em 1693 a denominação de Rua Direita do Alecrim [Liv. I dos óbitos, fl. 95-v. – Encarnação]”*

### **Rua Direita da Misericórdia**

*“Alfandega (rua da) – Freguesia da Sé e da Madalena...em 1720 Rua Direita da Misericórdia [Liv. X dos óbitos, fl. 11-v. - Sé]”*

### **Rua D Direita da Porta de Santo Antão da Parte da Anúnciada**

*“...e Rua Direita da Porta de Santo Antão da parte da Anúnciada [Liv. do lançamento, etc.]”*

### **Rua Direita de S. José**

*“...a serventia teve depois os nomes de Rua Direita, Rua Direita de S. José e simplesmente de S. José, estes dois últimos tirados da paroquial que com aquela invocação se levantava num dos lados da rua.”*

### **Rua Direita da Sé**

*“A actual sucessora da rua do Arco de Nossa Senhora da Consolação, é, ..., a pequeníssima rua de Santo António da Sé, ... Também lhe deram o nome de Rua Direita da Sé entre 1780 e 1784 [Liv. II dos casamentos – Madalena]”*

### **Rua Direita dos Anjos**

*“Arroios (Rua de) ... Quando o nome de Arroios passou a designar a rua, ... a parte próxima do largo tinha já o nome de Rua Direita dos Anjos, denominação que depois de passar o referido largo, continuava não como actualmente, só até ao largo do Intendente, mas ainda para além do largo, tomando conta da extremidade norte da rua do Benfornoso”*

**Rua Direita do Arco do Limoeiro****Rua Direita do Largo do Limoeiro****Rua Direita do Limoeiro**

“Augusto Rosa (Rua) – Freguesia da Sé - Assim denominada por edital de 17 de Março de 1924. Anteriormente tivera o nome de rua do Arco do Limoeiro, nome que aparece pela primeira vez em 1812 [Liv. XV dos óbitos, fl.40v. - Sé] e que por sua vez passou a substituir a denominação de rua do Limoeiro, começada a usar sete anos antes [Liv. XVIII dos bap., fl. 133.]. Acidentalmente chamaram-lhe Rua Direita do Arco do Limoeiro (1815 e 1819) [Liv. XV dos óbitos, fl. 58 – v.], Rua Direita do Largo do Limoeiro (1816) [Liv. XV dos óbitos, fl. 71 – v.] e Rua Direita do Limoeiro (1819 e 1826) [Liv. XV dos óbitos, fl. 96 – v.]. Onde hoje se desenvolve a rua, desde a sua parte inferior, na confluência do Largo da Sé e da rua das Pedras Negras, até desembocar no Largo de S. Martinho, existiam antes do terramoto duas ruas – a Direita da Porta Travessa da Sé e a Direita de S. Jorge – e um largo – o do Aljube...”

**Rua Direita da Porta Travessa da Sé****Rua Direita da Porta da Sé****Rua “dereita” q vai pêra o Limoeiro**

“...Esta serventia era muito antiga...tirava o nome da porta travessa do templo...foi designada por Rua Direita da Porta da Sé (1554) [Sumário, etc., pag.5]”

**Rua Direita de S. Jorge**

“...A Rua Direita de S. Jorge, em 1755...era afinal a continuação da Rua Direita da Porta Travessa da Sé e portanto tão antiga como ela, é designada em 1486 por rua que vay pêra Sam Jorge [títulos e escrituras dos prazos foreiros à Irmandade dos Clérigos Ricos da Caridade, vol. V, fl.170, pág. 46.] e desde 1554, pelo menos, até 1755, por Rua Direita de S. Jorge (...). Isoladamente deram-lhe também o nome de Rua dereita q vai pera o Limoeiro [Liv. V dos óbitos, fl. 30 – Sé.]”

**Rua Direita****Rua Direita que vai do Loreto para a Calçada do Congro****Rua Direita fora das Portas de Santa Catarina****Rua Direita do Loreto**

“Loreto (Rua do) – Freguesia da Encarnação – É uma parte do antigo caminho que ia das Portas de Santa Catarina (L. do Chiado) para Santos e Alcântara. (...) os sacadores da derrama de 1565 designam-na por rua dr.<sup>ta</sup> q vay do Loreto p<sup>o</sup> a calçada do Combro [Livro do lançamento, etc. fl. 344v.], o cura da Sé, em 1605, por Rua Direita fora da porta de S.<sup>o</sup> C.<sup>o</sup> [Reg. Da Freg. Da Sé, vol.II, pág. 362], e os registos paroquiais da freguesia da Encarnação dão-lhe geralmente a denominação simples de Rua Direita, algumas vezes, poucas, a de Rua Direita do Loreto...”

**Rua Direita dos Apóstolos**

“...por várias vezes se menciona a rua dos Apóstolos ou a Rua Direita dos Apóstolos (1744) [Liv. III dos óbitos, fls. 282 e 291- Santa Engrácia] (...). A rua deveria ter sido depois do caminho da Quinta dos Apóstolos, o qual ligava a parte superior da calçada das Lages com o Alto de S. João...”

#### **Rua Direita do Correio**

“Correio Velho (Calçada do) – Freguesia da Madalena ... depois do terramoto, alargada e regularizada, foi fugitivamente, a rua Nova do Correio e a Rua Direita do Correio (1776/84) [Registos Paroquiais da freg. da Madalena.] ”

#### **Rua Direita do Marquês de Abrantes**

“Aquela rua é hoje calçada do Marquês de Abrantes e talvez tivesse sido a rua Nova dos Condes que aparece em 1761 ou a rua Nova de Conde que aparece em 1766, uma e outra na freguesia de Santos-o-Velho. Com o nome de Conde de Vila Nova, vêmo-la, nos registos paroquiais, em 1770, para passar a ser Rua Direita do Marquês de Abrantes em 1792 [Liv. XIII de óbitos, fl. 94-v].”

“Marquês de Abrantes (calçada de) - Freguesia de Santos – Esta serventia foi aberta depois do terramoto para descongestionar o trânsito que até então se fazia pela rua da Esperança. Supomos vê-la pela primeira vez em 1761 sob a denominação de rua Nova dos Condes; em 1766 era a rua Nova do Conde de Vila Nova e em 1792 Rua Direita do Marquês de Abrantes. Em 1804 davam-lhe já a qualificação de calçada.”

#### **Rua Direita das Portas de Santo Antão**

“Além dos nomes de Corredoura e Carreira dos Cavalos, teve os nomes de rua de Santo Antão (1552), rua da Porta de Santo Antão (desde meados do século XVI, pelo menos, até meados do século seguinte e rua das Portas de Santo Antão, ou Rua Direita das Portas de Santo Antão desde 1646 [Liv. I de óbitos, fls. 255-v. e 267-v. – Santa Justa.] até que o edital de 1 de Setembro de 1859 determinou que se passasse a denominar simplesmente rua de Santo Antão.”

#### **Rua Direita do Conde de Pombeiro**

“Santa Barbara (Rua de) – Freguesia dos Anjos – Deveria ter sido rasgada nos fins do primeiro ou no princípio do segundo quartel do século XVIII. A primeira vez que a topamos é em 1727 sob o nome de rua Nova de Santa Barbara e a prova de que ela deveria ter sido então aberta é que pouco depois ainda era «rua nova que se abriu de novo e vay da Bemposta para o campo de Santa Bárbara» 1737. Isoladamente em 1818, um documento dá-lhe o nome de Rua Direita do Conde Pombeiro [Prazo nº87, da freguesia dos Anjos – cxª 16/25 – O palácio dos Condes de Pombeiro que se ergue no largo do mesmo nome, prolonga-se pela rua de Santa Bárbara.]

#### **Rua Direita de São Bento às Trinas**

“S. Bento às Trinas (Rua de) - Freguesia de Santos – (...a artéria não foi só designada por Rua de S. Bento às Trinas, mas também: por rua de São Bento junto às Trinas (1699), por rua Nova de S. Bento às Trinas (1762) e por **Rua Direita de S. Bento às Trinas** (1764) [Liv. X de óbitos , fl. 83 – Santos]... A Rua de S. Bento às Trinas que acompanhavam.

Sobre a Rua Direita de São João dos Bem casados na (P102) refere G. de B sobre Amoreiras (Rua das) - Freguesias de S. Sebastião da Pedreira, São Mamede e Santa Isabel – toma esta nomenclatura segundo um edital que refere e que determina que a o que a rua do Arco das Águas Livres, e parte da Rua Direita de S. João dos Bem tomem a mesma nomenclatura.



Lisboa na 2.ª Metade do Séc. XVIII (Plantas e Descrições das suas Freguesias) Recolhe e Índices por Francisco Santana.

**Rua Direita de Alcântara** - Direita (em Alcântara, Rua) – (P.P. 21,120,148,151) – ver Ponte de Alcântara (Rua Direita da)

**Rua Direita** (na freguesia de Santa Catarina, Rua) – (P.20)

**Rua Direita** (na freguesia de S. Cristóvão, Rua) – (P.13)

**Rua Direita dos Anjos** (Rua) – Ver Anjos (Rua dos)

**Rua Direita da Anunciada** (Rua) – Ver Anunciada (Rua)

**Rua Direita de Arroios** - Direita de Arroios (Rua) – Ver Arroios (Rua Direita de) – Paróquia de S. André (P.85)

**Rua Direita de Baixo** (na freguesia de S. Miguel, Rua) – (P.14)

**Rua Direita de Belém** - Direita de Belém (Rua) – Ver Belém (Rua Direita de) – Freguesia de Nossa Senhora da Ajuda (P.2)

**Rua Direita da Boa – Vista** - Direita da Boa Vista (Rua) – Ver Boa Vista (Rua da) – Freguesia de S. Paulo. (P.P. 19 e 61 e 125); Para além da Rua da Boa Vista aparece-nos na descrição desta Freguesia de Santos a “Rua Direita da Igreja té á Esperança” Freguesia de Santos (P.20)

**Rua Direita de Cima** (na freguesia de S. Miguel, Rua) – P.14

**Rua Direita do Colégio dos Nobres** (Rua) – Ver Colégio dos Nobres (Rua DIREITA de)

**Rua Direita da Cruz do Tabuado** (Rua) – Ver Cruz do Tabuado (Rua Direita da) (P.P.6 e 114).

**Rua Direita do Cunhal das Convertidas** - Direita do Cunhal das Convertidas (Rua) - Ver Chagas (Rua das) – Freguesia da Encarnação – (P.P.11;54;55;125;126)

**Rua Direita da Esperança** - Direita da Esperança (Rua) – Ver Esperança (Rua Direita da) “Em relação a 1755 referem-se 1960 fogos...As designações de Rua Direita da Igreja té á Esperança e Janelas Verdes estão substituídas por Rua Direita de Esperança e rua das Janelas Verdes.” (P.127)

(para além destas enumeradas ressaltam em índice)

1. Rua Direita da Fundação (Rua) – Ver Fundação (Rua DIREITA da)

2. Rua Direita da Graça (Rua) - Ver Graça (Rua Direita)
3. Rua Direita do Limoeiro para as portas do Sol – Ver Limoeiro (Rua Direita do)
4. Rua Direita dos Lóios (Rua) - Ver Lóios (Rua dos)
5. Rua Direita do Loreto (Rua) - Ver Loreto (Rua de)
6. Rua Direita de Marvila (Rua) – Ver Marvila (Rua Direita)
7. Rua Direita da Mouraria (Rua) - Ver Mouraria (Rua da)
8. Rua Direita da Mouraria de Dentro (Rua) – Ver Mouraria de Dentro (Rua das)
9. Rua Direita das Necessidades (Rua) – Ver Necessidades (Rua das)
10. Rua Direita da Pampulha (Rua) – Ver Pampulha (Rua da)
11. Rua Direita do Paraíso (Rua) – Ver Paraíso (Rua Direita do)
12. Rua Direita da Ponte de Alcântara (Rua) - Ver Ponte de Alcântara (Rua Direita)
13. Rua Direita da Porta do Castelo (Rua) - Ver Porta do Castelo (Rua Direita da)
14. Rua Direita das Portas de Santa Catarina (Rua) – Ver Portas de Santa Catarina (Rua Direita das)
15. Rua Direita do Recolhimento (Rua) – Ver Recolhimento (Rua Direita do)
16. Rua Direita de Santa Joana (Rua) Ver Santa Joana (Rua Direita de)
17. Rua Direita de Santa Marta (Rua) - Ver Santa Marta (Rua de)
18. Rua Direita de Santa Mónica (Rua) – Ver Santa Mónica (Rua de)
19. Rua Direita de Santo Amaro (Rua) – Ver Santo Amaro (na freguesia de S. Pedro, Rua de)
20. Rua Direita de S. Cristóvão (Rua) - Ver S. Cristóvão (Rua Direita de)
21. Rua Direita de S. Francisco (Rua) – Ver S. Francisco (Rua Nova de)
22. Rua Direita de S. João (Rua) – Ver S. João (Rua Direita de)
23. Rua Direita de S. Joaquim (Rua) – Ver S. Joaquim (Rua Direita de)
24. Rua Direita de S. José (Rua) - Ver S. José (Rua Direita de)
25. Rua Direita de S. Lourenço (Rua) - Ver S. Lourenço (na freguesia de S. Lourenço, Rua de)
26. Rua Direita de S. Paulo (Rua) - Ver S. Paulo (Rua de)
27. Rua Direita de S. Pedro (Rua) - Ver S. Pedro (Rua de)
28. Rua Direita de S. Pedro de Alcântara (Rua) - Ver S. Pedro de Alcântara (Rua Direita de)
29. Rua Direita da Sé (Rua) – Ver Sé (Rua Direita da)
30. Rua Direita do Vale do Pereiro (Rua) – Ver vale do Pereiro (Rua Direita do)
31. Rua Direita do Vale de Santo António (Rua) - Ver Vale de Santo António (Rua Direita do)



José Valentim de Freitas, 1791-1870 [Planta de Lisboa anterior ao Terramoto]



**Duarte José Favas** *Carta topográfica de Lisboa e seus subúrbios 1807-1831*

1. Rua Direita dos Anjos
2. Rua Direita do Arsenal
3. Rua Direita da Fábrica das Sedas
4. Rua Direita das Janelas Verdes
5. Rua Direita da Junqueira
6. Rua Direita da Lapa
7. Rua Direita do Livramento
8. Rua Direita das Necessidades
9. Rua Direita dos Quartéis
10. Rua Direita do Sacramento
11. Rua Direita de Santos-o-Velho
12. Rua Direita de São Francisco de Paula
13. Rua Direita de São Vicente

**Filipe Folque:** 1856 – 1858 F. Folque 1º versão **Atlas da Carta Topográfica de Lisboa**

1. Rua Direita de Alcântara
2. Rua Direita dos Ananases
3. Rua Direita dos Anjos
4. Rua Direita de Arroios
5. Rua Direita do Arsenal
6. Rua Direita do Beato António
7. Rua Direita de Belém
8. Rua Direita da Boa Morte
9. Rua Direita da Boa Vista
10. Rua Direita do Bom Sucesso
11. Rua Direita do Calvário
12. Rua Direita de Campo de Ourique
13. Rua Direita de Chelas
14. Rua Direita da Costa
15. Rua Direita das Escolas Gerais
16. Rua Direita da Esperança
17. Rua Direita da Fábrica das Sedas
18. Rua Direita do Grilo
19. Rua Direita dos Grilos
20. Rua Direita das Janelas Verdes
21. Rua Direita da Junqueira
22. Rua Direita da Lapa
23. Rua Direita do Limoeiro
24. Rua Direita do Livramento
25. Rua Direita de Madre Deus

26. Rua Direita das Necessidades
27. Rua Direita de Pedrouços
28. Rua Direita dos Quartéis
29. Rua Direita do Rato
30. Rua Direita do Sacramento
31. Rua Direita de São Francisco de Paula
32. Rua Direita dos Bem Casados
33. Rua Direita de São Paulo
34. Rua Direita de São Vicente
35. Rua Direita de Xabregas

1871 F. Folque 2º versão **Atlas da Carta Topográfica de Lisboa**

1. Rua Direita de Arroios
2. Rua Direita da Boa Morte
3. Rua Direita de Chelas
4. Rua Direita das Janelas Verdes
5. Rua Direita da Lapa
6. Rua Direita das Necessidades
7. Rua Direita do Rato
8. Rua Direita do Sacramento
9. Rua Direita de São Francisco de Paula
10. Rua Direita de São João dos Bem Casados
11. Rua Direita de São Vicente
12. Rua Direita de Xabregas
- 13.



**Silva Pinto 1904** Levantamento da **Planta de Lisboa: 1904-1911**

1. Rua Direita da Ameixoeira
2. Rua Direita (Carnine)
3. Rua Direita da Costa
4. Rua Direita do Grilo
5. Rua Direita do Limoeiro
6. Rua Direita do Lumiar
7. Rua Direita de Moscovide
8. Rua Direita dos Olivais
9. Rua Direita (Palma)
10. Rua Direita de Pedrouços
11. Rua Direita do Sacramento
12. Rua Direita de São Vicente
13. Rua Direita de Xabregas

**Ruas DIREITA na actualidade encontradas na cidade de Lisboa**

1. Rua Direita da Ameixoeira
2. Rua Direita (Lumiar)
3. Rua Direita de Marvila
4. Rua Direita (Palma)

## Inventário Geral

A "Rua Direita" na formação do tecido na cidade portuguesa

Ensaio Tipológico

Inventário de "Rua Direita" em Portugal - Relação de casos de estudo

Toponímia		localização	
principal	associada	Localidade	Distrito
Rua Direita		Albergaria-a-Velha	Aveiro
Rua Direita		Sobreiro	Aveiro
Rua Direita		São-João de Loure	Aveiro
Rua Direita		Anadia	Aveiro
Rua Direita	de Aradas	Aveiro	Aveiro
Rua Direita	da Quinta do Picado	Aveiro	Aveiro
Rua Direita		Quintã do Loureiro	Aveiro
Rua Direita		Horta	Aveiro
Rua Direita	da Escola	Aveiro	Aveiro
Rua Direita		Aveiro	Aveiro
Rua Direita		Nariz	Aveiro
Rua Direita		Verba	Aveiro
Rua Direita		Vessada	Aveiro
Rua Direita	do Ramalheiro	Vessada	Aveiro
Rua Direita		Oliveirinha	Aveiro
Rua Direita		Carregal	Aveiro
Rua Direita		Mamodeiro	Aveiro
Rua Direita		Castelo-de-Paiva	Aveiro
Rua Direita*		Espinho	Aveiro
Rua Direita		Canelas	Aveiro
Rua Direita		Lourosa	Aveiro
Rua Direita		Gafanha da Encarnação	Aveiro
Rua Direita		Quintãs	Aveiro
Rua Direita		UI	Aveiro
Rua Direita		Cortegaça	Aveiro
Rua Direita		Sosa	Aveiro
Rua Direita		Ervidel	Beja
Rua Direita		Zambujeira do Mar	Beja
Rua Direita		Selmes	Beja
Rua Direita		Braga	Braga
Rua Direita		Braga	Braga
Rua Direita	de Cambões	Lagoa	Braga
Rua Direita		Lousado	Braga
Rua Direita		Vila Nova de Famalicão	Braga
Rua Direita		Torre Dona Chama	Bragança
Rua Direita		Urrós	Bragança
Rua Direita		Felgar	Bragança
Rua Direita		Lousa TMC	Bragança
Rua Direita		Santulhão	Bragança
Rua Direita		Belmonte	Castelo Branco
Rua Direita		Caria BMT	Castelo Branco
Rua Direita		Inguias	Castelo Branco
Rua Direita		Vila do Carvalho	Castelo Branco
Rua Direita		Aldeia de São Francisco de Assis	Castelo Branco
Rua Direita		Barco CVL	Castelo Branco
Rua Direita		Covilhã	Castelo Branco
Rua Direita		Casegas	Castelo Branco
Rua Direita		Dominguizo	Castelo Branco

A "Rua Direita" na formação do tecido na cidade portuguesa

Ensaio Tipológico

Inventário de "Rua Direita" em Portugal - Relação de casos de estudo

Rua Direita		Orjais	Castelo Branco
Rua Direita		Peraboa	Castelo Branco
Rua Direita		São Jorge da Beira	Castelo Branco
Rua Direita		Tortosendo	Castelo Branco
Rua Direita		Pêro-Viseu	Castelo Branco
Rua Direita		Penha Garcia	Castelo Branco
Rua Direita		Rosmaninhal	Castelo Branco
Rua Direita		Salvador	Castelo Branco
Rua Direita		Vale da Senhora da Póvoa	Castelo Branco
Rua Direita		Vila de Rei	Castelo Branco
Rua Direita		Coimbra	Coimbra
Rua Direita		Maiorca	Coimbra
Rua Direita		Quiaios	Coimbra
Rua Direita		Serra da Santa Marinha	Coimbra
Rua Direita		Cova	Coimbra
Rua Direita	do Monte	Figueira de Foz	Coimbra
Rua Direita		Presa	Coimbra
Rua Direita		Verride	Coimbra
Rua Direita		Fiais da Beira	Coimbra
Rua Direita		São Gião	Coimbra
Rua Direita		Vimeiro	Coimbra
Rua Direita		Estremoz	Évora
Rua Direita		Redondo	Évora
Rua Direita		Porches	Faro
Rua Direita		Luz	Faro
Rua Direita		Portimão	Faro
Rua Direita		Figueira	Faro
Rua Direita		Aguiar da Beira	Guarda
Rua Direita		Vilar Formoso	Guarda
Rua Direita		Gouveia	Guarda
Rua Direita		Meda	Guarda
Rua Direita		Freixedas	Guarda
Rua Direita		Pinhel	Guarda
Rua Direita		Aldeia de Santo António	Guarda
Rua Direita*		Cedovim	Guarda
Rua Direita*		Cedovim	Guarda
Rua Direita		Chãs	Guarda
Rua Direita		Freixo de Numão	Guarda
Rua Direita*		Horta VLF	Guarda
Rua Direita*		Horta VLF	Guarda
Rua Direita		Numão	Guarda
Rua Direita		Santa Comba VLF	Guarda
Rua Direita		Seixas do Douro	Guarda
Rua Direita		Touça	Guarda
Rua Direita		Évora	Leiria
Rua Direita		Foz do Arelho	Leiria
Rua Direita		Santa Catarina	Leiria
Rua Direita		Serra do Porto Dúrso	Leiria
Rua Direita		Várzeas	Leiria
Rua Direita		Barreiro	Leiria

A "Rua Direita" na formação do tecido na cidade portuguesa

Ensaio Tipológico

Inventário de "Rua Direita" em Portugal - Relação de casos de estudo

Rua Direita		Chaiça	Leiria
Rua Direita*		Óbidos	Leiria
Rua Direita		Bufarda	Leiria
Rua Direita		Casais do Júlio	Leiria
Rua Direita		Casais do Mestre Mendo	Leiria
Rua Direita		Pombal	Leiria
Rua Direita		Arranhó	Lisboa
Rua Direita		Azambuja	Lisboa
Rua Direita		Alto dos Lombos	Lisboa
Rua Direita		Bairro da Martinha	Lisboa
Rua Direita		Tajouce	Lisboa
Rua Direita		Caparide	Lisboa
Rua Direita		Zambujal	Lisboa
Rua Direita		Lisboa	Lisboa
Rua Direita		Lisboa	Lisboa
Rua Direita	de Marvila	Lisboa	Lisboa
Rua Direita	de Palma	Lisboa	Lisboa
Rua Direita		Bucelas	Lisboa
Rua Direita	da Fonte	Fanhões	Lisboa
Rua Direita		Santa Iria da Azóia	Lisboa
Rua Direita		São João da Talha	Lisboa
Rua Direita		Azeira	Lisboa
Rua Direita		Gradil	Lisboa
Rua Direita	da Colónia de Férias da Març	Venda do Pinheiro	Lisboa
Rua Direita	do Dafundo	Dafundo	Lisboa
Rua Direita	de Caxias	Caxias	Lisboa
Rua Direita	de Massamá	Queluz	Lisboa
Rua Direita	de Massamá	Agualva-Cacém	Lisboa
Rua Direita		Sobral de Monte do Agraço	Lisboa
Rua Direita		Vila Franca de Xira	Lisboa
Rua Direita		Campo Maior	Portalegre
Rua Direita		Castelo de Vide	Portalegre
Rua Direita		Assumar	Portalegre
Rua Direita		Alpalhão	Portalegre
Rua Direita		Montalvão	Portalegre
Rua Direita		Alegrete	Portalegre
Rua Direita		Sousel	Portalegre
Rua Direita	de Quines	Maia	Porto
Rua Direita		Matosinhos	Porto
Rua Direita		Penafiel	Porto
Rua Direita*	de Campinas	Porto	Porto
Rua Direita*	de Francos	Porto	Porto
Rua Direita*	de Pereiró	Porto	Porto
Rua Direita*	de Francos	Porto	Porto
Rua Direita*	do Viso	Porto	Porto
Rua Direita		Póvoa do Varzim	Porto
Rua Direita		Rates	Porto
Rua Direita	de Modivas de Baixo	Modivas	Porto
Rua Direita		Muro	Porto
Rua Direita		Rio de Moinhos ABT	Santarém

A "Rua Direita" na formação do tecido na cidade portuguesa

Ensaio Tipológico

Inventário de "Rua Direita" em Portugal - Relação de casos de estudo

Rua Direita		Abrantes	Santarém
Rua Direita		Crucifixo	Santarém
Rua Direita		Louriceira	Santarém
Rua Direita		Covão do Coelho	Santarém
Rua Direita		Benfica do Ribatejo	Santarém
Rua Direita		Santo Estevão	Santarém
Rua Direita	de São Pedro	Chamusca	Santarém
Rua Direita*	do Mercador	Chouto	Santarém
Rua Direita		Semideiro	Santarém
Rua Direita		Vale dos Cavalos	Santarém
Rua Direita		Carregueira	Santarém
Rua Direita		Coruche	Santarém
Rua Direita		Entroncamento	Santarém
Rua Direita	de Palhais	Ribeira de Santarém	Santarém
Rua Direita		Vale da Serra	Santarém
Rua Direita	de São Pedro	Torres Novas	Santarém
Rua Direita		Moita do Norte	Santarém
Rua Direita		Almada	Setúbal
Rua Direita	Às Quintinhas	Charneca da Caparica	Setúbal
Rua Direita		Barreiro	Setúbal
Rua Direita		Melides	Setúbal
Rua Direita		Aguilva de Cima	Setúbal
Rua Direita		Vila	Viana do Castelo
Rua Direita		Valença	Viana do Castelo
Rua Direita		Granja	Vila Real
Rua Direita		Favaio	Vila Real
Rua Direita		Sanfins do Douro	Vila Real
Rua Direita		Chaves	Vila Real
Rua Direita		Campanhó	Vila Real
Rua Direita		Montalegre	Vila Real
Rua Direita		Torre do Pinhão	Vila Real
Rua Direita		Carracedo de Montenegro	Vila Real
Rua Direita		Vilarandelo	Vila Real
Rua Direita		Fiais da Telha	Viseu
Rua Direita		Parada	Viseu
Rua Direita		Castro Daire	Viseu
Rua Direita		Reriz	Viseu
Rua Direita		Britiande	Viseu
Rua Direita		Lamego	Viseu
Rua Direita		Mangualde	Viseu
Rua Direita		Mesquitela	Viseu
Rua Direita		Canas de Senhorim	Viseu
Rua Direita		Carvalho Redondo	Viseu
Rua Direita		Folhadal	Viseu
Rua Direita		Santar	Viseu
Rua Direita		Agueira	Viseu
Rua Direita		Penela da Beira	Viseu

A "Rua Direita" na formação do tecido na cidade portuguesa  
 Inventário de "Rua Direita" em Portugal - Relação de casos de estudo

Ensaio Tipológico

Relação de Ruas Direitas da Cidade de Lisboa		Épocas Distintas	
Rua Direita		1 Alcântara (designação de freguesia)	Lisboa
Rua Direita		2 Alecrim	Lisboa
Rua Direita		3 Ameixoeira (designação de freguesia)	Lisboa
Rua Direita		4 Ananases	Lisboa
Rua Direita		5 Anjos (designação de freguesia)	Lisboa
Rua Direita		6 Apóstolos	Lisboa
Rua Direita		7 Arroios	Lisboa
Rua Direita		8 Arsenal	Lisboa
Rua Direita	do	9 Arco dos Apóstolos	Lisboa
Rua Direita		10 Beato António	Lisboa
Rua Direita		11 Belém (antiga designação de freguesia)	Lisboa
Rua Direita		12 Boa Morte	Lisboa
Rua Direita		13 Boa Vista	Lisboa
Rua Direita		14 Bom Sucesso	Lisboa
Rua Direita		15 (Carnide - localização)	Lisboa
Rua Direita		16 Calvário	Lisboa
Rua Direita		17 Campo de Ourique	Lisboa
Rua Direita		18 Cata que Farás	Lisboa
Rua Direita		19 Chelas	Lisboa
Rua Direita		20 Conde (Alecrim)	Lisboa
Rua Direita		21 Conde de Pombeiro	Lisboa
Rua Direita		22 Correio	Lisboa
Rua Direita		23 Costa	Lisboa
Rua Direita		24 Colégio	Lisboa
Rua Direita		25 Conceição de Freire parte de cima (Bacalhoeiro	Lisboa
Rua Direita		26 defronte do Arco da Rua das Canastras	Lisboa
Rua Direita		27 detrás da Conceição dos Freires (Bacalhoeiros)	Lisboa
Rua Direita		28 Escolas Gerais	Lisboa
Rua Direita		29 Esperança	Lisboa
Rua Direita		30 Encarnação	Lisboa
Rua Direita		31 Fábrica das Sedas*	Lisboa
Rua Direita		32 Fora das Portas de Santa Catarina	Lisboa
Rua Direita		33 Grilo	Lisboa
Rua Direita		34 Grilos	Lisboa
Rua Direita		35 Janelas Verdes	Lisboa
Rua Direita		36 Junqueira	Lisboa
Rua Direita		37 Lapa (designação de freguesia)	Lisboa
Rua Direita		38 Largo do Limoeiro	Lisboa
Rua Direita		39 Limoeiro	Lisboa
Rua Direita		40	Lisboa

A "Rua Direita" na formação do tecido na cidade portuguesa

Ensaio Tipológico

Inventário de "Rua Direita" em Portugal - Relação de casos de estudo

Rua Direita	41	Loreto	Lisboa
Rua Direita	42	Lumiar 1 e 2 (designação de freguesia)	Lisboa
Rua Direita	43	Madre Deus	Lisboa
Rua Direita	44	Marquês de Abrantes (calçada de Abrantes)	Lisboa
Rua Direita	45	Mártires (nome de freguesia)	Lisboa
Rua Direita	46	Marvila (nome de freguesia)	Lisboa
Rua Direita	47	Misericórdia (Alfândega)	Lisboa
Rua Direita	48	Moscavide	Lisboa
Rua Direita	49	Mouraria	Lisboa
Rua Direita	50	Necessidades	Lisboa
Rua Direita	51	Olivais (antiga designação nome de freguesia )	Lisboa
Rua Direita	52	Palma (localização)	Lisboa
Rua Direita	53	Patriarchal Queimada	Lisboa
Rua Direita	54	Pedreira	Lisboa
Rua Direita	55	Pedrouços	Lisboa
Rua Direita	56	Porta da Sé	Lisboa
Rua Direita	57	Porta de Santo Antão	Lisboa
Rua Direita	58	Porta de Santo Antão da parte da Anunciada	Lisboa
Rua Direita	59	Porta Travessa da Sé	Lisboa
Rua Direita	60	Portas de Santa Catarina	Lisboa
Rua Direita	61	Portas do Mar	Lisboa
Rua Direita	62	Praia	Lisboa
Rua Direita	63	Quartéis	Lisboa
Rua Direita	64	que vai do Loreto para a Calçada do Combro	Lisboa
Rua Direita	65	que vai para o Limoeiro	Lisboa
Rua Direita	66	Rato	Lisboa
Rua Direita	67	Ribeira	Lisboa
Rua Direita	68	Sacramento (nome da freguesia)	Lisboa
Rua Direita	69	Salvador	Lisboa
Rua Direita	70	Santo António	Lisboa
Rua Direita	71	Santos-o-Velho (nome da freguesia)	Lisboa
Rua Direita	72	São Bento às Trinas	Lisboa
Rua Direita	73	São Francisco de Paula	Lisboa
Rua Direita	74	São João da Praça	Lisboa
Rua Direita	75	São João dos Bem Casados	Lisboa
Rua Direita	80	São Jorge	Lisboa
Rua Direita	81	São José (nome da freguesia)	Lisboa
Rua Direita	82	São Martinho	Lisboa
Rua Direita	83	São Paulo	Lisboa
Rua Direita	84	São Vicente	Lisboa
Rua Direita	85	Sé	Lisboa
Rua Direita	86	Seminário de São Bartolomeu	Lisboa
Rua Direita	87	Vale de Santo António	Lisboa
Rua Direita	88	Xabregas	Lisboa

